

**ISCTE**  **IUL**  
**Instituto Universitário de Lisboa**

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Gerações Lx

Proposta de projeto piloto para diminuir o idadismo e promover um autoconceito positivo num grupo de seniores e jovens

Filipa Cunha dos Santos

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Sibila Marques, investigadora em pós doutoramento  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador:

Doutor Ricardo Borges Rodrigues, professor auxiliar convidado  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2012

## **Agradecimentos**

Ao Nós da Juventude e à Academia Sénior da junta de freguesia da Lapa por terem aberto a “porta da vossa casa” e permitido a recolha de dados como também a intervenção. Agradeço à Bárbara Mourão pelo acompanhamento constante e à Ana Beatriz Ferreira pela disponibilidade em ajudar.

Aos seniores e aos jovens que participaram neste projeto que, além de despendarem o seu tempo, despenderam também o seu coração a uma nova aventura.

Aos meus orientadores pela inspiração e pelo prazer que foi realizar este projeto.

Ao Diogo por ser o meu companheiro.

Aos meus pais, pelo investimento na minha educação e pela liberdade que me deram para escolher o meu caminho.

Aos meus colegas, Ana Filipa Cunha, Ana Marta Machado, Fábio Pinto e Patrícia Silva, pela amizade, por tudo o que aprendemos juntos, pelos momentos divertidos e pelas noitadas a trabalhar para sermos os melhores. E fomos.

À Patrícia, pelo seu papel de revisora e por ter sido um poço de desabafos.

Obrigada a todos.

## Resumo

O idadismo é um problema grave entre as gerações, que contribui para o afastamento entre seniores e jovens e para o desenvolvimento de comportamentos negativos, sendo por isso urgente intervir em favor da intergeracionalidade. Nesta tese apresentamos uma proposta de um projeto intergeracional intitulado “GerAções Lx”. O objetivo é diminuir o idadismo entre pessoas de dois grupos etários e promover um autoconceito positivo. Para tal foi realizado um diagnóstico de necessidades a dois projetos educacionais de uma instituição pública, o “Nós da Juventude” e a “Academia Sénior da Lapa”. O diagnóstico teve por base quatro perguntas de partida: “Existe idadismo na instituição?”, “Como é que os seniores e os jovens se veem a si próprios?”, “Como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?” e “Qual a atitude face a relações e atividades intergeracionais?”. Participaram 35 seniores, com idades entre os 52 e os 82 anos, 34 jovens, com idades entre os 11 e os 16 anos, e quatro atores chave. Os resultados obtidos confirmaram a existência de idadismo entre seniores e jovens. Por forma a reduzir este problema desenhou-se e implementou-se um projeto fundamentado na teoria do contacto intergrupar, com a participação de cinco seniores e de sete jovens. Os resultados obtidos permitem concluir que o projeto é eficaz na diminuição do idadismo entre gerações, fomentando relações mais positivas. Concluimos com a apresentação das implicações práticas e inovações que resultam deste estudo, assim como das limitações, propondo algumas direções futuras no domínio da intervenção para a promoção da intergeracionalidade.

*Palavras-chave:* intergeracionalidade, teoria do contacto intergrupar, autoconceito, programas de intervenção.

Classificação nas categorias definidas pela American Psychological Association (PsycINFO Classification Categories and Codes): 3000 Social Psychology; 3020 Group & Interpersonal Processes.

### ***Abstract***

Ageism is a serious problem between generations, which contributes to widen the gap between seniors and youth and the development of negative behaviors, so it's urgent to act for intergenerationality. In this thesis we present a proposal of an intergenerational project entitled "GerAções Lx". The goal is to decrease ageism between people of two age groups and promote a positive self-concept in individuals. To do this we conducted an assessment of needs with two educational projects of a public institution, "Nós da Juventude" and "Academia Sênior da Lapa". The diagnosis was based on four questions: "There is ageism in institution?", "How seniors and young people see themselves?", "How is the contact between seniors and young people in the institution characterized?" and "What is the attitude towards relationships and intergenerational activities?". We had the participation of 35 seniors, aged between 52 and 82 years, 34 young boys and girls, aged between 11 and 16 years, and four key actors. The main results confirmed the existence of ageism between sêniores and youth. In order to reduce this problem we designed and implemented a project based on the theory of intergroup contact. The results show that this kind of interventions are effective in diminishing ageism between generations, fostering more positive relationships. We conclude with the presentation of innovations and practical implications that results from this study, as well as limitations and propose some future directions in the intervention field to promote intergenerationality.

*Key-words:* intergenerationality, theory of intergroup contact, self concept, intervention programs.

Classificação nas categorias definidas pela American Psychological Association (PsycINFO Classification Categories and Codes): 3000 Social Psychology; 3020 Group & Interpersonal Processes.

## Índice

I. INTRODUÇÃO.....	1
II. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO .....	1
III. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	3
3.1. O que afasta as gerações? .....	3
3.1.1. Na geração das pessoas seniores .....	3
3.1.2. Na geração das pessoas jovens .....	5
3.2. O que são programas intergeracionais .....	6
3.2.1. Benefícios .....	7
3.2.2. Tipos de programas e atividades .....	8
3.3. Definição de conceitos.....	10
3.3.1. As variáveis resultado.....	11
3.3.1.1. Diminuição do idadismo nos seniores e nos jovens.....	11
3.3.1.2. Promoção de um autoconceito positivo.....	14
3.3.2. A variável independente - contacto intergrupl positivo .....	16
3.3.3. As variáveis mediadoras.....	18
3.3.3.1. Tomada de perspetiva .....	18
3.3.3.2. Aprendizagem sobre o exogrupo e criação de laços afetivos .....	19
3.3.4. As variáveis moderadoras – estatuto igualitário, apoio da autoridade, partilha de objetivos comuns e cooperação intergrupl.....	19
3.4. Modelo teórico de processo.....	20
3.5. Objetivos gerais.....	21
3.6. Hipóteses .....	21
IV. DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES .....	21
4.1. Contexto institucional e questões de partida .....	21
4.2. Método.....	23
4.2.1. Entrevistas a atores chave.....	23
4.2.1.1. Amostra.....	23
4.2.1.2. Instrumento .....	24
4.2.1.3. Procedimento .....	25
4.2.2. Inquérito e <i>Single-Target – Implicit Association Test</i> a seniores e a jovens .....	26
4.2.2.1. Amostra.....	27
4.2.2.2. Instrumento - inquérito.....	27
4.2.2.3. Instrumento – <i>ST-IAT</i> .....	28
4.2.2.4. Procedimento .....	30
4.3.1. Escala de Observação Intergeracional a seniores e a jovens.....	31
4.3.1.1. Amostra.....	31
4.3.1.2. Instrumento .....	32
4.3.1.3. Procedimento .....	33

4.3. Resultados .....	34
4.3.1. Existe idadismo na instituição? .....	34
4.3.1.1. Entrevistas a atores chave.....	34
4.3.1.2. Inquérito e <i>ST-IAT</i> a seniores e a jovens.....	36
4.3.1.3. Escala de Observação Intergeracional a seniores e a jovens .....	43
4.3.2. Como é que os seniores e os jovens se veem a si próprios?.....	44
4.3.2.1. Entrevistas a atores chave.....	44
4.3.2.2. Inquérito a seniores e a jovens .....	46
4.3.3. Como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?.....	47
4.3.3.1. Entrevistas a atores chave.....	47
4.3.3.2. Inquérito a seniores e a jovens .....	48
4.3.3.3. Escala de Observação Intergeracional a seniores e a jovens .....	50
4.3.4. Qual é a atitude face a relações e atividades intergeracionais?.....	51
4.3.4.1. Entrevistas a atores chave.....	51
4.3.4.2. Inquérito a seniores e a jovens .....	52
4.4. Resumo do diagnóstico realizado .....	54
V. DEFINIÇÃO DO PROJETO PILOTO.....	57
5.1. Participantes do projeto .....	57
5.2. Recursos humanos e materiais.....	57
5.3. Atividade .....	58
5.4. Objetivos de processo e de resultado .....	62
5.5. <i>Outputs</i> .....	62
5.6. Orçamento .....	62
5.7. Riscos e ameaças do projeto piloto .....	62
5.8. Avaliação da intervenção.....	63
5.8.1. Plano de avaliação .....	63
5.8.2. Método.....	64
5.8.2.1. Inquéritos qualitativos .....	64
5.8.2.1.1. Instrumento.....	64
5.8.2.1.2. Procedimento .....	65
5.8.2.2. Verificação da manipulação e reação à formação .....	65
5.8.2.2.1. Instrumento.....	65
5.8.2.2.2. Procedimento .....	65
5.8.2.3. Avaliação de processo da atividade .....	65
5.8.2.3.1. Instrumento.....	65
5.8.2.3.2. Procedimento .....	65
5.8.3. Resultados .....	66
5.8.3.1. Escala de Observação Intergeracional.....	66
5.8.3.2. Inquéritos qualitativos .....	66
5.8.3.3. Verificação da manipulação e reação à formação .....	69

5.8.3.4. Avaliação de processo da atividade .....	70
5.8.4. Discussão dos resultados da intervenção .....	70
VI. DISCUSSÃO FINAL .....	71
6.1. Implicações práticas .....	72
6.2. Limitações .....	72
6.3. Direções futuras .....	73
Referências .....	74

### Índice de figuras

Figura 1. Modelo de mudança do comportamento idadista .....	18
Figura 2. Modelo teórico de processo.....	20
Figura 3. Traços estereotípicos associados aos seniores do ponto de vista dos participantes jovens e dos participantes seniores.....	37
Figura 4. Traços estereotípicos associados aos jovens do ponto de vista dos participantes jovens e dos participantes seniores.....	37
Figura 5. Perceção de competência e afetuosidade dos participantes seniores e dos participantes jovens relativamente aos seniores .....	38
Figura 6. Perceção de variabilidade percebida de competência e afetuosidade dos participantes seniores e dos participantes jovens relativamente aos seniores .....	39
Figura 7. Estatuto social percebido dos participantes seniores e dos participantes jovens relativamente ao endogrupo e ao exogrupo .....	40
Figura 8. Perceção de identidade comum dos participantes seniores e dos participantes jovens .....	40
Figura 9. Emoções dos participantes seniores e dos participantes jovens relativamente ao exogrupo .....	41
Figura 10. Vontade de vir a participar em atividades intergeracionais .....	42
Figura 11. Ocorrências observadas por comportamento .....	44
Figura 12. Auto estereotipização dos participantes seniores e dos participantes jovens .....	47
Figura 13. Frequência de contacto dos participantes seniores com os netos e dos participantes jovens com os avós .....	49
Figura 14. Frequência de contacto dos participantes seniores com jovens e dos participantes jovens com seniores (que não sejam da família) .....	50
Figura 15. Atitude em relação a relações e atividades intergeracionais .....	53
Figura 16. Diagrama lógico do projeto.....	59
Figura 17. Verificação da manipulação por parte dos participantes seniores e jovens.....	69

### Índice de quadros

Quadro 1. Questões de partida do diagnóstico.....	22
Quadro 2. Caracterização da amostra das entrevistas a atores chave.....	24
Quadro 3. Correspondência das questões de partida pelos itens do guião da entrevista .....	25
Quadro 4. Caracterização da amostra sénior e jovem para o inquérito e <i>ST-IAT</i> .....	27
Quadro 5. Descrição das medidas utilizadas no inquérito .....	28
Quadro 6. Tempo de resposta e dificuldade em responder ao inquérito.....	31
Quadro 7. Caracterização da amostra sénior e da amostra jovem para a EOI .....	32
Quadro 8. Principais conclusões dos resultados das entrevistas para a pergunta “Existe idadismo na instituição?” .....	36
Quadro 9. Principais conclusões dos resultados do inquérito e <i>ST-IAT</i> para a pergunta “Existe idadismo na instituição?” .....	43

Quadro 10. Principais conclusões dos resultados da EOI para a pergunta “Existe idadeísmo na instituição?” .....	44
Quadro 11. Principais conclusões para a pergunta “Existe idadeísmo na instituição?” .....	44
Quadro 12. Principais conclusões dos resultados das entrevistas para a pergunta “Como é que os seniores e os jovens se veem a si próprios?” .....	44
Quadro 13. Principais conclusões dos resultados do inquérito para a pergunta “Como é que os seniores e os jovens se veem a si próprios?” .....	47
Quadro 14. Principais conclusões para a pergunta “Como é que os seniores e os jovens se veem a si próprios?” .....	47
Quadro 15. Principais conclusões dos resultados das entrevistas para a pergunta “Como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?” .....	48
Quadro 16. Principais conclusões dos resultados do inquérito para a pergunta “Como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?” .....	50
Quadro 17. Principais conclusões dos resultados da EOI para a pergunta “Como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?” .....	51
Quadro 18. Principais conclusões para a pergunta “Como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?” .....	51
Quadro 19. Principais conclusões dos resultados das entrevistas para a pergunta “Qual a atitude face a relações e atividades intergeracionais?” .....	52
Quadro 20. Principais conclusões dos resultados do inquérito para a pergunta “Qual a atitude face a relações e atividades intergeracionais?” .....	53
Quadro 21. Principais conclusões para a pergunta “Qual a atitude face a relações e atividades intergeracionais?” .....	54
Quadro 22. Justificação das variáveis trabalhadas na atividade .....	58
Quadro 23. Modelo lógico da atividade “Lapa para todas as gerações” .....	61
Quadro 24. Objetivos de processo e de resultado por tarefa da atividade .....	62
Quadro 25. Instrumentos aplicados aos participantes seniores e aos participantes jovens .....	64
Quadro 26. Estrutura do inquérito qualitativo .....	64
Quadro 27. Resposta dos participantes seniores e dos participantes jovens relativamente à categoria IDADE acerca do exogrupo e do endogrupo .....	66
Quadro 28. Resposta dos participantes seniores relativamente à categoria TRAÇOS ESTEREOTÍPICOS acerca do exogrupo .....	66
Quadro 29. Resposta dos participantes seniores relativamente à categoria TRAÇOS ESTEREOTÍPICOS acerca do endogrupo .....	67
Quadro 30. Resposta dos participantes jovens relativamente à categoria TRAÇOS ESTEREOTÍPICOS acerca do exogrupo .....	67
Quadro 31. Resposta dos participantes jovens relativamente à categoria TRAÇOS ESTEREOTÍPICOS acerca do endogrupo .....	68

## I. INTRODUÇÃO

Países desenvolvidos como Portugal têm visto a sua população envelhecer a um ritmo acelerado nos últimos anos sem que haja nascimentos suficientes para renovar as gerações (Instituto do Envelhecimento da Universidade de Lisboa, 2011; Instituto Nacional de Estatística, 2011). Esta afirmação, vezes sem conta repetida nos meios de comunicação social, sugere que o envelhecimento é um problema. Na verdade, é a forma como a sociedade encara este fenómeno natural que pode prejudicar os sujeitos e o bem-estar da sociedade, por via da disseminação e proliferação de comportamentos idadistas entre as gerações.

Como forma de diminuir o idadismo entre as gerações propõe-se um projeto piloto, que intervém em dois grupos etários, e que visa promover a intergeracionalidade e um autoconceito positivo nos indivíduos. Este trabalho segue a estrutura de Trabalho Projeto sugerida pela disciplina de Avaliação e Conceção de Projetos do ISCTE-IUL e recomendada pela Escola de Ciências Sociais e Humanas para o ano letivo de 2011/2012. Por essa razão, salientamos que a intervenção aqui demonstrada tem um carácter exploratório, sendo que os objetivos recomendados para o trabalho de projeto estão cumpridos apenas no diagnóstico de necessidades e na conceção de um projeto, sem realmente o testar efetivamente. O avanço para uma intervenção deveu-se à oportunidade por parte da instituição de acolhimento de testar o projeto criado.

Assim, o relatório está dividido em cinco grandes partes:

- i) Definição do problema de investigação;
- ii) Enquadramento teórico, onde se insere a revisão teórica, a descrição das variáveis propostas para intervenção, seguidas do modelo teórico e das hipóteses;
- iii) Diagnóstico de necessidades, detalhando os instrumentos, procedimentos e resultados;
- iv) Projeto piloto, onde se apresenta a atividade desenvolvida, os pormenores de organização e implementação, e os resultados fundamentais;
- v) Discussão final, que analisa as principais conclusões deste trabalho, numerando as limitações e propondo sugestões de futuro.

## II. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

Segundo os resultados dos Censos 2011, a população sénior<sup>1</sup> (com mais de 65 anos) abrange 19% da população portuguesa, o grupo etário mais jovem (0-14 anos) corresponde a 15%, e os jovens ativos, entre os 15 e os 24 anos, representam 10,8%. Na generalidade dos municípios, a população sénior cresceu cerca de 19,4% desde 2001, havendo cerca de 129 seniores por cada 100

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, como medida de luta contra o idadismo, optámos por utilizar o termo “sénior” em substituição de outros como “velho” ou “idoso” por serem associados a uma imagem negativa das pessoas adultas que fazem parte de gerações dianteiras.

jovens (0-14 anos) e prevê-se que em 2050 existam 243 seniores para cada 100 jovens (Gonçalves & Silva, 2004).

Apesar de uma população envelhecida refletir melhoria das condições de vida (Fontaine, 2000; Oliveira, 2011), poderão existir outros fatores que irão levar os indivíduos a não saber lidar com o envelhecimento da sociedade de uma forma positiva e enriquecedora. As novas constituições de família e modos de vida modernos, como também a segregação social representam situações que afetam as gerações e as suas preocupações nos tempos atuais. Na verdade, a segregação entre grupos sociais, como os seniores e os jovens, onde diferenças individuais entre estilos e modos de viver se salientam cada vez mais, estão patentes ao nível institucional, espacial e cultural (Hagestad & Uhlenberg, 2005). Segundo estes autores, a segregação com base na idade, promove o desenvolvimento de crenças, atitudes e comportamentos idadistas. O idadismo, assim, é uma forma de discriminação que se baseia na idade das pessoas, seja qual for o grupo etário de pertença (Butler, 1969). Esta atitude negativa contra indivíduos jovens ou seniores, reflete “os nossos valores culturais mais profundos e práticas institucionais” (Marques, 2011a), o que conduz ao desenvolvimento de um fosso entre gerações com consequências negativas para o autoconceito individual, que depende da imagem social formada sobre os grupos sociais de pertença, neste caso, do grupo etário.

Neste sentido, apresentamos uma proposta de intervenção baseada na aplicação de projetos intergeracionais como forma de diminuir o idadismo entre as gerações e promover um autoconceito positivo. Na construção desta intervenção intergeracional tivemos em conta as teorias que mais têm problematizado sobre os resultados que avançamos nos nossos objetivos, e assim pretendemos que, através da aproximação entre gerações, possamos contribuir para uma maior harmonia nas relações intergeracionais, e a partir destas, novas formas de reagir à segregação dos tempos modernos.

### III. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Nesta secção começamos por apresentar uma análise da sociedade e das consequências que o envelhecimento da população e a segregação dos grupos geracionais tem tido para as pessoas seniores e para as pessoas mais jovens. De seguida refletimos sobre a intergeracionalidade e os programas que operacionalizam este conceito em favor das gerações e das famílias, relatando os benefícios e o tipo de atividades mais frequentes por forma a justificar as nossas escolhas. Por último, partimos para a definição das variáveis que baseiam a estrutura da intervenção, apresentando o modelo teórico resultante e as hipóteses.

#### 3.1. O que afasta as gerações?

Os modos de vida das sociedades têm sido referidos como uma explicação para a segregação de grupos etários. De acordo com Kohli (1986), as civilizações modernas regem-se por um “ciclo de vida tripartido”: 1) preparação para a vida e educação, 2) constituição da família e trabalho, e 3) reforma. É desta divisão da vida dos indivíduos que Hagestad e Uhlenberg (2005) afirmam emergir uma segregação em função da idade, que separa as pessoas pela sua fase de vida, ditando o que é normal ou não em cada uma delas. Para estes autores, a segregação pela idade pode ser percebida de três formas. A primeira, a segregação institucional acontece quando a idade passa a ser um critério para a participação do sujeito em algo, como é o caso das crianças que devem estar na escola, impedindo a sua presença no local de trabalho, ou a situação do seniores que devem estar aposentados, impedindo-os de aceder ao local de trabalho ou à escola. A segunda, a segregação espacial acontece quando a idade impede pessoas de idades diferentes permanecerem e interagirem no mesmo espaço. Por último, a segregação cultural refere-se à manifestação de diferenças de idade na linguagem e nos significados de expressões e palavras que variam de cultura para cultura. Desta forma, em diferentes culturas identificam-se diferentes formas de caracterizar o que é ser “jovem” ou “sénior”.

Neste sentido, a segregação dos grupos sociais parece estar, intrinsecamente, associada ao desenvolvimento do idadismo, exatamente pelas ideias pré concebidas que aprendemos acerca de cada grupo social, dependendo da sua fase de vida (Hagestad & Uhlenberg, 2005). Nos dois pontos seguintes iremos analisar algumas mudanças que o grupo das pessoas seniores e o grupo das pessoas jovens enfrentam atualmente, relacionando-as com as consequências geradas pela segregação e pela proliferação da discriminação idadista.

##### 3.1.1. Na geração das pessoas seniores

Segundo Fontaine (2000), envelhecer diz respeito ao conjunto de processos que implicam mudanças para a pessoa a três níveis distintos: biológico (modificações do corpo e da imagem e o surgimento de doenças), social (mudança de estatuto aquando da transição para a reforma) e psicológico (alterações das rotinas, das atividades e das motivações). Estes processos não são iguais para todos os indivíduos, nem ao longo da história. Dependem dos avanços ao nível científico,

médico, económico, das mudanças políticas, que afetam as condições de vida das famílias e dos indivíduos, proporcionando-lhes maior ou menor qualidade de vida no decurso do envelhecimento. As sociedades atuais têm registado grandes progressos no domínio da saúde, o que tem contribuído para o aumento da esperança média de vida, e de tal forma que o número de seniores transcende já o número de pessoas ativas (mais de 14 anos) em Portugal, e com tendência para aumentar (Instituto Nacional de Estatística, 2011). Na Europa registam-se padrões semelhantes.

O aumento da esperança média de vida, a par das mudanças físicas, sociais e psicológicas que os seniores enfrentam no processo de envelhecimento, acarretam implicações práticas na sua vida. Da mesma forma que, uma população que vive mais tempo traz consequências para um país, por exemplo, ao nível das políticas das reformas, o significado de viver mais tempo para o próprio sénior, e até mesmo para a sua família, adquire novas readaptações (Fontaine, 2000).

Reagir a novos modos de vida é, para os seniores, saber lidar com novas visões de família (divórcios, famílias monoparentais, etc.), que frequentemente já não os incluem (Couto, Prati, Falcão & Koller, 2008), sendo encaminhados para instituições ou permanecendo em casa própria por mais tempo, com riscos acrescidos (Oliveira, 2010). Para além disto, reagir a uma sociedade segregada pela idade, como vimos anteriormente, é muitas vezes saber também lidar com consequentes comportamentos idadistas contra certos grupos etários. Dados do Eurobarómetro Especial (2009) referem que os portugueses consideram que o idadismo é a forma de discriminação mais percebida, e 53% destes afirmam que discriminar em função da idade é muito frequente. Estas circunstâncias estimulam o afastamento entre os grupos sociais, principalmente entre o grupo dos seniores e o grupo dos jovens, promovendo também o isolamento das pessoas seniores. Os Censos 2011 revelam que estão a diminuir as famílias que incluem pessoas seniores (14,9%), e as famílias sem as mesmas englobam 67,7% do total. Em consequência, as famílias constituídas apenas por seniores têm vindo a aumentar (17,4%), e é apontada também uma subida de 24,7% nos últimos dez anos das famílias institucionais, isto é, instituições de apoio aos seniores que, normalmente, não possuem programas de interação intergeracional.

Os seniores, estando numa fase da vida que requerem cuidados e atenção acrescidas, estão mais suscetíveis ao isolamento e ao desenvolvimento de problemas de saúde de ordem física e mental. Estes problemas de saúde decorrem, quer do processo normal de envelhecimento, quer da participação reduzida da família na vida pessoal (Oliveira, 2011).

O afastamento das gerações e o rompimento das ligações familiares afetam relações muito importantes entre membros da família, designadamente a relação entre os netos e os avós. Situações como estas podem ter um impacto forte nos indivíduos. Diversos estudos revelam existir um impacto emocional e psicológico forte nos avós quando perdem o contacto com os seus netos. Especificamente, o estudo de Drew e Silverstein (2007), que identificou os efeitos a médio e a longo prazo para o bem-estar emocional dos avós ( $N=442$ ) da perda de contacto com os netos, mostrou que, depois do afastamento, os avós experimentam sintomas depressivos por comparação com outros seniores que não tiveram essa perda, e mais severos quando comparados com situações de divórcio ou conflito. Estes efeitos podem ser explicados pelas necessidades que o “eu” enfrenta nesta fase de vida (Erikson, 1969), que explicaremos mais adiante. Desta forma, salientamos a importância

do papel do sénior para os demais, principalmente para as gerações mais novas, que não deve ser ignorado.

### 3.1.2. Na geração das pessoas jovens

Os novos modos de vida e as redefinições familiares têm consequências não só para os seniores, mas também para os mais novos. Isto acontece porque, nos mais jovens está implicado a formação do “eu”, que realiza uma comparação constante entre o “eu” ideal e o “eu” real, que depende necessariamente das transmissões intergeracionais da família (Zentner & Renaud, 2007). A transmissão de valores e ideais através das gerações, que contribuem para a construção do “eu” ideal, é realizado através da internalização, ou seja, as ideias dos pais ou de outros parentes são registados no sistema interno do jovem (Grusec & Goodnow, 1994). O estudo longitudinal de Zentner e Renaud (2007) com 120 adolescentes evidencia que existem semelhanças entre o “eu” ideal das crianças, com aquilo que os pais esperam que seja o “eu” ideal dos filhos, e que muita dessa transmissão se dá através das práticas e das interações entre a família.

Neste sentido, o papel dos avós na família é especialmente importante também na formação da identidade da criança, na forma como esta irá encarar o processo de envelhecimento e como irá lidar com os demais seniores. Existem grandes diferenças nos jovens que têm um contacto próximo com os seus avós, esporádico ou que simplesmente não se relacionam com os avós (Kornhaber & Woodward, 2003). Quando as relações entre avós e netos são escassas ou inexistentes, as crianças ou jovens experimentam, muitas vezes, a sensação de perda (semelhante àquela causada por divórcios, ou outras situações). Neste sentido, os avós desempenham uma função de “exemplos para a família”, transmitindo valores, experiência e ideais (Erikson, 1968). Para Kornhaber e Woodward (2003), os avós favorecem a família, prestando cuidados quotidianos e unindo os vários membros, preservando as memórias e as tradições. Para além disto, os seniores garantem suporte em situações de risco, diminuindo os efeitos negativos da pobreza, depressões, ou doenças do foro mental que afetam os adultos e que podem influenciar as crianças e jovens. Neste sentido, os avós tornam-se protetores dos netos, através da proximidade emocional que estabelecem (Fogarty, 2007).

As reestruturações familiares são situações delicadas e quando os avós deixam de ser membros ativos e presentes, mesmo que não vivam na mesma casa, quebram-se elos importantes. Também, a segregação etária promovida pela sociedade, como discutimos atrás, estabelece fronteiras que separam os grupos etários uns dos outros, impedindo a aproximação das gerações, das quais resultam consequências para os jovens, que desenvolvem atitudes idadistas sobre o papel dos mais velhos na sociedade e nas suas vidas.

Esta análise permite concluir que diversos fatores dificultam a relação entre as gerações, afastando-as, e por vezes criando atitudes reciprocamente negativas, seja dentro ou fora da família. Existe, portanto, a necessidade da sociedade alterar as suas políticas e, principalmente, a atitude da população face a grupos etários específicos. Por esta razão iremos seguidamente refletir sobre uma das estratégias que tem revelado potencial para a aproximação de gerações diferentes, designadamente, os programas e atividades intergeracionais.

### 3.2. O que são programas intergeracionais?

Estratégias “extrafamiliares” têm crescido nos últimos anos e tomado o olhar atento de investigadores e profissionais dos mais diversos ramos de atividade, como possível solução de vários problemas sociais (Jarrott, 2011). Destas contrariedades surge o conceito de intergeracionalidade como uma das pontes possíveis para aproximar gerações que, por serem grupos com características específicas (em termos de idade, experiências, valores, tendências, etc.) e com propensão ao afastamento, precisam de ser incentivadas a tal (França, Silva & Barreto, 2010), de modo a favorecer pontos e interesses em comum.

Na revisão de literatura efetuada, podemos distinguir dois tipos de intergeracionalidade: um que se foca nas relações dentro da família como, por exemplo, as relações entre avós e netos (e.g. Drew & Silverstein, 2007; Kornhaber & Woodward, 1981), e outro que se refere à intergeracionalidade fora da família (Larkin, 2004). Segundo a revisão de Jarrott (2011), os estudos na área da intergeracionalidade extrafamiliar ampliaram a partir dos anos 90, provando uma maior atenção nesta área pela comunidade científica. Neste trabalho estamos interessados neste segundo tipo de intergeracionalidade.

Para que interações intergeracionais extrafamiliares se concretizem, têm sido levados a cabo programas e/ou atividades intergeracionais que surgem definidos na literatura como um método para garantir a aproximação de pelo menos dois grupos geracionais (Epstein & Boisvert, 2006; National Council on Aging). Para além da aproximação desejada, os programas pretendem incidir fundamentalmente na promoção do bem-estar dos indivíduos e na aprendizagem conjunta para o desenvolvimento pessoal e da comunidade (Ayala, Hewson, Bray, Jones & Hartley, 2007; Vanderven, 1999). O número de programas intergeracionais têm vindo também a aumentar com vista à minimização de problemas vários, como o idadismo, o isolamento dos seniores, entre outros (Herrmann, Sipsas-Herrmann, Stafford & Herrmann, 2005; MacKenzie, Carson & Kuehne, 2011). Os métodos mais frequentes recorrem fundamentalmente a estratégias de troca e aprendizagem conjunta e partilha de conhecimento, sentimentos e experiências (Newman & Smith, 1997; Pinazo-Hernandis, 2011).

De um modo geral, programas intergeracionais podem privilegiar a relação entre todas as gerações, trazendo benefício para todos os participantes (Jarrott, 2011). No entanto, o trabalho mais pertinente tem enfatizado o contacto entre as gerações das crianças (e.g. Macdonald, 2008), adolescentes (e.g. Meshel & McGlynn, 2004) e jovens (e.g. Blieszner & Artale, 2001) com a geração dos seniores. Mesmo assim, não podemos definir um limite específico de idade para cada um destes grupos, pelo que nos estudos a idade mostra-se variada, principalmente nas gerações jovens, que vai desde a intervenção em pré-escolares (Heiman, Gutheil & White-Ryan, 2011) até a jovens na “casa” dos 20 anos (Blieszner & Artale, 2001). Apesar disto, os estudos elaborados no ano 2000 em diante têm apostado sobretudo na intervenção com jovens entre o grau escolar primário e secundário, apesar do foco nas idades ter vindo a se alterar consoante a década (ver Jarrott, 2011). Nos seniores, consideram-se sobretudo idades superiores a 60 anos, embora os participantes defiram em algumas características, como o estado de saúde. Diversas investigações têm sido feitas com seniores que apresentam limitações tanto físicas como mentais (e.g. Chung, 2009; George, Whitehouse &

Whitehouse, 2011), no entanto, são mais os estudos com população sénior em que o estado de saúde geral se assume satisfatório (Bales, Eklund & Siffin, 2000; Jarrott, 2011).

Têm sido realizados também alguns estudos experimentais em contexto laboratorial que visam explorar os efeitos do contacto entre dois grupos etários (Abrams, Crisp, Marques, Fagg, Bedford & Provias, 2008). No entanto, nesta revisão enfatizamos os projetos e programas de intervenção intergeracionais aplicados em contexto real. Estes contextos são diversificados, no entanto, encontramos muitos programas aplicados nos locais característicos do público-alvo em questão, como escolas (e.g. George, Whitehouse & Whitehouse, 2011), e lares ou centros de dia (e.g. Heyman, Gutheil & White-Ryan, 2011), o que facilita o desenvolvimento dos programas.

Segundo Herrmann, Sipsas-Herrmann, Stafford & Herrmann (2005), as intervenções intergeracionais podem ser de três tipos: 1) seniores que se dispõem entrar em contacto com a geração mais nova e oferecer diferentes serviços; 2) crianças, adolescentes e jovens que, da mesma forma, executam tarefas direccionadas a favorecerem os seniores; e 3) as duas gerações em interação igualitária, com troca e benefício mútuo. Segundo Jarrott (2011), este último tipo de troca que pode trazer benefícios para ambas as gerações, e não apenas para uma, tem sido a preocupação de projetos mais relevantes nesta área.

### 3.2.1. Benefícios

Vários estudos têm sido efetuados em diversas áreas (psicologia, gerontologia...) de modo a provar que atividades intergeracionais são vantajosas tanto para os mais velhos como para mais novos. Na verdade, este tipo de experiências entre gerações levam as crianças e jovens a entender melhor a evolução da idade e a velhice, como também estimula a diminuição da discriminação e de estereótipos idadistas em relação aos seniores (e.g. Giles, Ryan & Anas, 2008; Meshel & McGlynn, 2004; Zuccherro, 2010). Para os seniores, as vantagens revelam-se através do aumento da autoestima, afeto positivo e satisfação com a vida, diminuindo o seu isolamento e integrando-os na sociedade (e.g. Kessler, & Staudinger, 2007). Estimula também o funcionamento cognitivo em termos de memória e melhoria do humor, e oferece-lhes o papel de serem doadores de conselhos e de experiência (“generatividade”), uma motivação central nesta fase da vida (Adams, Smith, Pasupathi & Vitolo, 2002; Herrmann, et al 2005; Kessler, & Staudinger, 2007; Newman, & Hatton-Yeo, 2008; Erikson, 1963; Springate, Atkinson & Martin, 2008). Muitos dos programas são criados também para proporcionar o desenvolvimento de competências várias, e a aprendizagem de matérias específicas em que uma das gerações desempenha o papel de ensinador (e.g. MacKenzie, Carson, & Kuehne, 2011).

Como já referido anteriormente, muitas das intervenções têm incidido as suas preocupações na diminuição do nível de idadismo entre as gerações. Jarrott (2011) enfatiza a grande preocupação com este fenómeno afirmando que as perceções negativas, principalmente em relação às pessoas seniores são problemáticas, consolidando a pertinência de se desenvolver intervenção nesta área. Torna-se urgente criar contextos adequados para que as gerações possam, além de desenvolver outras aptidões, modificar as perceções negativas relativamente à outra geração e assim poderem

interagir de forma mais pacífica e enriquecedora (Blieszher, & Artale, 2001; MacKenzie, Carson, & Kuehne, 2011).

### 3.2.2. Tipos de programas e atividades

Existem uma série de atividades que se mostram relevantes no trabalho intergeracional. Estudos recentes apontam o voluntariado como uma alternativa importante para a ocupação dos seniores pois incentiva o desenvolvimento de bem-estar, felicidade, autoestima, redução de sintomas depressivos, satisfação com a vida e uma auto avaliação da saúde mais positiva (e.g. Kessler & Staudinger, 2007; Zuccherro, 2010). Um exemplo interessante sobre o uso do voluntariado intergeracional, em que os dois grupos geracionais trabalham de igual forma para a comunidade, é o projeto “Generations going green” que tem como intuito tornar os hábitos dos cidadãos mais ecológicos, dando eles mesmos o incentivo ao nível, por exemplo, da reciclagem e da manutenção dos espaços verdes (Steinig & Butts, 2010). Também o estudo de Chung (2008) com 117 jovens voluntários e 49 seniores com demência, procurou perceber (pré e pós teste) quais as mudanças que o contacto e as atividades propostas poderiam originar nos jovens e nos próprios seniores. Os resultados apontaram para uma visão positiva dos seniores em relação aos jovens voluntários, tendo experimentado também algumas melhorias ao nível da sua saúde mental. Quanto aos jovens, também tiveram percepções positivas acerca da experiência passada com os seniores, principalmente elogiando a natureza das tarefas propostas que incluíam a reflexão sobre experiências de vida, proporcionando discussão e a criação de um livro de vida personalizado. Por sua vez, atividades intergeracionais onde o voluntariado é encarregue aos seniores de modo a prestarem diversos serviços a escolas ou infantários, também é possível, como é no caso do estudo de Casadonte (2009) onde doze seniores se ofereceram para realizar voluntariado com 211 crianças do ensino básico elementar no grupo experimental (e 169 crianças no grupo de controlo) tentando compreender a mudança (pré e pós teste) de atitude idadista por parte das crianças. Os resultados confirmam uma melhoria significativa da atitude das crianças para com os seniores voluntários.

Como já referimos, atividades que envolvam a partilha da história de vida, na verdade, mostram-se importantes na fase da velhice, tendo em conta as principais teorias do desenvolvimento (e.g. Erikson, 1963), pois a revisão da vida e das memórias do passado fazem parte do processo de envelhecer e da fundamentação da identidade da pessoa adulta (Chung, 2008; Zuccherro, 2010). Uma maneira de incentivar esta revisão é escrever a autobiografia e partilhar em pequenos grupos. Através disto, a vida do sénior começa a tornar-se mais integrada e aceite (Birren & Birren, 1996) e temos, ao mesmo tempo, uma ferramenta estruturada, sistemática e avaliativa. Esta partilha pode ser facilitada também pelos próprios participantes, jovens ou seniores, fomentando a cumplicidade e a aproximação entre as gerações (Haber, 2006). Este tipo de grupos focalizados intergeracionais são bastante utilizados quando o investigador procura conhecer a opinião dos participantes acerca da atividade ou do projeto experimentado. Neste caso, o estudo de Zuccherro (2010), é um bom exemplo desta prática. Catorze seniores voluntariaram-se para participar num curso, sendo incluídos em turmas de jovens. No final do curso, foi realizado o método de grupos focalizados com os alunos jovens e seniores de forma a registar a opinião sobre a experiência, dando especial enfoque à visão

dos seniores. Estes participantes partilharam, grande parte das vezes sobre as relações recíprocas que estabeleciam com os mais novos, sobre a forma genuína como os jovens ouviam a sua história de vida, e sobre a surpresa pelo envolvimento profundo dos estudantes no curso e nos trabalhos que desenvolveram.

Um dos métodos também utilizados em programas intergeracionais prende-se com a aprendizagem conjunta entre seniores e jovens (*service-learning*), em vista promover a cidadania, a responsabilidade, competências e práticas para melhorar a comunidade, e estimular o desenvolvimento pessoal nos estudantes (Waterman, 1997), que se assemelha ao estudo desenvolvido por Zuccherro (2010). No entanto, para além destas vantagens, o *service-learning* impulsiona atitudes mais positivas entre as pessoas seniores e as pessoas mais jovens devido ao contacto que estabelecem nos cursos, descobrindo pontos em comum entre eles (Chapman & Neal, 1990). Neste sentido sabemos que, quando existe uma reflexão estruturada sobre assuntos relacionados com o desenvolvimento das fases da vida, envelhecimento, entre outros, impulsiona mudanças nos mais jovens (Conway, Amel & Gerwien, 2009). O estudo de Knapp e Stubblefield (2000) utiliza este método de aprendizagem com o objetivo de avaliar as vantagens deste contacto intergeracional como meio de partilhar experiências e adquirir conhecimento sobre a idade e o processo de envelhecer. Assim, foram incluídos 44 seniores em turmas de jovens para realizarem um curso. Este grupo de seniores foi dividido, tendo ido metade dos seniores para um curso de justiça criminal e outro para um curso de psicologia do envelhecimento, que foi modificado para incluir componentes intergeracionais. Os resultados, tanto quantitativos como qualitativos, apontam para uma melhoria da perceção dos alunos sobre a idade, como também promoveu atitudes mais positivas acerca do envelhecimento, concluindo então que existem vantagens em incluir alunos seniores em cursos através de programas intergeracionais.

Apesar de todas estas ideias eficazes, Jarrott (2011) reflete na sua revisão de projetos intergeracionais a base teórica para a estruturação dos mesmos. As conclusões refletem que a teoria psicossocial de Erikson e a teoria do contacto são as mais utilizadas e as mais eficazes a atingir resultados positivos quanto à diminuição do idadismo, do isolamento, da saúde mental e física, entre outros aspetos. Um exemplo de uma intervenção intergeracional operacionalizada através da teoria do contacto é o estudo efetuado por Meshel e McGlynn (2004) com 63 adolescentes (11-13 anos) e com 21 seniores (60 e mais anos). O objetivo foi avaliar as atitudes discriminatórias e estereótipos dos adolescentes contra os seniores, utilizando o contacto intergrupar para promover atitudes mais positivas entre as gerações, utilizando um desenho pré e pós teste. A amostra foi dividida aleatoriamente em três grupos: Contacto, Didático e Controlo. O grupo de Contacto, dividido em vários subgrupos, cooperou em seis sessões para a realização de um espetáculo de talentos. O grupo Didático apenas assistiu a sessões de esclarecimento sobre o envelhecimento, enquanto o grupo de Controlo ficou fora de qualquer intervenção. Os resultados evidenciam atitudes intergeracionais mais positivas no grupo de Contacto relativamente aos outros dois grupos. Especificamente nas pessoas seniores revelaram maiores níveis de satisfação com a vida.

Quanto à operacionalização dos conceitos de Erikson aquando do contacto intergeracional, o estudo de Kessler e Staudinger (2007) conceptualiza a interação G1-G3 (geração dos seniores e dos

jovens respetivamente) como uma relação complexa entre as preocupações motivacionais relacionadas com a idade e o contexto onde podiam ou não ser ativados os estereótipos negativos relativamente à outra geração. A principal hipótese levantada assume a interação G1-G3 como potencial facilitador do funcionamento psicológico nas pessoas séniores e nos adolescentes. Concretamente nos primeiros, os autores afirmam que existe melhoramento do funcionamento cognitivo e melhoria da regulação emocional, enquanto nos adolescentes ocorre o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais e a criação de objetivos comuns. Neste sentido, terá que ser ativada a área motivacional nas duas gerações durante a interação. A principal motivação nos séniores será a generatividade (transmissão da sua experiência de vida à geração mais nova, como que doasse um legado). Nos adolescentes a motivação explicita-se através da preocupação com a sua identidade, ou seja, o desenvolvimento de significado e direção para estarem aptos para o futuro. O contexto de contacto terá que estimular um estatuto de “especialista” à pessoa sénior e assim dar lugar à transmissão da generatividade, onde esta experimenta uma sensação de expansão, solidariedade, e uma necessidade de cuidar. Quando é ativada a generatividade, o jovem estimula o seu interesse e atenção, sendo uma base para a procura de informação que contribuirá para o desenvolvimento do “eu” e compreensão do mundo (formação da identidade). O jovem, ao observar os comportamentos orientados do sénior para com ele, tende a desenvolver comportamentos pró-sociais e a estabelecer/participar em objetivos comuns. Se o contexto for negligenciado na interação G1-G3, atribuindo o papel de especialista ao adolescente, a generatividade terá menos probabilidade de ocorrer. Da mesma forma, sem este contexto apropriado, podem ser ativados estereótipos negativos contra os seniores, contrariamente ao esperado. O estudo incluiu 90 séniores (70-74 anos) e 90 adolescentes do sexo feminino (14-15 anos) em que eram feitos pares na resolução de dois tipos de problemas: um problema/dilema de vida difícil (ativação do sénior como perito) e um problema dos *media* (ativação do adolescente como perito). Para a resolução do problema de vida foram feitos pares intergeracionais (uma sénior e uma adolescente – OY-LP ). As situações de controlo foram formadas por um par intergeracional no problema dos media (OY-MP) e pares apenas de seniores (OO-LP) e de adolescentes (YY-LP) na resolução de problemas de vida. Os resultados mais positivos apontam para os pares intergeracionais na resolução do problemas de vida, onde eram ativadas a generatividade e a formação da identidade, sendo que houve resultados significativos na ativação de comportamentos pró-sociais nos adolescentes nestes mesmos pares. Houve também a diminuição de estereótipos negativos.

Apesar destas evidências ainda são contabilizados muitos estudos e projetos que não estruturam a suas intervenções, diminuindo assim a qualidade das intervenções (Jarrott, 2011).

### 3.3. Definição de conceitos

Nos tópicos seguintes pretendemos aprofundar os conceitos que estão por base da estrutura da intervenção que propomos. Assim, iremos primeiramente debruçar-nos na descrição das variáveis resultado deste programa – a diminuição do idadismo e aumento do autoconceito positivo – como alvos adequados segundo a literatura. Seguidamente explicaremos as variáveis que compõem a intervenção: 1) a variável independente – contacto intergrupar positivo; 2) as variáveis mediadoras –

tomada de perspectiva, aprendizagem sobre o exogrupo e criação de laços afetivos -, e por fim, 3) as variáveis moderadoras - estatuto igualitário, suporte de autoridade, partilha de objetivos comuns e cooperação intergrupala.

A variável independente, as mediadoras e as moderadoras foram selecionadas através de uma revisão de literatura que recolheu um vasto conjunto de variáveis que, de forma significativa, afetam as nossas variáveis resultado. No entanto, através de um método proposto por Buunk e Van Vugt (2007), tentou-se aferir a possível alterabilidade de cada variável (i.e. a possibilidade de ser manipulada através de uma intervenção) relacionada com o tamanho do efeito (ou seja, a dimensão da afetação de uma variável sobre outra) que esta possa exercer sobre as variáveis resultado. Assim, foram escolhidas as que mais reúnem condições para atingir os nossos objetivos. A tabela do anexo 1 resume este método, listando as variáveis encontradas na revisão e as selecionadas para a intervenção.

Todos os conceitos mencionados serão explicados e justificados seguidamente, apresentando finalmente o modelo teórico de processo que resume a dinâmica entre as variáveis que propomos trabalhar para atingir os nossos objetivos.

### 3.3.1. As variáveis resultado

#### 3.3.1.1. Diminuição do *edadismo* nos seniores e nos jovens

Embora a idade faça parte de um processo de categorização social que nos ajuda a organizar e a agir perante as outras pessoas (Allport, 1954), está sujeita à imparcialidade de quem a ativa, originando por vezes atitudes e comportamentos negativos para com os grupos etários (Bytheway, 2005). Estas manifestam-se nas sociedades através dos *media*, da saúde, do espaço de trabalho, da educação, como também das conversas do quotidiano (Marques, 2011a; Nussbaum et al, 2005). Esta forma de discriminação, tal como o sexismo e o racismo, acontece quando os grupos justificam a sua hostilidade para com outros com base em diferenças grupais percebidas, sejam elas reais ou imaginárias (Allport, 1954), evidenciando-as, percecionado assim os outros como diferentes deles mesmos (Butler, 1975).

Segundo o modelo tripartido das atitudes de Eagly e Chaiken (1993), podemos assumir que o *edadismo* é composto por três categorias de resposta: estereótipos (aspetos cognitivos), preconceito (aspetos afetivos) e discriminação (aspetos comportamentais). Para além da cognição, da emoção e do comportamento ligado a qualquer tipo de atitude, Manstead (1996), acrescenta duas formas de resposta no seu modelo atitudinal: respostas verbais ou não verbais. Assim, quando o *edadismo* se traduz em estereótipos, exterioriza-se em expressões (verbal) ou reações automáticas (não verbal), fruto de crenças associadas, neste caso, a um grupo etário, conferindo-lhe características homogéneas, normalmente negativas, como associar incapacidade aos seniores e irresponsabilidade aos jovens; quando diz respeito ao preconceito, podem ocorrer expressões de sentimentos (verbal) ou respostas psicológicas (não verbal) face aos mesmos sentimentos, como por exemplo, sentimentos de compaixão, desdém, entre outros; por fim, a discriminação pode assumir

comportamentos verbais e não-verbais, como abusos e maus tratos físicos e psicológicos, numa forma mais flagrante, e mais subtil quando se exterioriza, por exemplo, como o desprezo.

Apesar do idadismo afetar tanto os jovens como os seniores, em Portugal, o estudo levado a cabo pelo Instituto do Envelhecimento (Lima, Marques, Batista & Ribeiro, 2011) com base no módulo “Idadismo” do *European Social Survey* (2008), revela que neste país o idadismo prolifera principalmente nos seniores, contrariamente aos resultados de alguns países da Europa. Para além disto, os resultados sugerem que Portugal se encontra entre os países que encaram este tipo de discriminação como grave na sua sociedade.

Como se sabe, a formação de estereótipos negativos nos indivíduos mais novos para com os seniores, funcionam muitas vezes como “mitos” acerca da aparência, das capacidades e da vida dos mesmos (Knapp & Stubblefield, 2000; Magalhães et al., 2011). São portanto inúmeros os termos que são usados para descrever os seniores, como por exemplo, inflexíveis, incompetentes, senis, depressivos, sós, ultrapassados, entre outros (Bytheway, 2005; Marques, Lima & Novo, 2006; Nussman et al., 2005). Estes estereótipos fazem com que os mais novos tenham sentimentos e comportamentos de evitamento, desrespeito, tendo um discurso paternalista e depreciativo (Nussbaum et al., 2005; Nelson, 2005). Estas atitudes podem-se justificar devido ao facto dos seniores serem como mensageiros para os mais novos de acontecimentos como a extinção da saúde e da força e a finitude da vida, pois prolifera uma cultura de culto à juventude, e às características associadas a ela, como a beleza e a vitalidade (Couto, Koller, Novo & Soares, 2009; Marques, 2011a). Estas atitudes discriminatórias contra os seniores, muito vigentes na sociedade portuguesa, são muitas vezes muito disseminadas, mesmo sendo recriminadas explicitamente pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (Marques, 2011a).

O mesmo estudo do Instituto do Envelhecimento, mostra que em Portugal 27% dos seniores portugueses com mais de 80 anos já experimentaram a discriminação flagrante, enquanto 31% a subtil. Quanto aos estereótipos e ao preconceito, as representações exteriorizam-se como paternalistas e de compaixão para com os seniores com mais de 70 anos, provocando pena e admiração, e valorizando primordialmente a simpatia e não a competência (Fiske, 2000; IE-UL, 2011).

O estudo em contexto brasileiro efetuado por Couto, Koller, Novo e Soares (2009), em comparação também com os resultados do estudo em Portugal (324 participantes) de Ferreira-Alves e Novo (2006) e do estudo Americano (84 participantes) de Palmore (2001), teve como objetivos encontrar as principais formas de discriminação idadista e avaliar o grau de *stress* dos seniores ao percecionarem estas atitudes discriminativas. O estudo que contou com 110 participantes (entre 56 e 85 anos), maioritariamente do género feminino, e com capacidades físicas e mentais satisfatórias, revela que existem de facto itens (ou formas de discriminação) semelhantes nos três estudos em comparação. Os resultados mais interessantes, focando a amostra brasileira e portuguesa, apontam que “sofrer insultos” e “recusa de aluguer de uma casa devido à idade” são as formas de discriminação que se mostram semelhantes nas duas amostras. No entanto, a forma de discriminação mais evidenciada na cultura brasileira são as “anedotas” como forma de humilhação à situação de ser sénior, e para a cultura portuguesa as mais notórias prendem-se com o facto de se assumir “incompreensão” e “surdez” por parte do sénior e ainda “associar dores à idade”. No que

concerne ao grau de *stress* com as situações de idadismo, os maiores níveis proliferam em itens de cariz social como por exemplo serem “vítimas de violência física e psicológica”, a “falta de respeito”, como também a “rejeição em função da idade”.

Assim, as constatações dos estudos revelam que cada vez mais o adulto sénior não é visto com respeito pela sua idade, experiência e sabedoria de vida mas antes um indivíduo que já não possui todas as suas capacidades físicas, intelectuais e mentais e, por estas razões, deixa de ser encarado como capaz de ensinar e participar de forma ativa na vida em família e em sociedade (Couto, Prati, Falcão & Koller, 2008; França, Silva & Barreto, 2010).

O idadismo pode demonstrar-se de forma individualizada, mas também ao nível social, nas relações íntimas e sociais, e em contexto institucional (Marques, 2011a; Nussbaum, et al., 2005). As relações íntimas, como a família e os amigos, constituem um forte suporte para os seniores, para o desenvolvimento saudável do envelhecimento, e como forma de proporcionar bem-estar. No entanto, estas relações de intimidade intergeracionais podem, por outro lado, prejudicar o sénior, quando o cuidado se modifica ao promover a dependência excessiva. Pode existir também uma desmoralização dos seniores através de diálogos que transmitem demasiado cuidado e incapacidade (paternalismo), e assim, desta forma, é fomentada a criação de estereótipos e o desenvolvimento de discriminação. No entanto, são nas relações sociais intergeracionais, com indivíduos que não são íntimos, que prolifera o idadismo e a linguagem idadista para com os seniores (Williams & Nussbaum, 2001). Estudos apontam para comportamentos que incluem o desrespeito, evitamento, humor sarcástico, como também persiste a crença que os seniores são um fardo para a sociedade e para os serviços (Marques, 2011a).

Estas atitudes negativas podem ainda estender-se ao mercado de trabalho (Dennis & Thomas, 2007), onde os adultos seniores são rejeitados e, por vezes até, mal tratados. Isto pode ocorrer, quer seja na fase de recrutamento (onde a preferência é normalmente por pessoas jovens), como também no posto de trabalho, indo desde diferenças de remuneração como desvalorização de competências (Magalhães, et al., 2009). Da mesma forma, nos serviços de saúde onde os seniores passam a recorrer com mais frequência quando a idade avança, quer sejam serviços de saúde física ou mental, esporádicos, ou de longo prazo.

Desta forma, os seniores, percecionando estas atitudes contra eles, e mesmo que inconscientemente, isolam-se e estão propensos a ser membros passivos da sociedade (Rodin & Langer, 1980).

Como resultado, Palmore (1999) revela que podem existir quatro formas distintas de resposta dos seniores perante as situações de idadismo. A primeira, “aceitação”, reproduz-se através de uma infelicidade para com o seu papel, afastando-se de forma voluntária; a “negação” revela-se pelo desejo e ação para parecer mais jovem, rejeitando a realidade; a terceira, “evitamento”, pode traduzir-se desde o isolamento ao suicídio, e por vezes a introdução de dependências como o álcool; por fim, a “reforma” tem consciência das formas de discriminação e das crenças associadas, procurando contrariá-las com atividades que saiam do esperado socialmente para determinada faixa etária.

Como já mencionado, o idadismo em Portugal apresenta-se focalizado principalmente nos seniores, no entanto, o idadismo também afeta os mais jovens. Os resultados de 2008/2009 do

*European Social Survey* revelam que os jovens com idades na faixa dos 20 anos são percebidos com uma categoria social inferior aos sujeitos de meia-idade (casa dos 40 anos) e semelhantes aos seniores. As representações ambivalentes das formas de preconceito e de estereótipos estão associadas a “inveja” e “admiração”. No que diz respeito às formas de discriminação, 55% dos jovens europeus deste estudo (15-24 anos) afirmam terem já sofrido falta de respeito devido à sua idade, enquanto 41% respondem a discriminação mais flagrante, como maus tratos (Marques, 2011b). Ainda nos dados do *European Social Survey*, os jovens são tidos como ameaçadores em alguns países europeus, não só devido à criminalidade, mas principalmente em relação ao emprego, pois existe o receio de ser “ultrapassado” por um jovem apenas porque tem menos idade.

Podemos dizer que o baixo estatuto por se ser jovem parece ser muito semelhante ao baixo estatuto partilhado pelo grupo sénior, em alguns países europeus e, apesar de em Portugal, os dados relativos ao idadismo relativo aos jovens não ser muito disseminado, 23% dos participantes jovens portugueses (15-24 anos) referiram que já foram alvo de discriminação idadista.

Assim, conscientes de que o idadismo prolifera em largo espetro, e tomando como realidade as graves consequências para os seniores, para os jovens, e para a sociedade em geral, temos como uma das variáveis resultado a diminuição do idadismo entre os seniores e os jovens.

### **3.3.1.2. Promoção de um autoconceito positivo**

Para além do afastamento das gerações promover atitudes e práticas idadistas, também ocorrem efeitos importantes na formação da identidade dos indivíduos de diferentes idades.

Os estudos acerca da discriminação e a formação da identidade, têm tido por base a raça, a etnia ou o género (Kaspar & Noh, 2001), no entanto, recorreremos à generalização para o fenómeno do idadismo, pois o processo de construção psicológica deste tipo de discriminação acontece por estratificação ou categorização da idade e assim a identidade do indivíduo será também construída pelas atitudes negativas que o grupo geracional de pertença atrai.

Antes de mais, a identidade, segundo Erikson (1968) implica, principalmente, o desenvolvimento de um autoconceito coerente ao longo do tempo e do espaço, para além que proporciona uma direção ou sentido na criação e concretização de objetivos pessoais, como de cumprimento de valores ou ideais. Formar a identidade ou obter um conhecimento sobre si é influenciado e pressionado por fatores quer pessoais, quer sociais, dependentes do contexto. Segundo Marcia (1980), a identidade implica também uma autoestruturarão interna ou autoconstrução, que organiza a informação que o sujeito recebe, como as crenças, as suas competências, descobertas, a sua história, entre outros aspetos.

A formação da identidade está fundamentada em toda a vida, havendo fases mais precoces, onde é fundamental as bases de uma formação, e em fases mais tardias, tornando-se importante o fortalecimento da mesma. As fases mais precoces, em Erikson (1968) até à quinta etapa da “Identidade vs. Confusão da identidade”, são aquelas onde predominam a influência familiar com mais veemência e que trazem consequências mais vincadas para o resto da vida. É na infância e juventude que o equilíbrio parental e o convívio com os avós, ou membros de outra geração, se tornam importantes para a formação de valores e ideais da criança ou do adolescente. As

transformações decorrentes desta fase fundem-se com aspetos como a integração do adolescente num papel na sociedade e num ou mais grupos que compõem o seu leque de conhecimentos contextuais, tornando-se importante a identificação com outros que apoiarão as suas convicções (Erikson, 1968). Por esta razão, é principalmente nesta fase onde se dá um maior incentivo à criação de estereótipos e fomentação da discriminação entre os grupos (French, Allen, Aber & Seidman, 2006), apesar deste processo começar muito cedo na infância (Nesdale, 2004; Ward, 1997). Torna-se pois relevante a atuação das gerações mais velhas na passagem de padrões sociais e valores importantes agindo como exemplo passível de servir de termo de comparação (Erikson, 1968).

Nos adultos mais velhos atua, segundo Erikson (1968), a fase da vida “Generatividade vs. Estagnação”, como importante estágio de desenvolvimento na fundamentação da identidade. Os seniores, como parte integrante da sua família e da sua sociedade revelam a necessidade de transmissão de conhecimento e de desempenhar um papel de cuidadores, características patentes na fase de desenvolvimento em que se encontram. Predomina a necessidade de transmitir a experiência ganha ao longo da vida às gerações futuras, como forma de garantir o legado e ser útil para os outros. As gerações mais novas desempenham um papel fundamental como recetores desse conhecimento e como potenciais continuadores de uma história.

A associação entre a identidade e a sua formação, por influência de fatores sociais, leva-nos à teoria da identidade social (Tajfel & Turner, 1979). A perceção do indivíduo acerca da sua inserção num grupo ou categoria pode acarretar consequências ao nível da sua imagem que são fruto de um processo que associa o sentido do “eu” a uma membresia, fazendo com que o indivíduo se sinta parte integrante e aceite de uma sociedade, contribuindo fortemente para o seu bem-estar e autoestima. Neste processo de identificação podemos reconhecer três fases. A primeira, que se entende por categorização social, existe uma tendência para categorizar os outros e nós próprios em grupos, como forma de facilitar o entendimento sobre o mundo que nos rodeia (Allport, 1954). Na segunda, identificação social, adotamos a identidade do grupo em que nos auto categorizámos. Depois de estabelecermos uma ligação com um grupo, acarretando um significado emocional nesta ligação, inicia a última fase, em que a tendência para compararmos o nosso grupo com os restantes faz parte da “sobrevivência” da identidade social, como forma de preservar a nossa autoestima. Competir, é portanto, uma via para resguardar a imagem pessoal que depende da imagem grupal, sendo isto fundamental para explicar a ocorrência de hostilidade e discriminação entre grupos. A partir daqui compreendemos que o indivíduo irá apoderar-se inconscientemente das características ou estereótipos da categoria na qual está identificado, como se fossem intrinsecamente suas.

Fazendo uma ponte com o nosso tema, o jovem ou o sénior que reconhece a sua pertença à geração/categoria correspondente à sua idade, percebe e vivencia as características que a sua cultura generaliza. Para além disto, a identidade social é essencialmente fortalecida pelas experiências pessoais que confirmam as crenças acerca do próprio grupo (Tajfel & Turner, 1979). O estudo de Kornadt e Rothermund (2011) revela uma associação significativa entre os estereótipos relativos à idade e a visão atual sobre si, com repercussões no seu autoconceito. Apesar desta internalização de estereótipos ser mais forte nas pessoas séniores, os resultados estendem-se mesmo nas faixas etárias mais jovens (Harris-Britt, Valrie, & Kurtz-Costes, 2007).

Como temos vindo a justificar, muitas vezes a informação que corresponde ao nosso grupo de pertença desempenha um papel de “profecias auto cumpridas” (Levy, 1996), isto é, se ser sénior é ser cada vez mais incompetente aos olhos da sociedade (Fiske, 2000), este irá ter mais tendência para se comportar como alguém com pouca competência quando se apresenta em alguma tarefa que o necessite (Marques, 2011a).

Um maior efeito dos estereótipos negativos pode existir quando o grupo geracional tem um maior favoritismo exogrupal, como é o caso da tendência das pessoas seniores preferirem pertencer a um grupo geracional diferente do seu, como é o caso de Portugal. Este descontentamento perante a sua idade e com o que esta pode atrair, leva muitas vezes as pessoas a mentir acerca da sua idade real ou a socorrerem-se de intervenções cirúrgicas, como métodos para adiar a passagem para a categoria “sénior” (Marques & Lima, 2010). No estudo de Weiss & Lang (2009) verificou-se que as pessoas seniores utilizam uma identidade etária dupla como função compensatória: o grupo etário e a geração a que pertencem. A identificação com a sua geração provocou maior bem-estar do que a identificação com o seu grupo etário, pois este último era associado a aspetos ameaçadores da velhice. Esta situação reflete a utilização de uma idade subjetiva (idade que a pessoa sente que tem), em contraste com a sua idade real, muitas vezes tentando fazer frente a estereótipos negativos que reconhece perante a sua idade.

Desta forma, torna-se mais vantajoso quando o ambiente que circunda o sénior é mais positivo. Por exemplo, os estudos levados a cabo por Becca Levy apontam para atitudes mais positivas na velhice, quando esta é pensada de forma também positiva (Levy, Hausdorff, Hencke, Wei, 2000; Levy, Slade, Kasl, 2002; Levy, Slade, Kunkel & Kasl, 2002; Levy & Myers, 2004), e quando o sénior permanece em contextos sociais mais positivos, com impacto na saúde e na longevidade (Levy, 1996).

O estudo de Kessler e Staudinger (2007), já descrito anteriormente, é um exemplo da operacionalização dos conceitos de Erikson, tendo em conta os dois estádios de desenvolvimento que temos vindo a refletir, ao mesmo tempo que privilegia o contacto intergeracional para benefício das gerações e para a diminuição do idadismo.

Trabalhar ao nível da identidade pode trazer benefícios para os sujeitos, no sentido em que esta pode ser um recurso fundamental para enfrentar as consequências negativas das ações discriminatórias vividas (Kaspar & Noh, 2001), concretamente trabalhando ao nível da autoestima e da aceitação própria, vendo cada fase da vida, não como uma limitação, mas como uma oportunidade. Pela importância da identidade na vida dos indivíduos, incluímos também como variável resultado a promoção de um autoconceito positivo nos seniores e nos jovens.

### **3.3.2. A variável independente – contacto intergrupais positivo**

Quando a intervenção tem como objetivo principal alterar o comportamento discriminatório entre grupos, a literatura prova a importância da teoria do contacto intergrupais (Jarrot, 2011). A meta-análise realizada por Pettigrew e Tropp (2006), revela que o contacto intergrupais reduz claramente o preconceito entre grupos. Existem também provas de que os efeitos do contacto intergrupais podem ser generalizados para além da situação imediata de contacto, revelando a possibilidade de obter

resultados positivos noutros contextos e com outros membros do grupo que estavam fora da situação manipulada. Estes autores elucidam ainda que, o contacto intergrupar, pode abranger uma variedade de contextos de aplicação, como também de grupos, idades e áreas geográficas.

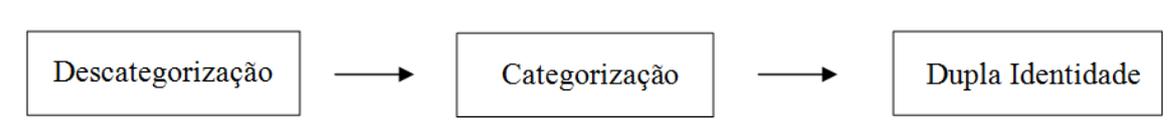
A categorização social, que queremos trabalhar através do contacto, revela-se nos indivíduos através de várias respostas como por exemplo: a tendência para valorizar em supremacia a sua categoria ao reter informação mais detalhada e positiva sobre o endogrupo (resposta cognitiva); ao experienciar espontaneamente emoções mais positivas relativamente ao seu grupo (resposta emocional); e ao serem mais prestáveis ao endogrupo do que ao exogrupo (resposta comportamental) (Dovidio, Gaertner & Kawakami, 2003).

Como forma de estimular uma nova visão sobre o cenário de contacto intergrupar, diversos autores testaram algumas possíveis representações sociais que têm como objetivo substituírem a representação por categorias distintas, isto é, estas representações surgem como possíveis estratégias cognitivas com o intuito do indivíduo repensar a estrutura com que encara os grupos ou as categorias em questão. É através do contacto intergrupar positivo que se podem estimular diferentes formas de pensar sobre os grupos. Neste sentido, a literatura salienta três possíveis representações sociais: 1) *Descategorização* (Brewer & Miller, 1984), que tem como finalidade levar os indivíduos a diluir as fronteiras que separam os grupos e estimular a uma visão personalizada, ou seja, uma visão como indivíduos separados e não como membros de um grupo. A anulação das categorias e a saliência dos indivíduos “obriga” a alterar a percepção de diferenças entre os membros do endogrupo e do exogrupo. Essa alteração traduz-se na avaliação dos indivíduos como mais semelhantes entre si. A personalização decorrente desta representação pressupõe uma disponibilidade dos sujeitos para conhecerem os membros do exogrupo, construindo uma ligação importante para o indivíduo e não para o grupo; 2) *Recategorização* (Gaertner, Dovidio, Anastasio, Bachman & Rust, 1994), que prevê a transformação de dois grupos para um único grupo, formando um novo endogrupo, atraindo o favoritismo endogrupal e beneficiando todos os membros. Essa alteração traduz-se na percepção de uma *identidade comum* e na revalorização dos membros do exogrupo; e 3) *Dupla identidade* (Gaertner & Dovidio, 2000) que pressupõe uma recategorização num grupo supra ordenado mantendo a saliência dos grupos. Ao mesmo tempo que a inclusão dos membros do endogrupo e do exogrupo num grupo único cogita a alteração de percepção das diferenças entre estes, a saliência das categorias prevê a manutenção das diferenças. Estas duas percepções diferenciadas colocam o indivíduo numa posição de dupla identidade: o seu grupo de origem e um novo grupo supra ordenado.

Com base nestas estratégias e nas vantagens do contacto positivo potenciar novas visões sobre a categorização, este projeto realizar-se-á através de um modelo de mudança do idadismo através do contacto em três processos distintos de representações sociais, com base no estudo de Guerra, Rebelo, Monteiro, Riek, Mania, Gaertner e Dovidio (2010). O modelo de mudança apresentado (figura 1) pretende em primeiro lugar, através da *descategorização*, direccionar a visão dos sujeitos, não para os seus grupos geracionais, mas para os membros individualmente, por forma a desviar a atenção de ideias preconcebidas. Depois disto, pretende-se salientar as categorias dos grupos novamente com o intuito dos mesmos perceberem a existência de dois grupos distintos, para que, seguidamente,

possamos induzir a representação de *dupla identidade*. Nesta última almeja-se que os grupos se identifiquem com o seu grupo geracional de pertença (geração dos jovens e geração dos seniores) ao mesmo tempo que se enquadrem num grupo supra ordenado (grupo que faz parte da mesma comunidade).

Figura 1. Modelo de mudança do comportamento idadista



No entanto, para além das provas concretas acerca da validade da aplicação do contacto entre grupos de forma a diminuir as ações discriminatórias, existem algumas condições que, apesar de não serem indispensáveis, estruturam a intervenção.

### 3.3.3. As variáveis mediadoras

#### 3.3.3.1. Tomada de perspetiva

A tomada de perspetiva<sup>2</sup> tem sido estudada como ingrediente fundamental na relação entre as pessoas e os grupos, sendo correlacionada também com a formação de estereótipos. Exemplo disto são os três estudos efetuados por Galinsky e Moskowitz (2000) que revelaram que a tomada de perspetiva pode ser uma estratégia eficaz para a desconstrução de um pensamento social. Neste sentido, os autores verificaram que os grupos que eram estimulados à tomada de perspetiva aumentaram as avaliações positivas relativamente ao alvo, como também reduziu a acessibilidade e a utilização de estereótipos negativos. Este fenómeno foi verificado quando a categoria-alvo era “sensível”<sup>3</sup> socialmente (e.g. africo-americanos) ou quando não era muito “sensível” socialmente (e.g. seniores), e até mesmo quando a categoria não era conhecida pelos participantes.

Assim, a tomada de perspetiva pode ser utilizada como um método a incluir nas intervenções intergeracionais, facilitando a redução do preconceito e dos estereótipos negativos relativamente ao outro grupo. Neste caso, a tomada de perspetiva encontra-se como mediadora ou como efeito indireto entre o contacto intergrupual positivo e as duas variáveis apresentadas em seguida. Tendo em conta que os grupos têm tendência para tomarem a perspetiva do seu próprio grupo, incentivar a

<sup>2</sup> A tomada de perspetiva define-se, de uma forma geral, como uma estratégia de “contemplação ativa de experiências psicológicas dos outros” que trará benefícios ao próprio e a relações interpessoais ou intergrupais (Todd, Bodenhausen, Richeson & Galinsky, 2011).

<sup>3</sup> O termo “sensível” utilizado pelos autores diz respeito à caracterização de categorias que podem ser mais ou menos reconhecidas como problemáticas ou suscetíveis de evidenciar atitudes mais negativas por parte dos participantes. Neste caso, a categoria “afro americanos” foi considerada como reconhecida onde o preconceito pode estar mais enraizado, do que por exemplo na categoria “seniores” que não causou um impacto semelhante nos participantes.

tomar a perspectiva do outro pode contrariar o egocentrismo e o favoritismo endogrupal, podendo induzir empatia entre os grupos intergeracionais, facilitando a aprendizagem sobre o exogrupo e a criação de laços afetivos.

### **3.3.3.2. Aprendizagem sobre o exogrupo e criação de laços afetivos**

Fatores cognitivos e afetivos são também importantes na situação de contacto. Dovidio, Gaertner & Kawakami (2003) nomeiam *fatores cognitivos* com dois subfactores: a *aprendizagem sobre o exogrupo* que permite ter em conta informação individualizada e mais positiva dos membros, consentindo um decréscimo do desconforto na situação de contacto, para além de estabelecer uma maior sensibilidade perante costumes, cultura e normas dos outros; e as *representações sociais* que já referimos anteriormente (de categorização, recategorização e dupla identidade). Para além dos cognitivos, os *fatores afetivos* desempenham um papel fundamental na redução do enviesamento discriminatório entre os grupos. Pettigrew e Tropp (2006) fazem uma ligação entre ansiedade e o contacto intergrupar, revelando que as emoções desempenham um papel crítico na redução do preconceito. Assim, diminuir a ansiedade através da criação de laços afetivos é vantajoso para as relações intergrupais.

Tanto a aprendizagem sobre o exogrupo como a criação de laços de laços afetivos na condição de contacto pode estimular a alteração de comportamento por parte dos indivíduos. Por esta razão desempenham o papel de mediadoras no modelo apresentado em seguida.

### **3.3.4. As variáveis moderadoras - estatuto igualitário, apoio da autoridade, partilha de objetivos comuns e cooperação intergrupar**

Na sequência dos primeiros estudos neste campo, Allport (1954) elaborou a hipótese de que o contacto intergrupar poderia diminuir a discriminação entre os grupos, desde que estejam presentes quatro pré-requisitos. Tal como Pettigrew (1998) sintetiza, a primeira condição essencial prende-se com o *estatuto de igualdade* entre os grupos, defendendo que os mesmos teriam que ter consciência dessa igualdade dentro da situação onde interagiam. A segunda condição é a *partilha de objetivos comuns*, ou seja, é necessário que os grupos estejam orientados para a partilha de metas, e que, juntamente com a condição seguinte - *cooperação intergrupar* – trabalhem juntos para atingirem algo que se torna importante para todos. A quarta condição, *apoio da autoridade*, fornece ao contacto intergrupar maior aceitação, pois este tem por base alguma lei, tradição, instituição de autoridade, que credibiliza o trabalho a ser realizado.

Pettigrew e Tropp (2006) declaram que, intervenções estruturadas segundo estas condições ótimas obtinham, em média, um maior tamanho do efeito relativamente a outras intervenções. Na verdade, desenhar um contacto estruturado potencia um maior efeito na redução do preconceito intergrupar. No entanto, estes autores mostram que, apesar destes resultados, as condições não são estritamente necessárias no contacto intergrupar, pois amostras que não continham estes requisitos obtiveram uma ligação significativa entre o contacto e o decréscimo do preconceito intergrupar. Desta forma, as condições de Allport não se colocam como regra obrigatória no desenho de intervenções que procurem a diminuição do preconceito, no entanto, funcionam como linhas de orientação ou

condições facilitadoras para resultados mais positivos na situação de contacto, privilegiando a sua integração conjunta e não como fatores separados.

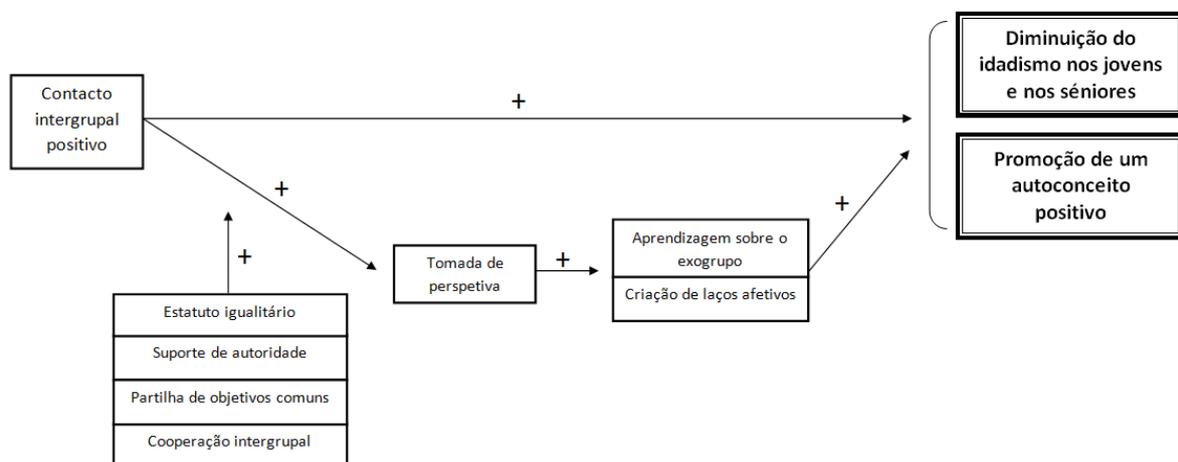
Assim, pretende-se com este trabalho recorrer a estas quatro condições para facilitar o contacto positivo entre os grupos geracionais. Estas variáveis situam-se nesta intervenção como moderadoras da relação entre o contacto intergrupar positivo e as variáveis resultado (VR). Existe assim um contributo significativo da relação entre o contacto e as moderadoras sobre as VR.

### 3.4. Modelo teórico de processo

Depois desta revisão, torna-se importante sintetizar as relações estabelecidas entre as variáveis através de um modelo teórico de processo (Buunk & Van Vugt, 2007) quando se tem como alvo a realização de uma intervenção. Apesar desta intenção, salientamos que a criação deste modelo teórico não tem como objetivo ser testado experimentalmente, mas sim orientar e estruturar a intervenção.

Assim, apresentamos o modelo teórico de processo (figura 2) que representa a dinâmica entre as variáveis analisadas. Como podemos verificar, o contacto intergrupar positivo tem um efeito direto e positivo sobre duas variáveis resultado: em primeiro, sobre a diminuição do idadismo nos jovens e nos seniores através da oportunidade que proporciona para a desconstrução das ideias pré concebidas acerca do exogrupo e, em segundo, sobre a promoção de um autoconceito positivo, quando num contexto igualmente positivo e de aceitação, o indivíduo tem oportunidade de refazer as ideias ou as profecias autocumpridas acerca de si e/ou do endogrupo. Depois disto, referimos que existe uma mediação dupla que reflete um efeito indireto onde o contacto tem um efeito positivo na tomada de perspetiva, e esta, por sua vez, influencia também positivamente a aprendizagem sobre o exogrupo e a criação de laços afetivos, finalmente originando efeito positivo sobre as variáveis resultado. A relação entre o contacto intergrupar e a tomada de perspetiva depende da influência moderadora das quatro condições de Allport (estatuto igualitário, suporte de autoridade, partilha de objetivos comuns e cooperação intergrupar), no sentido em que quando estes fatores estão presentes, os efeitos do contacto nas variáveis dependentes são facilitados.

Figura 2. Modelo teórico de processo



### 3.5. Objetivos gerais

Os nossos objetivos gerais, como já temos vindo a referir, são:

- i) Diminuir significativamente o idadismo entre os jovens e os seniores;
- ii) Promover um autoconceito mais positivo nos indivíduos.

### 3.6. Hipóteses

Tendo em conta o modelo anterior, as hipóteses relativas a este projeto de intervenção são:

H1: O contacto intergrupar positivo tem um efeito positivo e direto na diminuição do idadismo entre os jovens e os seniores e na promoção de um autoconceito positivo.

H2: O contacto intergrupar positivo influencia positivamente a tomada de perspetiva e esta tem um efeito positivo sobre a aprendizagem sobre o exogrupo e a criação de laços afetivos, influenciando por sua vez as variáveis resultado.

H3: O estatuto igualitário, o suporte de autoridade, a partilha de objetivos comuns e a cooperação intergrupar, moderam positivamente a relação entre o contacto intergrupar positivo e a tomada de perspetiva.

## IV. DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES

### 4.1. Contexto institucional e questões de partida

O diagnóstico seguinte foi realizado numa instituição pública - a junta de freguesia da Lapa - e os dados reportados neste ponto advêm de informação recolhida junto dos técnicos através de entrevistas (anexo 3) e de documentos internos referentes às áreas seguidamente descritas, como forma de gerar uma contextualização.

Esta freguesia contém cerca de 8500 habitantes e a junta é composta por um presidente e por quatro vogais. Possui ainda quatro funcionários pertencentes aos serviços gerais, como contabilidade, vencimentos e assessoria ao executivo, como também cerca de 14 colaboradores distribuídos por diversos departamentos e projetos. A junta da Lapa encerra vinte pelouros, repartidos pelos quatro vogais. Esta análise tem como objetivo focar dois projetos integrados nos pelouros da educação e da ação social.

Um deles, o Nós da Juventude, que é diretamente orientado pelo departamento da educação, é um projeto direcionado para as crianças e jovens entre o 5º e o 12º ano de escolaridade. Este tem como valências a área das competências pessoais e sociais dos alunos, complementando com a área lúdica e ainda desportiva. Estas crianças e jovens advêm de escolas integradas na freguesia da Lapa, maioritariamente de escolas públicas e as famílias caracterizam-se por serem essencialmente monoparentais e, em média, possuem um nível socioeconómico médio. A equipa do Nós da Juventude é constituída por duas psicólogas que se dedicam em primazia ao desenvolvimento de competências pessoais e sociais e à formação parental. A área lúdica é gerida por uma educadora de infância com o apoio de duas auxiliares de educação. A área desportiva é assegurada por um

professor de educação física. Para além destes funcionários da junta, a equipa integra todos os anos estagiários, primordialmente da área da psicologia. No ano letivo 2011/2012, o Nós da Juventude contou com cerca de 80 alunos entre o 5º e o 9º ano, integrando diversas atividades de segunda a sexta-feira.

Um outro projeto onde este diagnóstico se dedicou, foi a Academia Sénior que tem como intuito oferecer aos fregueses a partir dos 55 anos a possibilidade de assistirem a aulas das mais diversas áreas e desenvolver competências várias, pagando consoante os seus rendimentos. No mesmo ano letivo, integraram aproximadamente 100 alunos de segunda a sexta-feira, que pertencem primordialmente à freguesia da Lapa. Neste projeto empenham-se essencialmente colaboradores dos serviços gerais da junta, nomeadamente a pessoa responsável pela assessoria do executivo, que exerce aqui funções de técnica de ação social. Esta colaboradora articula o seu trabalho diretamente com a vogal da educação e com a vogal da ação social.

As atividades educacionais do Nós da Juventude e a Academia Sénior partilham as mesmas instalações, sendo que existem espaços dedicados exclusivamente a um e a outro projeto podendo existir, no entanto, alguma flexibilidade. Apesar desta disponibilidade de contacto entre os seniores e as crianças e jovens do Nós da Juventude, proporcionada pela partilha do espaço, este verifica-se raramente. Neste sentido, parece ser clara a separação entre os indivíduos destas duas gerações.

O diagnóstico seguinte é realizado tendo por base informação recolhida através de vários métodos e alvos. O mesmo foi facilitado pela presente aluna como estagiária durante nove meses no local, o que auxiliou o relacionamento entre as pessoas e a possibilidade de estender a sua intervenção.

A presente análise tem por base quatro questões essenciais respondidas pelos jovens e seniores dos projetos, como também por quatro atores chave relevantes dentro da instituição. Estas questões foram definidas procurando analisar alguns fatores mais relevantes identificados no nosso modelo de intervenção. As duas primeiras questões procuram aferir em que grau faz sentido intervir nas variáveis dependentes identificadas no nosso modelo (idadismo e autoconceito). A terceira pergunta pretende compreender o grau e o tipo de contacto real e percebido entre as gerações de modo a fornecer informação relevante para a intervenção. A última questão, procura perceber qual a atitude face à realização de atividades intergeracionais, neste caso, se existe a intenção de participar no projeto desenhado. Assim, nas nossas questões são:

#### **Quadro 1. Questões de partida do diagnóstico**

1. Existe idadismo na instituição?
2. Como é que os seniores e os jovens se veem a si próprios?
3. Como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?
4. Qual é a atitude face a relações e atividades intergeracionais?

Seguidamente será explicado qual o método adotado para este diagnóstico e os resultados do mesmo apresentam-se explanados de forma a responder às perguntas de investigação supracitadas, pela mesma ordem de apresentação anterior.

## 4.2. Método

Com o intuito de proceder a uma investigação de qualidade, recorreremos a uma triangulação de metodologias com o propósito de estudar as questões levantadas anteriormente. A integração de diferentes métodos poderá permitir uma diminuição de ocorrência de erros ou desvantagens associadas às metodologias quando aplicadas individualmente e garantir uma maior precisão e rigor na recolha e interpretação de dados (Jick, 1979). A triangulação nas ciências sociais implica então uma complementação entre métodos qualitativos e quantitativos, sendo estes importantes pelas vantagens que acarretam.

Assim, o método qualitativo é um campo de investigação que tem como intuito obter uma visão mais profunda e holística das situações e da visão dos indivíduos sobre os contextos sociais onde estão inseridos. Apesar de ser uma análise morosa, privilegia por ser flexível e capaz de encontrar outros conceitos e ideias inerentes à investigação (Demo, 2006). Já o método quantitativo parte do conhecimento teórico e/ou empírico, baseando-se em hipóteses testadas em amostras preferencialmente significativas. Os dados recolhidos em instrumentos testados e pré-definidos, são avaliados e irão corroborar ou aceitar as hipóteses em questão (Duarte, 2009).

É privilegiando todas estas vantagens das metodologias qualitativas e quantitativas, que descrevemos seguidamente todos os instrumentos empregados no diagnóstico de necessidades (dois instrumentos qualitativos e dois quantitativos) pela ordem temporal em que foram aplicados: entrevistas a atores chave, inquéritos e *Single-target – Implicit Association Test* a jovens e a seniores e Escala de Observação Intergeracional (EOI) a jovens e a seniores. Como foram utilizadas diferentes amostras consoante os instrumentos, em cada um explanamos qual a amostra utilizada e quais as suas principais características.

### 4.2.1. Entrevistas a atores chave

A utilização de entrevistas nas ciências sociais mostra-se vantajosa quando se pretende recolher uma maior quantidade de informação e conhecer a opinião dos sujeitos acerca de assuntos específicos. A utilização da entrevista como método de recolha de dados exige ao entrevistador uma preparação que vai desde o planeamento da entrevista ao tratamento e interpretação dos dados (Boni & Quaresma, 2005).

#### 4.2.1.1. Amostra

Para este método descritivo optou-se por analisar a perspectiva individual de quatro técnicas, pela importância da sua posição dentro da instituição. Assim, foram entrevistadas duas psicólogas do Nós da Juventude. Para maior facilidade iremos mencionar Psicóloga 1 (com funções de coordenação) e Psicóloga 2. A terceira entrevistada foi a vogal da educação da junta da Lapa, que exerce as suas funções há cerca de dois anos de mandato político. A última entrevistada é técnica de ação social. A tabela seguinte resume as principais características desta amostra, relacionando-a com os projetos em que estão inseridas e as funções correspondentes.

<b>Quadro 2. Caracterização da amostra das entrevistas a atores chave</b>					
<b>Entrevistados</b>		<b>Psicóloga 1</b>	<b>Psicóloga 2</b>	<b>Vogal da educação</b>	<b>Técnica de ação social</b>
<b>Sexo</b>		Feminino			
<b>Idade</b>		Entre 30-40 anos	Entre 20-30 anos	Mais de 65 anos	Entre 30-40 anos
<b>Nacionalidade</b>		Portuguesa			
<b>Escolaridade</b>		Mestrado	Mestrado	Licenciatura	Mestrado
<b>Projetos onde há envolvimento</b>	<b>Nós da Juventude</b>	Coordenadora	Psicóloga	Coordenadora geral	-----
	<b>Academia Sénior</b>	-----	Professora da disciplina de psicologia	Coordenadora geral	Assessora do executivo; professora da disciplina de sociologia
<b>Envolvimento primordial com as gerações</b>	<b>Geração sénior</b>		✓	✓	✓
	<b>Geração jovem</b>	✓	✓		

Em jeito de contextualização, podemos referir que a vogal da educação da junta, não permanece nas instalações da junta constantemente, pois as suas funções estão determinadas apenas para meio tempo, como se insere no regulamento das juntas de freguesia. No entanto, a sua disponibilidade parece ser mais primordial com o público sénior que participa na Academia Sénior, do que com as crianças e jovens, mesmo sendo também uma das áreas que dirige. A direção que exerce sobre o Nós da Juventude é realizada através da Psicóloga 1. Da mesma forma, a técnica de ação social focaliza as suas funções para o seu projeto, estando em maior contacto com a população sénior, tanto formal como informalmente. Da mesma forma, as duas psicólogas exercem as suas funções primordialmente no Nós da Juventude e possuem um contacto constante com as crianças e jovens inscritos.

#### **4.2.1.2. Instrumento**

A estrutura escolhida para recolher informação aos atores chave da instituição é a semiestruturada. A entrevista semiestruturada procura seguir um guião predefinido mas beneficia de flexibilidade por parte do entrevistador, permitindo acrescentar perguntas que explorem algum ponto que seja do interesse da investigação. Ao contrário da entrevista estruturada, a semiestruturada proporciona maior informalidade, não descurando a direção e os objetivos desejados na conversa (Boni & Quaresma, 2005).

Desta forma o guião base da entrevista (exemplo no anexo 2) é constituído por treze perguntas que têm como intuito responder a cinco dimensões que estão relacionados com as questões de partida a que se pretende responder através deste diagnóstico: Idadismo entre jovens e seniores, Autoconceito dos jovens e dos seniores, Contacto intergeracional e Atitude face a relações e atividades intergeracionais. A dimensão 1 (Instituição/projeto) foi introduzida de forma a obter

informação adicional sobre a junta de freguesia e os projetos implicados, e por isso não se encontra como dimensão principal. A tabela seguinte explana quais as questões subjacentes a cada dimensão.

**Quadro 3. Correspondência das questões de partida pelos itens do guião da entrevista**

1. Instituição/projeto	Perguntas 1 a 4
2. Idadismo entre jovens e seniores	Pergunta 8
3. Autoconceito dos jovens e dos seniores	Pergunta 5
4. Contacto intergeracional	Perguntas 6 e 7
5. Atitude face a relações e atividades intergeracionais	Perguntas 9 a 13

#### **4.2.1.3. Procedimento**

Para a análise das entrevistas foi utilizado o método de análise de discurso com base nos passos propostos por Potter e Wetherell (1987) e que se ajustam à realização de entrevistas – 1) procura de questões; 2) seleção da amostra; 3) realização das entrevistas; 4) transcrição; 5) codificação; 6) análise; 7) validação; e 8) conceção do relatório/resultados. Na análise de discurso é necessário ainda ter em conta as principais componentes do discurso que se resumem desta forma pelos autores anteriores: “a *função* envolve a *construção* de versões e isso é demonstrado pela *variação* de linguagem” (p.33). Esta afirmação revela que a linguagem, entendida como ação e não apenas como um meio para os indivíduos comunicarem, possui variadas funções consoante os contextos e alvos, e desta forma o sujeito constrói as suas falas originando diferentes versões das situações, e por isso mesmo a linguagem varia necessariamente. Assim, apresentamos em seguida o procedimento adotado para esta análise em cada passo referido anteriormente:

- 1) Procura de questões: as questões formuladas na entrevista são exatamente as questões de partida formuladas anteriormente: a) Existe idadismo na instituição?; b) Como é que os seniores e os jovens se veem a si próprios?; c) Como se caracteriza o contacto entre jovens e seniores na instituição?; e d) Qual é a atitude face a relações e atividades intergeracionais?
- 2) Seleção da amostra: esta amostra foi selecionada por se considerar importante a opinião aprofundada da liderança e de técnicos dos dois projetos.
- 3) Realização das entrevistas: foi feita marcação antecedente com os atores chave da instituição e as mesmas foram efetuadas individualmente.
- 4) Transcrição: com a permissão das entrevistadas, as conversas foram registadas através de um gravador áudio e posteriormente transcritas para análise (anexo 3). Na transcrição foi utilizado um método de codificação sugerido por Jefferson (1984) de forma a ser a mais pormenorizada possível. Para facilitar ao leitor a identificação da codificação utilizada, o anexo 4 possui os códigos principais utilizados nas transcrições.
- 5) Codificação: a codificação do texto foi pré definida através das dimensões ou questões principais que identificámos anteriormente (Idadismo entre jovens e seniores, autoconceito dos jovens e dos seniores, Contacto intergeracional e Atitude face a relações e atividades intergeracionais), sendo isto facilitado pela existência de perguntas do guião específicas a responder a estas categorias (quadro 2).

- 6) Análise: a análise foi realizada através da identificação de padrões de resposta às categorias (tendo em conta a variabilidade da linguagem e consistência) e de funções do discurso (Potter e Wetherell, 1987). Baseamo-nos ainda em Widdicombe (1993) para fundamentar a nossa atenção nas expressões utilizadas e na forma como os sujeitos utilizam a linguagem para descrever as situações, dando-nos muitas vezes resposta às nossas questões. Para isso apresentamos no corpo deste trabalho pequenos externos que exemplificam as nossas conclusões. Enfatizamos as ideias através da utilização de negrito, dando uma explicação sobre as interpretações sugeridas.
- 7) Validação: a validação da análise de discurso é realizada através de: a) coerência – encontro de padrões no quadro geral do texto, revendo se existem “pontas soltas” ou casos desviantes<sup>4</sup> (Potter, 1996; Potter e Wetherell, 1987); e b) orientação da fala dos sujeitos, tendo em conta aquilo que estes acham que é consistente e diferente, originando um reportório organizado e coerente ou, pelo contrário, incoerente ao longo de toda a conversa (Potter e Wetherell, 1987).
- 8) Conceção do relatório/resultados: os resultados serão apresentados a partir das quatro perguntas de partida supracitadas, visto que são as nossas categorias.

O procedimento apresentado aqui é aquele que é referenciado como sendo o que mais se aproxima de uma análise de discurso analítica, ou seja, verdadeira, por privilegiar a importância das respostas diretas que os participantes levantam acerca de determinados assuntos, tentando averiguar uma coerência de significados. De acordo com Gill (2004), a análise de discurso não é nada mais do que uma interpretação dos dados estudados, que requer “uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e funções do discurso” (p. 266).

#### **4.2.2. Inquérito e *Single-Target - Implicit Association Test* aplicado a seniores e a jovens**

Como forma de avaliar o idadismo em jovens e seniores, adotámos dois tipos de medidas: uma medida direta, com perguntas explícitas, em forma de inquérito, e uma medida indireta, especificamente o *Single-Target - Implicit Association Test* (ST-IAT). O ST-IAT consiste numa adaptação desenvolvida por Wigboldus, Holland e van Knippenberg (2004), da versão original do *Implicit Association Test* de Greenwald, McGhee & Schwartz (1998). O ST-IAT permite avaliar a atitude face a um determinado alvo (e.g. seniores) sem necessidade de incluir um segundo alvo (e.g. jovens).

O recurso a medidas indiretas ou implícitas tem aumentado uma vez que permite o acesso às respostas automáticas, ou não conscientes dos indivíduos, especialmente importante em contextos de forte desejabilidade social (Gouveia, Athayde, Mendes & Freire, 2011). Já a utilização de inquéritos sempre trouxe vantagens às ciências sociais exatamente por oferecer respostas diretas dos indivíduos acerca de assuntos de interesses vários (Benjamin & Rodolphe, 2001) e neste sentido, o inquérito apresentado procura compreender qual a opinião dos sujeitos acerca de duas gerações distintas. Neste sentido, a presente investigação irá testar as avaliações indiretas que os participantes

---

<sup>4</sup> Entende-se aqui por casos desviantes, as respostas que saem do padrão observado no conjunto de entrevistados.

concretizam acerca do exogrupo, ao mesmo tempo que será aplicado um inquérito, desejando que estes dois instrumentos se complementem nas suas conclusões.

Seguidamente os dois instrumentos serão explicados e a amostra caracterizada é comum a ambos.

#### 4.2.2.1. Amostra

Estes dois instrumentos foram aplicados a uma amostra de 35 seniores que frequentam a Academia Sénior da freguesia da Lapa, como também foi distribuído a 34 jovens do 7º ao 9º ano do Nós da Juventude no ano letivo 2011/2012. A caracterização geral dos seniores e dos jovens encontram-se nas tabelas seguintes.

<b>Quadro 4. Caracterização da amostra sénior e da amostra jovem para o inquérito e ST-IAT</b>		
<b>Amostras</b>	<b>Amostra sénior (N=35)</b>	<b>Amostra jovem (N=34)</b>
<b>Idade</b>	Dos 52 aos 82 anos ( $M=70,2$ , $DP=8,4$ )	Dos 11 aos 16 anos ( $M=13,7$ , $DP=1,3$ )
<b>Sexo</b>	77% do sexo feminino	56% do sexo masculino
<b>Escolaridade*</b>	68% com ensino universitário 18% com 12º ano 9% com primária completa 6% com 9º ano	38% com o 9º ano 29% com 7º ano 27% com 8º ano 6% com 6º ano
<b>Nacionalidade</b>	97% com nacionalidade portuguesa	94% com nacionalidade portuguesa
<b>Com quem vive?</b>	57% vive com o conjuge 21% vive sozinho	62% vive com os pais 35% vive só com o pai ou a mãe
<b>Vive com os seus netos?</b>	85% não vive com os netos	85% não vive com os avós

\*Devido ao arredondamento dos valores o total das percentagens pode ser superior a 100%.

#### 4.2.2.2. Instrumento - Inquérito

De forma a permitir responder às nossas questões de partida, para a construção do inquérito, foram adotadas medidas que detetassem o idadismo em três vertentes: estereótipos (cognição), discriminação (afeto) e preconceito (comportamento). Para além disso, foi controlado a frequência e a qualidade do contacto entre estes dois grupos, como também a atitude face às relações e atividades intergeracionais e por fim testamos ainda o autoconceito dos indivíduos.

Os inquéritos (anexo 5) foram adaptados à linguagem de cada grupo, isto é, o questionário dos seniores referia-se ao próprio na 3ª pessoa do singular, enquanto o questionário dos jovens estava escrito na 2ª pessoa do singular, como forma dos sujeitos se identificarem com o instrumento. Outro apontamento importante é que os questionários de cada grupo geracional começam por avaliar em primeiro lugar o exogrupo, ou seja, os seniores começam sempre por avaliar os jovens, e estes iniciam sempre a sua avaliação pelas questões referentes aos seniores. Algumas medidas repetem-se para que seja avaliado o exogrupo e depois o endogrupo (itens: 1 e 2; 3 e 5; 4 e 6), no entanto, outros itens são apenas dirigidos ao exogrupo (itens: 7; 8). Existem ainda outras que avaliam o endogrupo e o exogrupo conjuntamente (itens: 9; 10; 11; 12). Esta escolha ocorreu por forma a diminuirmos o tempo de resposta ao inquérito, não o tornando demasiado extenso. O contacto

também foi apenas respondido em relação ao exogrupo, dentro da família (item: 13) e fora da família (item: 14). O autoconceito foi medido através dos itens 15 e 16. As medidas demográficas para os dois grupos geracionais incidiam sobre o sexo, idade e data de nascimento (código para cruzamento de dados com a medida implícita), nacionalidade, país de origem e com que vive. Para o grupo de jovens foi questionada a escolaridade e se viviam com os avós. Aos seniores foi perguntado o nível máximo de escolaridade atingido e se viviam com os netos.

No início de cada questionário é referido ao participante que terá que basear as suas respostas em dois grupos distintos: o grupo de pessoas idosas com 60 anos ou mais e no grupo de jovens entre os 12 e os 15 anos, que correspondem às idades das amostras. No topo de cada questão foi frisado em qual dos grupos o participante tinha que focar a sua atenção para responder.

Antes de serem aplicados à nossa amostra, os questionários e o *ST-IAT* foram testados por três seniores, em que um destes pertence à freguesia da Lapa, e por três jovens do 9º ano que frequentam escolas da mesma freguesia, por forma a verificarmos o tempo de resposta e outros erros possíveis no preenchimento dos mesmos.

Seguidamente, apresentamos um quadro que detalha informação sobre cada medida utilizada, entre as quais, o tipo de medida, a qual questão de partida pretende responder e quais os valores de correlação dos itens quando aplicável. No anexo 6 encontra-se uma descrição mais detalhada de cada escala ou item utilizado, com a função de proporcionar ao leitor informação adicional.

Quadro 5. Descrição das medidas utilizadas no inquérito				
Dimensões de análise	Designação da escala	Origem	Itens (a numeração corresponde ao questionário na versão para os jovens)	<i>r</i>
Idadismo	Estereótipos de seniores positivos e negativos	Adaptado de Marques, Lima & Novo (2006)	Estereótipo positivo: 1.1; 1.5 Estereótipo negativo: 1.2; 1.3	<i>Estereótipo positivo:</i> Part. seniores: $r=.20^*$ Part. jovens: $r=.46^{**}$ <i>Estereótipo negativo:</i> Part. seniores: $r=.28^*$ Part. jovens: $r=-.16^*$
	Estereótipos de jovens positivos e negativos	Adaptado de Marques, Lima & Novo (2006)	Estereótipo positivo: 2.6; 2.7 Estereótipo negativo: 2.4; 2.8	<i>Estereótipo positivo:</i> Part. seniores: $r=.40^{**}$ Part. jovens: $r=.31^{**}$ <i>Estereótipo negativo:</i> Part. seniores: $r=.39^{**}$ Part. jovens: $r=.23^*$
	Perceção de competência e afetuosidade dos seniores	Fiske, Cuddy, Glick & Xu (2002)	3.1; 3.2	-----
	Perceção de competência e afetuosidade dos jovens	Fiske, Cuddy, Glick & Xu (2002)	5.1; 5.2	-----
	Perceção de variabilidade percebida de competência e afetuosidade dos seniores	Guinote, Mouro, Pereira, Monteiro (2007)	4.1; 4.2	-----
	Perceção de variabilidade percebida de competência e afetuosidade dos jovens	Guinote, Mouro, Pereira, Monteiro (2007)	6.1; 6.2	-----
	Estatuto social percebido dos seniores e dos jovens	Feddes, Monteiro & Justo (2011)	9	-----
	Perceção de identidade comum entre seniores e jovens	Adaptado de Gaertner & Dovidio (2000).	12	-----
	Emoções em relação aos seniores* *Esta questão foi apenas respondida pelos jovens	Adaptado de Fiske, Cuddy, Glick & Xu (2002)	7.3;7.4	$r=.08^*$
	Emoções em relação aos jovens* *Esta questão foi apenas respondida pelos seniores	Adaptado de Fiske, Cuddy, Glick & Xu (2002)	7.1; 7.2	$r=.32^{**}$
	Preconceito direto* *Esta questão foi apenas respondida apenas em relação ao exogrupo	Adaptado de Fiske, Cuddy, Glick & Xu (2002)	8	-----

Dimensões de análise		Designação da escala	Origem	Itens (a numeração corresponde ao questionário na versão para os jovens)	r
<b>Idadismo</b>	<b>Comport.</b>	Vontade de participar em atividades intergeracionais	Adaptado de Stremmel, Travis & Kelly-Harrison (1996)	10	-----
<b>Contacto</b>		Na família* *No caso dos seniores a pergunta foi direcionada para os netos e nos jovens para os avós.	Abrams, Crisp, Marques, Fagg, Bedford & Provias (2008)	13	-----
		Fora da família *No caso dos seniores a pergunta foi direcionada para os jovens e nos jovens para os seniores.	Adaptado de Stremmel, Travis & Kelly-Harrison (1996)	14	-----
<b>Atitudes face às relações e atividades intergeracionais</b>		Atitudes face às relações intergeracionais	Adaptado de Stremmel, Travis & Kelly-Harrison (1996)	11.1 a 11.3	11.1 e 11.2 r=.74***
		Perceção de disponibilidade para aprender e para ensinar	Adaptado de McAdams & Aubin (1992)	16.1 a 16.4	16.1 e 16.2: r=.42** 16.1 e 16.3: r=.20* 16.1 e 16.4: r=.11* 16.2 e 16.3: r=.18* 16.2 e 16.4: r=.23* 16.3 e 16.4: r=.25*
<b>Auto conceito</b>		Auto estereotipização dos seniores	Adaptado de Marques, Lima & Novo (2006)	Estereótipo positivo: 15.1; 15.5 Estereótipo negativo: 15.2; 15.3	Estereótipo positivo: r=.34** Estereótipo negativo: r=.16*
		Auto estereotipização dos jovens	Adaptado de Marques, Lima & Novo (2006)	Estereótipo positivo: 15.6; 15.7 Estereótipo negativo: 15.4; 15.8	Estereótipo positivo: r=.37** Estereótipo negativo: r=.41**

\*correlação fraca

\*\*correlação moderada

\*\*\*correlação elevada

#### 4.2.2.2. Instrumento – ST-IAT

Relativamente à medida implícita recorreremos à aplicação do *Single Target – Implicit Association Test (ST-IAT)* através do programa *Inquisit*.

Como referimos acima, o ST-IAT é uma medida implícita que visa avaliar a atitude automática dos indivíduos relativamente a grupos. Aqui, avaliamos o idadismo implícito face ao exogrupo dos participantes (Bluemke & Friese, 2008). Levy e Banaji (2004) definem o idadismo implícito como os estereótipos e as atitudes implícitas relativamente à idade, que operam fora do controlo do indivíduo.

A versão em português do ST-IAT utilizada nesta investigação é adaptada do IAT disponível no *website* da universidade de Yale, com estímulos apresentados que se resumem a uma associação de palavras positivas ou negativas às categorias idoso/jovem e bom/mau. Neste caso, cada grupo geracional associa palavras positivas (amor, alegria, paz, feliz, riso, maravilhoso) e negativas (terrível, mau, horroroso, malvado, ferido, horrível) ao seu exogrupo: os jovens associam às categorias IDOSO/BOM e IDOSO/MAU, e os seniores a JOVEM/BOM e JOVEM/MAU. Para que as associações sejam executadas, o participante acompanha as instruções dadas pelo programa, que informa das passagens para o bloco seguinte, por exemplo, da posição da categoria IDOSO da esquerda (ex: BOM) para a direita (ex: MAU). As respostas às associações são dadas através do teclado, onde a tecla I corresponde às categorias apresentadas à direita do ecrã, enquanto a tecla E corresponde ao lado esquerdo. Assim que o participante erra numa associação, basta-lhe premir a tecla correta para continuar. Para complementar estas explicações, o anexo 7 contém a estrutura detalhada do ST-IAT aplicado.

Por forma a controlar a posição das categorias BOM e MAU, criámos duas versões onde numa, BOM começa por se situar à direita e troca no segundo conjunto de blocos e vice-versa. Controlámos ainda a ordem de aparecimento dos blocos, em que numas vezes inicia o bloco compatível, e noutras o incompatível.

Os procedimentos seguintes de análise são baseados em Bluemke e Friese (2008). Por forma a verificarmos a ocorrência de idadismo, o *ST-IAT* constitui como variáveis dependentes a latência (a diferença de tempo entre o estímulo apresentado e a resposta do participante), e a diferença entre o número de respostas corretas produzidas no bloco compatível e no bloco incompatível.

Depois dos dados transferidos do *Inquisit* para o *SPSS*, existem alguns passos necessários antes de se efetuarem as análises. Em primeiro lugar são retirados os ensaios errados, e todas as latências inferiores a 300 ms são transformadas em 300 ms, e as latências superiores a 3000 ms são transformadas em 3000 ms. Depois disto standardizam-se as latências. Para tal a cada uma das latências é subtraída a média da latência dos blocos de teste a dividir pelo desvio padrão da latência dos blocos de teste. Seguidamente, retira-se o primeiro ensaio de cada bloco, como também os participantes que cometeram 20% ou mais de erros. Finalmente calcula-se a média total da latência, subtraindo à média da latência do bloco incompatível a média da latência do bloco compatível. Se o valor da média da latência for positivo significa que os participantes associaram mais rapidamente o exogrupo a palavras positivas do que a palavras negativas. Pelo contrário, se a média da latência for um valor negativo, os participantes associaram de forma mais rápida palavras negativas ao exogrupo do que palavras positivas. Quanto ao cálculo do número de respostas corretas, é necessário subtrair o número de respostas do bloco compatível ao número de respostas corretas do bloco incompatível. Se o número for positivo, a atitude relativamente ao exogrupo é positiva. Se pelo contrário, o total for negativo, releva uma atitude negativa.

#### **4.2.2.2. Procedimento**

Estes dois instrumentos foram aplicados às duas amostras em duas semanas. Para aceder à amostra jovem foi disponibilizado algum tempo no final das sessões de apoio ao estudo que os alunos frequentam no espaço educacional do projeto Nós da Juventude. Quanto aos seniores, foi disponibilizado tempo depois das aulas na Academia Sénior. Foi dada primazia às aulas de informática por dois motivos: primeiro, são as aulas que contém o maior número de alunos de cada vez e, segundo, a sala possuía computadores o que facilitava a aplicação do *ST-IAT*, sem recorrer a deslocações. Devido a questões de logística, a aplicação às duas amostras foi realizada tendo, a maior parte das vezes, vários participantes na mesma sala, e com o aviso prévio dos professores e técnicos responsáveis.

A aplicação foi realizada pela presente aluna, começando com uma apresentação que se baseou no seguinte discurso: “*O meu nome é Filipa e sou estagiária de Psicologia no Nós da Juventude e na Academia Sénior. Estou a realizar uma tese de mestrado e gostaria de saber se estão interessados em contribuir com a vossa opinião sobre dois grupos de idade: os jovens e os seniores. Para isso é necessário responderem a um inquérito em papel e participarem ainda numa atividade a computador. O tempo máximo que terão de dispensar é de 15 minutos*”. Seguidamente aos participantes

aceitarem a participação, foi pedido aos mesmos para fazerem silêncio e lerem o inquérito atentamente, prestando atenção ao grupo geracional a que a pergunta se referia. Assim que algum participante terminava o preenchimento do inquérito, eram introduzidos os dados no computador para o ST-IAT e o participante começava de imediato a concretização do teste.

Como forma de controlo, os inquéritos pediam aos participantes para mencionar o tempo despendido e qual a dificuldade percebida a responder ao questionário (numa escala de Likert em que 1=foi muito difícil e 7=foi muito fácil):

<b>Quadro 6. Tempo de resposta e dificuldade em responder ao inquérito</b>		
<b>Amostra</b>	<b>Média de tempo de resposta</b>	<b>Média de dificuldade a responder</b>
<b>Seniores</b>	9,59 minutos ( <i>DP</i> =3,41)	5,79 ( <i>DP</i> =1,62)
<b>Jovens</b>	10,12 minutos ( <i>DP</i> =2,58)	6,21 ( <i>DP</i> =1,07)

#### 4.2.3. Escala de Observação Intergeracional a seniores e a jovens

A observação é uma técnica que permite um registo de situações ao vivo ou de aspetos específicos das mesmas e pode constituir um método rigoroso e controlado, aquando da definição de parâmetros e regras de aplicação. É um método que beneficia de uma aproximação mais intensa da realidade (Glória, 2006). Por essa razão optou-se por aplicar a Escala de Observação Intergeracional (Jarrot, 2010), explicada com mais detalhe na secção 4.2.3.2.

##### 4.2.3.1. Amostra

A amostra utilizada para a aplicação deste instrumento foi constituída por cinco seniores da Academia Sénior e sete jovens do 8º e 9º ano que participam no Nós da Juventude. A tabela seguinte sumariza a caracterização geral de cada uma das amostras. A aplicação desta escala foi efetuada num local das instalações da Academia Sénior e do Nós da Juventude. A sala em questão, além de proporcionar espaço suficiente para a interação, pareceu-nos adequada porque é frequentemente utilizada tanto por um grupo como por outro, tornando-se um espaço familiar para todos. A situação escolhida para o registo foi criada para o efeito, correspondendo à sessão um do manual (anexo 15).

<b>Quadro 7. Caracterização da amostra sénior e da amostra jovem para a EOI</b>		
<b>Amostras</b>	<b>Amostra sénior (N=5)</b>	<b>Amostra jovem (N=7)</b>
<b>Idade</b>	Dos 57 aos 72 anos ( <i>M</i> =66, <i>DP</i> =5,9)	Dos 13 aos 15 anos ( <i>M</i> =14,1, <i>DP</i> =0,7)
<b>Sexo</b>	80% do sexo feminino	57% do sexo masculino
<b>Escolaridade</b>	40% com ensino universitário 40% com 12º ano 20% com 9º ano	57% com 8º ano 43% com o 9º ano
<b>Nacionalidade</b>	100% com nacionalidade portuguesa	100% com nacionalidade portuguesa
<b>Com quem vive?</b>	60% vive com o conjugue 40% vive sozinho	43% vive com os pais 43% vive só com o pai ou a mãe
<b>Vive com os seus netos?</b>	100% não vive com os netos	86% não vive com os avós

#### **4.2.3.2. Instrumento**

A análise por observação foi realizada através da Escala de Observação Intergeracional (EOI), que é um instrumento de Jarrott (2010) e validado por Jarrott, Smith & Weintraub (2008) especificamente para atividades intergeracionais. Para uma correta aplicação do instrumento foi necessário solicitar à autora principal o envio do protocolo e do restante material. Depois de recebidos os materiais, foi realizada a leitura e a tradução para português do manual (anexo 8) e dos materiais para uma maior facilidade de utilização.

A EOI tem como intuito identificar comportamentos sociais e exibir o efeito associado a seniores e crianças/jovens enquanto participantes de programas intergeracionais. Os comportamentos manifestados aquando da interação são registados consoante categorias pré-definidas. Desta forma, podemos identificar seis comportamentos possíveis (interação intergeracional, interação entre pares, interação com o staff, observação, solidão e desocupação), como também a ocorrência de afeto positivo e negativo entre pares intergeracionais (quadro com a descrição dos comportamentos no anexo 9). No manual estão explanados alguns exemplos de sinais afetivos, sinais comportamentais associados ao afeto e comportamento antagónico implicado no mesmo, tanto para o afeto positivo ou negativo por forma a facilitar a identificação por parte dos observadores.

Os comportamentos e as componentes afetivas são registados através de uma tabela (anexo 10) onde os participantes são identificados na parte lateral esquerda, como também os intervalos de tempo associados à observação (15 seg.) e ao registo (15 seg.). Assim, um observador observa o primeiro participante por 15 segundos e depois tem 15 segundos para registar os códigos que indicam o comportamento (tanto um comportamento predominante durante o intervalo de tempo, tanto a ocorrência de outros comportamentos de interação no mesmo intervalo). Se o participante interage com um participante intergeracional, deve ser registado a ocorrência de afeto e se houve resposta por parte do colega. Este ciclo repete-se para os restantes participantes antes de começar uma segunda ronda de observações, iniciando novamente no primeiro participante, completando 20 a 30 minutos de observação na atividade intergeracional. Caso os observadores afirmem que certo participante obteve dois comportamentos predominantes, ou seja, que dois comportamentos diferentes ocorreram com o mesmo tempo no mesmo intervalo, terão que escolher apenas um consoante a tabela 1 de hierarquização de comportamentos do manual.

Antes de se iniciar a observação ao vivo é necessário ainda recorrer a outros registos importantes. Um dos observadores fica como responsável por registar no formulário da observação intergeracional (exemplo no anexo 13) os horários planeados e reais de início e fim da atividade, a identificação dos facilitadores, como também do grupo das crianças/jovens e dos adultos e qual o número de participantes total por grupo. Para além disto regista o comportamento primário desejado para esta atividade, como também descreve o ambiente da sala, a colocação dos materiais e o tipo de atividade. Desenha ainda a disposição física da sala e tece alguns comentários sobre a adequação das tarefas e materiais consoante as idades e capacidades dos participantes. No final da atividade concluída, o mesmo observador avalia, no mesmo formulário, a pontualidade dos participantes, e se o facilitador e os materiais estavam prontos a tempo para a atividade. Avalia ainda especificamente a prestação do facilitador em oito aspetos como “sensível aos participantes, independentemente da

idade” ou “trouxe energia e atitude positiva para a sessão”, numa escala de quatro pontos (0=nem sempre verdade, 1=às vezes verdade, 2=a maioria das vezes verdade, 3=não aplicável).

Quanto à avaliação das observações existe, consoante o manual, uma tabela de cálculo do acordo interjuízes (anexo 11) onde o observador aponta na primeira linha o número do comportamento predominante por intervalo em cada participante (e.g.: P1-1 – participante 1 no intervalo 1; P1-2 – participante 1 no intervalo 2...), e na linha inferior regista os dados do parceiro que observou os mesmos participantes. Na última linha realizam o acordo, apontando “1” quando existe acordo e “0” quando não existe. Na coluna “TOTAL DE ACORDOS” registam o número de acordos pelo total de observações (ex: 30 acordos por 35 observações), e registam no final o valor do acordo interjuízes (ex:  $30/35 = 85,7\%$ ). É forçoso que o acordo interjuízes atinja o valor de 80% ou mais para traduzir a qualidade da observação efetuada.

Para o tratamento dos dados seguimos as sugestões de Jarrot e Smith (2010), onde foram contabilizadas as ocorrências e percentagens dos comportamentos que foram codificados como predominantes, tendo em conta que o objetivo desta escala é registar a essência da atividade (Jarrot, Smith & Weintraub, 2008).

#### **4.2.3.2. Procedimento**

Para a aplicação da EOI neste diagnóstico recorreremos ao auxílio de três colegas de psicologia do ISCTE-IUL para efetuarem a observação ao vivo. Consoante o manual da EOI, aos observadores é requerida uma fase de treino, composta em quatro fases. Nas primeiras três fases treinam o seu papel como observadoras através de vídeos fornecidos pela autora que retratam interações intergeracionais. Por cada fase visualizam dois vídeos e registam os dados devidamente nas tabelas de registo mencionadas anteriormente. A última fase é o treino ao vivo, que procedem da mesma forma. Os dados do treino foram inseridos na mesma tabela de registo da observação apresentada anteriormente e o acordo interjuízes é realizado por cada observador individualmente através das respostas facultadas pela autora para cada vídeo. Os acordos interjuízes dos treinos foram enviados para a autora da escala como assim obriga o manual, como também um termo de compromisso de cada uma das observadoras.

Depois da fase de treino terminada, procedeu-se à realização da observação ao vivo com a amostra já identificada. Seguindo as direções do manual as observadoras chegaram ao local 30 minutos antes do início da atividade por forma a se organizarem e serem apresentadas ao grupo como colegas da facilitadora. O argumento utilizado para a sua presença foi a ajuda requerida para a atividade e por isso mesmo iriam estar a tomar algumas notas. A observação teve a duração de 30 minutos, no início da sessão.

Como foi referido anteriormente, esta atividade contém uma avaliação de processo própria materializada através do formulário da observação intergeracional preenchida pela observadora responsável. Assim, pode-se verificar no anexo 13, uma avaliação positiva acerca dos aspetos relativos à atividade (e.g. pontualidade) e ao comportamento da facilitadora.

### 4.3. Resultados

Como supracitado, os resultados seguintes serão apresentados consoante as nossas questões de partida e pela mesma ordem supracitada no quadro 1. Em cada uma das questões, os resultados estarão divididos consoante os instrumentos utilizados para o efeito seguindo também a ordem anterior: entrevistas a atores chave; inquérito e *ST-IAT* a seniores e a jovens; e Escala de Observação Intergeracional (EOI) a seniores e a jovens.

#### 4.3.1. Existe idadismo na instituição?

##### 4.3.1.1. Entrevistas a atores chave

Quanto à primeira questão de partida, procurámos sobretudo identificar padrões relativamente às designações utilizadas para caracterizar o preconceito contra os jovens e contra os seniores, que foram realçadas a negrito. Através dos excertos selecionados, podemos verificar a existência de preconceito percebido entre as gerações, apesar de encontrarmos dois padrões de resposta distintos, mas que caminham para as mesmas conclusões. Por um lado, as duas psicólogas parecem partilhar da mesma opinião, assumindo diretamente a existência de atitudes mais negativas entre as duas gerações. Estas descrevem as atitudes tomadas pelos seniores relativamente ao comportamento dos jovens como reveladoras de alguma intolerância para com a presença dos mesmos nas instalações (excerto um e dois), principalmente no que respeita ao barulho provocado pelos jovens quando permanecem nas instalações e conversam entre si. Não deixam, no entanto, de fornecer aos seniores alguma razão ou complacência, que pode refletir uma consciência pessoal acerca destes comportamentos dos jovens. Por sua vez, em relação aos jovens, percebem que estes “gozam” com a fragilidade ou a lentidão dos seniores, não sendo muito bem-educados.

#### EXCERTO 1

O grupo era mais velho, e na altura **os preconceitos era “os velhos”, “eles passaram ali e disseram para falar mais baixo”** (...). Agora com o grupo que cá está, não há muito porquê? Porque eles também não estão cá. Eles vêm cá, fazem as atividades e saem. (...) **O preconceito dos idosos era achar que nós fazíamos muito barulho.** (...) Eles [os seniores] em parte tinham razão, mas também **não percebiam que há diferenças, que eles ainda eram umas crianças a tentar ser jovens**, e que portanto falavam um pouco mais alto. (...) Também **os jovens não eram sempre bem-educados.** (Psicóloga 1)

#### EXCERTO 2

**Eles [os idosos] ficam muito chateados e começam a dizer “no meu tempo isso não acontecia, porque nós se fizessemos isso éramos castigados (...) a culpa é das monitoras, a culpa é dos pais”,** enfim. (...) Também há idosos que são tolerantes e dizem “ah, são crianças, isto é normal, faz parte da idade”. **Da parte das crianças e dos jovens (...) eu sinto que eles também têm preconceito com eles, que brincam um bocadinho, gozam.** (...) Às vezes não dizem à frente, mas dizem atrás, “**ai aquele velho, ai não sei quê”, “não se despacha na casa de banho”.** (Psicóloga 2)

O segundo padrão de resposta observado para esta questão de partida está relacionado com os dois excertos seguintes pertencentes à vogal da educação e à técnica de ação social. Estas duas entrevistadas relatam preconceito entre as gerações, mas não como algo assumido ou direto, tomando designações como “culturas diferentes” ou a “ideia negativa do idoso”.

Quanto aos seniores, a vogal da educação acaba por responder no geral, dizendo que o sénior se vai apagando pela falta de entendimento do mundo à sua volta, mesmo em família, podendo refletir a sua própria opinião mas sem referir diretamente a existência de atitudes ou comportamentos negativos, mas antes acontecimentos de ordem natural. No entanto, arroga mais à frente na conversa que podem existir preconceitos: os seniores acham que os jovens são “malta da pesada” e que “não servem para nada”. Portanto, podemos evidenciar uma compreensão por parte da entrevistada sobre uma possível diminuição de valor do estatuto do sénior, como também dos jovens. A técnica de ação social também não assume ao longo de toda a conversa a existência de preconceito direto, mas generaliza também dizendo que existe uma conceção (negativa) do “idoso”, por parte dos jovens, usando a expressão “chato” e confirmando a diminuição de valor do grupo jovem referido também pela vogal da educação. Quanto aos seniores, parece obter uma opinião positiva sobre o que estes acham sobre os jovens.

#### EXCERTO 3

**Não é preconceito. Como é que eu hei-de dizer? São culturas diferentes. (...) Os mais velhos apagam-se por eles próprios porque a linguagem que se fala, eles não a entendem. (...)** Estão presentes mas não estão. À roda de uma mesa (...) fazem esta pergunta “então, o que é que fizeram hoje?”, e (...) muitas vezes não se lembra de perguntar ao idoso o que é que fez. **Há alguns preconceitos. Os mais velhos acham que os jovens agora não prestam para nada**, está a ver? Tudo “malta da pesada”. **Aquelas coisas que eles vestem, tudo “malta da pesada”. E os mais novos pensam que os outros são uns “caretas”**. Quer dizer, é o tal conflito de gerações. (Vogal da educação)

#### EXCERTO 4

**Eu acho que não é bem preconceito mas sim a ideia de idoso**, alguns jovens têm ideia que o idoso, **aquela ideia negativa do idoso, que é o “chato”, ou que não serve para nada**.

Entrevistador: E achas que os idosos aceitam bem os jovens?

**Acho que sim** e acho que se tem vindo a notar. (Técnica de ação social)

Encontrámos portanto dois padrões iniciais de respostas: respostas diretas que assumem preconceito entre gerações, e outro padrão que não associa diretamente o preconceito mas assume conflitos e diferenças entre as gerações. Apesar disso, percebemos uma coerência de respostas entre as entrevistadas, tendo, no geral, a mesma opinião sobre o assunto.

**Quadro 8. Principais conclusões dos resultados das entrevistas para a pergunta “Existe idadeísmo na instituição?”**

Instrumento	Principais conclusões
Entrevistas	As entrevistadas assumem que existem conflitos e preconceitos entre as gerações apesar de duas entrevistadas não o assumirem diretamente, mas identificam expressões típicas que pensam que são utilizadas pelas duas gerações.

**4.3.1.2. Inquérito e ST-IAT a seniores e a jovens**

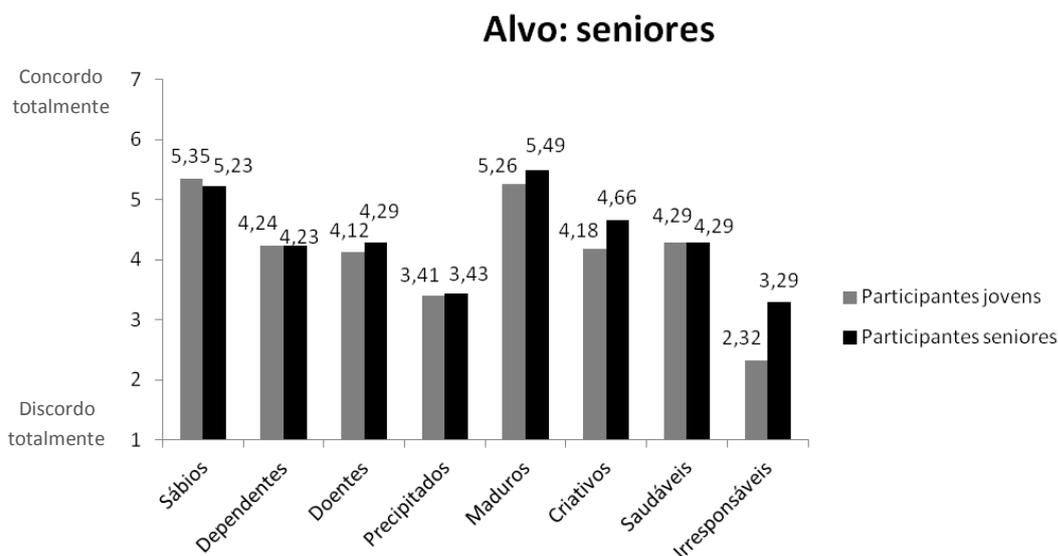
Para continuar a responder à primeira questão de partida “existe idadeísmo na instituição?” iremos expor nesta secção os dados relativos ao inquérito e no final estarão os dados pertencentes ao ST-IAT. Relativamente ao inquérito, estamos interessados nos resultados relativos a a) estereótipos; b) perceção de competência e afetuosidade; c) variabilidade da competência e afetuosidade; d) estatuto social percebido; e) perceção de identidade comum; f) emoções relativas ao exogrupo; g) preconceito direto relativamente ao exogrupo; e h) vontade de participar em atividades intergeracionais.

Para iniciar iremos apresentar quais os **traços estereotípicos** (sábios, dependentes, doentes, precipitados, maduros, criativos, saudáveis e irresponsáveis) que a amostra dos seniores e dos jovens selecionou para caracterizar o endogrupo e o exogrupo. Para tal baseamo-nos em Marques, Lima e Novo (2006) e organizámos esses mesmos traços por ordem decrescente de tipicidade através dos valores médios e do intervalo de confiança de 95%. Consideram-se traços estereotípicos generalizáveis se o intervalo de confiança não incluir o valor cinco, quando a média é superior a cinco.

Relativamente aos resultados obteve-se apenas um traço estereotípico válido na avaliação do endogrupo pelos participantes seniores – “Maduro” ( $M=5,49$ ,  $DP=1,38$ , com um intervalo mínimo de confiança a 5,03 e máximo a 5,91). Ou seja, este foi o único traço em que a maioria dos participantes seniores obteve acordo acerca do endogrupo, tornando-se assim o único válido neste estudo para caracterizar os seniores do ponto de vista dos participantes seniores. No anexo 12 encontram-se as tabelas síntese dos restantes resultados para as duas amostras, avaliando o endogrupo e o exogrupo.

No entanto, apresentam-se em seguida duas figuras com os valores médios dos participantes seniores e dos participantes jovens relativamente ao endogrupo e ao exogrupo.

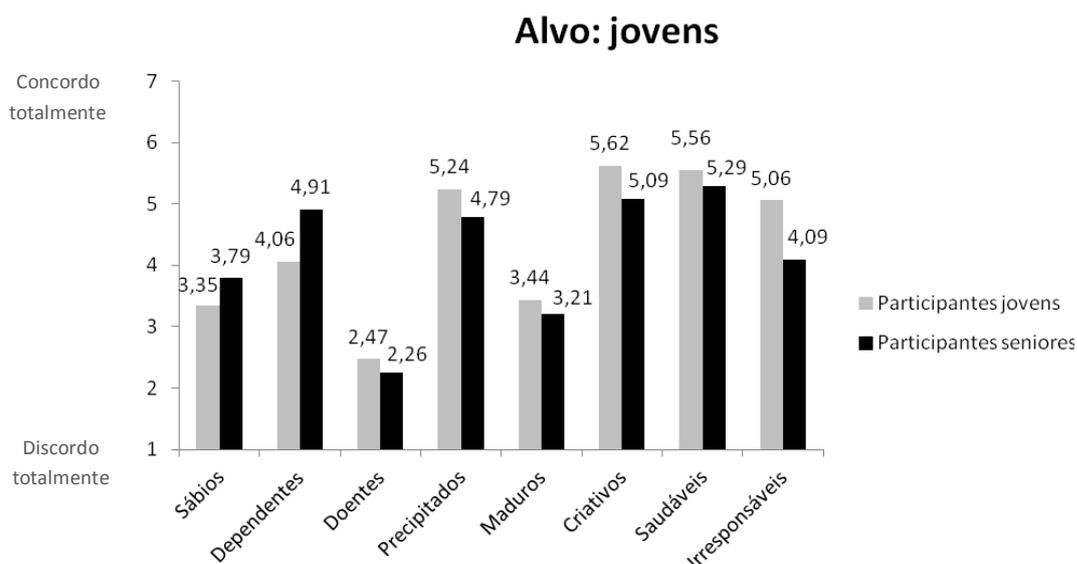
Figura 3. Traços estereotípicos associados aos seniores do ponto de vista dos participantes jovens e dos participantes seniores



Os participantes seniores associam os traços “maduro” ( $M=5,49$ ,  $DP=1,38$ ), “sábio” ( $M=5,23$ ,  $DP=1,03$ ) e “doente” ( $M=4,29$ ,  $DP=1,43$ ) primordialmente aos seniores do que aos jovens, o que corresponde ao esperado. Pelo contrário, o traço “dependentes” foi mais associado aos jovens ( $M=4,91$ ,  $DP=1,50$ ) do que aos seniores ( $M=4,23$ ,  $DP=1,33$ ).

Aos jovens, os participantes seniores também atribuíram primeiramente traços positivos, como “saudáveis” ( $M=5,29$ ,  $DP=1,26$ ) e “criativos” ( $M=5,09$ ,  $DP=1,29$ ).

Figura 4. Traços estereotípicos associados aos jovens do ponto de vista dos participantes jovens e dos participantes seniores



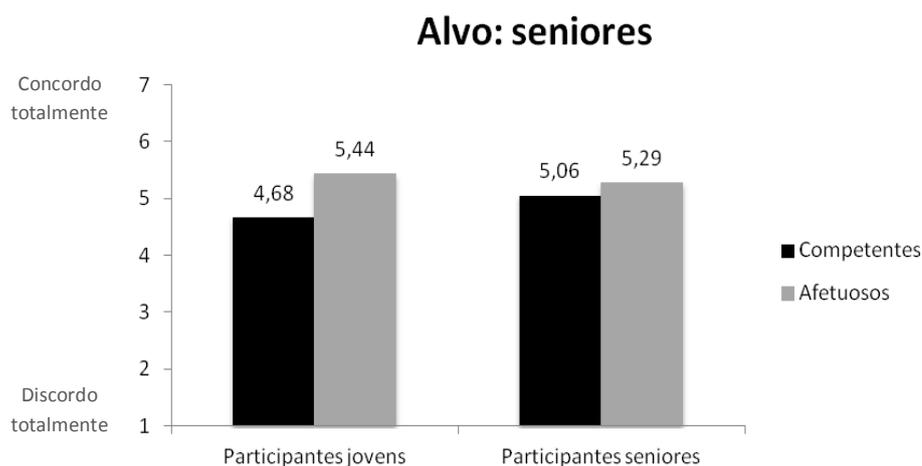
Como esperado, os participantes jovens associaram os traços “sábios” ( $M=5,35$ ,  $DP=1,35$ ), “maduros” ( $M=5,26$ ,  $DP=1,75$ ), “dependentes” ( $M=4,24$ ,  $DP=1,70$ ) e “doentes” ( $M=4,12$ ,  $DP=1,94$ )

primordialmente aos seniores do que aos jovens, apesar de “dependentes” obter uma diferença diminuta entre os alvos. Da mesma forma que aconteceu com a avaliação dos seniores, os participantes jovens atribuíram ao endogrupo primeiramente traços positivos, sendo estes “criativos” ( $M=5,62$ ,  $DP=1,23$ ), “saudáveis” ( $M=5,56$ ,  $DP=1,44$ ) e depois então conferiram os traços negativos, como “precipitados” ( $M=5,24$ ,  $DP=1,67$ ) e “irresponsáveis” ( $M=5,06$ ,  $DP=1,43$ ).

Em suma, tanto os participantes seniores como os participantes jovens realizaram uma avaliação positiva do endogrupo e do exogrupo, atribuindo-lhes, no geral, os traços correspondentes aos grupos, como era especulado.

Quanto à **percepção de competência e afetuosidade** realizou-se uma ANOVA mista a dois fatores, com o fator grupo etário como inter participantes e o fator percepção de competência e afetuosidade como intra participantes, tendo como variável dependente a percepção de competência e afetuosidade. Para a competência e afetuosidade tendo como alvo os seniores, os resultados estatísticos revelam que existe um efeito de interação marginal do fator competência e afetuosidade dos seniores com o fator grupo geracional,  $F(1, 67) = 2,80$ ,  $p=.098$ . Existe também um efeito principal significativo do fator competência e afetuosidade sobre o fator grupo geracional,  $F(1, 67) = 9,64$ ,  $p=.003$ . Podemos concluir através da figura 5 que tanto os participantes seniores como os participantes jovens revelam que os seniores são mais afetuosos do que competentes, o que corresponde ao esperado (Fiske, 2002). A análise através de contrastes planejados revelou que as médias da percepção de competência nos participantes jovens ( $M=4,68$ ,  $DP=1,30$ ) e nos participantes seniores ( $M=5,06$ ,  $DP=1,06$ ) não são diferentes,  $t(67)=1,34$ ,  $p=.19$ . Da mesma forma acontece com as médias da percepção da afetuosidade nos participantes jovens ( $M=5,44$ ,  $DP=1,33$ ) e nos participantes seniores ( $M=5,29$ ,  $DP=1,10$ ),  $t(67)=-.53$ ,  $p=.60$ .

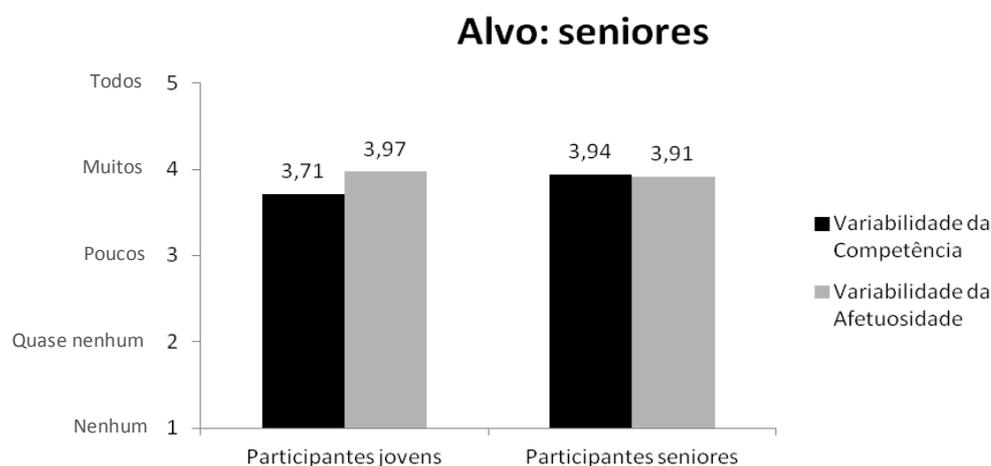
Figura 5. Percepção de competência e afetuosidade dos participantes seniores e dos participantes jovens relativamente aos seniores



Quanto à competência e afetuosidade relativa ao alvo jovens, não existe efeito de interação significativo entre o fator competência e afetuosidade com o fator grupo geracional,  $F(1, 66) = 0,13$ ,  $p=.722$ . Da mesma forma o efeito principal destes do fator competência e afetuosidade sobre o grupo geracional também não é significativo,  $F(1, 66) = 0,99$ ,  $p=.324$ .

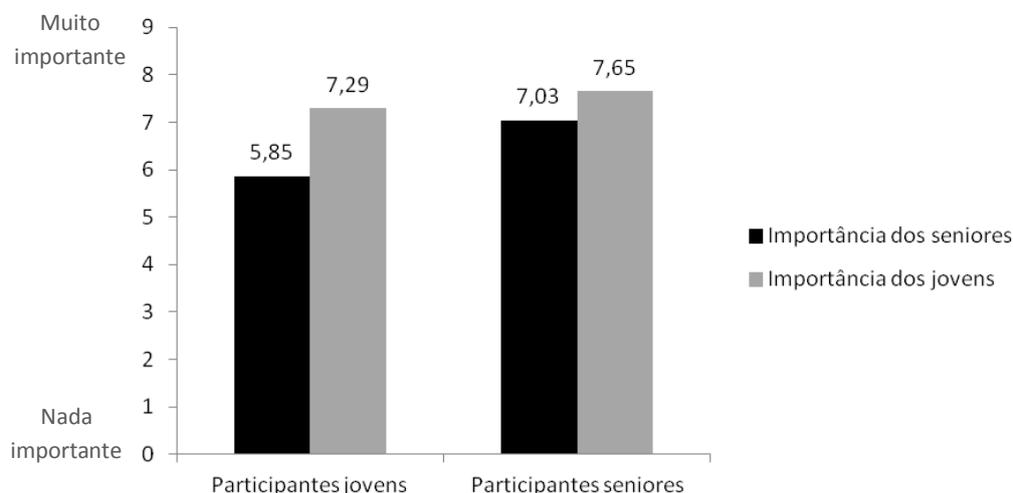
Quanto à **variabilidade da competência e da afetuosidade** das duas amostras de participantes relativa aos seniores, os resultados (através de uma ANOVA mista, em que o fator intra participantes é a percepção de variabilidade percebida da competência e afetuosidade, e o fator inter participantes é o grupo etário. A variável dependente é a variabilidade percebida de competência e afetuosidade) sugerem que existe um efeito de interação significativo entre o fator variabilidade e o fator grupo geracional,  $F(1,65)=6,97$ ,  $p=.010$ . As duas amostras de participantes aproximam-se do ponto quatro de variabilidade (“Muitos”). Apenas nos participantes jovens a média da variabilidade de competência ( $M=3,71$ ,  $DP=0,58$ ) e da afetuosidade ( $M=3,97$ ,  $DP=0,67$ ) são estatisticamente diferentes,  $t(33)=-3,02$ ,  $p=.005$ , e percebemos então que os jovens assumem que existem mais seniores afetuosos do que competentes (figura 6). Na variabilidade da competência e da afetuosidade nos jovens, não existe um efeito de interação significativo entre a variabilidade e o grupo geracional,  $F(1,64)=0,22$ ,  $p=.643$ .

Figura 6. Percepção de variabilidade percebida de competência e afetuosidade dos participantes seniores e dos participantes jovens relativamente aos seniores



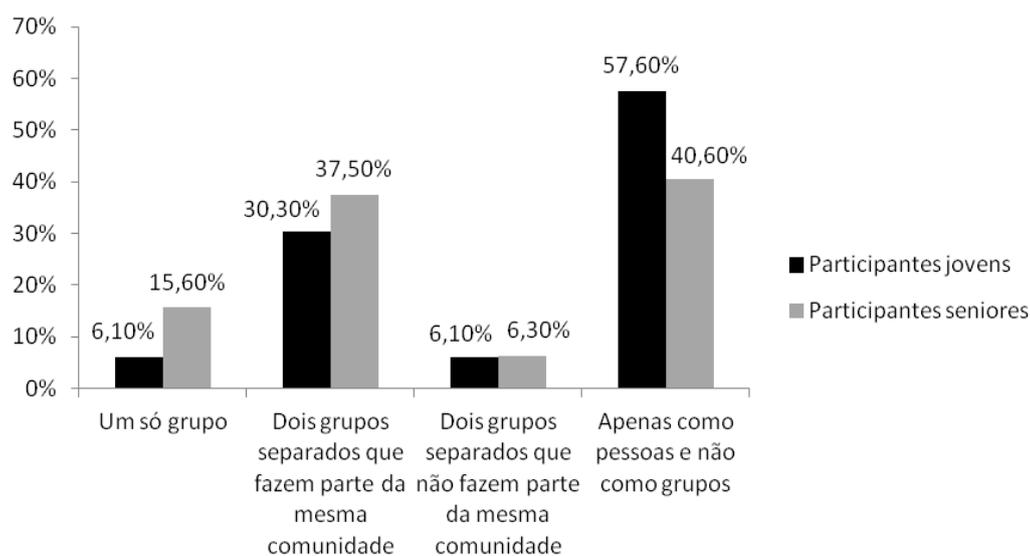
Relativamente ao **estatuto social percebido** foi realizada uma ANOVA mista, com o fator estatuto social percebido como intra participante e o grupo etário como fator inter participante, em que foi considerada a variável dependente o estatuto social percebido. Os resultados revelam um efeito principal significativo do fator estatuto social percebido sobre o fator grupo geracional,  $F(1,66)=12,06$ ,  $p=.001$ . Pelo contrário, a interação entre o estatuto e o grupo geracional não foi significativo,  $F(1,66)=1,93$ ,  $p=.170$ .

Figura 7. Estatuto social percebido pelos participantes seniores e pelos participantes jovens relativamente ao endogrupo e ao exogrupo



Na **percepção de identidade comum** entre jovens e seniores, verificámos que não existem diferenças de resposta entre os grupos, pelo valor do teste  $\chi^2$  (3,  $N=65$ ),  $p=.461$ . No entanto, verifica-se que os participantes vêm os jovens e os seniores, primordialmente, “apenas como pessoas e não como grupos” (49,23%) e em seguida, visto esta ser uma medida de carácter mais direto, os participantes optam por “dois grupos separados que fazem parte da mesma comunidade” (33,85%). De salientar que uma percentagem muito pequena dos participantes considerou estes grupos etários como “dois grupos separados que não fazem parte da mesma comunidade”.

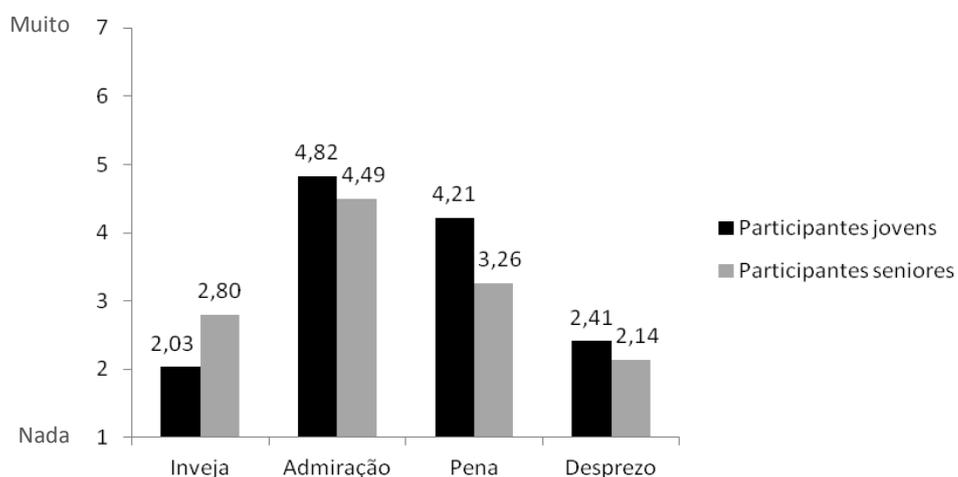
Figura 8. Percepção de identidade comum dos participantes seniores e dos participantes jovens



Para analisarmos as **emoções** foi realizada uma ANOVA a medidas repetidas, considerando como variável dependente o tipo de emoção, e os resultados sugerem que ambas as amostras de

participantes sentem em primeiro lugar admiração pelo exogrupo, sem diferença estatisticamente significativa,  $t(67)=-.94$ ,  $p=.35$ . Pena, foi mais sentida pelos participantes jovens ( $M=4,21$ ,  $DP=1,61$ ) do que pelos participantes seniores ( $M=3,26$ ,  $DP=1,90$ ), sendo estas médias estatisticamente diferentes,  $t(67)=-2.24$ ,  $p=.02$ .

Figura 9. Emoções dos participantes seniores e dos participantes jovens relativamente ao exogrupo

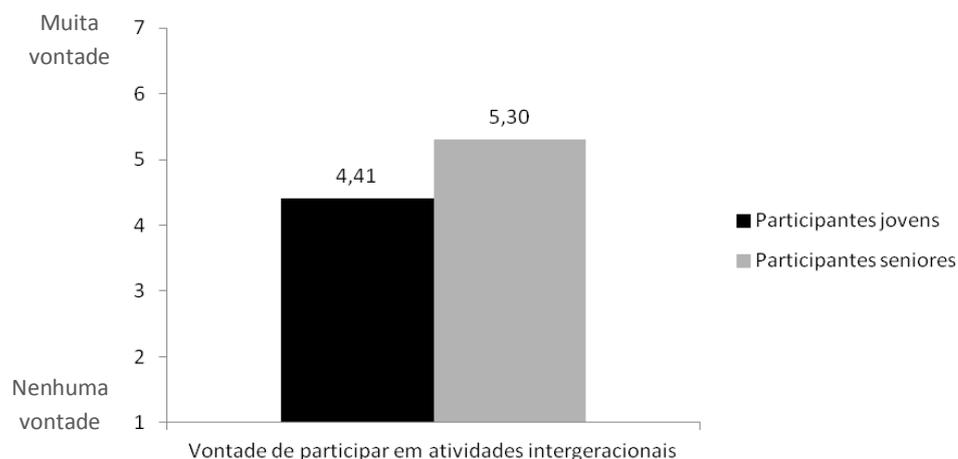


Quanto ao **preconceito direto** os resultados sugerem que não existem diferenças de médias entre os participantes seniores ( $M=5,97$ ,  $DP=1,03$ ) e os participantes jovens ( $M=5,50$ ,  $DP=1,35$ ),  $t(66)=1,61$ ,  $p=.111$ .

No caso de testarmos a **vontade de vir a participar em atividades intergeracionais**<sup>5</sup>, verificámos que as médias dos dois grupos são diferentes,  $t(65)=2,11$ ,  $p=.039$ . Assim, os participantes seniores mostraram uma vontade maior em participar em atividades intergeracionais ( $M=5,30$ ,  $DP=1,40$ ) do que os participantes jovens ( $M=4,41$ ,  $DP=2,00$ ).

<sup>5</sup> Esta medida foi analisada para a primeira pergunta ("Existe idadismo na instituição?") e não para a pergunta "qual a atitude face a relações e atividades intergeracionais?", por considerarmos uma medida de carácter comportamental na averiguação do idadismo entre estes dois grupos etários.

Figura 10. Vontade de vir a participar em atividades intergeracionais



Sobre a averiguação do idadismo na instituição, já apresentámos os resultados essenciais, e iremos proceder seguidamente à análise dos resultados do *ST-IAT* para a mesma questão de partida.

Quanto ao *ST-IAT*, no processo de tratamento de dados não foram excluídos participantes, visto que nenhum excedeu o limite de erros de resposta (20%). Posto isto, tentámos perceber, em primeiro lugar, qual é a atitude implícita que os participantes seniores têm sobre os jovens e que os participantes jovens têm sobre os seniores e também se a atitude implícita relativamente ao exogrupo é diferente entre os participantes. Nos participantes seniores, obteve-se uma latência média de 0,20 ( $DP=0,34$ ), sendo que não é estatisticamente diferente de zero ( $t(33)=0,03$ ,  $p=.977$ ), ou seja, a atitude dos participantes seniores para com os jovens não é positiva nem negativa, podendo ser considerada neutra. Já os participantes jovens revelam uma latência média de 0,97 ( $DP=0,25$ ) sendo esta diferente de zero ( $t(33)=2,22$ ,  $p=.033$ ) e dessa forma poderemos inferir que os participantes jovens tenderam para associar os seniores mais rapidamente com palavras positivas do que com negativas. Pelo valor do teste,  $t(66)=1,74$ ,  $p=.087$ , podemos afirmar uma diferença entre as médias dos dois grupos marginalmente significativa.

Relativamente ao número de respostas corretas, não foram encontradas diferenças entre os dois grupos de participantes,  $t(66)=-1,50$ ,  $p=.138$  (participantes seniores:  $M=0,76$ ,  $DP=2,26$ ; participantes jovens:  $M=-0,03$ ,  $DP=2,10$ ).

Estes resultados parecem sugerir que os participantes jovens têm uma atitude tendencialmente mais positiva para com os seniores, e estes uma atitude mais neutra em relação aos jovens.

**Quadro 9. Principais conclusões dos resultados do inquérito e do ST-IAT para a pergunta “Existe idadeísmo na instituição?”**

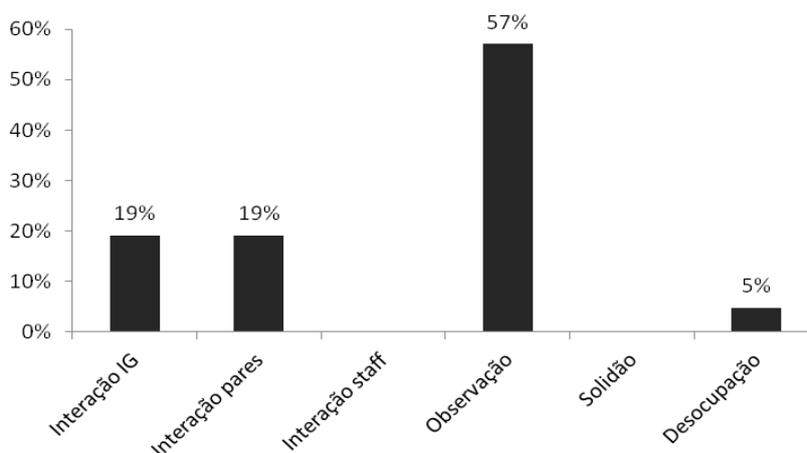
Instrumento	Principais conclusões
Inquérito	Os dois grupos de participantes atribuíram primeiramente traços positivos ao endogrupo e ao exogrupo.
	As duas amostras de participantes consideraram os seniores e os jovens mais afetuosos do que competentes,
	Os participantes seniores e os participantes jovens pensam que os jovens são mais importantes na sociedade portuguesa do que os seniores.
	Os dois grupos de participantes veem os jovens e os seniores “apenas como pessoas e não como grupos”.
	Os participantes jovens sentem admiração, pena e desprezo pelos seniores, enquanto estes sentem inveja dos jovens.
	Os participantes seniores gostam mais do exogrupo do que os participantes jovens.
	Os participantes seniores têm mais vontade de vir a participar em atividades intergeracionais do que os participantes jovens.
ST-IAT	Os resultados, apesar de pouco conclusivos, mostram que os participantes jovens tendem a ter uma atitude mais positiva relativamente ao exogrupo. Os participantes seniores mostraram uma atitude mais neutra relativa aos jovens.

**4.3.1.3. Escala de Observação Intergeracional a seniores e a jovens**

Continuando a averiguar a existência de idadeísmo na instituição, serão agora analisados os resultados da observação da atividade de contacto entre jovens e seniores. Foram contabilizadas as ocorrências por cada comportamento que decorreram no intervalo de 30 minutos da observação e foi calculado o acordo inter juízes que atingiu  $K=0,77$ , o que revela uma qualidade muito satisfatória, visto ser superior a 0,60.

O comportamento que mais sobressaiu deste método foi a observação (57,14%), seguido de comportamentos de interação entre pares e intergeracional (19,85%). Em primeira instância podemos afirmar que os seniores e os jovens não possuem o intuito de interagirem entre si como prioridade, preferindo analisar o ambiente, ouvindo a facilitadora ou prestando atenção aos colegas. Estes resultados sugerem então um reduzido contacto intergeracional.

Figura 11. Ocorrências observadas por comportamento



**Quadro 10. Principais conclusões dos resultados da EOI para a pergunta “Existe idadeísmo na instituição?”**

Instrumento	Principais conclusões
EOI	Os participantes participaram na atividade, primordialmente, como observadores dos colegas. Houve um reduzido contacto intergeracional e contacto entre pares.

Resumindo, e em resposta à nossa questão “o idadeísmo está presente na instituição?” concluímos que, apesar de existir resultados que apontem em duas direções, existem, no geral, indícios de idadeísmo entre as gerações nesta instituição, como é o caso dos pontos referidos no quadro seguinte:

**Quadro 11. Principais conclusões para a pergunta “Existe idadeísmo na instituição?”**

Instrumento	Principais conclusões
Entrevistas	As entrevistas referiram, de forma direta e indireta, a existência de atitudes negativas por parte das gerações na instituição.
Inquérito	Este instrumento evidenciou a proliferação de idadeísmo na instituição, que por medidas mais indiretas, como é o caso da perceção de competência e afetuosidade e pelas emoções sentidas pelos dois grupos de participantes em relação ao exogrupo, ou por perguntas mais diretas como a demonstração de preferência pelo endogrupo por parte dos jovens e a preferência pelo exogrupo por parte dos seniores.
EOI	Houve um reduzido contacto intergeracional durante o momento de observação.

#### 4.3.2. Como é que os seniores e os jovens se veem a si próprios?

##### 4.3.2.1. Entrevistas a atores chave

A resposta a esta questão não é conseguida diretamente através das entrevistas, no entanto, podemos obter informação das técnicas sobre as características do bem-estar dos jovens e dos seniores. Relativamente ao caso dos seniores, os excertos 6, 7 e 8 revelam uma uniformidade de opinião acerca de uma realidade dispar, onde existem seniores com uma vida ativa e com conforto, mas por outro lado, é frisado o problema de isolamento da freguesia onde muitos seniores são encontrados em situações de pobreza e afastamento do contexto social. Quanto aos jovens, as duas psicólogas afirmam considerar o bem-estar geral deste grupo como “satisfatório”, onde possuem acompanhamento ao integrar atividades e projetos, como o Nós da Juventude. Frisam no entanto alguns casos mais problemáticos que parecem vir da falta de acompanhamento por parte dos pais e de outras instituições de apoio.

##### EXCERTO 5

Eu diria que, globalmente, o grupo que trabalha connosco [as crianças e os jovens], **o bem-estar psicológico é satisfatório** (...) em que tens aqui **alguns casos que ‘tão menos bem**, ou por alguns comportamentos problemáticos “externalizantes”. São crianças que **não se verifica que têm dificuldades financeiras muito graves**. Nós temos uma **grande taxa de famílias divorciadas** (...) Os seus **rendimentos são de nível médio, médio-baixo**. (Psicóloga 1)

##### EXCERTO 6

No geral, eu penso que as crianças e os jovens (...) **estão bem, que estão a ser acompanhados, que têm apoio dos pais e que também têm apoio da escola e fora da escola** (...). Alguns jovens e algumas crianças que não estão aqui no projeto e não estão envolvidas noutros projetos, eu penso que estão um bocadinho mais desamparados. **Em relação aos idosos existe aqui na nossa freguesia uma realidade muito dispare**, (...) idosos que têm uma vida muito ativa (...) e idosos que vivem sozinhos e que não participam, não estão envolvidos em nenhuma atividade, e que vivem isolados. (Psicóloga 2)

##### EXCERTO 7

Eu tenho um **problema de isolamento nesta freguesia**. É uma **freguesia envelhecida e muitas pessoas numa pobreza envergonhada**. No meu tempo (...) as famílias não se desagregavam, os velhos estavam com os outros, havia sempre três gerações em casa porque as casas permitiam isso. Isso desapareceu e portanto nas cidades muito menos. E portanto, **não há lugar para o velho**. (Vogal da educação)

##### EXCERTO 8

Falar do bem-estar dos idosos, há que por um lado, separar águas. Porquê? Porque **temos muitos idosos isolados, mas também temos muitos idosos que estão enquadrados numa terceira idade**. E também por outro lado, quanto maior é o poder económico, maior é o bem-estar. Nós aqui temos de tudo. **Pessoas que vivem numa pobreza quase extrema, a idosos que vivem com uns bens consideráveis**. Há muito isolamento. (Técnica de ação social)

**Quadro 12. Principais conclusões dos resultados das entrevistas para a pergunta “Como é que os seniores e os jovens se veem a si próprios?”**

Instrumento	Principais conclusões
Entrevistas	Foi frisado o grande problema com o isolamento dos seniores na freguesia.
	As crianças e jovens são reconhecidos como tendo apoio das famílias e de outras instituições da freguesia, parecendo por isso que o seu bem-estar seja superior, apesar de alguns casos problemáticos.

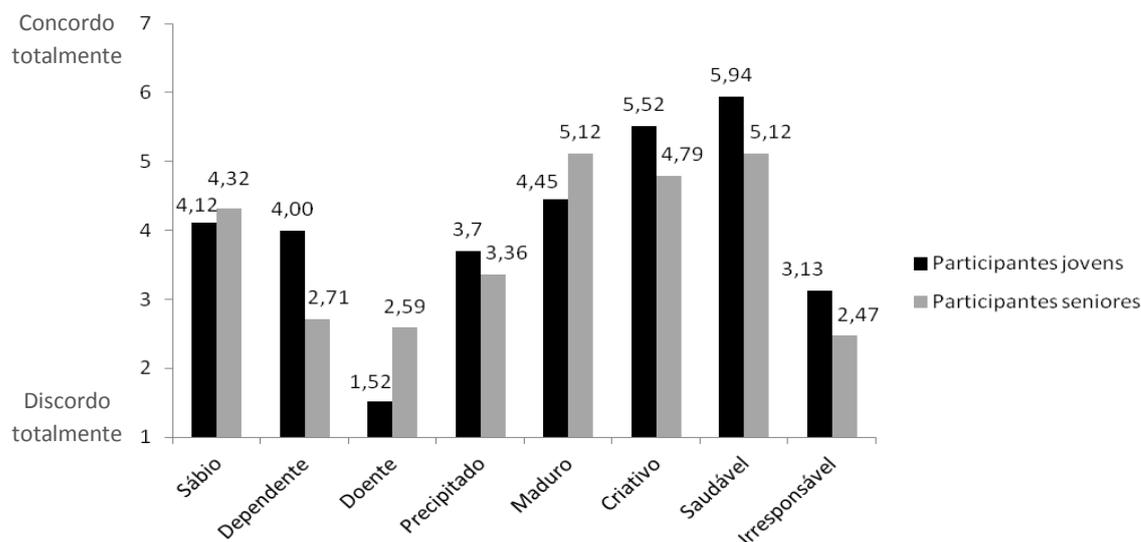
**4.3.2.2. Inquérito a seniores e a jovens**

Para averiguarmos os resultados relativos à visão que os participantes têm sobre si através de uma **autoestereotipização**, realizámos o mesmo processo anterior de Marques, Lima e Novo (2006), ordenando os traços atribuídos ao próprio por ordem decrescente de tipicidade. As tabelas correspondentes encontram-se no anexo 12 e podemos reparar que se salientaram “saudável” ( $M=5,94$ ,  $DP=1,19$ , com um intervalo de confiança mínimo de 5,53 e de máximo 6,31) e “criativo” ( $M=5,47$ ,  $DP=1,28$ , com um intervalo de confiança mínimo de 5,03 e de máximo 5,88) como traços estereotípicos válidos que caracterizam o grupo jovem do próprio ponto de vista, como era esperado. Percebemos também que os participantes jovens assumem para si, em primazia, os traços positivos associados aos jovens (“saudáveis” e “criativos”) como depois também os traços positivos que esperávamos que estivessem associados aos seniores (“maduros” ( $M=4,50$ ,  $DP=1,28$ ) e “sábios” ( $M=4,22$ ,  $DP=1,47$ )). O mesmo aconteceu com os participantes seniores que associaram a si próprios, em primeiro, todos os traços positivos, sendo estes “saudável” ( $M=5,12$ ,  $DP=1,54$ ), “maduro” ( $M=5,09$ ,  $DP=1,57$ ), “criativo” ( $M=4,76$ ,  $DP=1,68$ ) e “sábio” ( $M=4,33$ ,  $DP=1,65$ ).

Comparando os dois grupos através da figura seguinte e utilizando o método Teste  $T$ , notamos que não houve diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos nos traços “sábio”,  $t(65)=0,53$ ,  $p=.60$ , “precipitado”,  $t(64)=-0,83$ ,  $p=.42$ , “maduro”,  $t(65)=1,91$ ,  $p=.06$ , “criativo”,  $t(65)=-1,98$ ,  $p=.52$ , e “irresponsável”,  $t(64)=-1,44$ ,  $p=.16$ . No entanto, os participantes jovens ( $M=4,00$ ,  $DP=1,50$ ) assumiram ser mais “dependentes” do que os seniores ( $M=2,71$ ,  $DP=1,84$ ), o que contraria o esperado, sendo esta diferença estatisticamente significativa,  $t(65)=-3,16$ ,  $p=.002$ . Já no traço “doente”, os participantes seniores ( $M=2,59$ ,  $DP=1,78$ ) assumiram ser mais doentes do que os jovens ( $M=1,52$ ,  $DP=1,03$ ) como esperado, com um valor de teste  $t(65)=0,30$ ,  $p=.004$ . Esperado é também os participantes jovens ( $M=5,94$ ,  $DP=1,19$ ) considerarem que são mais saudáveis do que os seniores ( $M=5,12$ ,  $DP=1,51$ ), sendo as médias estatisticamente diferentes  $t(64)=-1,44$ ,  $p=.018$ .

Desta forma, concluímos que, além dos grupos terem uma visão maioritariamente positiva sobre si próprios, tenderam a se autoestereotipizar em relação a estereótipos do seu grupo etário de pertença, como é o caso dos traços “doente” e “saudável” que obtiveram diferenças significativas entre os grupos. Apenas o traço “dependente” não proporcionou os resultados esperados, sendo associado em primazia aos jovens do que aos seniores.

Figura 12. Auto estereotipização dos participantes seniores e dos participantes jovens



**Quadro 13. Principais conclusões dos resultados do inquérito para a pergunta “Como é que os seniores e os jovens se veem a si próprios?”**

Instrumento	Principais conclusões
Inquérito	Os participantes seniores e os participantes jovens auto classificam-se positivamente.

Resumindo, para a segunda pergunta “qual a visão que os seniores e os jovens têm sobre si próprios?” podemos concluir que:

**Quadro 14. Principais conclusões para a pergunta “Como é que os seniores e os jovens se veem a si próprios?”**

Instrumento	Principais conclusões
Entrevistas	As entrevistas referem um bem-estar satisfatório das crianças e jovens da instituição.
Inquérito	Os participantes seniores e os participantes jovens têm uma visão tendencialmente positiva sobre si próprios.

#### 4.3.3. Como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?

##### 4.3.3.1. Entrevistas a atores chave

A caracterização do contacto entre as duas gerações é realizado através de uma comparação entre um “antes”, quando as mesmas instalações passaram a ser ocupadas pelos dois projetos, e por um “depois”, quando foram definidas regras. O primeiro impacto da partilha de espaço gerou alguns conflitos, pela sensação de espaço ocupado e pelo barulho gerado pelos jovens. A definição de novas regras, como dividir o espaço entre os dois projetos, e o facto dos jovens já não permanecerem

tanto tempo nas instalações, amenizou os conflitos, exatamente porque deixou de existir tanto contacto.

#### EXCERTO 9

**No primeiro impacto as coisas não correram muito bem.** Hoje em dia, de uma maneira geral as coisas estão muito bem porque também os horários não se cruzam muito e há um respeito, “este é o nosso espaço”, “este é o espaço deles”. Mas temos sorte, porque isso hoje em dia, foi uma boa solução. **Existe um afastamento.** E agora fizeste-me lembrar do magusto. Foi mais óbvio, e os idosos também contra os novos, “chega para lá”, a empurrar. E os novos não ligavam muito aos idosos, não diziam propriamente mal, mas riam-se um bocado. (Psicóloga 1)

#### EXCERTO 10

Existiam alguns conflitos. **Porque as crianças e os jovens faziam barulho** e depois qualquer barulho mínimo que existisse, **os idosos faziam queixa. As relações não eram muito boas.** Parece que **os idosos estão num lado, têm as suas atividades, estão no seu mundo, as crianças estão no outro, têm as suas atividades, estão no seu mundo, e não há relações entre eles** e às vezes as relações não são das mais positivas. (Psicóloga 2)

#### EXCERTO 11

Acho que evoluiu muito. Até ao nível de comportamento dos próprios jovens porque **já sabem que se forem a partir de um determinado espaço, o espaço já não é deles.** (Técnica de ação social)

#### **Quadro 15. Principais conclusões dos resultados das entrevistas para a pergunta “Como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?”**

Instrumento	Principais conclusões
Entrevistas	O contacto entre os seniores e os jovens da instituição foi conflituoso aquando do primeiro contacto. Presentemente, existem menos conflitos pela criação de regras de ocupação das salas e por alteração de horários, que evitam mais o contacto intergeracional, no entanto, o afastamento entre as gerações é ainda verificado.

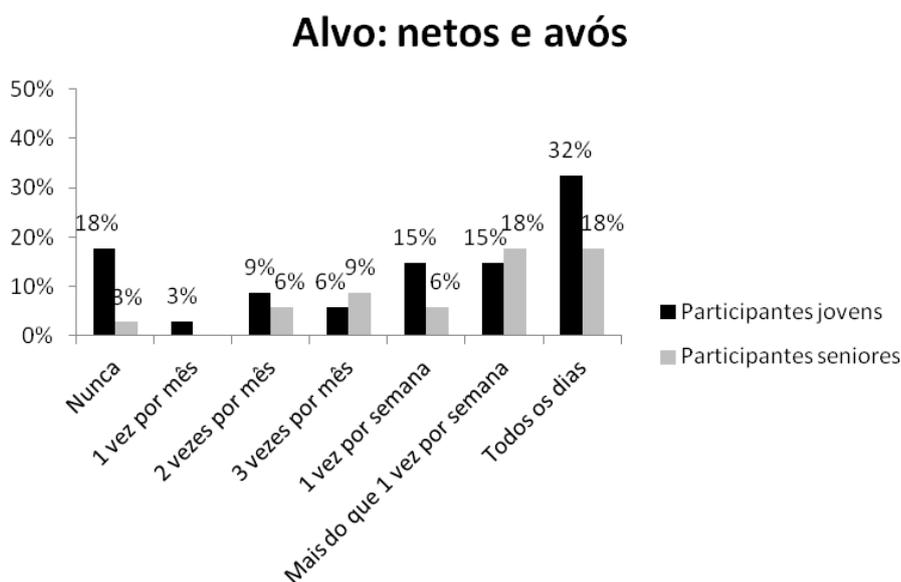
#### **4.3.2.2. Inquérito a seniores e a jovens**

Relativamente ao **contacto** dos grupos geracionais com o exogrupo, iremos caracterizá-lo em termos da **frequência** e da **qualidade** da relação, em primeiro lugar em relação ao exogrupo familiar (netos/avós) e depois em relação ao exogrupo extra familiar (jovens/seniores). Quanto à frequência enfatizaremos as opções “todos os dias” e “nunca” (retirando deste último o caso dos seniores que não têm netos e dos jovens em que os avós já faleceram). Para tornar a análise mais simples, tomaremos como contacto frequente as opções “todos os dias”, “mais do que uma vez por semana” e “uma vez por semana”. Por sua vez, o contacto pouco frequente irá abranger a opção “nunca”, “uma vez por mês” e “duas vezes por mês”, sendo que a opção “três vezes por mês” situa-se numa posição mediana, não revelando nem muito nem pouco contacto.

Desta forma, os participantes seniores que têm netos, 17,65% afirmam que estão com estes todos os dias, enquanto que 2,76% escolheram a opção “nunca”. Os dados revelam ainda que são mais os avós que estão frequentemente com os netos (41,10%), do que aqueles que têm contacto pouco frequente (88,6%). Quando ao contacto do participantes jovens com os avós, 32,40% estão com os avós todos os dias. Os jovens que estão com os avós frequentemente também tem uma percentagem superior (61,80%) do que os jovens que possuem um contacto menos frequente com os avós (29,35%).

Quanto à qualidade do contacto, os participantes seniores revelam uma qualidade do contacto com os netos satisfatória ( $M=6,72$ ,  $DP=0,46$ ), enquanto que os participantes jovens acusam uma qualidade do contacto com os avós menor mas também acima do ponto médio ( $M=5,97$ ,  $DP=1,35$ ).

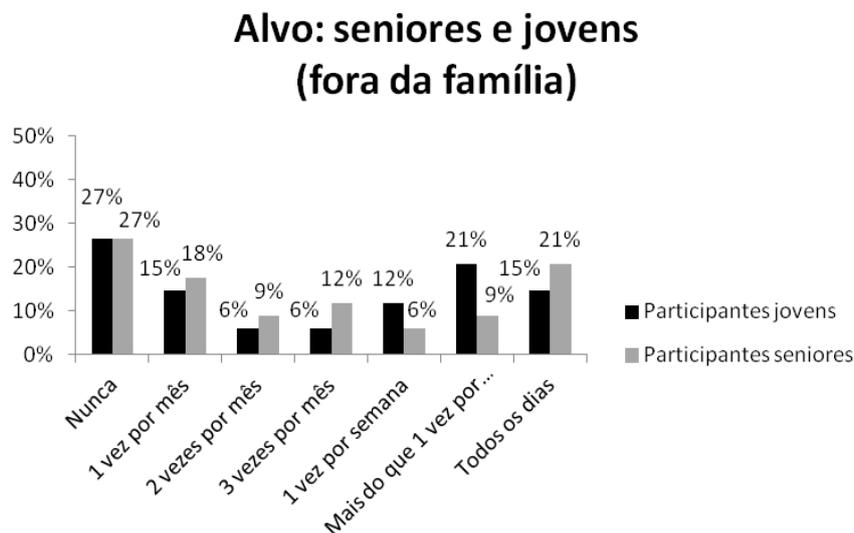
Figura 13. Frequência de contacto dos participantes seniores com os netos e dos participantes jovens com os avós



Relativamente ao contacto com o exogrupo fora da família, os participantes seniores e os participantes jovens responderam o mesmo na opção “nunca” (26,47%). 20,59% dos participantes seniores estão com jovens que não sejam da sua família todos os dias, e nesta opção responderam 14,70% dos participantes jovens. Apesar disto, 52,90% dos participantes seniores acusam pouca frequência de contacto com jovens, enquanto que nos participantes jovens, dividem-se igualmente entre contacto frequente e pouco contacto (41,10%).

A qualidade do contacto com os jovens reportada pelos participantes seniores compreende uma média satisfatória ( $M=6,00$ ,  $DP=1,10$ ), e os participantes jovens revelam uma qualidade do contacto com seniores satisfatória, apesar de inferior à dos participantes seniores ( $M=5,04$ ,  $DP=1,67$ ).

Figura 14. Frequência de contacto dos participantes seniores com jovens e dos participantes jovens com seniores (que não sejam da família)



**Quadro 16. Principais conclusões dos resultados do inquérito para a pergunta “Como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?”**

Instrumento	Principais conclusões
Inquérito	<p>São mais os participantes seniores que estão com os seus netos frequentemente do que aqueles que têm pouca frequência de contacto. Da mesma forma, os jovens estão muito frequentemente com os seus avós. Os avós que estão frequentemente com os netos (41,10%) são inferiores aos jovens que estão frequentemente com os avós (61,80%). Os dois grupos de participantes revelam gostar de estar com os netos ou avós.</p> <p>A percentagem de seniores que têm pouca frequência de contacto com jovens que não sejam da sua família é maior do que aqueles que a têm. Os participantes jovens revelam estar mais frequentemente com seniores que não sejam da sua família do que os participantes seniores. A qualidade do contacto reportada por aqueles que têm contacto com o exogrupo fora da família mostra-se igualmente satisfatório para os dois grupos.</p>

**4.3.3.3. Escala de Observação Intergeracional a seniores e a jovens**

Efetuada um contínuo com a análise anterior deste método, os resultados supracitados revelam a essência do contacto intergeracional demonstrado entre os jovens e os seniores. De facto, a primazia de comportamentos não incidiu na interação mas sim na observação. No entanto, talvez devido à natureza da tarefa, os participantes interagiram da igual forma com colegas da mesma geração e com colegas da outra geração.

**Quadro 17. Principais conclusões dos resultados da EOI para a pergunta “Como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?”**

Instrumento	Principais conclusões
EOI	A frequência de contacto com o exogrupo foi semelhante ao contacto com os membros do endogrupo.

Depois de todos os dados analisados dos principais instrumentos para caracterizar o contacto entre seniores e jovens, sintetizamos as conclusões fundamentais desta questão de partida:

**Quadro 18. Principais conclusões para a pergunta “Como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?”**

Instrumento	Principais conclusões
Entrevistas	O contacto entre seniores e jovens continua pouco amigável atualmente, atenuado pela divisão de horários dos grupos.
Inquérito	Os participantes tendem a ter um maior contacto com o exogrupo familiar, do que com o exogrupo fora da família, apesar de não se encontrar diferenças muito grandes quanto à qualidade da relação mencionada em ambos os alvos.
EOI	Os participantes contactaram tanto com membros do exogrupo como do endogrupo, apesar destas interações não terem sido o comportamento primordial da sessão.

**4.3.4. Qual é a atitude face a relações e atividades intergeracionais?****4.3.4.1. Entrevistas a atores chave**

Relativamente à opinião dos atores sobre as relações intergeracionais ou à concretização de atividades nesse âmbito, revela-se globalmente um receio e uma dificuldade percebida, baseadas também em algumas experiências anteriores. A vogal da educação revela uma atitude mais extremista, argumentando que a dificuldade ou a impossibilidade de realização de atividades intergeracionais se devem ao facto dos grupos serem diferentes, nomeadamente ao facto dos jovens não estarem disponíveis para dialogar com a outra geração. No entanto, as duas psicólogas e a técnica de ação social figuram a possibilidade de um contacto estruturado entre gerações como vantajoso para diminuir o idadismo entre gerações. Para além disso afirmam que o contacto pode trazer benefícios mútuos como a transmissão de conhecimentos, a quebra do isolamento por parte dos seniores, e estes poderem ser como modelos de vida para os jovens.

**EXCERTO 12**

Já houve algumas ideias [de atividades] mas **eu sempre tive algum receio porque via pela reação que eles [os jovens] tinham** e pelas afirmações que eles faziam em relação ao grupo que estava ali, não eram as mais positivas. Se eu acho que pode ajudar? Pode [a diminuir o preconceito através de relações intergeracionais]. No sentido de eles [jovens] **os conhecerem, de desmistificarem, ou se**

quiseres, de “despreconceituarem” a ideia que eles têm. Os idosos também os podem ajudar, serem mais uns modelos na vida deles. (Psicóloga 1)

## EXCERTO 13

**E eu também acho que as pessoas pensam que pode ser difícil.** Por exemplo, coisas mais simples em que nós juntamos crianças, jovens e idosos, nem sempre as coisas correm bem. **Era importante trabalhar isto** porque eu acho que os idosos acabam por poderem aproveitar muitas vezes **a energia e as novas maneiras de ser dos mais novos** (...) e os jovens podem também acabar por **gostar de estar com os idosos**, gostar de perceber como é que foi a vida dos idosos, como é que eles são, e acabaria por desmistificar algumas ideias que eles têm. (Psicóloga 2)

## EXCERTO 14

Os jovens estão muito ocupados. **Não é possível, temos quase a certeza que não é possível** porque durante a semana eles estão ocupados e durante o fim-de-semana eles têm projetos com as famílias. Portanto, **é sonho**. No concreto, os gostos são diferentes. É muito bonito dizer “vamos meter os velhotes com os jovens, etc.”. As linguagens são diferentes. (...) **Os miúdos não estão abertos ao diálogo com os mais velhos**. Não têm paciência. (Vogal da educação)

## EXCERTO 15

Por um lado, **transmitir-se-iam os saberes**, por outro lado, o facto de eles terem atividades com os idosos, vai permitir quando passarem à idade **adulta estarem sensibilizados para ajudar esse idoso**. (...) Por um lado, **cai o estigma, o medo**, e por outro lado, pode-se poupar imenso dinheiro, criar projetos muito bons e **o idoso deixa de estar excluído e isolado**. Eu acho que esta intergeracionalidade vai permitir o incentivo ao voluntariado e à entre ajuda e o retomar os laços de vizinhança que são típicos aqui do bairro da Lapa. (Técnica de ação social)

**Quadro 19. Principais conclusões dos resultados das entrevistas para a pergunta “Qual é a atitude face a relações e atividades intergeracionais?”**

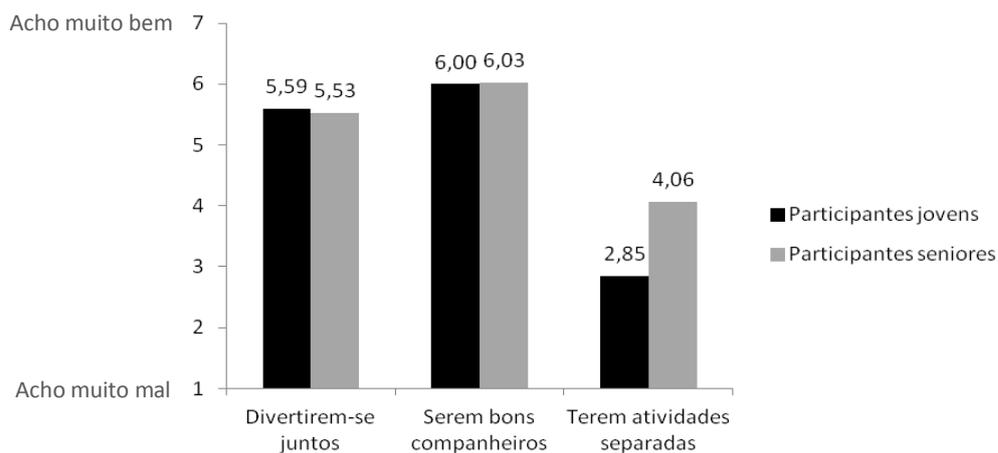
Instrumento	Principais conclusões
Entrevistas	Existe um padrão de resposta que frisa que as atividades intergeracionais podem ser vantajosas para ambas as gerações no sentido de desmistificar as ideias pré concebidas.
	Por outro lado, destoou uma resposta de um ator chave que salientou a impossibilidade da realização de atividades intergeracionais pelas diferenças que sobressaem entre os grupos etários.

#### 4.3.4.2. Inquérito a jovens e a seniores

Os resultados relativos à **atitude em relação às relações e atividades intergeracionais** surgiram através da realização de uma ANOVA mista a dois fatores, sendo a atitude face às relações intergeracionais o fator intraparticipantes e o grupo etário o fator interparticipantes, considerando a atitude face às relações intergeracionais como variável dependente. Os resultados revelam um efeito principal significativo do fator atitude relativamente ao fator grupo geracional,  $F(1,66)=39,45$ ,  $p=.000$ . A interação entre ao fator atitude e o fator grupo geracional possui um efeito marginal significativo,  $F(1,66)=3,57$ ,  $p=.063$ .

Os participantes seniores e os participantes jovens têm opiniões semelhantes e positivas quanto ao facto dos dois grupos geracionais serem bons companheiros ( $t(67)=0,09$ ,  $p=.989$ ) e divertirem-se juntos ( $t(67)=-1,12$ ,  $p=.900$ ), sendo que as médias se encontram acima do ponto médio. Já na opinião sobre os grupos terem atividades separadas, as médias são estatisticamente diferentes ( $t(66)=2,90$ ,  $p=.005$ ), sendo que são os seniores que mais concordam com o facto dos grupos geracionais terem atividades separadas ( $M=4,06$ ,  $DP=1,76$ ) ao contrário dos jovens ( $M=2,85$ ,  $DP=1,67$ ).

Figura 15. Atitude em relação a relações e a atividades intergeracionais



Relativamente à **disponibilidade dos grupos geracionais para aprender e ensinar**, é constatado que não existe diferenças de médias entre os participantes jovens e os participantes seniores,  $t(65)=1,34$ ,  $p=.830$ , ou seja, tanto os jovens ( $M=5,07$ ,  $DP=1,02$ ), como os seniores ( $M=5,40$ ,  $DP=1,06$ ), revelam uma disponibilidade semelhante para aprender e ensinar.

**Quadro 20. Principais conclusões dos resultados do inquérito para a pergunta “Qual é a atitude face a relações e atividades intergeracionais?”**

Instrumento	Principais conclusões
Inquérito	Os participantes seniores e os participantes jovens acham bem os dois grupos geracionais divertirem-se juntos e serem bons companheiros. Os participantes seniores concordam mais sobre o facto dos grupos geracionais terem atividades separadas.
	Os participantes seniores e os participantes jovens têm a mesma disponibilidade para aprender e para ensinar nas relações intergeracionais ou em atividades do meu cariz.

Para a última pergunta de partida relativamente à atitude que os participantes possuem sobre as relações e as atividades intergeracionais, as conclusões finais são:

**Quadro 21. Principais conclusões para a pergunta “Qual é a atitude face a relações e atividades intergeracionais?”**

Instrumento	Principais conclusões
Entrevistas	Se por um lado existe a crença de que as atividades intergeracionais podem ser uma possível solução para atenuar as atitudes negativas entre as gerações, por outro lado, é reconhecida uma certa impossibilidade devido às acentuadas diferenças geracionais.
Inquérito	Os participantes têm uma atitude positiva relativamente às relações intergeracionais. No entanto, ambos os grupos recuaram quanto à opinião sobre ter atividades juntos, principalmente os participantes seniores que não acham bem atividades em conjunto. Apesar disso, seniores e jovens mostram disponibilidade para aprender e ensinar o que pode ser um bom ponto de partida para atividades intergeracionais.

#### 4.4. Resumo do diagnóstico realizado

Em toda esta secção quatro temos vindo a apresentar o diagnóstico de necessidades efetuado. Como referimos, baseamos o mesmo em quatro perguntas pertinentes: 1) “o idadismo está presente na instituição?”; 2) “qual a visão que os seniores e os jovens têm sobre si próprios?”; 3) “como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?”; 4) “qual é a atitude face a relações e atividades intergeracionais?”. Para tal propusemos quatro instrumentos (entrevistas, inquéritos, ST-IAT e Escala de Observação Intergeracional) como métodos de recolha de dados com o intuito de que as perguntas de partida elaboradas fossem respondidas de forma mais próxima possível da realidade.

Para a pergunta “**Existe idadismo na instituição?**”, podemos perceber, de uma forma geral que, os dados do diagnóstico apontam a existência de idadismo entre as gerações. Os dados qualitativos das entrevistas revelam que os técnicos que acompanham e trabalham com duas gerações se apercebem da existência de conflitos e de comportamentos menos positivos. Através da observação percebemos que o primeiro contacto intergeracional entre estes grupos etários não incidiu sobre a interação. Quando perguntámos a opinião aos seniores e aos jovens através do questionário, surgiram resultados que indicam a existência de idadismo. Atribuir mais afetuosidade do que competência aos seniores é sinal, segundo Fiske e colaboradores (2002) de um idadismo, que de certa forma, é mais indireto, do que perguntarmos diretamente ao indivíduo se gosta do exogrupo. Neste sentido, os dois grupos geracionais afirmam que os seniores são mais afetuosos do que competentes. Outro resultado interessante é que os jovens, apesar de sentirem admiração pelos seniores, sentem também pena e desprezo o que corresponde ao esperado para a população jovem (Fiske et al., 2002). Como esperado é também o facto dos seniores sentirem primordialmente inveja dos jovens, confirmando assim os resultados de estudos, como do *European Social Survey* (2008) que já referimos, confirmando o baixo estatuto social do sénior. A comprovar ainda estes resultados é o facto dos participantes seniores tenderem a uma preferência pela exogrupo, confirmando a preferência endogrupal dos jovens. Os seniores demonstram esta preferência quando afirmam que o grupo dos jovens é mais importante para a sociedade portuguesa do que o grupo dos seniores, e quando dizem gostar mais do exogrupo do que do seu próprio grupo.

Apesar disto, podemos perceber uma abertura à mudança os dois grupos etários quando afirmam que veem os seniores e os jovens “apenas como pessoas e não como grupos”. O foco na individualidade pode ser um indicador positivo de uma visão mais heterogénea e menos idadista.

Os resultados para a atribuição de traços também nos parece tendencialmente positiva porque ambos os grupos associaram primeiramente traços positivos do que negativos ao exogrupo, não podemos negligenciar que, ambos os grupos, atribuíram alguns dos estereótipos ao endogrupo e ao exogrupo como se esperava, como é o caso dos participantes seniores associaram mais a precipitação ao exogrupo e a maturidade ao seu próprio grupo, sendo confirmado pelos participantes jovens.

As respostas automáticas reveladas pelo ST-IAT fazem crer que os jovens, apesar de um favoritismo endogrupal exteriorizado pelas respostas ao questionário, associaram mais rapidamente palavras positivas do que negativas ao exogrupo. No entanto, não sabemos o que aconteceria se estes mesmos jovens tivessem que avaliar também o seu próprio grupo, o que não nos foi possível verificar através deste estudo. Apesar disto, as respostas foram diferentes das dos participantes seniores que parecem tender para uma atitude mais neutra.

Quanto à **visão que os participantes seniores e os participantes jovens têm sobre si próprios**, percebemos pelos atores chave que existem realidades díspares na freguesia na população sénior, como também na população juvenil, apesar de mais ténue. No entanto, os dados do inquérito realizado referem que, no geral, os participantes têm uma visão positiva sobre si próprios, não necessariamente igual à visão que possuem sobre o seu próprio grupo. Esta conclusão parece-nos positiva visto a importância de se ter uma visão e um autoconceito saudável e positivo no estágio de desenvolvimento em que cada um se encontra (Erikson, 1968). Apesar destes seniores tenderem para um favoritismo exogrupal, esperando-se assim que se autoestereotipizassem de forma mais negativa ou ao endogrupo (Kornadt & Rothermund, 2011), este facto parece não ter ocorrido.

Na **caracterização do contacto intergeracional**, foi revelado que ainda existem conflitos entre as gerações dentro da instituição, embora mais amenizados através de uma estratégia horária que fez com que os jovens não ficasse tanto tempo nas mesmas instalações onde os seniores permanecem com maior frequência. De facto, os seniores afirmam pouca frequência de contacto com jovens que não sejam da sua família, enquanto os jovens se dividem igualmente entre muita e pouca frequência com seniores fora da família. O primeiro contacto registado pela observação, revelou pouca abertura à interação (de qualquer tipo), podendo evidenciar algum desconforto. Estes resultados correspondem, no geral, ao esperado visto que nas instalações o contacto é evitado e fora desta, não parece ser muito superior.

Finalmente, quanto à **atitude relativamente às relações e às atividades intergeracionais**, as entrevistadas, de forma geral, defendem que atividades intergeracionais poderão auxiliar na desconstrução das crenças idadistas que as gerações possuem uma sobre a outra, apesar de considerarem que poderá ser uma tarefa difícil. A opinião dos seniores e dos jovens é também positiva considerando que acham bem os dois grupos etários serem bons companheiros e que até se podem divertir juntos

Concluindo, percebemos através deste diagnóstico a prevalência de sinais de idadismo entre as duas gerações, que prejudica o contacto que podem estabelecer na instituição. Apesar disso, os resultados apontam para uma atitude positiva quanto à perspectiva de realização de atividades intergeracionais. Por estas razões é apresentado seguidamente um projeto piloto que tem como intuito testar as variáveis do modelo teórico para trabalhar principalmente o idadismo entre as gerações.

## V. DEFINIÇÃO DO PROJETO PILOTO

Depois das conclusões chegadas através do diagnóstico de necessidades à instituição, iremos apresentar uma proposta de projeto piloto com o principal intuito de diminuir o idadismo entre o grupo dos seniores e o grupo dos jovens. Este tem por base a revisão teórica referida anteriormente, apoiando-se também nos resultados do diagnóstico. Neste ponto, além de aprofundarmos todos os detalhes relativos à concretização de um projeto, enfatizamos a criação de uma atividade – “Lapa para todas as gerações” - que se torna o ponto central deste projeto, pois esta, estruturada segundo o nosso modelo teórico de processo, irá proporcionar aos seniores e aos jovens várias situações de contacto intergeracional. Para uma consulta direta, o manual da atividade proposta encontra-se no anexo 15. No final, explanamos os resultados preliminares desta intervenção.

### 5.1. Participantes do projeto

Os participantes para este projeto foram identificados através de inscrição prévia na atividade. Tanto os seniores como os jovens das instituições foram abordados informalmente para se inscreverem, deixando o contacto telefónico. Dentro do universo de potenciais participantes, decidiram participar cinco seniores da Academia Sénior da Lapa e sete jovens do 8º e 9º ano do Nós da Juventude. A caracterização da amostra encontra-se no quadro 8.

Apenas acrescentamos um apontamento importante quanto à definição do público-alvo. As idades aqui descritas mostram-se inteiramente adequadas a este tipo de intervenções intergeracionais, visto que a revisão teórica de Jarrott (2011) assim o confirma com dados de amostras semelhantes.

### 5.2. Recursos humanos e materiais

Quanto aos recursos humanos, para a realização deste projeto foi necessária a participação ativa da presente aluna que tinha a vantagem de se encontrar todos os dias na instituição a realizar o seu estágio, que foi a facilitadora da atividade, e que procedeu a todos os momentos de avaliação. Para a execução da observação foi requerida a presença de três técnicas. Houve ainda o auxílio da zeladora da Academia Sénior em termos logísticos, quando assim foi forçoso. No total, este projeto requereu a participação mais ativa de quatro pessoas.

No que diz respeito aos recursos materiais, foi necessária a utilização de uma sala livre e espaçosa das instalações onde funciona a Academia Sénior e o Nós da Juventude. Foram indispensáveis mesas e cadeiras suficientes para todos os participantes e para os momentos onde participavam as observadoras. No que diz respeito à atividade em si, foram necessárias fichas de trabalho adequadas para cada tarefa a realizar, com fotocópias suficientes para todos os participantes. Para além disso é requerido destes um material essencial à atividade, as suas fotografias, como também outros materiais de papelaria que poderão ser necessários. Todos os materiais estão descritos detalhadamente no manual da atividade do anexo 15.

### 5.3. Atividade

A atividade criada para este projeto, como já referido, denomina-se “Lapa para todas as gerações” e foi inspirada no estudo de Meshel e McGlynn (2004) anteriormente detalhado neste trabalho, no que diz respeito à sua estrutura fundamentada na teoria do contacto. As quatro sessões foram programadas segundo o modelo teórico de processo (figura 2), criando para isso um contexto de *contacto positivo* entre as gerações, suportado pela *autoridade da instituição*, proporcionando tarefas de *cooperação* para o cumprimento de um *objetivo comum*, em *igualdade de estatuto*. Ao mesmo tempo que *aprendem sobre o outro grupo geracional*, criam *laços afetivos* entre os membros das equipas, exercitando a *tomada de perspetiva* relativamente ao outro. Todo este processo tem como objetivo uma geração perceber a outra de forma diferente e assim diminuir o idadismo e aumentar o autoconceito positivo. Para que estas variáveis sejam trabalhadas na atividades, cada sessão foi dividida em tarefas específicas. O quadro seguinte justifica a aplicação das variáveis do modelo na atividade pela ordem temporal das sessões.

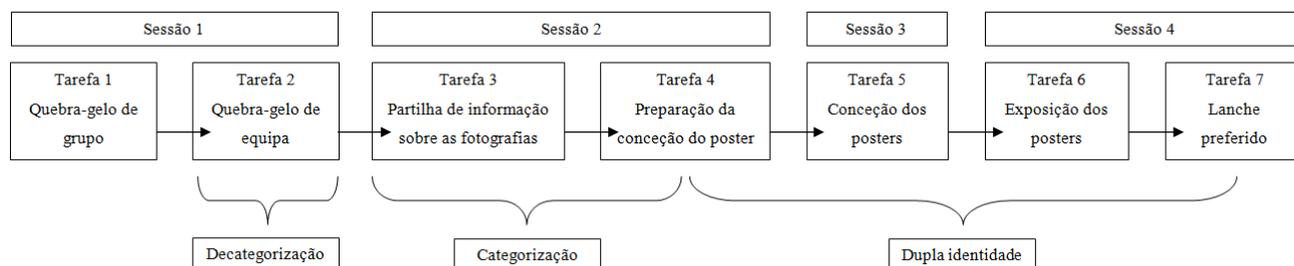
**Quadro 22. Justificação das variáveis trabalhadas na atividade**

Variável	Sessão/tarefa	Justificação
<b>Contacto intergrupalo positivo</b> (Pettigrew & Tropp, 2006)	Quatro sessões	Todas as sessões permitem um contacto positivo entre as gerações, estruturado através de tarefas específicas
<b>Estatuto igualitário</b> (Pettigrew & Tropp, 2006)	Quatro sessões	Todas as tarefas requerem a participação de todos os membros da equipa em vários momentos, pelo que o trabalho não pode ser finalizado sem o contributo de todos.
<b>Suporte de autoridade</b> (Allport, 1954)	Sessão 1 – apresentação da atividade	O suporte de autoridade é percebido através do discurso inicial que relaciona a concretização da atividade aos órgãos responsáveis pela instituição em causa.
<b>Partilha de objetivos comuns</b> (Allport, 1954)	Sessões 2 a 5 – desde o início da criação dos <i>posters</i> até à finalização e exposição	O objetivo partilhado refere-se à exposição dos <i>posters</i> para a festa final que será completa com a ajuda de todos os participantes.
<b>Cooperação intergrupalo</b> (Allport, 1954)	Sessões 2 a 5 – desde o início da criação dos <i>posters</i> até à finalização e exposição	A cooperação intergrupalo será necessária entre os membros de cada equipa de forma a conseguirem criar os <i>posters</i> a tempo de serem expostos para a festa final. A cooperação subentende a partilha de informação sobre as fotografias e o uso das mesmas para criar um <i>poster</i> que tenha a ver com o tema dado.
<b>Aprendizagem sobre o exogrupo</b> (Dovidio, Gaertner & Kawakami, 2003)	Sessão 1 e 2 – tarefas de quebra-gelo e partilha de informação sobre as fotografias Sessão 4 – partilha de receitas favoritas	As tarefas das sessões 1 e 2 permitem diretamente a partilha sobre informação pessoal e um envolvimento dos membros da equipa, pois necessitam da informação para poderem construir o <i>poster</i> . Estas informações permitem uma proximidade entre os participantes e um conhecimento aproximado sobre a outra geração. A sessão 4 permite mais uma partilha de informação e um possível encontro de gostos em comum.

Variável	Sessão/tarefa	Justificação
<b>Criação de laços afetivos</b> (Pettigrew & Tropp, 2006)	Sessão 1 e 2 – tarefas de quebra-gelo e partilha de informação sobre as fotografias Sessão 4 – partilha de receitas favoritas	A troca de informação pessoal nestas sessões permite uma aproximação entre os participantes, principalmente, entre gerações distintas. A proximidade irá suscitar um maior envolvimento e familiaridade o que pressupões uma maior disponibilidade para a ocorrência de laços afetivos entre os participantes.
<b>Tomada de perspectiva</b> (Galinsky & Moskowitz, 2000)	Sessão 2 – contar as histórias por detrás das fotografias do colega	A partilha de informação sobre as fotografias dá-se primeiramente, não através do dono das mesmas, mas através do colega que tenta colocar-se no lugar do outro e imaginar o contexto onde estava, o que estava a sentir, tentando ser o mais detalhado possível. Este exercício permitirá o participante incrementar a tomada de perspectiva sobre o colega e por sua vez mais disponível para desenvolver uma relação intergeracional.

A fundamentação desta atividade para além de ter como base o modelo teórico (figura 2), está estruturada consoante o modelo de mudança do idadismo (figura 1) através das três representações sociais supracitadas: decategorização, categorização e dupla identidade. A figura seguinte explicita temporalmente a sequência das tarefas da atividade, consoante as representações sociais designadas.

Figura 16. Diagrama lógico do projeto



Para o desenvolvimento da interação intergeracional, foi criada uma atividade que pudesse criar alguma identificação aos participantes da comunidade ou da freguesia. Neste sentido, tivemos em conta as opiniões das técnicas (também explanadas nas entrevistas – anexo 3), reajustando as ideias aos objetivos pretendidos. Assim, foi elaborado um manual que detalha todas as tarefas e materiais necessários ao sucesso da atividade (anexo15). O principal objetivo dos participantes nesta tarefa é criar uma exposição de posters realizados em grupos intergeracionais. Estes posters são completados através de fotografias dos participantes que representem o passado e o presente dos mesmos, relacionados com a freguesia. Até chegar à conceção dos posters, a partilha entre os participantes sobre as fotografias, mostra-se um momento importante. É neste momento que é enfatizado nos grupos a existência de duas gerações diferentes, mas que no entanto, podem encontrar pontos em comum pelas experiências, emoções, gostos e interesses semelhantes. É a

partir daqui, e com o planeamento dos posters que têm que incluir todas as fotografias dos participantes retratando o grupo, a comunidade e uma história em comum, que se espera que os jovens e os seniores se sintam parte de um grande grupo, mesmo que tomando a consciência que pertencem ao mesmo tempo a duas gerações distintas. É nesta fase que esperamos também e principalmente, que haja uma diminuição do idadismo entre os grupos e o desenvolvimento de relações mais harmoniosas.

Finalizando a explicação da atividade, elaborámos ainda um modelo lógico, que se encontra em seguida, que permite conhecer melhor a estrutura da atividade, especificando os recursos necessários e detalhando quais os objetivos a curto, médio e a longo prazo.

Como curiosidade, encontram-se nos anexos 16 e 17, exemplos de fichas preenchidas sobre a partilha de informação sobre as fotografias e a preparação da conceção do poster. No anexo 18 estão disponíveis fotografias dos grupos intergeracionais que participaram na atividade e no anexo 19 é possível ver os trabalhos finais realizados pelos mesmos.

Quadro 23. Modelo lógico da atividade “Lapa para todas as gerações”							
Atividade	Tarefa	Recursos	Produtos	Clientes	Objetivos		
					Curto prazo	Médio prazo	Longo prazo
Lapa para todas as gerações	1 – Quebra-gelo de grupo	<i>Humanos:</i> facilitadora + 2 observadoras <i>Materiais:</i> Sala; cadeiras; materiais do jogo dos provérbios; canetas	-----	Junta de freguesia da Lapa	Proporcionar um conhecimento individual de cada participante da atividade	Facilitar as relações ao serem transmitidas informações sobre os participantes	Diminuir o idadismo entre as gerações e aumentar o autoconceito positivo
	2 – Quebra-gelo de equipa	<i>Humanos:</i> facilitadora + 2 observadoras <i>Materiais:</i> Sala; cadeiras; ficha da tarefa 2; canetas	Fichas da tarefa 2 preenchidas com informação do indivíduo preenchida pelo colega		Proporcionar um conhecimento aprofundado dentro das equipas de trabalho	Facilitar as relações em equipa	
	3 – Partilha de informação sobre as fotos	<i>Humanos:</i> facilitadora <i>Materiais:</i> Sala; cadeiras; mesas; ficha da tarefa 3; canetas	Fichas da tarefa 3 preenchidas com informação sobre as fotografias para o poster		Recolher informação sobre as fotografias e incentivar a tomada de perspetiva do colega	Incentivar a curiosidade e a tomada de perspetiva sobre o colega da outra geração	
	4 – Preparação da conceção do poster	<i>Humanos:</i> facilitadora <i>Materiais:</i> Sala; cadeiras; mesas; ficha da tarefa 3 e ficha de planeamento do poster; canetas; lápis, borracha	Ficha de planeamento do poster preenchida com o esboço do poster		Organizar o poster	Proporcionar habitação sobre o trabalho em equipas intergeracionais	
	5 – Conceção dos posters	<i>Humanos:</i> facilitadora <i>Materiais:</i> Sala; cadeiras; mesas; ficha de planeamento do poster; canetas; lápis, borracha; materiais vários	-----		-----	-----	
	6 – Exposição dos posters	<i>Humanos:</i> facilitadora + 2 observadores <i>Materiais:</i> Sala; cadeiras; mesas; canetas; lápis, borracha; materiais vários	1 poster por equipa		Realizar uma exposição sobre “Lapa para todas as gerações”	Proporcionar uma visão diferente relações intergeracionais	
	7 – Lanche preferido	<i>Humanos:</i> facilitadora <i>Materiais:</i> Sala; mesas; canetas; bolos; sumos e chá	Receitas favoritas		Proporcionar partilha entre os participantes sobre receitas preferidas	Estreitar as ligações intergeracionais e proporcionar intimidade entre os participantes	

#### 5.4. Objetivos de processo e de resultado

Os objetivos de processo e de resultados foram efetuados para cada tarefa da atividade e sintetizados no quadro seguinte:

<b>Quadro 24. Objetivos de processo e de resultado por tarefa da atividade</b>			
<b>Sessão</b>	<b>Tarefa</b>	<b>Objetivos de processo</b>	<b>Objetivos de resultado</b>
1	Quebra-gelo de grupo	Realizar uma atividade de conhecimento sobre os participantes da atividade	Estreitar as relações entre o grupo que participa na atividade
	Quebra-gelo de equipa	Realizar uma atividade de conhecimento entre os membros das equipas	Estreitar as relações entre os membros das equipas
2	Partilha de informação sobre as fotografias	Partilhar informação em pares sobre as fotografias de cada participante	Proporcionar a tomada de perspetiva entre os membros das equipas
	Preparação da conceção dos <i>posters</i>	Preparar a conceção do poster através de uma ficha de planeamento	Proporcionar aos participantes trabalho em equipa intergeracional
3	Preparação da conceção dos <i>posters</i>	Preparar a conceção do poster através de uma ficha de planeamento	Proporcionar aos participantes trabalho em equipa intergeracional
4	Preparação da conceção dos <i>posters</i>	Terminar os posters	Proporcionar aos participantes a oportunidade de realizar um objetivo em comum entre gerações
	Lanche preferido	Facultar a partilha de receitas preferidas	Garantir o fomento das relações através da partilha de informação pessoal

#### 5.5. Outputs

Como *outputs* principais deste projeto temos, em primeiro lugar, o manual da atividade que detalha em pormenor as sessões e o material necessário para cada tarefa e, em segundo, os posters realizados pelos participantes.

#### 5.6. Orçamento

O orçamento para a aplicação do projeto foi estimado a partir dos gastos já efetuados com o mesmo, dando um total de 27,55€. O detalhe do orçamento encontra-se no anexo 20.

#### 5.7. Riscos e ameaças ao projeto implementado

O desenvolvimento deste projeto piloto comportou alguns riscos que poderiam ter colocado em causa os objetivos pretendidos.

Um dos riscos detetados anteriormente tem que ver com os horários para a realização das atividades. Tendo em conta que o planeamento normal das atividades do Nós da Juventude e da Academia Sénior já se encontrar definido e bastante preenchido. A carga horária também se mostrou

demasiado exigente para aos grupos alvo, tendo em conta as outras atividades em que participam, prejudicando a definição de um horário passível de ser utilizado para o projeto. Do mesmo modo e relacionado com o anterior, verificámos que a falta de espaço físico para a realização das atividades poderia ser outro risco que foi necessário prever.

Outro dos aspetos importantes e que poderia ameaçar a implementação do projeto foi a deteção de falta de motivação e empenho nas atividades por parte dos grupos, isto é, os jovens e os seniores podiam não se identificar com os temas e as atividades propostas.

Felizmente, todas estas ameaças foram combatidas na fase de preparação da implementação, visto que se conseguiu encontrar um horário adequado e espaço para a atividade, como também não houve, no geral, problemas de motivação e identificação com a atividade por parte dos participantes. No entanto, foram calculados os *scores* de risco esperados tendo em conta a probabilidade de ocorrência dos três factos anteriormente referidos e o impacto previsível para o projeto (anexo 21). A falta de motivação e empenho obteve um score de risco médio pois a probabilidade de ocorrência era alta com um impacto médio no projeto. A falta de horário obteve também um score alto mas com uma probabilidade mais baixa de ocorrência. A falta de espaço físico para a atividade teve um score de risco médio, com menor probabilidade de ocorrência.

## 5.8. Avaliação da intervenção

Depois de apresentada a atividade e todos os pormenores da implementação resta-nos elucidar sobre o plano de avaliação adotado para esta intervenção piloto. Nos pontos seguintes explanamos qual o *design* e o método escolhido para avaliação da intervenção explicando os detalhes dos instrumentos aplicados à amostra: Escala de Observação Intergeracional, inquérito qualitativo e inquérito de verificação de manipulação. Será explanado também qual o procedimento adotado para a avaliação das sessões da atividade. Por fim, os resultados serão explicados por instrumento.

### 5.8.1. Plano de avaliação

O plano de avaliação da intervenção seguiu um sistema de avaliação de processo e de avaliação de resultados. A avaliação de processo tem como intuito evidenciar a qualidade do projeto ou da atividade, estando estreitamente ligado ao conceito de eficiência durante o processo de implementação. Já a avaliação de resultados tem como intuito verificar se o projeto ou a atividade atingiu os objetivos pretendidos no público-alvo, relacionando-se com a eficácia da intervenção (European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction, 1998).

Assim, podemos dizer que a avaliação de resultados estruturou-se a partir de um *design* experimental com pré e pós teste, com um intervalo de quatro semanas, utilizando grupo de controlo.

Inicialmente pensámos na aplicação do inquérito e do ST-IAT na fase de pré e pós teste da intervenção como forma de avaliar a sua eficácia. No entanto, o facto do grupo de intervenção apresentar um tamanho reduzido levou a que optássemos pela aplicação de um pequeno inquérito qualitativo que nos permitiu avaliar a ocorrência de mudanças nas variáveis dependentes. Incluímos ainda um inquérito final para a verificação da manipulação das variáveis trabalhadas na atividade e um inquérito para avaliação da reação à formação.

### 5.8.2. Método

Em forma de síntese, apresentamos o quadro seguinte sobre os instrumentos utilizados nesta intervenção e em que fase foram aplicados.

**Quadro 25. Instrumentos aplicados aos participantes seniores e aos participantes jovens**

Instrumentos	Amostra	Pré teste	Pós teste	Intervalo de tempo entre pré e pós teste
Inquéritos qualitativos	5 seniores 7 jovens	✓	✓	4 semanas
Verificação da manipulação	5 seniores 7 jovens	x	✓	-----
Reação à formação	5 seniores 7 jovens	-----	✓	-----

#### 5.8.2.1. Inquéritos qualitativos

##### 5.8.2.1.1. Instrumento

Este inquérito (anexo 22) é composto por quatro questões de resposta aberta, dirigidos ao exogrupo e ao endogrupo. A linguagem deste inquérito também foi adaptada a cada grupo, e cada um começava por responder acerca do exogrupo.

As questões focavam sobretudo as características que os seniores e os jovens possuem para cada um destes grupos, especificando intervalos de idade e características que correspondem a sénior e a jovem.

**Quadro 26. Estrutura do inquérito qualitativo**

Idade	Entre que idades podemos chamar a uma pessoa de jovem?
	Quando é que se começa a ser idoso?
Características gerais	Como é que são as pessoas jovens?
	Como é que são as pessoas idosas?

Para o tratamento dos dados foi utilizado o método de análise de conteúdo (Bauer, 2004). Segundo este autor, a análise de conteúdo caracteriza-se por ser um “método de análise de texto (...) que faz uma ponte entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais” (pp. 190). Neste caso vamos utilizar um delineamento de pesquisa simples e descritivo, com um critério de categorização semântico, contabilizando a frequência de todas as categorias identificadas nas unidades de análise, os inquéritos qualitativos, tendo como base teórica os atributos estereotípicos de cada grupo geracional de Marques, Lima e Novo (2006).

#### **5.8.2.1.2. Procedimento**

Antes de iniciarem a atividade, os participantes responderam a este inquérito como condição essencial para participar nas tarefas e voltaram a responder no final da atividade. Os participantes seniores e jovens responderam ao mesmo permanecendo em conjunto na sala, em silêncio. O preenchimento deste instrumento não ultrapassou os 10 minutos por cada sujeito.

#### ***5.8.2.2. Verificação da manipulação e reação à formação***

##### **5.8.2.2.1. Instrumento**

O instrumento de verificação da manipulação (anexo 23) foi elaborado para confirmar a intervenção nas variáveis do modelo teórico sobre os grupos alvo. Acrescentámos ainda outras duas dimensões: a perceção da importância do papel do grupo geracional para a atividade e avaliação da formação. A tabela do anexo 24 faz uma descrição detalhada do instrumento.

##### **5.8.2.2.2. Procedimento**

Este inquérito foi aplicado logo após a finalização das quatro sessões da atividade intergeracional. Os participantes permaneceram na mesma sala e responderam individualmente, não sendo o tempo de resposta superior a cinco minutos.

#### ***5.8.2.3. Avaliação de processo da atividade***

##### **5.8.2.3.1. Instrumento**

A avaliação de processo foi realizada através de uma ficha adaptada do método utilizado no Nós da Juventude para a avaliação das restantes atividades. Esta ficha (anexo 25), tem como intuito registar, primordialmente, a assiduidade dos participantes e avaliar dois aspetos: o grau de cumprimento dos objetivos planeados e a reação dos participantes às tarefas propostas. Estes dois pontos são avaliados numa escala de Likert (1-Muito insuficiente, 2-Insuficiente, 3-Suficiente, 4- Bom e 5-Muito Bom). No final, ainda podiam ser registadas dificuldades encontradas e sugestões de melhoria, ou outro tipo de observações.

##### **5.8.2.3.2. Procedimento**

Esta ficha foi preenchida pela facilitadora logo após o término de cada sessão de atividade.

### **5.8.3. Resultados**

#### ***5.8.3.1. Inquéritos qualitativos***

Para a análise dos inquéritos qualitativos criámos duas categorias gerais: Idade e Atributos estereotípicos. Dentro desta última criou-se três sub categorias: Traços positivos, Traços neutros e Traços negativos. Para a análise dos resultados registaram-se todos os traços que ocorreram nas

respostas e a sua frequência. As tabelas seguintes auxiliam na análise percebendo a evolução antes e depois da atividade.

Quanto à primeira categoria, Idade, ambos os grupos de participantes alargaram o seu intervalo de idade quanto à juventude, considerando depois da atividade que um indivíduo é jovem durante mais tempo. Não se registaram diferenças em relação à idade dos seniores.

**Quadro 27. Resposta dos participantes seniores e dos participantes jovens relativamente à categoria IDADE acerca do exogrupo e do endogrupo**

Participantes	Idade média dos jovens*		Idade média dos seniores**	
	Antes	Depois	Antes	Depois
<b>Participantes seniores</b>	11 – 33 anos	7 – 51 anos	A partir dos 65 anos	A partir dos 65 anos
<b>Participantes jovens</b>	7 – 28 anos	8 – 42 anos	A partir dos 58 anos	A partir dos 58 anos

\* “Entre que idades podemos chamar a uma pessoa de jovem?”

\*\* “Quando é que se começa a ser idoso?”

Quando aos resultados dos Traços estereotípicos, os seniores diminuíram o número de traços positivos atribuídos aos jovens. Curiosamente, foram apontados três traços negativos aos jovens no pós teste, apesar de não terem sido nomeados nenhuns no primeiro momento. No entanto, os traços positivos para classificar os jovens no pós teste foram superiores aos traços positivos.

**Quadro 28. Resposta dos participantes seniores relativamente à categoria TRAÇOS ESTEREOTÍPICOS acerca do exogrupo**

Atributos		Frequência	
		Antes	Depois
<b>Positivos</b>	Alegres	3	0
	Sonhadores	1	1
	Acreditam na mudança	2	0
	Entusiasmados	1	1
	Versáteis	3	0
	Ágeis	1	0
	Frescos	0	1
	Criativos	0	1
Leves	0	1	
<b>Total</b>		<b>11</b>	<b>5</b>
<b>Negativos</b>	Irresponsáveis	0	1
	Barulhentos	0	1
	Irrequietos	0	1
<b>Total</b>		<b>0</b>	<b>3</b>
<b>Neutros</b>	Objetivos	1	0
	Livres	0	1
<b>Total</b>		<b>1</b>	<b>1</b>

Quando os seniores avaliam o seu próprio grupo notamos que diminuem a nomeação de traços negativos no pós teste, obtendo o mesmo número de traços positivos nos dois momentos.

**Quadro 29. Resposta dos participantes seniores relativamente à categoria TRAÇOS ESTEREOTÍPICOS acerca do endogrupo**

Atributos		Frequência	
		Antes	Depois
Positivos	Bem resolvidos	1	0
	Responsáveis	1	1
	Interessantes	0	1
<b>Total</b>		<b>2</b>	<b>2</b>
Negativos	Preocupados	2	0
	Pesados	2	1
	Sós	1	0
	Doentes	1	0
	Mal resolvidos	1	0
	Sérios	1	0
	Pouco ágeis	1	0
	Conformadas	0	1
	Com dificuldade de adaptação	0	1
	Críticas	0	2
Chatas	0	1	
<b>Total</b>		<b>9</b>	<b>6</b>
Neutros	Pormenorizados	1	0
	Subjetivos	1	0
<b>Total</b>		<b>2</b>	<b>0</b>

Nos participantes jovens, ainda na atribuição de traços aos seniores, os resultados para os traços positivos são semelhantes dos dois momentos, e sempre superiores aos traços negativos. O mais interessante e positivo é verificar-se uma diminuição de traços negativos ao exogrupo depois da atividade.

**Quadro 30. Resposta dos participantes jovens relativamente à categoria TRAÇOS ESTEREOTÍPICOS acerca do exogrupo**

Atributos		Frequência	
		Antes	Depois
Positivos	Simpáticos	4	1
	Extrovertidos	2	1
	Sábios	3	1
	Amigos	1	1
	Divertidos	1	0
	Espontâneos	0	1
	Interessantes	0	1
	Divertidos	0	1
	Iguais aos jovens	0	2
	Compreensivos	0	1
<b>Total</b>		<b>11</b>	<b>10</b>
Negativos	Chatos	3	0
	Antipáticos	1	0

	Teimosos	1	0
	Menos enérgicos	1	1
	<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>1</b>
<b>Neutros</b>	Faladores	1	0
	Melancólicos	1	0
	<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>0</b>

Quando os participantes jovens respondem acerca do endogrupo, percebemos que diminuem ligeiramente o número de traços positivos depois da atividade, no entanto, não atribuem quaisquer traços negativos ao seu grupo nos dois momentos de avaliação.

**Quadro 31. Resposta dos participantes jovens relativamente à categoria TRAÇOS ESTEREOTÍPICOS acerca do endogrupo**

Atributos		Frequência	
		Antes	Depois
<b>Positivos</b>	Simpáticos	1	2
	Divertidos	4	1
	Enérgicos	3	1
	Bonitos	1	0
	Extrovertidos	1	0
	Espontâneos	0	1
	Interessantes	0	1
	Iguais aos seniores	0	1
Com vontade de viver	0	1	
	<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>8</b>
<b>Negativos</b>	-----	0	0
	<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>Neutros</b>	Faladores	1	0
	Melancólicos	1	0
	Livres	0	1
	<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>1</b>

Se analisarmos as respostas dos dois grupos de participantes relativamente aos seniores, percebemos que houve uma diminuição dos traços negativos atribuídos a este grupo. Quando os grupos avaliaram os jovens, também reduziram o número de traços positivos.

Realizámos ainda uma comparação entre os traços estereotípicos respondidos pelos participantes e os resultados sugeridos por Marques, Lima e Novo (2006). No pré teste surgiram dois traços que correspondem, segundo estes autores, aos seniores (traço positivo: sábios – 3 ocorrências; traço negativo: doente – 1 ocorrência). No pós teste surgiu um traço positivo relacionado com os seniores (sábio – 1 ocorrência) e dois traços associados aos jovens (traço positivo: criativos – 1 ocorrência; traço negativo: irresponsáveis – 1 ocorrência).

### 5.8.3.2. Verificação da manipulação e reação à formação

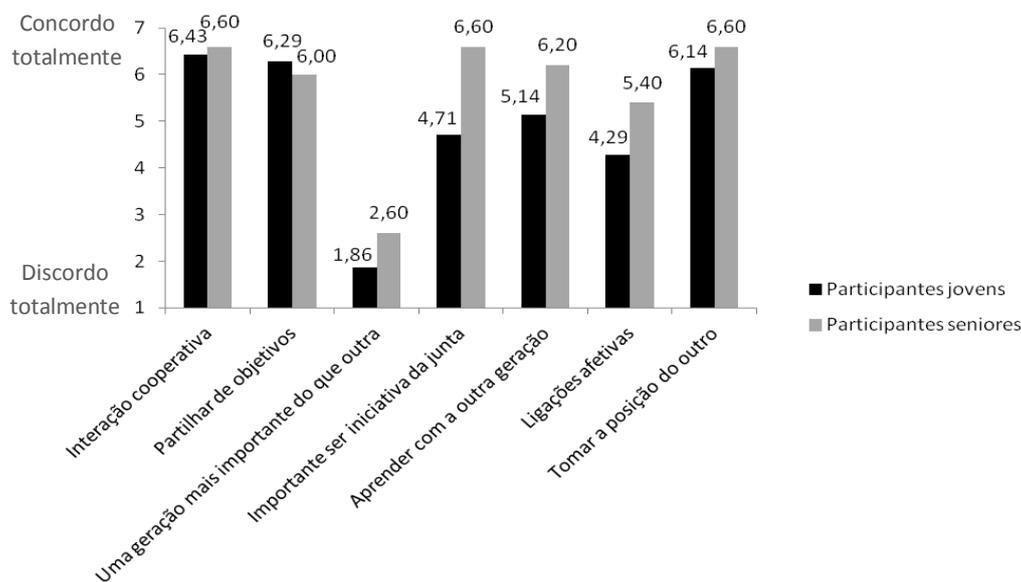
Relativamente à verificação da manipulação, podemos reparar que os participantes seniores e os participantes jovens obtiveram respostas estatisticamente semelhantes e positivas, apesar dos participantes seniores, no geral, obterem médias mais elevadas. A opinião sobre a partilha de objetivos foi exceção, visto que os participantes jovens mostraram maior perceção deste aspeto ( $M=6,29$ ,  $DP=1,11$ ) do que os participantes seniores ( $M=6,00$ ,  $DP=1,00$ ). A maior discrepância de médias revelou-se na opinião sobre a atividade ser uma iniciativa da junta, onde os participantes seniores ( $M=6,60$ ,  $DP=0,55$ ) concordaram mais do que os participantes jovens ( $M=4,71$ ,  $DP=0,95$ ) sobre a importância deste fator,  $t(10)=3,96$ ,  $p=.003$ .

Os participantes seniores acharam que os membros da sua geração e os membros da outra geração tiveram igual importância na atividade, enquanto os participantes jovens obtiveram uma média ligeiramente superior relativa à importância da outra geração na atividade, do que a sua própria geração.

Quanto às respostas sobre a reação à formação, os participantes seniores e os participantes jovens sentiram-se bem durante o contacto ( $M=6,60$ ,  $DP=0,55$  e  $M=6,29$ ,  $DP=0,76$ ) e gostaram da atividade ( $M=6,40$ ,  $DP=0,55$  e  $M=6,00$ ,  $DP=1,16$ ), mas os participantes seniores revelaram maior interesse em participar em atividades intergeracionais no futuro ( $M=6,40$ ,  $DP=0,55$ ) do que os participantes jovens ( $M=4,57$ ,  $DP=1,90$ ).

A formadora também foi avaliada positivamente pelos participantes seniores ( $M=6,80$ ,  $DP=0,45$ ) e pelos participantes jovens ( $M=6,57$ ,  $DP=0,79$ ).

Figura 17. Verificação da manipulação por parte dos participantes seniores e jovens



### 5.8.3.3. Avaliação de processo da atividade

A avaliação de processo da atividade foi realizada apenas pela facilitadora em todas as sessões. O grau de cumprimento dos objetivos e execução das tarefas planeadas foi satisfatório, dando um nível de cumprimento entre o Bom e o Muito Bom ( $M=4,3$ ). Quanto à reação dos jovens e seniores às

atividades propostas (tendo em conta a motivação, o empenho, a participação, etc.) obteve-se também um nível de reação dos participantes entre o Bom e o Muito Bom ( $M=4,5$ ). Quanto à assiduidade dos participantes, existiram algumas faltas em algumas sessões, no entanto, foram sempre justificadas à facilitadora, não alterando o funcionamento da atividade.

As dificuldades encontradas foram sobretudo relativamente ao tempo de execução dos posters. As sessões estenderam-se um pouco para além da hora marcada e o número de sessões poderia ter sido superior para facilitar a realização dos posters. A inexistência de mais sessões deveu-se ao facto do ano letivo do Nós da Juventude e da Academia Sénior estar a terminar, e desta forma, muitos participantes deixaram de recorrer às instalações.

#### **5.8.4. Discussão dos resultados da intervenção**

Como supracitado, esta intervenção piloto foi acrescentada a este trabalho como forma de complemento para proporcionar alguns resultados preliminares da atividade criada segundo o modelo teórico realizado. Pela diminuta amostra que tivemos a possibilidade de atingir, realizou-se apenas a análise do questionário qualitativo. Assim, em resultado do contacto intergeracional proporcionado, observamos que os participantes alteraram a sua visão do tempo de duração da juventude, aumentando o intervalo de idades em que esta pode ocorrer. Podemos supor que os participantes desenvolveram uma opinião mais positiva acerca da duração da juventude, incluindo nela mais fases da vida de um sujeito, independentemente da idade. Para além disto, verificou-se que os jovens têm uma avaliação muito positiva do endogrupo pela ausência de traços negativos e pela quantidade elevada de traços positivos com que se classificaram no pré e pós atividade, tal como foi revelado também pelos dados do diagnóstico realizado anteriormente. Estes também avaliaram mais positivamente os seniores, visto que diminuíram os traços negativos com que os caracterizaram. Este resultado torna-se positivo, havendo uma tendência de aumento de atitudes positivas em relação ao exogrupo.

Já os seniores, avaliaram o seu próprio grupo melhor depois da atividade, no entanto, a avaliação do exogrupo foi diferente. Apesar de atribuírem, no geral, mais traços positivos aos jovens do que negativos, estes últimos surgiram no segundo momento de avaliação quando no primeiro não aconteceu. Podemos perceber aqui que o favoritismo exogrupal que transparecia dos seniores nos resultados do diagnóstico possa ter diminuído em prol de uma avaliação mais positiva sobre o seu próprio grupo, o que não deixa de ser uma tendência positiva para os seniores.

A verificação da manipulação trouxe também percepções muito positivas acerca das variáveis utilizadas na atividade. Os participantes revelaram consciência dos componentes trabalhados no contacto intergeracional, posicionando-se a maior parte destes acima do ponto médio, o que nos sugere a grande utilidade da atividade e da estrutura adotada.

## VI. DISCUSSÃO FINAL

Chegando à etapa final deste trabalho, interessa aqui fazer uma reflexão conclusiva sobre o que foi realizado. Iniciámos este projeto a analisar as consequências do envelhecimento da população e da segregação pela idade, profundamente enraizada na nossa sociedade. Por essa razão, estilos e modos de vida das pessoas são condicionados, contribuindo para o afastamento das gerações e para a proliferação do idadismo. Da mesma forma que atitudes idadistas se desenvolvem nos indivíduos contra uma geração diferente da sua, o autoconceito pode ser afetado quando sentimentos discriminatórios são dirigidos ao nosso grupo etário de pertença. Em Portugal, como vimos, o idadismo tem afetado mais a população sénior do que a jovem, apesar deste fenómeno também se fazer sentir nos indivíduos mais jovens. Devido a estas consequências analisamos uma proposta de um método que pode ajudar a diminuir o idadismo entre as gerações – os projetos intergeracionais. Detalhadamente, revimos que os tipos de projetos intergeracionais mais vantajosos são aqueles que permitem o contacto intergrupar positivo entre seniores e jovens num mesmo estatuto de igualdade, ou seja, quando ambos participam na atividade de igual forma. Estudos como o de Meshel e de McGlynn (2004) e de Kessler e de Staudinger (2007) são exemplos deste tipo de atividade intergeracional. Considerámos que esta seria uma solução possível para investir numa estrutura de um projeto adequado para diminuir o idadismo e fomentar um autoconceito positivo. Assim, sabendo que a teoria do contacto intergrupar (Allport, 1954; Pettigrew & Tropp, 2006) e a teoria psicossocial de Erikson são as mais vantajosas nestes objetivos, selecionámos algumas variáveis teoricamente fundamentadas para fazerem parte de um modelo teórico de processo. Assim, o contacto intergrupar positivo, o estatuto igualitário, o suporte de autoridade, partilha de objetivos comuns, cooperação intergrupar, aprendizagem sobre o exogrupo, criação de laços afetivos e a tomada de perspetiva são as variáveis que mais conseguem trazer efeitos positivos nas nossas variáveis resultado: diminuição do idadismo e promoção de um autoconceito positivo.

Antes de criar uma proposta de projeto baseada nos pressupostos teóricos supracitados, foi realizado um diagnóstico de necessidades numa instituição pública por forma a averiguar a existência de idadismo e de um autoconceito negativo nos seniores e nos jovens da mesma. Para tal formulámos quatro perguntas: 1) Existe idadismo na instituição?; 2) Como é que os seniores e os jovens se veem a si próprios?; 3) Como se caracteriza o contacto entre seniores e jovens na instituição?; 4) qual a atitude sobre as relações e atividades intergeracionais?“. Respondemos a estas questões através de 35 seniores e de 34 jovens da instituição, como também através de quatro atores chave, utilizando metodologias quantitativas e qualitativas. Os principais resultados, no geral, apontam para a existência de idadismo entre as gerações. Evidenciam também uma tendência dos jovens para preferirem o endogrupo e dos seniores para avaliarem de forma mais positiva o exogrupo.

Com base nestes resultados, realizámos uma atividade que complementa este trabalho, dando-nos resultados muito preliminares, mas que se mostrou inovadora e de qualidade neste contexto. Baseada no modelo teórico de processo (figura 2) e no modelo de mudança do idadismo (figura 1),

cada sessão pretendeu trabalhar cada uma das variáveis. A atividade “Lapa para todas as gerações” envolveu a participação de cinco seniores e de sete jovens que elaboraram posters de fotografias em grupos intergeracionais para exposição. O passado e o presente de cada um dos indivíduos foi interligado de modo a encontrarem pontos em comum. Os resultados qualitativos preliminares incidiram sobre o melhoramento da atitude dos jovens para com os seniores, da mesma forma que revelou uma mudança no grupo sénior de forma que passaram a se autoavaliarem de forma mais positiva. Nos jovens, o favoritismo endogrupal manteve-se elevado.

A realização deste projeto, para os autores, tornou-se muito útil, não só pelos resultados detalhados e pela análise profunda do diagnóstico de necessidades que retratou a realidade de uma instituição pública portuguesa, mas também pela oportunidade de prolongamento da ação, de modo a podermos intervir segundo uma base teórica firme e fundamentada. Mesmo com resultados muito preliminares da intervenção, a estrutura da atividade proposta através deste projeto parece-nos pertinente e passível de ser replicada futuramente em contextos intergeracionais semelhantes.

### 6.1. Implicações práticas

Em primeira instância, este projeto beneficiou de um diagnóstico complexo e detalhado à instituição que provou que o idadismo está assente no quotidiano dos seniores e dos jovens, de forma direta ou indireta e que este é percecionado pela liderança que, como vimos, construíram uma solução anterior baseada na separação do espaço e do horário por forma as duas gerações não se contactarem com tanta regularidade, evitando assim os conflitos. Acontecendo assim neste contexto, poderá se repetir em muitas outras instituições do nosso país sem que saibam ou consigam potenciar outros desenredos. Partir para uma intervenção piloto ocorreu em função destes resultados e do desejo de provar que um contacto estruturado pode alterar a perceção que as gerações já possuem uma sobre a outra. Sendo assim, a atividade criada foi modelada teoricamente, colmatando as limitações de muitos estudos na área da intergeracionalidade que não detalham a sua intervenção de forma teórica (Jarrott, 2011).

Tentámos também com o diagnóstico modificar a tendência dos estudos intergeracionais de utilizarem, muitas vezes, apenas dados qualitativos e por isso optámos por uma triangulação de metodologias com duas inovações importantes: a utilização do *ST-IAT* para detetar avaliações indiretas dos participantes e também a aplicação da Escala de Observação Intergeracional, visto que não existe conhecimento acerca da aplicação desta numa intervenção em Portugal, até à data.

Visto que, com a população portuguesa a envelhecer, com a segregação pela idade, e com a crescente preocupação da comunidade científica e até da política acerca da relação entre gerações, este projeto torna-se pertinente por provar que, mesmo numa intervenção piloto, se pode encontrar uma direção positiva nas relações intergeracionais, tendo em conta a fase de desenvolvimento em que se encontram os indivíduos, e potenciando as suas competências em favor de si mesmos, dos grupos geracionais e da comunidade.

## 6.2. Limitações

A primeira limitação que reportamos deste projeto, prende-se o tamanho da amostra na intervenção, parecendo que é uma limitação recorrente neste tipo de intervenções (Jarrott, 2011). Por essa razão não se tornou pertinente realizar um tratamento de dados mais complexo no pós teste visto que os resultados ficariam aquém das expectativas como foi o caso do inquérito e do *ST-IAT*. No entanto, procedemos à aplicação de outros instrumentos para conseguirmos obter alguns resultados que nos mostrariam se o caminho que optámos seria passível de dar resultados positivos ou não. Para além disso a não utilização de grupo de controlo nos questionários qualitativos, torna-se uma falha importante deste projeto, limitando a análise de dados.

Outra limitação prendeu-se com o uso da Escala de Observação Intergeracional que também não beneficiou de uma amostra maior para poder ser validada para a população portuguesa, apesar deste instrumento qualitativo não exigir amostras grandes como acontece com as metodologias quantitativas.

Por último anotamos algumas limitações ao nível da atividade. Em primeiro, a atividade não foi incluída como obrigatória na programação dos alunos do Nós da Juventude e da Academia Sénior. Este facto limitou, tanto o tamanho da amostra como a responsabilidade para com a assiduidade dos participantes à atividade. Em segundo, as datas da intervenção não se mostraram as mais vantajosas visto que o ano letivo estava a terminar e foi mais difícil motivar os participantes a estarem na atividade. Em terceiro, o número de sessões não foi suficiente para terminar as tarefas com mais calma, e para além disso, sabemos que intervenções com maior número de encontros entre os participantes originam resultados mais positivos (Meshel & McGlynn, 2004). Pela falta de tempo para a tarefa, os participantes estiveram maioritariamente focados nesta e não na relação com os colegas.

## 6.3. Direções futuras

Como temos vindo a refletir, as intervenções intergeracionais podem ser uma das estratégias para tornar as relações entre as gerações mais pacíficas, amenizando as ideias pré concebidas. Devido a esta importância crescente, estudos e intervenções posteriores iriam beneficiar com a participação de um maior número de participantes por grupo geracional. Isto iria trazer vantagens na avaliação dos mesmos, trazendo resultados mais fidedignos. Da mesma forma, propostas futuras não deveriam falhar quanto ao grupo de controlo.

Como supracitado, não nos foi possível testar as hipóteses levantadas através do modelo, no entanto, o impacto na realidade da instituição onde se pode realizar a intervenção mostrou-se muito propícia a novas experiências, o que alberga satisfação da nossa parte. Para além disso, a criação de um manual da atividade tornou-se um recurso valioso para novas replicações futuras.

Depois de todas reflexões, terminamos referindo que compreender quais os problemas da nossa sociedade, e quais as razões por estes ocorrerem, torna-nos mais aptos a agir e intervir com qualidade, e com consciência que poderemos ir favorecendo os sujeitos com estratégias diferentes que caminham para um maior bem-estar consigo e com os outros.

«*Because we're strong together*» Generations United

## Referências

- Abrams, D., Crisp, R., Marques, S., Fagg, E., Bedford, L., & Provias, D. (2008). Threat inoculation: experienced and imagined intergenerational contact prevents stereotype threat effects on older people's math performance. *Psychology and Aging, 23*(4), 934–939.
- Adams, C., Smith, M.C., Pasupathi, M., & Vitolo, L. (2002). Social context effects on story recall in older and younger women: does listener make a difference? *Journal of Gerontology: Series B, 57B*(1), 28-40.
- Allport, G. W. (1954). *The Nature of Prejudice*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Ayala, J., Hewson, J., Bray, D., Jones, D., & Hartley, G. (2007). Intergenerational Programs: Perspectives of Service Providers in One Canadian City. *Journal of Intergenerational Relationships, 5*(2), 45-60.
- Bales, S., Eklund, S., & Siffin, D. (2000). Children's perceptions of elders before and after a school-based intergenerational program. *Educational Gerontology, 26*, 677–689.
- Bauer, M. (2004). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp 189-217). Petrópolis: Editora Vozes.
- Benjamin, M. & Rodolphe, G (2001). O inquérito. Lisboa: Celta Editora.
- Birren, E., & Birren, A. (1996). Autobiography: Exploring the self and encouraging development. In J. E. Birren, G. M. Kenyon, J. Ruth, J. J. F. Schroots, & T. Svensson (Eds.), *Aging and biography: Explorations in adult development* (pp. 283–299). New York: Springer.
- Blieszner, R., & Artale, L. (2010). Benefits of intergenerational service-learning to human services majors. *Educational Gerontology, 27*, 71-87.
- Boni, V., & Quaresma, S. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, 2*(3), 68-80.
- Buunk, A., & Van Vugt, M. (2007). *Applying Social Psychology: From Problems to Solutions*. London: SAGE Publications.
- Butler, R. N. (1969). Age-ism: Another form of bigotry. *Gerontologist, 9*, 243–246.
- Butler, R.N. (1975). *Why Survive? Being old in America*. New York: Harper and Row.
- Bytheway, B. (2005). Ageism and age categorization. *Journal of Social Issues, 61* (2), 361-374.
- Chapman, N. J., & Neal, M. B. (1990). The effects of intergenerational experiences on adolescents and older adults. *The Gerontologist, 30*, 825 – 832.
- Chung, J. (2009). An intergenerational reminiscence programme for older adults with early dementia and youth volunteers: values and challenges. *Scandinavian Journal of Caring Science, 23*, 259–264.
- Conway, J. M., Amel, E. L., & Gerwien, D. P. (2009). Teaching and learning in the social context: A meta-analysis of service learning's effects on academic, personal, social, and citizenship outcomes. *Teaching of Psychology, 36*, 233–245.
- Couto, M., Koller, S., Novo, R., & Soares, P. (2009). Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro – ageismo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25* (4), 509-518.
- Couto, M., Prati, L., Falcão, D., & Koller, S. (2008). Terapia familiar sistêmica e idosos: contribuições e desafios. *Psicologia Clínica, 20* (1), 135-152.
- Demo, P. (2006). *Pesquisa e informação qualitativa*. Campinas, SP: Papirus.
- Dennis, H., & Thomas, K. (2007). Ageism in the workplace. *Generations, 84-89*.

- Dovidio, J., Gaertner, S., & Kawakami, K. (2003). Intergroup contact: the past, present, and the future. *Group Processes & Intergroup Relations*, 6(1), 5–21.
- Drew, L., & Silverstein, M. (2007). Grandparents' psychological well-being after loss of contact with their grandchildren. *Journal of Family Psychology*, 21 (3), 372-379.
- Duarte, T. (2009). A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). CIES e-Working Papers.
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1993). *The psychology of attitudes*. Fort Worth, TX: Harcourt Brace.
- Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society*. New York: Norton.
- Erikson, E. (1968). *Identity: youth and crisis*. New York: Norton.
- Epstein, A., & Boisvert, C. (2006). Let's do something together: identifying the effective components of intergenerational programs. *Journal of Intergenerational Relationships*, 4(3), 87-109.
- European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (1998). *Guidelines for the evaluation of drug prevention: a manual for programme-planners and evaluators*. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.
- Ferreira-Alves, J., & Novo, R. (2006). Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6 (1), 65-77.
- Fiske, S. (2000). What's in a category?: responsibility, intent, and the avoidability of bias against outgroups. In A. G. Miller (Ed.), *The Social Psychology of Good and Evil* (pp 127-140). New York: The Guilford Press.
- Fiske, S., Cuddy, C., Glick, P. & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 878-902.
- Fontaine, C. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Forgarty, K. (2007). The protective role of grandparents: a valuable intergenerational resource. *Research News You Can Use*, 1-5.
- França, L., Silva, A., & Barreto, M. (2010). Programas intergeracionais: quão relevantes podem ser para a sociedade brasileira. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13 (3), 519-531.
- French, S., Allen, L., Aber, L., & Seidman, E. (2006). The development of ethnic identity during adolescence. *Development Psychology*, 42(1), 1-10.
- Gaertner, S. L., & Dovidio, J. F. (2000). *Reducing intergroup bias: The Common Ingroup Identity Model*. Philadelphia, PA: The Psychology Press.
- Gaertner S. L., Rust M.C., Dovidio J.F., Bachman B.A., Anastasio P.A. (1994). The contact hypothesis: the role of a common ingroup identity on reducing intergroup bias. *Small Group Res.* 25-224, 49.
- Galinsky, A., & Moskowitz, G. (2000). Perspective-taking: decreasing stereotype expression, stereotype accessibility, and in-group favoritism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(4), 708-724.
- George, D., Whitehouse, C., & Whitehouse, P. (2011). A Model of Intergenerativity: How the Intergenerational School is Bringing the Generations Together to Foster Collective Wisdom and Community Health. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9(4), 389-404.
- Gill, R. (2004). Análise de discurso. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp 244-270). Petrópolis: Editora Vozes.

- Giles, H., Ryan, E., & Anas, A. (2008). Perceptions of intergenerational communication by young, middle-aged, and older Canadians. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 40 (1), 21-30.
- Glória, J. (2006). Orientações metodológicas na psicologia social. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds), *Psicologia Social* (pp 61-88). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonçalves, C., & Silva, C. (2004). Pobreza e exclusão social nas famílias com idosos em Portugal. *Revista de Estudos Demográficos*, 35, 143-169.
- González, R. & Brown, R. (2003). Generalization of positive attitude as a function of subgroup and superordinate group identifications in intergroup contact. *European Journal of Social Psychology*, 33, 195–214.
- Gouveia, V., Athayde, R., Mendes, L., & Freire, S. (2011). Introdução às Medidas Implícitas: conceitos, técnicas e contribuições. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 12(1), 80-92.
- Greenwald, A. G., Mcghee, D. E., & Schwartz, J. K. L. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: the implicit association test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1464-1480.
- Grusec, J. E., & Goodnow, J. J. (1994). Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: A reconceptualization of current points of view. *Developmental Psychology*, 30, 4-19.
- Guinote, A., Mouro, C., Pereira, M., & Monteiro, M. (2007). Children's perceptions of group variability as a function of status. *International Journal of Behavioral Development*, 31 (2), 97–104.
- Haber, D. (2006). Life review: Implementation, theory, research, and therapy. *International Journal of Aging and Human Development*, 63, 153–171.
- Hagestad, G. & Uhlenberg, P. (2005). The social separation of old and young: a root of ageism. *Journal of Social Issues*, 61(2), 343-360.
- Hamman, D., & Hendricks, B. (2005). The role of the generations in identity formation: Erikson speaks to teachers of adolescents. *Clearing House*, 79 (2), 72-75.
- Harris-Britt, A., Valrie, C. R., & Kurtz-Costes, B. (2007). Perceived racial discrimination and self-esteem in African American youth: racial socialization as a protective factor. *Journal of Research on Adolescence*, 17(4), 669-682.
- Heiman, J., Gutheil, I., & White-Ryan, L. (2011). Preschool children's attitudes toward older adults: comparison of intergenerational and traditional day care. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9(4), 435-444.
- Herrmann, D., Sipsas-Herrmann, A., Stafford, M., & Herrmann, N. (2005). Benefits and risks of intergenerational program participation by senior citizens. *Educational Gerontology*, 31(12), 3-13.
- Instituto do Envelhecimento da Universidade de Lisboa (2011). *Preconceito e discriminação das pessoas mais velhas em Portugal numa perspectiva comparada*. Recuperado a 12 de Dezembro, 2011, de <http://www.i envelhecimento.ul.pt/images/stories/policybriefs/policy%20brief%20%20preconceito%20e%20discriminacao%20das%20pessoas%20idosas.pdf>
- Instituto Nacional de Estatística, I. P. (2011). *Censos 2011: resultados provisórios*. Lisboa-Portugal.
- Jarrott, S. E. (2010). *The intergenerational Observation Scale training manual*. (Available from Jarrott, Dept. Human Development (0416) Virginia Tech, Blacksburg, VA 24061-0416).

- Jarrott, S. (2011). Where have we been and where are we going? Content analysis of evaluation research of intergenerational programs. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9(1), 37-52.
- Jarrott, S.E. & Smith, C.L. (2011). The complement of research and theory in practice: Contact theory at work in non-familial intergenerational programs. *The Gerontologist*, 51, 112-121
- Jarrott, S., Smith, C., & Weintraub, A. (2008). Development of a standardized tool for intergenerational programming: the intergenerational observation scale. *Journal of Intergenerational Relationships*, 6 (4), 433-447.
- Jefferson, G. (1984). On stepwise transition from talk about a trouble to inappropriately next-positioned matters. In J. M. Atkinson and J. C. Heritage (Eds.) *Structures of social action: Studies of conversation analysis* (pp. 191-222). Cambridge: Cambridge University Press.
- Jick, T. (1979). Mixing qualitative and quantitative methods: triangulation in action. *Administrative Science Quarterly*, 24(4), 602-611.
- Kaspar, V., & Noh, S. (2001). Discrimination and Identity: An Overview of Theoretical and Empirical Research. *Multiculturalism Program and the Canadian Ethnic Studies Association (CESA)*.
- Kessler, E., & Staudinger, U. (2007). Intergenerational potential: effects of social interaction between older adults and adolescents. *Psychology and Aging*, 22 (4), 690-704.
- Kornadt, A., & Rothermund, K. (2011). Internalization of age stereotypes into the self-concept via future self-views: a general model and domain-specific differences. *Psychology and Aging*, Publicação on-line. doi: 10.1037/a0025110.
- Kornhaber, A., & Woodward, K. (2003). *Gandparents, grandchildren: the vital connection*. New Jersey: Transactions Publishers.
- Knapp, J., & Stubblefield, P. (2000). Changing students' perceptions of aging: the impact of an intergenerational service learning course. *Educational Gerontology*, 26, 611-621.
- Levy, B. (1996). Improving memory in old age through implicit self-stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71 (6), 1092-1107.
- Levy, B., & Banaji, M. (2002). Implicit ageism. In T. Nelson (Ed.), *Ageism: stereotyping and prejudice against older people* (pp 49-78). Massachusetts: Institute of Technology.
- Levy, B., Hausdorff, J., Hencke, R., & Wei, J. (2000). Reducing cardiovascular stress with positive self-stereotypes of aging. *The Journals of Gerontology*, 55B(4), 205-213.
- Levy, B., & Myers, L. (2004). Preventive health behaviors influenced by self-perceptions of aging. *Preventive Medicine*, 39, 625-629.
- Levy, B., Slade, M., & Kasl, S. (2002). Longitudinal benefit of positive self-perceptions of aging on functional health. *The Journals of Gerontology*, 57B(5), 409-417.
- Levy, B., Slade, M., Kunkel, S., & Kasl, S. (2002). Longevity Increased by Positive Self-Perceptions of Aging. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83 (2), 261-270.
- Lima, Marques, Batista & Ribeiro (2010). Idadismo na Europa: uma abordagem psicossociológica com o foco no caso português (relatório I e II). Recuperado a 12 de Julho, 2011, de <http://www.ienvelhhecimento.ul.pt/images/stories/policybriefs/policy%20brief%20%20preconceito%20e%20discriminacao%20das%20pessoas%20idosas.pdf>
- Louis, G., & Liem, J. (2005). Ego identity, ethnic identity, and the psychosocial well-being of ethnic minority and majority college students. *Identity: an International Journal of Theory and Research*, 5(3), 227-246.

- MacCallum, J., Palmer, D., Wright, P., Cumming-Potvin, W., Brooker, M., & Tero, C. (2010). Australian Perspectives: community building through intergenerational exchange programs. *Journal of Intergenerational Relationships*, 8(2), 113-127
- Machado, H. (2003) Novo paradigma da relação médico-doente. *Ciência e Humanismo*. Lisboa: Almedina.
- MacKenzie, S., Carson, A., & Kuehne, V. (2011). The Meadows School Project: A Unique Intergenerational “Immersion” Program. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9(2), 207-212.
- Magalhães, C., Fernandes, A., Antão, C., & Anes, E. (2009). Repercussão dos estereótipos sobre as pessoas idosas. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, 3(3), 7-16.
- Manstead, A. (1996). Attitude theory and research. In *Blackwell Enciclopedia of Social Psychology*. (Eds) A. Manstead, M. Hewstone. Malden: Blackwell Publishing.
- Marcia, J. (1980). Identity in adolescence. In J. Adelson (Ed), *Handbook of Adolescence Psychology* (109-137). New York: Wiley & Sons.
- Marques, S. (2011a). *Discriminação da terceira idade*. Coleção de Ensaio da Fundação Francisco Manuel dos Santos. Lisboa: Relógio D’Água Editores.
- Marques, S. (2011b). O idadismo em relação aos jovens nos países europeus. Recuperado a 15 de Dezembro, 2011, de <http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/dezembro-2011>.
- Marques, S. & Calheiros, M. (2007). O modelo lógico como instrumento de avaliação da qualidade. *Revista Kairós*, 9(2), 147-167.
- Marques, S., & Lima, M. (2010). Idadismo e a construção social da idade ou as razões psicossociais para o sucesso dos anti-rugas, do botox e da tinta para o cabelo. In *Mind\_Português*, 1(1), 13-21.
- Marques, S., Lima, M. L. & Novo, R. (2006). Traços estereotípicos associados às pessoas jovens e idosas na cultura portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4, 91-108.
- McAdams, D. & Aubin, E. (1992). A Theory of Generativity and Its Assessment Through Self-Report, Behavioral Acts, and Narrative Themes in Autobiography. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62 (6), 1003-1015.
- McDonald, M. (2006). Intergenerational Interactions Occurring Within a Shared Reading Program. *Journal of Intergenerational Relationships*, 3(4), 45-61
- Meshel, D., & McGlynn, R. (2004). Intergenerational contact, attitudes and stereotypes of adolescents and older people. *Educational Gerontology*, 30, 457-479.
- Middlecamp, M., & Gross, D. (2002). Intergenerational daycare and preschoolers’ attitudes about aging. *Educational Gerontology*, 28, 271–288.
- Nelson, T. (2005). Ageism: Prejudice against our feared future self. *Journal of Social Issues*, 61, 207-221.
- Nesdale, D. (2004). Social identity processes and children's ethnic prejudice. In M. Bennett & F. Sani (Eds.), *The development of the social self* (pp. 219-245). East Sussex, UK: Psychology Press.
- Newman, S., & Hatton-Yeo, A. (2008). Intergenerational learning and the contributions of older people. *Ageing Horizons*, 8, 31-39.
- Newman, S., & Smith, T. B. (1997). Developmental theories as the basis for intergenerational programs. In S. Newman, C. R. Ward, T. B. Smith, J. O. Wilson, & J.M. McCrea (Eds.), *Intergenerational Programs: Past, Present, and Future* (pp. 3–19). Bristol, PA: Taylor & Francis.

- Nussbaum, J., Pitts, M., Huber, F., Krieger, J., & Ohs, J. (2005). Ageism and ageist language across the life span: intimate relationships and non-intimate interactions. *Journal of Social Issues*, 61 (2), 287-305.
- Oliveira, C. (2011). *Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Dissertação de Mestrado. Recuperado a 10 de Janeiro de 2012 de <http://hdl.handle.net/10400.5/3100>.
- Rodin, J., & Langer, E. (1980). Aging labels: The decline of control and the fall of self-esteem. *Journal of Social Issues*, 36, 12–29.
- Royal Society for the Encouragement of Arts (2011). *Action for age*. Apresentação & Briefing: versão portuguesa.
- Palmore, E. (1999). *Ageism. Negative and Positive*. New York: Springer Publishing Company, inc.
- Palmore, E. (2001). The ageism survey: first findings. *The Gerontologist*, 41(5), 572-575.
- Paúl, C. (2005). Envelhecimento ativo e redes de suporte social. *Sociologia*, 15, 275-287. Porto: Faculdade de Letras.
- Pettigrew, T. (1998). Intergroup contact theory. *Annual Review of Psychology*, 29, 65-85.
- Pettigrew, T., & Tropp, L. (2006). A Meta-Analytic Test of Intergroup Contact Theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90 (5), 751–783.
- Pinazo-Hernandis (2011). Intergenerational learning: a way to share time, experiences, and knowledge. A field to develop. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9(1), 115-116.
- Potter, J. (1996). *Representing reality: discourse, rhetoric and social construction*. London: Sage.
- Potter, J. & Wetherel, M. (1987). *Discourse and social psychology*. London: Sage.
- Sánchez, M. (2009). *Intergenerational Programmes Evaluation*. Technical Documents Series: Bethjohnson Foundation.
- Souza, E., & Grundy, E. (2007). Intergenerational interaction, social capital and health: Results from a randomised controlled trial in Brazil. *Social Science & Medicine*, 65, 1397–1409.
- Springate, L., Atkinson, M., & Martin, K. (2008). *Intergenerational practice: A review of the literature* (LGA Research Report F/SR262). Slough, UK: National Foundation for Educational Research.
- Stremmel, A., Travis, S., & Kelly-Harrison, P. (1996). Development of the intergenerational exchanges attitude scale. *Educational Gerontology*, 22(4), 317-328.
- Tajfel, H., & Turner, J. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33–47). California: Brooks & Cole.
- Todd, A., Bodenhausen, G., Richeson, J., & Galinsky, A. (2011). Perspective Taking Combats Automatic Expressions of Racial Bias. *Journal of Personality and Social Psychology*, 100 (6), 1027–1042.
- Vanderven, K. (1999). Intergenerational theory: the missing element in today's intergenerational programs. *Intergenerational Theory, Child & Youth Services*, 20 (1), 33-47.
- Ward, C. (1997). The context of intergenerational program. In S. Newman, C. R. Ward, T. B. Smith, J. O. Wilson, & J. M. McCrea (Eds.), *Intergenerational programs: Past, present, and future* (pp. 21–35). Washington, DC: Taylor & Francis.
- Waterman, A. (Ed.). (1997). *Service-learning: Applications from the research*. St. Paul, MN: National Youth Leadership Council.

- Weiss, D., & Lang, F. (2009). Thinking about my generation: adaptive effects of a dual age identity in later adulthood. *Psychology and Aging, 24*(3), 729-734.
- Widdicombe, S. (1993). Autobiography and change: rhetoric and authenticity of 'Gothic' style. In E. Burman & I. Parker (Eds.) *Discourse Analytic Research: Repertoires and Readings of Texts in Practice* (pp. 94-113). London: Routledge.
- Wigboldus, D. H. J., Holland, R.W., & van Knippenberg, A. (2006). *Single Target Implicit Associations*, (unpublished manuscript).
- Williams, A., & Nussbaum, J. (2001). *Intergenerational Communication Across the Lifespan*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Wittenbrink, B., & Schwarz, N. (2007). *Implicit measures of attitudes*. New York: The Guilford Press.
- Zentner, M., & Renaud, O. (2007). Origins of adolescents' ideal self: an intergenerational perspective. *Journal of Personality and Social Psychology, 92* (3), 557-574.
- Zuccherro, R. (2010). Share your experience and I'll lend you my ear: older adult outcomes of an intergenerational service-learning experience. *Gerontology & Geriatrics Education, 31*, 383-402.

## Anexo 1. Variáveis que influenciam as variáveis resultado

	Nome da Variável	Tamanho do Efeito*	Alterabilidade*	Nº de Citações
1	Alteração da estrutura das famílias	++	0	4
2	Alterações no estatuto do idoso	+	0	2
3	Alterações económicas das famílias	+	0	2
4	Envelhecimento da população	++	0	2
5	Isolamento do idoso	++	+	3
6	Tomada de perspetiva do outro	+	+	3
7	Contacto positivo	++	++	12
8	Estatuto igualitário	+	+	3
9	Suporte de autoridade	+	+	2
10	Partilha de objetivos comuns	+	+	4
11	Cooperação intergrupala	+	+	3
12	Aprendizagem sobre o exogrupo	+	+	2
13	Criação de laços afetivos	+	+	2
14	Generatividade nas pessoas idosas	+	+	2
15	Formação da identidade nos jovens	+	+	1

\*O tamanho do efeito diz respeito à influência que a variável tem sobre as variáveis dependentes, enquanto a alterabilidade resume-se à possível possibilidade de manipular a variável em vista a resultados favoráveis sobre as variáveis resultado. Estes dois parâmetros são avaliados através da análise da revisão da literatura mais relevante na área. O significado da escala é: 0 = tamanho do efeito ou alterabilidade nula; + = tamanho do efeito ou alterabilidade moderada; ++ = tamanho do efeito ou alterabilidade elevada.

Anexo 2. Exemplo de guião de entrevista aos atores chave

Entrevistador: Filipa Cunha

Entrevistado: **PSICÓLOGA (1 E 2) DO PROJETO EDUCATIVO E LÚDICO “ NÓS DA JUVENTUDE”**

**Notas iniciais:**

*A informação aqui presente servirá apenas para uso exclusivo na tese de mestrado da entrevistadora. Garantimos assim a confidencialidade dos dados e a ocultação dos nomes das pessoas envolvidas nas suas respostas.*

**Questões:**

1. Qual é a sua função na junta de freguesia da Lapa? Há quanto tempo exerce essa função?
2. Como foi pensado e quais são os objetivos do Nós da Juventude?
3. Como está organizado? (atividades, pessoal técnico, etc.)
4. Esta organização tem-se mostrado vantajosa? Em que sentido?
5. Qual a sua perceção acerca do bem-estar dos jovens da freguesia? E dos idosos?
6. Este projeto tem previsto incluir atividades que englobem crianças/jovens e idosos?
7. Porque sim/não?
8. Acha que existe preconceito entre as gerações dos jovens e dos idosos?
9. Acha que a concretização de programas intergeracionais traria vantagens para a freguesia? Porquê?
10. Que tipo de atividades acha mais adequadas para serem realizadas entre as gerações?
11. Acha que haveria adesão às atividades?
12. Quais acha que são os fatores mais importantes para que haja sucesso em atividades intergeracionais na freguesia?
13. Falou-se na ideia de um trabalho para ser realizado entre os jovens e os seniores, composto por fotografias da junta de freguesia da Lapa. O que acha desta atividade?

**Notas de encerramento:**

*Agradecemos a sua disponibilidade de resposta a esta entrevista.*

Anexo 3. Transcrição das entrevistas aos atores chave

ENTREVISTA – PSICÓLOGA 1

Tempo da entrevista: 24:16 minutos.

Entrevistadora: Em primeiro lugar, quais é que são as tuas funções aqui?

Psicóloga 1: En:tão, eu sou psicóloga aqui na junta de freguesia da Lapa e tenho como função, tenho como função (.) trabalho aqui no Nós da Juventude, coordenar o Nós da Juventude no sentido de ver o funcionamento das atividades que estão, que estão a ser realizadas, propor novas atividades e avaliar também as atividades. Também neste sentido, também tenho a função de coordenar o Projeto Intervir, que é um projeto de prevenção das toxicodependências, financiado pela Câmara Municipal de Lisboa, e que no nosso caso tem como objetivo trabalhar com crianças a partir dos 10 anos até aos 18 anos, pais e familiares, no sentido de desenvolver atividades para prevenir as toxicodependências.

E: Relativamente ao Nós da Juventude, com é que foi pensado e quais é são os objetivos principais?

P1: O Nós da Juventude foi pensado mais ou menos à cerca de dois anos no sentido de integrar dois projetos que existiam aqui na Junta de Freguesia e com o objetivo de dar resposta a uma necessidade que era acompanhar as crianças a partir do 5º ano quando elas saem da escola. Acompanhar no sentido de propor uma, uma oferta ((engasgo)) que fosse dar resposta a duas grandes necessidades, que era promover o sucesso escolar. Portanto, a necessidade neste caso seria colmatar o insucesso escolar e as dificuldades escolares e também por outro lado dar uma proposta de atividades lúdicas sempre que saem da escola. Isto depois também para ficar mais consolidado no ano letivo e no ano civil, também propor atividades nas férias. ((ham)) Então os objetivos no fundo são estes. Os grandes objetivos do, do Nós da Juventude é oferecer atividades que complementem as atividades escolares diárias, atividades diárias, que promovam o sucesso escolar, que apresentem alternativas lúdicas, saudáveis e dinâmicas, ((ham)) e que também ofereça, ofereça atividades no período das férias pr'a crianças e jovens da freguesia ou a frequentar as escolas e as instituições educativas da freguesia.

E: E como é que está organizado o projeto, em termos das atividades, pessoal técnico?

P1: Em termos de, de atividades, são propostas um tipo de atividades central, são as atividades de apoio ao estudo que têm como objetivo, como eu disse há pouco, combater o insucesso escolar, e promover ((ham)) o sucesso escolar. Isto é uma atividade central. O apoio ao estudo é uma atividade di:ária que decorre principalmente no tempo letivo. A maior parte das crianças que participam nesta atividade e fazem-no mal chegam ao projeto, quando chegam das aulas. A maioria das crianças só cá ((engasgo)) está ao final do dia, sendo que algumas ficam depois do almoço. E esta é uma

atividade que todos, que a maior parte deles está integrado. Outras atividades que existem, lá está, para propor também atividades lúdicas também existem (.) possibilidades deles, neste espaço, depois de fazerem as atividades de apoio ao estudo, jogarem matra:quilhos, fazerem :jogos, verem televisão, jogarem computador. Também há propostas de atividades desportivas: futebol e aeróbica. E também no âmbito dos programas, agora não tanto lúdicos, mas mais nos programas de desenvolvimento pessoal e emocional, são propostos ((engasgo)) alguns programas nesse âmbito, de promoção de competências pessoais e emocionais, ou de programas que visam o desenvolvimento de competências que não são tão trabalhadas na escola, como por exemplo, a educação se:xual, como por exemplo, a (.) questão da arte ligada ((ham)) não diria ligada à terapia mas a arte ligada aos aspetos mais individuais de cada um, como também as competências sociais, etc. Portanto, >este é o tipo de atividades que nós oferecemos< às crianças e jovens mas nós também pretendemos chegar às famílias. Então às famílias, além de estarmos disponíveis para trabalhar com as famílias para conseguirmos alcançar os objetivos que pretendemos com os filhos, lá está, como eu tinha dito, uns dos objetivos principais são a promoção do sucesso escolar, e outro, como é óbvio, o (.) pretende-se que eles estejam ((ham)) do ponto de vista do desenvolvimento, bem, tran:quilos, portanto tem a ver com o bem-estar psico:lógico e físico. Portanto, estamos disponíveis para receber as famílias, >e trabalhamos em conjunto com as famílias<, mas também propomos formação parental. Formação parental entenda-se ações de for:mação para os pais, sobre temas relacionados com a educação ou temas que os preocupam. Estas são assim as grandes atividades que nós fazemos durante o tempo letivo. Nas férias (.) o que se faz mais são atividades lúdicas do âmbito cultural, como visitar monumentos, ou do âmbito lúdico, como (.) fazer passeios, ir à praia, visitar sítios de entretenimento, como o (.) Kidzania. Isto é o que nós fazemos. ((ham)) Em relação à equipa técnica, a equipa técnica é constituída por duas psicólogas, uma educadora de infância, duas auxiliares de ação educativa, um professor de educação física, uma (.) animadora sócio cultural e várias estagiárias excelentes de psicologia! ((toque de telefone))

E: Esta organização, que tiveste a falar até agora, tem-se mostrado vantajosa até agora ou existe em mente algumas alterações?

P1: Tem-se mostrado muito vantajosa e isso vê-se, por um lado, ao nível do (.) através de um indicador que são as inscrições. Nós, desde que iniciámos, aumentámos o número de inscrições, não só por termos conseguido que, apesar de nós termos aberto inicialmente as inscrições desde o 5º ano ao 12º, as crianças que estavam aqui inscritas era até ao 8º, 9º ano. Nós temos conseguido que estas tenham se mantido. Portanto, agora temos mais crianças do 9º ano ((ham)) e têm chegado novas. Os mais velhos que não entraram no primeiro momento, têm-se mantido e têm entrado cada vez mais crianças porque (.) uma coisa muito importante é que a equipa técnica está atenta, ora tanto mais aqui na comunidade, ora tanto mais na escola, porque andamos muito por aqui, está atenta às necessidades da freguesia e muito às necessidades também da comunidade escolar. Vai propondo alternativas e vai propondo propostas de intervenção para colmatar essas necessidades e nesse aspeto tem-se mostrado vantajoso. Também alguns aspetos que no passado não corriam tão bem,

como por exemplo, no ano passado, nós sentimos que foi o ano de arranque do Nós da Juventude, tínhamos um a falta de recursos humanos, no entanto não tínhamos muitos recursos financeiros para poder contratar mais pessoas e a (.) hipótese de virem estagiários era uma hipótese que se apresentou muito viável. Este ano está assim a ser feito e está a ter excelentes resultados. Portanto esta organização tem-se mostrado vantajosa. No entanto, nós fazemos sempre reflexões, no sentido de perceber o que não ↑está a funcionar bem, o que pode funcionar melhor. E neste momento a minha avaliação é bastante positiva, no entanto creio que ainda temos muito para melhorar.

E: Há pouco falaste do bem-estar das crianças e dos jovens. Como classificas esse bem-estar, no geral, aqui na junta de freguesia?

P1: Nas crianças, nos jovens?

E: Sim.

P1: Eu vou só falar das crianças e dos jovens que estão aqui, são os que eu conheço mais, porque eu acabo por estar mais no projeto, acabo por não estar muito na escola. E é importante perceberes, isto pode ser uma coisa que pode não tem muita importância para ti, mas só para entenderes, muitas crianças que cá estão não são todas da freguesia. Elas frequentam as escolas da freguesia, mas eu diria que talvez 50% é daqui e 50% não é. Mas pronto, isso é assim um valor acrescentado. Eu diria que, globalmente, o grupo que trabalha connosco, o bem-estar psicológico é satisfatório (.) sendo que pode ser caracterizado por uma curva normal, em que tens aqui alguns casos que 'tão menos bem, ou por alguns comportamentos problemáticos "exter:nalizantes", se quiseres ver assim, problemas de excitação comportamental, alguma agressividade, de respeito menos, mas uns com mais de ansie:dade, alguma tris:teza, mas globalmente o grupo que está aqui ((ham)) eu diria que o bem estar psicológico é satisfatório. Mas é uma perceção muito geral. Se tu fores a ver, são crianças que (.) não se verifica que têm dificuldades financeiras muito graves, no entanto, há histórias familiares problemáticas, não é? Nós temos uma grande taxa de famílias ° divorci:adas ° ((ham)) que vivem só com um dos pais, a maioria deles depois divide e vai ao pai ao fim de semana, mas alguns que vivem só com um dos pais. A maior parte das crianças que cá estão, os pais estão a trabalhar, mas têm trabalhos que, trabalhos que (.) os seus rendimentos são de nível médio, médio-baixo. Portanto, são pessoas que não têm grandes possibilidades mas que ainda conseguem ir mantendo a sua vida, ((ham)) gerirem as necessidades financeiras. ((ham)) Portanto, eu diria que globalmente sim. Mas é importante, quando tu falas em crianças e jovens, há aqui uma faixa etária que nós não acompanhamos, que é mais ou menos a partir dos 15 anos até aos 18 anos]

[E: O projeto vai até aos

15 anos, por isso são as idades que vocês têm aqui.]

[P1: Sim, sim.]

[E: Tendo em conta que nas mesmas instalações funcionam atividades para crianças e jovens até aos 15, mas funcionam também atividades para os idosos. Eu sei que não estás muito virada para as atividades com os idosos, no entanto, como é que tu percecionas o bem-estar destes idosos que participam nas atividades? Aquilo que te apercebes...

P1: Sim... de uma maneira geral ((ham)), eu tenho ideia que a Academia Sénior começou por acaso ((ham)) o Nós da Juventude e a Academia Sénior são irmãos, quase, não diria irmãos, mas primos, porque nasceram muito, muito ao mesmo tempo e têm vindo a crescer. A ideia é que a Academia está mais organizada, porque no início havia mais queixas, apareciam os senhores porque não estava ali ninguém, não estava nenhum professor. Portanto eu tenho a ideia que as coisas estão muito mais organizadas e vem um maior fluxo de idosos. Eu te não posso dar, de todo, a noção que eu tenho dos idosos porque eu falo pontualmente um ou outro, e os que eu falo parecem-me que têm uma vida ativa porque estão integrados, porque vêm aqui para os computadores. Alguns senhores que estão ali nos computadores, têm alguma dúvida, já me aconteceu ir ali falar ou os que eu vejo ali das aulas. Ou às vezes a P2 fala dos alunos dela, das alunas dela. E no ano passado havia, e >vai começar a haver agora< umas palestras, e as palestras eram à tarde e nós víamos aqui, chegava um grande grupo e parecia-me um grupo animado, que faz algumas atividades, eu tanto os vejo aqui nos computadores como os vejo nas pinturas, como os vejo no Taichi. Portanto, este grupo que está aqui é um grupo que eu acho que é ativo e dinâmico ((ham)) <mas não conheço as suas realidades e não te posso dizer quais as necessidades deles>, porque não tenho noção.

E: Nalguma altura, nalgum momento, existiu a ideia ou estava previsto na junta ou aqui ou mesmo na Academia, algumas atividades que incluíssem os jovens, as crianças e os idosos?]

[P1: A TAS já falou nisso, já há vários tempos, quando antes não existia o Nós, quando já existia a Academia e nós éramos um antigo projeto, era um projeto que era só mais de adolescentes, mais velhos, e ela já falava nisso de uma forma muito subtil mas sempre me pareceu que falar assim, >vamos juntar idosos< e novos, que isso não iria resultar. Até porque os adolescentes (.)↑ nós chegámos cá primeiro (.) ↓eles chegaram depois, os idosos, e portanto quando os idosos chegaram ((ham)) os adolescentes sentiram um bocadinho o seu espaço ocupado, apesar deles saberem que aquele espaço não era nosso, nós não usávamos aquele espaço. Mas antes este piso, éramos nós que andávamos por aqui. Portanto no primeiro impacto as coisas não correram muito bem ((ham)) Especialmente no sentido de “ai os velhos...”, eles falavam daquele grupo como se fossem “os velhos”. Portanto, já houve algumas ideias mas eu sempre tive algum receio porque via pela reação que eles tinham e pelas afirmações que eles faziam em relação ao grupo que estava ali, não eram as mais positivas. Depois também recordo-me de um dia a P2 me ter dito, >na altura que eu tive na licença de maternidade<, parece que também já houve uma reunião no sentido de haver alguns

projetos para juntar os idosos e os novos, mas não ficou assim nada muito consistente. E depois surgiu ((ham)) isto tudo. Portanto não houve assim nada muito consistente]

[E: Se calhar não houve por causa também de algum receio]

[P1: Não, não houve porque também não houve nenhuma apresentação de um projeto com (.) com]

[E: Não houve nenhuma iniciativa?]

[P1: Não houve nenhuma iniciativa bem feita, como tu estás a fazer, no sentido de perceber quais são as necessidades, de fazer uma avaliação, de questionar os técnicos, os beneficiários, os dirigentes... portanto, isso não houve. Havia uma ideia e quando a ideia era assim posta no ar, assim do estilo “vamos combinar um dia e uma hora , tu trazes os novos, tu trazes os mais velhos”. Não (.) Isso não ia funcionar. Nunca foi assim uma coisa muito insistida. Falou-se assim “ai, era giro!” (.) mas depois (.) como não estava bem elaborado, também não tinha pernas para andar.

E: Tendo em conta esses conflitos que me estavas a dizer entre os mais velhos e os mais novos, achas que no meio desses conflitos existia algum tipo de preconceito e ainda hoje?

P1: Sim, sim. Posso falar mais pelos ido (.) pelos novos. Os idosos tam:bém mas pelos novos, sim, havia (.) O grupo mudou. O grupo mudou. O grupo era mais velho, e na altura os preconceitos e:ra “os velhos”, “eles passaram ali e disseram para falar mais baixo”, era este tipo de preconceito. A:gora com o grupo que cá está, não há muito porquê? Porque eles também não estão cá. Eles vêm cá, >fazem as atividades e saem<. Antes não, eles estavam muito aqui. O preconceito dos idosos era achar que nós fazíamos muito barulho. Era o principal problema. Que fazíamos muito ba:arulho, estavam ali em :baixo, en:travam. Pronto, era este tipo de preconceito que, eles em parte tinham razão, mas também não percebiam que há ↑diferenças, que eles ainda eram umas cri:anças a tentar ser jovens, e que portanto falavam um pouco mais alto. Mas também sem dúvida que eles às vezes eram um pouco mal-educados. Também os jovens não eram sempre bem educados, eu insistia muito para, vejam digam “bom :dia”, “boa tarde” e eles muitas vezes não diziam. Não ligavam, percebes? E os idosos reclamavam com razão, que eles não eram bem edu:cados, etc. ° Hoje em dia °, de uma maneira geral ((ham)) as coisas estão muito bem porque também os horários não se cruzam muito. Os horários não se cruzam :muito e há um respeito, “este é o nosso espaço”, “este é o espaço deles”. Nós quando usamos aqueles espaço, nós agora como >tu sabes temos muita necessidade de usar, e tentamos sempre< respeitar para não incomodar as atividades deles, não é? Isso não pode ser colocado em causa. Mas temos sorte, porque isso hoje em dia, foi uma boa solução. As atividades

que são feitas aqui também são mais (.) menos lúdicas, são mais concentradas para fazer algumas tarefas, por isso faz-se menos barulho.

E: Ninguém se incomoda, os dois grupos não se incomodam...

P1: Sim.

E: Então tendo em conta esses conflitos todos e já que os grupos não se cruzam, será que um programa intergeracional poderia resolver alguns destes problemas, preconceito, estes conflitos? Achas que seria vantajoso?

P1: Estamos a falar de grupos diferentes. Eu não consigo averiguar neste grupo que eu tenho agora se eles têm preconceito em relação aos idosos]

[E: Mas existe um afastamento?

P1: ↑Existe um afastamento. E agora fizeste-me lembrar do magusto. Lembras-te do magusto? Foi mais óbvio, e os idosos também contra os novos, “chega para lá”, a empurrar. E os idosos (.) e os novos não ligavam muito aos idosos, não diziam propriamente mal, mas riam-se um bocado. Se eu acho que pode ajudar? Pode (.) ↓agora analisando esta experiência, acho que pode.

E: Em que sentido?

P1: No sentido de eles [jovens] os conhecerem, de desmistificarem, ou se quiseres, de “despreconceituarem” a ideia que eles têm, como por exemplo, que os idosos são “to:tós”, “que não percebem bem as :coisas”, “que são muito lentos”. Se eles perceberem que têm ali pessoas que ainda estão plenamente ativas e que não têm essas limitações que eles pensam que têm, acho que isso vai ser positivo. E os idosos também se aperceberem que há aqui jovens (.) obviamente que eles estão no processo de crescimento e desenvolvimento, ainda estão a formar a sua identidade e a sua personalidade, no entanto muitos deles ((ham)) quer dizer a maioria, são bem educados, respeitam as regras, tentam respeitar os outros, e se eles não assim o fazem, os idosos também os podem ajudar, serem mais uns modelos na vida deles, entendes? Por isso eu acho que sim, acho que pode contribuir.

E: E que tipo de atividades é que tu achas que poderia resultar?

P1: Nós já falámos sobre esse assunto, não é? Eu penso sempre, quando penso nisto, penso sempre naquelas experiências de psicologia, que nós dávamos em psicologia social, que era como (.) fazer com que dois °grupos opostos°, se tornem unidos, que eram no fundo, eles terem um fim comum, trabalharem todos para um fim comum. Em termos mais gerais, eu pensei nisto. Olha, era bom eles

tivessem todos com um fim comum e trabalharem em conjunto, não é? Agora como a minha ideia está mais enviesada, isso era uma hipótese, poderem ter um fim comum, não sei qual, e (.) trabalharem em conjunto. Como agora a minha ideia (.) como já tenho algumas ideias que tu já me falaste, eu diria tam:bém essas questões de eles (.) lá está, falarem um pouco das suas vidas, mas de uma forma um bocado mais lúdica e não tão direta. Não te quero estar a dar agora ideias, porque as minhas ideias são as que já me falaste, não é? Hah hah

E: Era para saber se tinhas alguma ideia extra]

[P1: Extra não. Também não pensei muito sobre isso, não leio muito sobre isso.

E: Então, e agora imagina que agora vai haver aqui um programa, vamos fazer uma propaganda, qual é que achas que seria a reação das pessoas? Achas que elas iam aderir?

P1: Depende da maneira como é feita a campanha. Tem que se (.) na campanha tem que se usar <aspetos que chamem os jovens e usar aspetos que chamem os idosos. Portanto, não se pode nem favorecer uns, nem favorecer os outros>. Portanto, nesse sentido acho que sim. A campanha tem que ter em conta o público-alvo, que são dois grupos dis:tintos, com interesses dis:tintos, com idades diferentes, com maneiras de estar na vida diferentes, portanto tem que apelar, tem que apelar de modo a conseguir atrair estes grupos alvo.

E: E que tipo de fatores achas importantes durante a propaganda, durante as atividades?

P1: Olha, os :jovens querem participar em atividades, e que não querem estar em atividades lúdicas, ou melhor, não querem estar em atividades de lazer, os que querem fazer coisas no seu tempo livre, gostam muito de coisas a:tivas. >Eles apelam muito a este fator<, gostam de coisas ativas, dinâmicas. Gostam de coisas divertidas no sentido de eles verem novas realidades e gostam de coisas :que também façam apelo ao que referem a preocupações deles, aspetos também relacionados com as vidas deles. Porque se for uma coisa que não tem nada a ver com a vida deles, que não têm interesse nenhum para a vida deles, por exemplo, falares de trabalho e de dinheiro, é uma coisa que eles não têm interesse nenhum neste momento, não lhes faz sentido. Eles sabem, vêm na televisão, sabem que os pais falam disso, mas não os afeta minimamente. E eu creio que para os idosos também, não é?. <Eu creio que para o grupo dos idosos ((ham))> eles estão aqui no sentido de beneficiarem atividades que tenham interesse para eles, não estão aqui a fazer voluntariado para apoiar ((ham)) os jovens, <portanto eu acho que o que tem que se fazer é apelar a fatores> que eles tenham interesse e que façam sentido para a vida deles neste momento. Percebes o que eu estou a dizer?

E: Sim. Portanto, isso seria um fator importante para eles]

[P1: ↑Para os jovens é isto, para os jovens é isto, que eles gostam e que eles agarram, estás a perceber? ((ham)) <Se quiseres agarrar algum grupo mais difícil>, terás que dar recompensas. Porque o grupo que chama por isso não é muito grande. O outro terás que dar recompensas.

E: Nós falamos já naquela ideia das fotografias, da exposição de fotografias, no trabalho com fotografias. Queres dizer-me a tua opinião sobre isso e alguma sugestão para essa atividade?

P1: Olha, eu acho que é muito boa ideia, pelo menos esta (.) esta geração é uma geração da imagem, é uma geração muito mais da imagem do que a minha geração, não sei a tua, a minha geração (.) nós não tínhamos fotografias. Eu lembro-me de estar sentada com os meus pais, desculpa isto não interessa nada mas é só para fazer aqui (.) estava com os meus pais ao domingo e nós íamos ver os slides, que o meu pai tirava fotografias. Portanto, esta geração é a geração da fotografia, da fotografia a toda a :hora, colocar no facebook. Eles gostam de fotografia, é um fator que eles gostam, que lhes interessam, que eles gostam de ver retratado e gostam que possa ser mostrado ao mundo, percebes? O facebook é isso, não é?. É mostrar ao mundo o que é que eu :faço, com quem é que eu me dou. Portanto, nesse aspeto eu acho que é muito boa ideia (.) Depois a ideia de ires buscar coisas da vida pessoal deles, do interesse de cada um acho que é bom, não é? A tua ideia segundo o que eu percebi é que os idosos possam falar um pouco da sua vida na freguesia, dos espaços que eles usam na freguesia, e os jovens também. E acho que isto pode ser uma boa ideia. Portanto, eu acho que os dois fatores que me parecem muito boa ideia é o facto de usares fotografias, é o facto de haver uma exposição, porque eles também gostam de festas fi:nais, de mos:trar, e de estarem juntos, e gostam de preparar, isso motiva-os. Pode ser quase uma recompensa. E acho interessante ires buscar os aspectos da vida pessoal deles (.) As pessoas de uma maneira geral gostam de falar das suas vidas pessoais ou gostam de se dedicar um bocadinho mais às suas vidas pessoais, portanto isso pode ser uma maneira de os atrair.

E: Pronto, é só. Obrigada.

## ENTREVISTA – PSICÓLOGA 2

Tempo da entrevista: 24:44 minutos.

Entrevistadora: A primeira coisa que eu te queria perguntar é, qual é a tua função aqui e há quanto tempo estás aqui a trabalhar.

Psicóloga 2: Pronto, eu estou aqui (.) Eu comecei a fazer o meu estágio académico aqui na junta de freguesia da Lapa há cerca de três anos (.) Fiz o estágio académico durante um ano e depois comecei a trabalhar quando acabei o estágio, por isso estou aqui a trabalhar há dois anos (.) como psicóloga clínica. Pronto, e dentro da junta de freguesia da Lapa estou envolvida em vários projetos. Um deles é o projeto educativo da junta, o Nós da Juventude. ((ham)) Outro projeto também no qual eu estou envolvida é no projeto “SOLSAL”. É um projeto de solidariedade, que resultou numa parceria entre várias instituições e escolas aqui das zonas circundantes.

E: Então, estás aqui há pouco tempo, no entanto eu pergunto quais é que são... como é que foi pensado o “Nós da Juventude” e quais são os principais objetivos?

P2: O Nós da Juventude começou no ano passado e na altura nós fizemos um diagnóstico e pensámos e construímos o projeto com base também nos dados que nós tínhamos. No fundo ele surgiu de uma necessidade que era identificada pelo executivo. Porque o executivo aqui da junta de freguesia da Lapa tinha dois projetos educativos. Um deles era o “Lapa Jovem”, onde eu estive a trabalhar, e o outro era o projeto “RODA”, onde estava parte da equipa agora do Nós da Juventude, como a F e a C. E não fazia sentido existirem dois projetos na mesma junta destinada aos mesmos grupos alvo, principalmente porque o Lapa Jovem era gratuito e o projeto “RODA” era pago, portanto não era justo, no fundo. Então o executivo queria criar um projeto ((ham)) para todos, onde as duas equipas estivessem juntas e (.) com esse objetivo, eu e a P1, fizemos o diagnóstico e pensámos no que é que poderia vir a ser o Nós da Juventude. Quais são os objetivos que depois nós delineámos? O primeiro objetivo era no fundo, nós apoiarmos as crianças e os jovens nos seus tempos livres, ou seja, sempre que eles não tinham aulas, nos momentos que não tinham aulas, criar condições, criar atividades, criar espaços onde eles pudessem estar e onde pudessem ter apoio educacional e também onde pudessem ter os seus momentos lúdicos. Pronto, dentro do apoio educacional, nós depois definimos alguns objetivos. Um dos objetivos estava relacionado com a promoção do sucesso escolar e por isso nós fazemos várias atividades destinadas a promover o sucesso escolar, como o apoio ao estudo, o jogo de desenvolvimento de estratégias de estudo. Outro objetivo que nós temos passa também por promover competências pessoais e sociais e aí nós fazemos alguns ateliês, alguns programas que procuram promover estas competências, isto dentro da área educacional. Dentro da área lúdica, existem outras atividades mais livres, mais lúdicas (.) o que no fundo o que é pretendido é que as crianças também estejam em conjunto, que com:vivam e façam atividades lúdicas num espaço seguro. Para além disso, o projeto tem ainda uma outra vertente, um vertente

relacionada com a área do desporto. Pronto, e as crianças têm atividades desportivas onde também podem participar. E por fim temos uma outra área de intervenção relacionada com as competências parentais. E o que é que nós pretendemos nesta área? Ajudar os pais a conseguir adotar estratégias que melhorem, no fundo, a maneira como eles acompanham os filhos, que permitem também estarem mais próximos dos filhos.

E: A seguinte pergunta... já me explicaste como está organizado o Nós da Juventude em todas as vertentes... há mais alguma coisa que me queiras dizer relativamente ao pessoal técnico, quantas pessoas estão aqui a trabalhar, como é que está dividido?

P2: Pronto, nós temos uma organização em quatro áreas de intervenção. A área lúdica, que eu já expliquei um bocadinho. Esta área, quem é responsável por esta área, quem intervém mais nesta área é a educadora e são as duas auxiliares de educação. São as pessoas que estão mais ligadas a esta área, porque são as pessoas que acompanham as crianças quando elas estão nas actividades lúdicas.

E: Essas pessoas têm formação superior?

P2: A F tem, tem uma licenciatura em educação de infância, sim. Pronto, depois dentro da área da promoção das competências pessoais e sociais, então nós temos as atividades de apoio ao estudo, as atividades de promoção das competências pessoais e sociais, a educação sexual, também programas de prevenção do consumo do tabaco, por exemplo, e o pessoal técnico envolvido nestas atividades sou eu e a P1, que somos psicólogas no Nós da Juventude e temos também estagiárias de psicologia, que é a F, que és tu heh heh, a L e a A. Uma delas é estagiária de educação, de psicologia de educação, outra de psicologia social e outra de psicologia clínica.

E: Muito variado...

P2: Sim.

E: Achas que este tipo de organização tem-se mostrado vantajosa desde o começo do projeto?

P2: Sim, sim, eu penso que sim. Eu penso que o fato das coisas estarem assim organizadas acaba por ser vantajoso porque nós distinguimos as atividades e acabo por nos permitir organizar melhor as atividades e os momentos para existirem as atividades, sim. Esqueci-me de dizer que, nas outras áreas, aqui em cima, na organização, na área desportiva, está o L, que é professor de educação física e existe a atividade de futebol e de aeróbica e ele é responsável por essas atividades. Depois na área das competências parentais estamos, (.) no fundo, todos implicados nessa área, mas eu a P1 e as estagiárias é que dinamizamos essas atividades.

E: Agora uma pergunta um bocadinho diferente, queria perguntar qual é a tua perceção acerca do bem estar aqui dos jovens e das crianças aqui da freguesia, no geral.

P2: No geral, eu penso que as crianças e os jovens (.) que estão, que nós acompanhamos, antes de ir para o geral, acabam por (.) eu penso, a perceção que eu tenho é que eles estão bem, que estão a ser acompanhados, que têm apoio dos pais e que também têm apoio da escola e fora da escola também têm outras atividades que estão envolvidas. <Alguns jovens e algumas crianças> que não estão aqui no projeto e não estão envolvidas noutros projetos, eu penso que estão um bocadinho mais desamparados. E uma das coisas que também tem sido identificada nos diagnósticos que temos feito é que há muitos jovens que, no fundo, não têm atividades de tempo livre e que estão completamente desocupados. Não têm interesse por nenhuma área em específico e acabam também por consumir, por exemplo, tabaco, consumir álcool, principalmente álcool e envolverem-se em comportamentos de risco. Mas no geral, eu penso que os jovens, os jovens aqui da freguesia, aqui da nossa freguesia, eles (.) têm bem estar, sim. Eles estão bem. Em relação aos idosos (.) em relação aos idosos existe aqui na nossa freguesia uma realidade muito dispare, ou seja, existem idosos que têm uma vida muito ativa, que estão envolvidos em muitas atividades]

[E: Isto tendo em conta que também participas na Academia Sénior, não é?

P2: Também, sim, sim. Por exemplo, os idosos que participam na Academia Sénior da Lapa sim, eles estão envolvidos em muitas atividades, têm uma vida muito ativa, fazem muitas coisas. Mas também temos uma outra realidade. E essa realidade eu conheço-a mais através do Banco Alimentar, porque normalmente as pessoas que recorrem ao Banco Alimentar têm que fazer aqui uma entrevista e uma avaliação comigo, e a maioria destas pessoas são idosos que vivem sozinhos e que não participam, não estão envolvidos em nenhuma atividade, e que vivem isolados, no fundo. Esses idosos são, no fundo, a nossa maior preocupação. Nós tentamos por vezes captá-los, chamá-los para algumas atividades que são gratuitas e que a junta promove para estes idosos. Nem todos participam. Alguns participam, outros não participam. Na Academia Sénior da Lapa também surgiu agora, recentemente a ideia de integrar alguns idosos nas aulas de Academia, porque a Academia é paga, há um valor que é pago simbolicamente ou não, dependendo do valor dos rendimentos que a pessoa tem]

[E: Do nível sócio económico?

P2: Sim, sim. Mas há essa ideia que ainda não avançou, mas já há essa ideia.

E: Em algum momento a junta de freguesia, ou até este projeto, teve ideia de fazer algumas atividades que incluíssem as crianças e os jovens e os idosos, juntos?

P2: <Não me recordo de nenhuma atividade>. A única atividade que eu me recordo assim (.) eu penso que não foi uma atividade com o propósito de juntar crianças, jovens e idosos, mas no ano passado as crianças do 1º ciclo desenvolveram um projeto. O projeto tinha a ver com a “lapita”, e no fundo, a ideia era combater os dejetos caninos. Então eles fizeram uma banda desenhada, as crianças criaram um livro e depois esse livro foi apresentado a vereadores da Câmara Municipal de Lisboa e também vieram pessoas idosas assistir. E as crianças depois também foram entregar o livro e os panfletos nas ruas e também aos idosos. Mas não (.) foi uma atividade que eu me recordo de ver idosos e crianças juntos. Nunca houve]

[E: Nunca houve uma colaboração com um propósito, com um objetivo comum]

[P2: Não, não. Por vezes existem lanches em que estão ambos mas não é uma atividade em que eles tenham um objetivo comum.

E: Porque é que achas que não surgiu essa ideia, de criar atividades específicas para as crianças e os jovens e os idosos participarem juntos? Porque é que achas que ainda não surgiu?

P2: Eu penso que (.) ainda não houve essa iniciativa mas eu também acho que as pessoas (.) pensam que pode ser difícil... que pode ser difícil. Por exemplo, coisas mais simples em que nós juntamos crianças, jovens e idosos, nem sempre as coisas correm bem, como por exemplo os lanches. Claro que são situações atípicas em que estão todos juntos dentro de uma sala. Eu acho que existe sempre (.) eu penso que existe sempre esta dificuldade, que é uma coisa difícil, uma coisa que pode não correr bem. Inicialmente, quando ainda não era o Nós da Juventude, quando ainda tínhamos o Lapa Jovem, já funcionava a Academia Sénior da Lapa e na altura, eu recordo-me que existiam alguns conflitos. Porque os idosos (.) porque as crianças e os jovens faziam barulho e depois qualquer barulho mínimo que existisse, os idosos faziam queixa. Portanto, existiam alguns conflitos. As relações não eram, não eram muito boas. Depois nós também fomos trabalhando isso com as crianças e com os jovens, e penso que também do lado de lá também com os idosos e as acabou por as relações serem mais tolerantes e as pessoas se tolerarem mais, os idosos tolerarem mais o barulho das crianças e também as crianças e os jovens não se meterem com os idosos, porque isso também acontecia. Também acontecia eles irem lá provocar e irem lá fazer barulho de propósito.

E: De maneira é que trabalharam isso?

P2: Foi falando. Falámos com as crianças, falámos com os jovens e (.) foi só assim, não houve nenhum]

[E: Apenas para prestarem atenção ao sucedido...

P2: Sim.

E: Estiveste-me a dizer então que existe algum tipo de conflito, que as relações não são muito boas, apesar de agora estar um bocadinho melhor, no entanto, achas que existe algum tipo de preconceito entre as gerações? No meio desses conflitos, pode existir algum tipo de preconceito entre as gerações?

P2: Eu penso que sim.

E: De que forma?

P2: Por exemplo, como é que eu noto isso? (.) Da parte dos idosos, eu noto que muitas vezes quando alguma coisa (.) quando as crianças ou os jovens fazem alguma coisa menos positiva ou fazem uma “traquinice”, eles ficam muito chateados e começam a dizer <“no meu tempo isso não acontecia, porque nós se fizessemos isso éramos castigados, nem pensar acontecer”>, “e nós fazemos isto, agora já não há educação e as monitoras não querem saber”, “a culpa é das monitoras”, “a culpa é dos pais”, enfim. Por vezes eu oiço este discurso. Não em todos. Também há idosos que são tolerantes e dizem “ah, são crianças, isto é normal, faz parte da idade”. Da parte das crianças e dos jovens (.) por vezes eles também (.) eu sinto que eles também têm preconceito com eles (.) que brincam um bocadinho, gozam. Também depende, depende. Eu acho que isso acontece mais quando veem um idoso (.) mais frágil, no fundo, sim, sim, com menos capacidade para fazer frente. E então eles aí dizem, às vezes não dizem à frente, mas dizem atrás, “ai aquele velho, ai não sei quê”, “não se despacha na casa de banho”.

E: Portanto, gozam com a fragilidade?

P2: Sim, sim.

E: Então, tendo em conta os conflitos e tendo em conta que ainda não surgiu nenhuma iniciativa para formar atividades, achas que um programa intergeracional, que juntasse as duas gerações, os mais novos e os velhos, iria trazer vantagens para a freguesia?

P2: Eu acho que sim, sim...

E: De que forma?

P2: Até porque para já existe esta necessidade, no fundo (.) porque parece que os idosos estão num lado, têm as suas atividades, estão no seu mundo, as crianças estão no outro, têm as suas atividades, estão no seu mundo, e não há relações entre eles e as vezes que existem as relações não são das mais positivas e era importante trabalhar isto porque eu acho que (.) os idosos acabam

por (.) podem aproveitar muitas vezes a energia e as novas maneiras de ser dos mais novos também, aprender com isso\_e também gostar, no fundo, acabarem por gostar de estar envolvidos com as crianças e com os jovens, e da mesma forma, penso que as crianças e os jovens podem também acabar por gostar (.) de estar com os idosos, gostar de perceber como é que foi a vida dos idosos, como é que eles são, e acabaria por desmistificar algumas ideias que eles têm...

E: E que tipo de atividades, em concreto, é que acharias que seria mais adequado? Mais específicas?

P2: Nunca pensei muito sobre isso hah hah!

E: Não faz mal! O que te vem à cabeça?

P1: Que tipo de atividades? Nunca pensei muito sobre isso (.) <Acho que tem que ser uma coisa que tem que ser pen:sada e muito plane:ada> para não ter o efeito contrário. Eu acho sempre que grandes grupos juntos pode não funcionar muito bem. Que é melhor atividades que juntem idosos, crianças e jovens, mas não muitos de cada. Porquê? Porque se não (.) pode acontecer aquilo que muitas vezes acontece quando eles estão juntos, que é começarem a (.) muitas crianças juntas fazem muito barulho, os idosos não toleram tanto isso. Portanto, se fossem atividades em que houvesse um grupo pequeno de idosos e um grupo pequeno de jovens, poderia facilitar. Acho que era importante eles terem um objetivo comum mas teria que ser um objetivo que interessasse as duas partes (.) que os envolvesse às duas partes, e que eles tivessem que trabalhar em conjunto para realizar esse objetivo e que não fosse uma competição, “quem vai fazer melhor? Os idosos ou as crianças?”. Que não fosse separado, no fundo. (.) Assim atividades em concreto (.) não sei.

E: Ok. Eventualmente, se agora surgisse uma oportunidade de nós fazermos umas atividades e se lançássemos agora a propaganda a essas atividades, achas que haveria adesão? Tanto os idosos como os miúdos, achas que haveria adesão?

P2: Acho que alguns idosos, que eu conheço da Academia Sénior da Lapa, estariam interessados em participar (.) <E acho que alguns jovens também do Nós da Juventude> poderiam estar interessados em participar. Acho que é mais fácil os jovens, jovens mais velhos, adolescentes, do que crianças participarem e estarem interessados em participar nesse tipo de atividades.

E: Porquê?

P2: Porque eu penso que as crianças, por exemplo, do 5º e do 6º ano ainda estão muito (.) são imaturos, querem brin:car, querem estar no seu tempo livre, querem fazer as suas ativi:dades e mais uma atividade não é (.) acho que eles não encontrar uma motivação intrínseca para participar nesse tipo de atividades. Porque eles ainda estão muito centralizados noutra tipo de atividades mais livres, pronto]

[E: E com os jovens se calhar teria melhor resultado?

P2: Sim, teria. E eu penso que os jovens... haveria um maior número de jovens interessados em participar.

E: E esses alguns da Academia Sénior... porquê esses alguns, são os que estão mais ativos?

P2: São aqueles que estão mais ativos. Os idosos da Academia Sénior, eles têm uma característica, normalmente, já me aconteceu muitas vezes nas aulas que eu dou na Academia Sénior da Lapa, muitos idosos veem, e na primeira aula dizem que vêm apenas experimentar porque são pessoas que seleccionam muito aquilo que vão fazer. Portanto, não querem fazer mais uma coisa só porque estão a fazer. Querem gos:tar, saber que vão gostar daquilo em que vão participar. Por isso é que eu digo alguns. Porque eu não sei se todos os idosos estariam interessados em se envolver em atividades intergeracionais.

E: Para haver sucesso, e para haver então essas atividades, quais é que seriam os fatores mais importantes ou fundamentais para que haja sucesso nessas atividades? Portanto, antes e depois, no decorrer das atividades.

P2: Certo. Eu acho que antes, para captar, para além da divulgação, que os tem que envolver, tem que ser atra:tiva, apela:tiva, que eles têm que achar que é uma coisa positiva e que vão gostar de participar, eu acho que (.) para além disso, deve ser feito uma outra coisa mais de bastidores que é captar um ou dois líderes do grupo. Por exemplo, um ou dois líderes dos idosos. Porque na Academia Sénior funciona muito assim. Há algumas pessoas que são líderes e que quando vão participar, quando se vão inscrever numa disciplina, gostam e estão lá, muitas outras pessoas vêm porque aquela pessoa está lá e gosta. Eu acho que era importante perceber, chamar esses líderes e tentar cativá-los. Da mesma forma, nas crianças e nos jovens. Às vezes também poderia ser positivo captar, começar por envolver, um líder, ou um dos jovens que parece ter mais influência, para que os outros também pudessem crer participar.

E: E durante as atividades?

P2: Durante as atividades (.) primeiro é preciso captá-los e eles quererem participar. Eu penso que depois com as atividades, que as atividades acabariam por si só por envolvê-los na participação. Eu acho que tem que ser escolhido um horário que todos :possam que seja bom e ideal.

E: Qual é que seria o horário tendo em conta a disponibilidade de ambas as gerações?

P2: Tendo em conta os jovens teria que ser sempre da parte da tarde.

E: De qualquer dia da semana?

P2: Talvez à sexta-feira, porque nos outros dias da semana eles estão envolvidos no apoio aos estudos ou noutras atividades e se calhar é melhor à sexta-feira.

E: E os idosos?

P2: Os idosos, penso que eles têm mais disponibilidade, sim, portanto não vejo-

E: Por último, em conversas anteriores falou-se na ideia de uma atividade que envolve fotografias sobre a junta de freguesia da Lapa. Tanto os idosos como os jovens tinham que trazer fotografias deles na freguesia e depois então construir uma atividade com aquelas fotografias, juntos, em pequenos grupos. O que é que achas sobre esta atividade? É boa ou má? O que é que sugeres?

P2: Eu acho que é uma atividade boa. Acho que é uma atividade muito gira que nunca foi feita, é inovadora e acabaria por juntar quer idosos, quer jovens. No final do ano poderia ser feita uma exposição, no final do ano ou no final da atividade poderia ser feita uma exposição, convidar a comunidade para vir ver. Eu acho que pode ser um fator que pudesse envolver quer uns quer outros a participar na atividade, o saber que vai haver um evento, um produto final e que esse produto não é só para nós mas que também vai ser visto pela comunidade. Acho que é isso.

E: Então é uma grande motivação saber que vai existir um evento?

P2: Acho que sim.

E: Ok. Muito obrigada.

P2: Muito obrigada eu.

## ENTREVISTA – VOGAL DA EDUCAÇÃO

Tempo de entrevista: 35:37 minutos.

Entrevistadora: Eu queria por começar por perguntar, qual é a sua função aqui na junta de freguesia e há quanto tempo exerce essas funções?

Vogal: Portanto, eu sou vogal da educação, da cultura e da juventude e exerço as funções neste mandato. Portanto, fez agora dois anos, portanto as eleições foram em 2009. Portanto, há dois anos.

E: Desde ai...

V: Desde ai.

E: Como está pensada, em termos de atividades, a junta de freguesia.

V: Portanto, funciona como todas as juntas de freguesia funcionam. Quer dizer, elas são eleitas com um programa. Portanto, funciona, não sei se sabe, que é assim, tal como o governo, portanto há as eleições para a assembleia de deputados e a partir dos deputados eleitos, o partido mais votado faz governo. Portanto, aqui que de certo modo é a mesma coisa. Nas juntas de freguesia, nós quando vamos votar nas autárquicas, votamos para o executivo camarário, e votamos ao mesmo tempo para a assembleia de freguesia, para a junta de freguesia onde estamos inscritos como eleitores. Dessa assembleia de freguesia, o grupo, o partido mais votado, é o que dá o presidente da junta de freguesia. Depois é exatamente como mete onde, de acordo com o número de votos que tivermos, assim formamos o executivo. Aqui foi uma coligação. Portanto, nós candidatamo-nos PSD-CDS em que (.) foi distribuído o seguinte... à partida sabíamos que se esta coligação ganhasse o presidente era sempre do partido do PSD. Depois era pela ordem com que nos apresentámos. O segundo entrava, o terceiro, o quarto e o quinto. Nós somos cinco. Também já sabíamos, à partida, por razões de coligação que o presidente de assembleia de freguesia era do CDS. Portanto, teoricamente, funciona exatamente da mesma maneira. Nós, executivos, respondemos perante a assembleia de freguesia, ao qual temos todos os anos que apresentar o nosso orçamento, que é aprovado ou não em assembleia de freguesia, o nosso plano de atividades para aquele ano e como pensamos gastar ou não o dinheiro. É exatamente a mesma coisa, simplesmente não funciona todos os dias como na assembleia da república. Funciona em períodos mas respondemos, executivo, responde perante a assembleia de freguesia, exatamente nos mesmos moldes do governo. O que é que me perguntou mais?

E: Em termos das áreas.

V: Das áreas (.) portanto, nós como nos temos que candidatar com um programa, portanto à partida quando nos reunimos, a coligação definiu logo que é que ia exercer as funções do pelouro da educação, da cultura, etc. De certo modo eu fui responsável pelo programa com que nos apresentámos aos eleitores no que diz respeito às minhas áreas. Como na ação social foi responsável a minha colega que é do CDS, que era o elemento do CDS que ia entrar para o executivo, como não sei quê, as funções foram logo definidas e portanto, embora fosse um programa em conjunto, quer dizer, a pessoa que iria exercer essas funções teve uma intervenção maior. Embora todas as ações sejam solidárias. Como é que eu hei-de dizer? Qualquer decisão, mesmo que seja do meu pelouro, somos todos que decidimos. Digamos, como um conselho de ministros. Está o primeiro-ministro que é o (.) presidente da junta de freguesia, que é o responsável maior, quer dizer, ele (.) nós funcionamos como ministros dele com uma política que é definida previamente, e portanto ele tem sempre a última palavra como o primeiro-ministro tem. Embora ele, por exemplo, não nos possa demitir, vá lá. Porque aí os ministros podem não ser deputados, entende? Portanto, há aí uma pequenina diferença. Os ministros são pessoas que são convidadas pelo primeiro-ministro e assim saiu da câmara dos deputados. Nós aqui não, nós fomos todos eleitos. Portanto, ele isso não pode fazer mas nós também não podemos ir contra à política que foi definida.

E: Então quais é que são as áreas mais importantes? Há a sua área, e depois?

V: Portanto, nós não diríamos como mais importantes do que outros, porque a freguesia funciona como um todo. Quer dizer, para determinados municípios, se calhar o mais importante é resolver o problema do trânsito. Claro que temos variadíssimos telefonemas porque não têm estacionamento, porque as pessoas estacionam]

[E: Então não falando em mais importantes, mas as áreas que existem.]

[V: Ah, isso talvez. Pronto (.) se eu soubesse até lhe tinha trazido. Isto no fundo é um mini governo. Existe tudo, quer dizer. Portanto, nós temos os problemas que aparecessem na junta de freguesia é uma micro o que aparece ao nível nacional, portanto, aparece tudo. Temos problemas de envelhecimento, temos problemas da educação, temos problemas de estacionamento, temos problemas de esgotos, temos problemas de casas, temos... neste momento, o problema que nós temos gravíssimo é termos uma rua fechada. Temos um rua fechada em que todos os dias... porquê? Porque dois prédios caíram ou estão em vias disso. Mas como nós não temos poder para obrigar a abrir a rua, porque aquelas casas não são nossas, são de proprietários. Os proprietários não fazem nada e portanto a Câmara, pura e simplesmente, não se resolve em tribunal, fecha a rua. E cai sobre nós, junta, um problema gravíssimo, que os moradores estão todos a dizer “como é que eu saio”, “como é que eu estaciono”, está a ver? Nós tivemos que nos responsabilizar e fizemos a nossa custo, entre aspas, ali a defesa para que se possa circular. Temos as calçadas todas partidas, temos]

[E: Qual é a área ou departamento que trata desse tipo de problemas?

V: Portanto, é o departamento urbano, que tem a responsabilidade e as funções foram distribuídas pelo nosso presidente. Portanto, há de tudo. Nós não podemos dizer que uma é mais importante que outra]

[E: Eu estava a falar das áreas que existem]

[V: Ah, ah, <imagine que aquilo funciona exatamente como (.) portanto há uma que é a Ação Social, há outra que é o Comércio Local, há as Sociedades Recreativas, há Educação, depois a Educação é quase um mini ministério>, em que nós temos uma coordenadora, depois temos os projetos do GAF, por aí fora. Só isso tem seis ou sete departamentos.

E: O que acha desta organização? Acha que está bem organizado...?

V: Quer dizer, nós achamos que sim se não achássemos não estávamos nela.

E: Neste momento encontram algumas limitações?

V: Nós achamos que sim, quer dizer, pelo menos achamos que, na nossa perspe:tiva, perante os recursos que temos disponíveis, que estamos a dar uma boa oferta à população. Não podemos dar mais. Achamos até que estamos a fazer bem. Aliás, se não estivéssemos convencidos disso, teríamos que alterar. Mas pensamos que as necessidades que nos chegam e que nós tentamos ver que existem, nós estamos a responder. Por exemplo, sei lá, uma das necessidades que nós tem:tamos é resolver o problema das famílias com os seus filhos pequenos, que têm os seus filhos em escolas públicas. Para que isso fosse possível, as famílias terem, que não têm dinheiro para pagar colégios, nós temos que ter o Gabinete de Apoio à Família. O que é que esse gabinete faz? Recebe, além de lhes dar, enfim, atividades lúdicas, o problema maior que resolve às famílias é que as famílias os podem deixar às oito e irem para o seu local de trabalho e podem, ao fim do dia, ter tempo para sair do emprego e ir buscá-los, sabendo que os filhos não correm perigo. Tentamos sempre, quer dizer, portanto, no que diz respeito aos meus departamentos, eu tento sempre resolver da maneira que me é possível, da maneira que me é possível resolver os problemas e as necessidades que os meus fregueses têm. Eu penso que em todas as situações é essa. Uma coisa que eu devo dizer, é que apesar de termos nascido de uma coligação, em nenhuma reunião nestes dois anos se falou de política (.) Nunca pensámos fazer isto para ganhar eleições. Nós, desde o momento em que tomámos conta, não nos interessa que a pessoa que nos aparece lá seja PS, seja PSD, se CDS, não interessa. Há um problema para resolver, se a gente poder resolver. Isto, posso-lhe garantir que é assim. Tentamos sempre. Para nós isso foi só enquanto (.) até que foi curioso. Nós estávamos a fazer campanha e os sítios onde se faz muita campanha é ali no jardim da estrela e o (.)

grupo PS entrou pela porta do liceu Pedro Nunes, e nós entrámos pela da Basílica. E a meio encontramos e cumprimentámo-nos todos, tivemos ali numa “barracada”, e depois dissemos “agora cada um vai trabalhar”.

E: Dão-se muito bem, então?

V: Damo-nos muito bem!

E: Então outra pergunta assim de um assunto um bocadinho diferente. Se a junta alguma vez pensou, ou tem neste momento pensado para colocar em prática, algum trabalho com crianças e jovens e idosos em colaboração, em conjunto? Se se lembra de alguma coisa.

V: Nós já temos pensado nisso mas não é fácil. Para lhe dizer a verdade não é fácil. Porque, começa logo por (.) os jovens estão muito ocupados. Em Portugal as crianças estão muito tempo nas escolas, estão muito tempo nas escolas, e portanto (.) o que é que acontece? Ou os idosos que trabalham connosco, que procuram a junta, >porque há muitos que não procuram<, há muitos que não procuram porque ou têm outras atividades, têm outras coisas ou há muitos que até desconhecem. Um dos nossos trabalhos foi dar notoriedade à junta de freguesia e as pessoas saberem que é um sítio que onde elas podiam acabar com o isolamento, onde elas podiam fazer determinadas coisas que não existia. A cultura (.) e eu apostei muito nisso. No que diz respeito desde à Academia Sénior, desde as atividades culturais que eu tenho vindo (.) que não existia. Quer dizer, não havia nada de cultura, era zero. Portanto, nós tentámos ai criar às pessoas, determinados hábitos, pensando sempre em quebrar o isolamento em que elas estavam. E portanto, é mais fácil as pessoas saírem em conjunto do que irem sozinhas. Não se disponibilizam para ir uma ou duas ao teatro, mas se nós organizarmos, e estamos a fazê-lo mensalmente, há sempre uma ida ao teatro, nós esgotamos os bilhetes. Por exemplo, agora que vai ser uma sessão no próximo domingo, no CINEARTE, neste momento temos dois bilhetes. Tínhamos cinquenta lugares, ‘tá a ver?. Com “D. Maria, a louca”, uma pensa altamente tensa, nós tivemos 50 lugares e não chegou. Portanto, as pessoas habituaram-se a ir ao teatro em conjunto. No mês de Dezembro não fizemos, e fizemos dois este mês. No domingo fomos ao teatro Aberto, e esgotámos os bilhetes. As pessoas até pagam. Pagam menos, mas vão. Nós o que tentámos fazer foi criar nas pessoas hábitos de ir a determinados locais que não estavam habituadas a ir, indo em conjunto. Formando grupo. Porque as pessoas funcionam muito em grupo. Sozinhas não fazem. E, por exemplo, eu vou-lhe dizer que, volta e meia, àquelas que eu conheço, quando sei que há coisas gratuitas na cidade de Lisboa, eu aviso-as. E por exemplo, o concerto de fim de ano, que foi no museu dos coches em Lisboa, que foi uma coisa lindíssima, lindíssima, vou-lhe dizer, encheu-me a alma, porque foi só música dos Strauss, pais e filhos, linda, linda, no museu dos coches que é um espaço lindíssimo, eu fiquei estupefacta, porque eu tinha três filas, não foi organizado pela junta, atenção! A única coisa que nós fizemos foi avisá-las. E eu tinha três filas cheias de fregueses da Lapa. O que me deixou estupefacta, deixou-me estupefacta! Eu devo-lhe dizer, que aquilo para mim foi uma coisa, que quando eu entrei e as vi sentadas, eu disse “eu não

quero acreditar!”, eu tinha três filhas! Portanto, as pessoas já vão, elas depois organizaram-se esse é um dos meus objetivos, é que as pessoas façam coisas, primeiro nós tentamos levá-las, tentamos que elas formem grupos de amigas, está a ver? Elas, por sua iniciativa, vendo que há determinadas atividades que elas já aprenderam a gostar, e que não custam dinheiro ou são muito baratas. E eu tento por sempre por boas notícias. Vejo as coisas que há e tento informar as pessoas. Eu e a TAS, tentamos informar, “vai haver um concerto, que não se paga, no palácio, é um sítio lindíssimo...”, e as pessoas habituaram-se a isso. Outra coisa que fizemos, também para levar as pessoas que vivem na cidade de Lisboa, mas isso a gente não consegue meter jovens, os jovens estão ocupados, nas escolas, esse é um dos impedimentos.

E: Já pensaram nisso mas difícil porque os jovens não têm tempo]

[V: ↑ Não é possível, temos quase a certeza que não é possível porque durante a semana eles estão ocupados e durante o fim-de-semana eles têm projetos com as famílias. Portanto, é sonho. E minha querida, Deus queira que eu me iluda mas a minha opinião é que isso é um sonho, um sonho. A não ser que metesse avós com netos, é um sonho. Outra coisa também que começamos a fazer aqui, que chamámos Descobrir Lisboa, e <todas as semanas>, os nossos fregueses, os que estavam interessados, iam visitar um local da cidade de Lisboa, podia ser um seu, podia ser uma fundação, podia ser ruas, jardins, o que quer que fosse, perfeitamente preparado, com objetivos definidos do que é que eles iam ver, do que é que eles iam aprender... de sinagogas, mesquitas, sempre com pessoas lá a explicar. Eu devo-lhe dizer que não há muita gente que conheça Lisboa como a nossa freguesia. As pessoas que vão. Isso, durante dois anos fizemos semanalmente com um custo grande. Porque é que é um custo? Porque as pessoas não sabem fazer isso. Porque o custo do dinheiro é uma coisa que a maioria das pessoas, talvez pela minha formação, aquilo custou-nos muito dinheiro. “Custou porquê, se nós é que pagamos os transportes”, dizem elas, porque eu desloquei uma técnica, que era a TAS, que eu sei quanto é que ela ganha à hora. Portanto, para ela estar uma manhã disponível para aquilo, com o tempo que me leva a preparar, não é? A pesquisa, a visita, etc., aquilo tem custos. Portanto uma visita daquelas custa muito dinheiro. Porque quando ela está lá não faz outra coisa. Mas eu achei que, na altura, aquele investimento valia a pena, mas era com um objetivo. Era primeiro criar nas pessoas laços entre elas, e o hábito de irem passear e descobrir que a cidade de Lisboa tem coisas magníficas para fazer. E neste momento eu já não faço isso semanalmente, faço quinzenalmente e convidei as pessoas que se estavam a queixar porque já iam almoçar todas as quartas-feiras, “mas vocês agora já têm capacidade, para vocês sozinhas organizarem aquele passeio no intervalo do quinzenal”. Está a ver? Portanto, algumas já vão a determinados sítios, às vezes repetindo locais que gostaram de ver e elas já se organizam e vão. Esse é um dos objetivos, é criar nas pessoas a vontade de elas próprias irem, de sentirem necessidade dessa cultura. Agora, entre jovens (.) eu não vi viabilidade. Como é que hei-de dizer? Eu não trabalho muito em sonhos]

[E: Mas estamos neste momento a ver hipóteses]

[V: Exatamente, pronto. Eu, normalmente nestas coisas, trabalho dentro daquilo que é possível, daquilo que eu vejo que (.) naquele momento em posso fazer. Eu tenho um problema de isolamento nesta freguesia. Pessoas muito idosas, é uma freguesia envelhecida e com muitas pessoas numa pobreza envergonhada, pronto. E pessoas que perderam o hábito de sa:ir, de :ir, etc., etc. E mostrar-lhes uma coisa, é possível ter prazer e ver muita coisa gratuitamente em Lisboa. Este foi um dos objetivos. Por outro lado é possível em grupo, nós funcionamos, e os grupos têm força, nós conseguimos preços mais económicos. Esse foi um dos meus objetivos. Eu sei concretamente o que estava a fazer e o que é que eu queria fazer]

[E: E até agora tem dado resultados?

V: Eu acho que sim. A avaliação que eu faço é muito boa. Não foi em lirismos. Esta história que é muito bonita, “vamos meter jovens com idosos”, não funciona, quer dizer, para mim. Deus queria que eu me engane. Eu estou desejando que isso funcione, está a ver querida? Mas no con:creto, os gostos são diferentes. Isso é muito bom, isso é lírico, é muito bonito dizer “vamos meter os velhotes com os jovens, etc.”. As linguagens são diferentes. Sabe como é que eles às vezes conseguem chegar? Uma coisa que nós fizemos aqui que é extraordinário, que eu tenho um orgulho enorme. Eu tenho quase toda a população da Lapa, que procurou a junta para saber manejar um computador. Pouco ou muito, mas elas já sabem todas e muitas chegaram aqui e nem sabiam o que era uma tecla. E neste momento, mais ou menos, nós temos sempre 50, 60 por ano e isso é uma maneira de elas chegarem aos filhos, aos netos, aos sobrinhos netos, etc. Porquê? Porque esta história... não há “puto” nenhum que não goste de estar no *facebook*, etc., mexer, >aos oito anos já toca naquilo tudo em casa<. Não se interessa em falar com o avô. Porque assim que ele chega a casa, e vai fazer os trabalhos de casa e vai a correr para a net, para ver lá aquele *facebook*. Mas se o avô sou:ber trabalhar com aquela coisa, se calhar chega e encontra uma mensagem do avô, a dizer “olha hoje, e não sei quê...” e portanto responde. Há ali, já alguns me têm dito, tem que ser coisas muito concretas. Porque de resto, aquela história, você vai ver que não resulta.

E: Vamos ver, vamos ver]

[V: Eu espero que sim, eu espero que resulte hah hah]

[E: É um estudo preliminar]

[V: Mas que eu penso que é muito difícil]

[E: Isto é uma coisa muito pouco estudada em Portugal, isto nos EUA faz-se às “três pancadas”. Em Portugal não, portanto temos que descobrir a melhor maneira de o fazer]

[V: São gerações diferentes. Eles têm uma coisa que funciona muito, tipo vila, naquelas comunidades, eles vivem muito em subúrbios com vida própria, eu conheço um bocado dos EUA, portanto vivem muito aquela comunidade, funciona muito como uma aldeia, como antigamente, é um bocadinho diferente. Aqui, isto também pode funcionar, aqui o nosso bairro é uma ilha dentro da cidade, agora (.) pode ser que me engane.

E: Vamos ver, até pode ser que eu me engane]

[V: <Eu não trabalhei muito, quer dizer (.) nem a considereirei a si muito como uma prioridade para mim> porque já lhe disse, as minhas prioridades foram essas: acabar com o isolamento. E alguma coisa que quis que eu achei e funcionou foi, e tenho a certeza porque já tenho o feedback, foi através das novas tecnologias. Por duas razões: quem perder o comboio das novas tecnologias deixou de viver no tempo presente. Isto é das tais coisas. Uma pessoa para mim, eu digo-lhes sempre a elas uma frase que é esta, eu detesto ouvir dizer “no meu tempo...”. O nosso tempo é este. O nosso tempo é este. Simplesmente a ciência desenvolve-se a um ritmo de tal ordem, que se até os jovens têm dificuldade em estar a par de tudo, muito menos, realmente, os mais velhos. Muito menos os mais velhos. E portanto, criar neles a vontade de (.) olhe, olhe, lembrei-me de uma coisa. Talvez funcione aí na história das fotografias, uma coisa que é, eles tirarem as fotografias que eles queixam-se muito, e é uma coisa que eles andam a aprender isso agora. É uma coisa que eu estou a investir imenso, é eles saberem pôr no computador as fotografias. E já mandam para os netos, e os netos mandam para eles. Está a ver? E já alguns senhores, um senhor com uma determinada cultura me disse que até tinha recuperado umas fotografias, ele agora já não anda cá, já deve achar que já sabe, mas fotografias antigas que ele conseguiu recuperar e meter no computador. Olhe, eu não sei como é que ele meteu aquilo. E que ao mandar aquilo para os netos e tal, um que tinha no Bra:sil, aquelas famílias que seguiram, ele estava todo satisfeitíssimo pelo o que tinha feito. Está a ver?

E: Sim, pode ser uma das ideias]

[V: Eu penso que uma das coisas é através das novas tecnologias. É onde pode acontecer que, os miúdos não estão abertos ao diálogo com os mais velhos. Não têm paciência.

E: Mas porque é que acha que não estão? Acha que existe preconceito entre as gerações?

V: Não é preconceito. Como é que eu hei-de dizer? São culturas diferentes. E também os mais velhos, isso é um hábito que acontece em todas as famílias, <os mais velhos apagam-se por eles próprios. Porque a linguagem que se fala, eles não a entendem>. E portanto, quase que na maioria das famílias, os mais velhos, se os outros não estiverem atentos, deixam de existir. O que é que eu quero dizer com isto? Estão presentes mas não estão. À roda de uma mesa, mesmo aquelas famílias, que já é difícil, que se reúnem todos à mesa para jantar e não pegam em tabuleiros e vão para a televisão, que é outra coisa, não há diálogo, não há diálogo entre pai, mãe, filho, etc., mas sim, à mesa, e se fazem esta pergunta “então, o que é que fizeram hoje?”, e os miúdos começam a dizer “hoje na escola fiz isto, isto...”, e a mãe o que é que fez no emprego (..) muitas vezes não se lembra de perguntar ao idoso o que é que fez.

E: Mas isso é prejudicial?

V: ↑Péssimo. Péssimo. Péssimo. Quase que é invisível. E já alguns velhotes me têm dito. Apagam-se por exatamente a família no meio daquele alvoroço e da falta de tempo, achou que ele não fez nada porque já está reformado e não tem nada para dizer. ↓E portanto o que eles me dizem é que uma das coisas que eles começaram a ter diálogo com os netos fio através da net. Está a ver? Quer dizer, portanto, eu acho que de certo modo ao apostar em por toda a gente que me procura, eu pago, ai gasto o dinheiro todo, não há nenhuma pessoa que me venha aqui dizer que quer fazer cursos de informática que eu não arranje maneira de ela fazer. Porque eu acho que é uma maneira de ela acabar com o isolamento, não só entre a família, mas sobretudo não perder a carruagem da vida.

E: Então acha que não existe propriamente um preconceito mas por si só vão-se separando, são grupos diferentes]

[V: ↑Exato. Não existe preconceito. Acontece naturalmente. Não há na cultura europeia, o culto do velho. Tudo o que é velho é descartável. Entende? Enquanto nas sociedades asiáticas o saber do mais velho, mesmo nas africanas, há ali uma consideração pela men:sagem. Aqui não, há uma cultura muito descartável na Europa, em toda a Europa]

[E: Mas isso é um problema que nós temos]

[V: É um problema que nós temos mas]

[E: Como é que nós podíamos tentar reverter essa situação? Porque se o idoso tem um papel muito importante na família, têm que saber dialogar... são grupos diferentes mas eles têm que saber dialogar, têm que aprender com o outro, etc.]

[V: Mas minha querida, se souber, ↓eles estão cada vez mais isolados. Imagine as pessoas que estão sozinhas (.) olhe, veja aqui na nossa freguesia, se eles receberem a visita dos filhos uma vez por semana é muito porque os filhos também não podem. E cada vez mais com as casas pequenas, quer dizer, como é que eu hei-de dizer? No meu tempo, eu tinha uma casa na província, as famílias não se dessagre:gavam, os velhos estavam com os outros, havia sempre três gerações em casa porque as casas permitiam isso. Eram grandes. Havia catorze divisões. Isso desapareceu e portanto nas cidades muito menos. E portanto, não há lugar para o velho. Não há lugar para o mais velho. Não há lugar para o avó, não há cama para ele. Não há quarto, não há não sei quê. Portanto há uma tendência para o idoso ficar na sua casa. E ao ficar na sua casa, ao perder a capacidade de na:dar, de sa:ir, de se intere:ssar, é isso que eu tento fazer, é trazê-los para cá. Eu acho que eu e a minha colega estamos a fazer um bom trabalho nesse aspeto porque os estamos a tentar trazer e os que não podem nós estamos a ir lá. Nós temos já equipas que vão a alguns velhotes, ensinar-lhes nos computadores porque eles não se podem mexer. Estamos a tentar levar a vida lá a casa. Agora, isso seria ótimo, e nós vamos tentar fazer uma coisa dessas, estamos a pensar, gostaria que entrasse nisso que é criar uma bolsa de voluntariado dos jovens, e então aí eu já acho que seria possível as coisas intergeracionais, que é o jovem que sabe determinadas coisas, que é capaz de ler, é capaz de não sei quê, até levar o computador e ensinar. Tem que saber as aptidões que o idoso tem. Aí é possível que isso aconteça. Porque depois também há (.) há alguns preconceitos. Os mais velhos acham que os jovens agora não prestam para nada, está a ver? Tudo “malta da pesada”. Aquelas coisas que eles vestem, tudo “malta da pesada”. E os mais novos pensam que os outros são uns “caretas”. Quer dizer, é o tal conflito de gerações. Portanto, aquilo é um bocado complicado de]

[E: De gerir]

[V: De gerir isso. Portanto]

[E: Então acha

que talvez essa bolsa de voluntariado]

[V: É mais por aí]

[E: Há uma que até é o banco do

tempo, não sei se já ouviu falar?

V: Já, já, ter tempo, há juntas de freguesia que já têm isso. Conheço. Já tentámos fazer isso aí. Essas coisas eu conheço todas. Isso fun:ciona em determinadas freguesias. Funciona melhor na província]

[E:

Mas como o problema não é só da província, temos que tentar]

[V: Não, não. Temos que tentar]

E: É um problema que é muito apagado, é muito camuflado. Dizemos “ah, são as gerações”, mas temos que arranjar aqui uma ponte.

V: Sabe como é que eu acho que os idosos são mais felizes? É arranjando a:migos.

E: Mas toda a gente é muito mais feliz se arranjar amigos hah hah

V: Mais até do que a própria família. Entende? Porque às vezes as famílias estão muito ocupadas. O idoso que tem amigos é um idoso mais feliz. E isso foi uma das coisas que eu verifiquei que elas se tinham tornado amigas, e olhe, ganhei o dia. Foi uma coisa maravilhosa para mim. Porque ao vê-las juntas, foram pessoas que elas conheceram aqui. (.) Por exemplo, outra coisa que eu estou a fazer, a trabalhar, é a Arte de Bem Dizer, está a funcionar neste momento e eu vou para lá, porque é que eu vou para ali? Para fomentar nas pessoas o dizerem poe:sia, o falarem em público, é outra maneira... tem os netos que vêm vê-los. Vem todas satisfeitas “ah, tenho ali o meu neto, tenho ali o meu filho, tenho ali não sei quê”. Elas dizerem poesia, deixou alguns, os netos admirados porque não sabia que a avó sabia dizer isso. Está a ver? São essas coisas, são nessas coisas que eu estou a trabalhar. Agora propriamente pô-los os dois juntos, não vejo. Mas posso estar enganada.

E: Aquilo que eu ia, estávamos a falar no início sobre aquela atividade. Portanto, isto é um teste, vamos testar. Encontrámos a sexta-feira, àquela hora em que os jovens não têm nada e os idosos também não têm, e o objetivo que a gente lhes vai dizer é, estamos a organizar uma exposição de fotografias sobre a Lapa. Alguns jovens, que eu já tive a falar com eles, gostam, adoram fotografia, alguns idosos também, eu já falei com alguns. Então, vamos ver se dá, pode não dar]

[V:↑ Mas isso é uma coisa pontual, está a ver? Essa coisa da fotografia, é uma coisa parecida com os computadores. Essas coisas pontuais eu]

[E: Vamos tentar criar aqui alguma relação, se eles conseguirem criar alguma relação, se calhar a seguir no banco do tempo seria mais fácil.

V: Pois, exato. Minha querida, o sonho comanda a vida.

E: Vamos ver, pode dar e pode não dar. A ideia é eles juntarem-se todos e é então eles tentarem construir uma história com as fotografias e depois fazer uma exposição aberta ao público, para os

filhos ir verem, para os netos, etc., etc. Quer dar mais alguma ideia? Eu sei que está assim um bocadinho cética, eu percebo.

V: Não, minha querida. Não estou. Eu não estou cética. O que eu lhe disse é que nunca pensei (.) eu acho que estou a fazer um trabalho nesse sentido através destas suas ferramentas. A primeira é através da internet, o domínio das tecnologias, eles poderem comunicar através do *facebook*, mails, etc., com as novas gerações. Porque as gerações aí têm feedback. Repare que eu todos os dias tenho uma mensagem da minha neta, que está no *facebook* e tem nove anos. Entende? Portanto, ela gosta de dizer aquelas coisas e eu fomento isso, “o que é que a menina hoje fez na escola?”, não sei quê, está a ver? Mas não é pelos meios tradicionais, é pelo *facebook*. Eu sou uma avó toda “modernaça”, não é?. Sou um máximo, ando com elas nas escaladas, aqui e acolá. Ela não me vê como avó. Porque ela uma vez estava a explicar-me uma história do teatro e disse-me esta coisa “oh ‘vó, eu vou fazer de avó, mas como é que eu hei-de explicar à avó? Não é uma avó tipo mãe, é uma avó daquelas com carrapito e óculos.”

E: E ela não está habituada a ver a avó assim.

V: Exatamente. Não tem nem uma, nem outra avó assim. Como ela queria distinguir aquilo, era tipo mãe, está a ver?]

[E: É muito positivo. Desmistifica a imagem]

[V: da avó, etc. Mas nós somos as exceções, querida.

E: Mas não acha que a população aqui da Academia Sénior é muito ativa?

V: Sim, essas são. Não sei é se estarão disponíveis.

E: Algumas, que eu já falei com elas.

V: Isso é ótimo, eu acredito porque isso é uma coisa pontual, o que eu não acredito é que isso só por si seja dinamizador do que você pretende para a frente. Mas Deus queira que sim.

E: É só um projeto pioneiro, vamos tentar. Se nós virmos que é muito difícil, que não dá, vamos tentar de outra maneira. Se der resultado pode ser um bom ponto de partida para vocês continuarem com outras coisas.

V: Sim, sim, sim, sim.

E: Porque acho que é um grande problema que nós temos.

V: Isso é um problema que toda a Europa tem.

E: E foi engraçado quando foi o magusto, lembra-se? Eu depois comentei com os mais novos e eles estavam à espera de ver os idosos assim, lá está, com o carrapito, e eles “ah, até não. Eu depois conversei com não sei quem e não era assim”. Quer dizer, uma coisa básica e eles ficaram “ah, pois não é o carrapito, nem a bengala”. Não, não tem que ser. Eles têm muito a ideia do doente e do velho, e do curvado, não tem nada a ver.

V: É que esta geração também está mais nova, há já uma quarta geração, já se fala nisso. O culto do novo é de tal ordem que até, como é que eu hei-de dizer, os velhos têm medo de ser velhos hah hah hah]

[E: Por toda a imagem que nós formámos do velho.

V: Exatamente.

E: E nós cada vez vivemos mais anos.

V: Exatamente.

E: Só para reparar, nas teorias de desenvolvimento a última fase inicia aos 60 anos, porque antigamente as pessoas viviam]

[V: Isso é uma das razões porque nós temos agora este problema da sustentabilidade da segurança social. (.) A sustentabilidade disto foi baseada em que as pessoas depois da reforma viverem quanto muito 10 anos. Alguns vivem trinta ou mais. Antigamente as pessoas reformavam-se aos 62 anos, no tempo da minha mãe. A minha mãe tem 93. Eles quase que recebem mais anos do que os que trabalharam. As pessoas agora falam muito na perda de direitos, etc. Este sistema está esgotado. Temos que criar um novo.

E: Porque era baseado na realidade de antigamente.

V: Exatamente. O sistema por si esgotou. Aquela história dos direitos adquiridos, isso está tudo completamente esgotado. Mas se continua a trabalhar mais 10 anos, rouba aos outros porque não se tem criado postos de trabalho, para os que chegam ao mercado de trabalho, possam juntamente com os outros dos 60. Este modelo está esgotado. Eu acredito que a sociedade vai descobrir meios, tem que descobrir. Eu acredito. Eu sou muito positiva nesse aspeto. Mas vou-lhe dizer, a minha geração foi uma geração altamente beneficiada em relação a vocês todos, porque nós ainda estávamos na

universidade e já tínhamos cinco empregos à espera. Era só escolher o que nos pagava mais. (.) Não sei se imagina uma pessoa entrar no mercado de trabalho a ganhar 20 contos. Para lhe dizer assim mais ou menos, 20 contos, um professore de liceu ganhava 5 e 800. Eu fui ganhar 20 contos. Aquilo dava para comprar tudo e mais alguma coisa. Dava, por exemplo, num mês se precisasse comprar uma máquina de lavar roupa e um esquentador, e não sei quanto, e ainda ficava dinheiro. Sabe quanto é que custava um automóvel, o meu automóvel custou 50 contos. Portanto veja o que eu ganhava. Era um carrinho pequenino.

E: Temos que arranjar maneiras de nos sustentarmos.

V: Pois temos, mas este modelo está esgotado. Vai ser uma geração muito... Mais alguma pergunta?

E: Não. Obrigada!

## ENTREVISTA – TÉCNICA DE AÇÃO SOCIAL

Entrevistadora: Em primeiro lugar, qual é a tua função, especificamente, e quanto tempo é que estás a exercer?

Técnica de ação social: Eu quando vim para a Lapa, vim como administrativa mas fui sempre desempenhando funções ao nível, algumas funções ao nível técnico. Fazia alguns projetos, relatórios, comecei a desenvolver as primeiras atividades para :seniores, algumas para a juven:tude. Depois com o tempo também licenciiei-me e atualmente sou técnica de ação social (.) mais vocacionada para a terceira idade. Sou técnica desde 2010, mas já cá estou há oito anos.

E: Então, especificamente sobre a Academia Sénior, como é que ela foi pensada e quais é que são os objetivos principais?

TAS: A Academia Sénior foi pensada por necessidade que sentimos para um determinado grupo de idosos, aqueles que têm maior escolaridade e que procuram uma cultura mais erudita. Não tínhamos qualquer tipo de atividades e começámos por nos candidatar ao programa do envelhecimento ativo da Câmara Municipal de Lisboa. (.) Concorremos, atribuíram-nos uma verba e dentro desse programa estava enquadrada a Academia Sénior. Em 2009 começámos a implementar, ° lentamente °, os projetos (.) que estavam enquadrados, as disciplinas, encontrar voluntários para dar as aulas e tentar responder a essas ansiedades, potencializando o envelhecimento ativo e saudável, com la:zer, dando-lhes uma melhor qualidade de vida e uma formação ao longo da vida. A adesão às atividades foi muito boa. Chegámos a ter uma lista de espera de 150 idosos para a informática. Felizmente, alguns foram desistindo porque já tinham tirado cursos, outros tiraram por cá, e já não havia necessidade. E entretanto também fomos criando outras maneiras de dar resposta criando ateliês especificamente para aquilo que as pessoas queriam aprender, que era internet, e de certo modo (.) levou-nos a ter mais vagas.

E: Mas a Academia Sénior está focada nessas pessoas que têm maior escolaridade?

TAS: Não, está para toda a gente. Foi pensada para essas pessoas porque os centros de dia existentes e mesmo algumas pontuais atividades que havia na junta não iam bem de encontro com aquilo que as pessoas queriam, apesar de, visitas a um:seus, idas a te:atros, se enquadram para qualquer nível cultural e literário. Mas as pessoas não se sentiam atraídas. Com a Academia começaram estas disciplinas, e a aderir a essas atividades, a procurar, criou-se a necessidade dentro dos seniores. Por outro lado, temos pessoas com níveis literários mais baixos e carenciadas que nós isentamos para poderem frequentar a Academia. Temos aqui pessoas com a quarta classe, que têm aulas de história, de inglês e de informática. Como o Taichi ou Descobrir Lisboa. Não está vocacionada especificamente para aquele grupo. Assim como as outras atividades que nós

desenvolvemos para os idosos, estão vocacionadas para a população em geral. Nós temos aqui uma aluna com 23 anos, mas que tem problemas e nós decidimos enquadrá-la.

E: Mas essencialmente é para os seniores, a partir dos 55?

TAS: Foi pensada a partir dos 55 anos, tem que ser é residente na cidade de Lisboa. Há um ou outro que não seja mas principalmente são da cidade de Lisboa e a maioria são da nossa freguesia.

E: Depois as mensalidades também são conforme os rendimentos das pessoas?

TAS: Começou por ser assim, mas começou-se a ver que as pessoas que vinham à Academia tinham alguma potencial económico e estavam a exigir uma qualidade acima daquela que nós tínhamos perspectivado e este ano deixou de ser por escalões de reforma. Temos um escalão para quem tem reforma até 300€, paga 10€, para terem uma obrigação e para nos garantirem algumas disciplinas. E depois depende do tipo de disciplinas que escolham. Quanto maior for o número de disciplinas em que os professores sejam pagos, maior é a mensalidade.

E: E como é que está organizada a Academia Sénior, no sentido das várias atividades que existem e do pessoal técnico que tem?

TAS: Vamos começar pelo pessoal técnico. A nível de pessoal técnico até somos poucos. Porquê? Porque temos o pessoal fixo e pessoal que não é fixo. Sou eu como coordenadora técnica, seguro toda a logística técnica, relatórios, tudo o que é necessário a nível administrativo. Depois tenho a minha colega L, que faz o apoio logístico aos professores e aos alunos e sobretudo procura ver o que é que eles sentem, o que é que eles gostam e o que não gostam para melhorarmos. Tem muito esse papel de observação participante, vai-nos dando uma retaguarda. Também é um ponto de abrigo para alguns idosos que falam com ela. Depois temos a nossa vogal da educação e da cultura que tem um papel fundamental que está connosco no terreno além de supervisionar. Que nos dá conselhos, que nos ajuda, que nos ensina, e tem sido bastante positivo. Conseguimos dar um salto muito grande com a entrada dela, porque também está enquadrada dentro desse grupo e:itário, percebe, vê de outra maneira. Juntamos as nossas visões, e tem sido bom. Depois temos também os professores. Na sua maioria são voluntários, excetuando a professora de espanhol (.) a professora de inglês, o professor de informática e o professor de Yoga. Porque são atividades estruturantes, que mais procuram e temos que garantir que estas atividades se fazem porque quando são voluntários não há tanto aquela obrigação, e se não for hoje “paciência”. Quanto mais jovens forem os voluntários mais tendência têm para faltar. Normalmente os voluntários que nós agora aceitamos para dar aulas no âmbito dos nossos projetos, vêm vinculados a uma universidade. Alguém acima que se responsabiliza por eles. Porque para eles tem que ter uma responsabilidade, que depois desmotivava os alunos. Foi um obstáculo que nós conseguimos contornar.

E: Depois existem os protocolos e já se consegue controlar]

[TAS: Exatamente. E a escola sente-se obrigada a vigiá-los. E eles sentem-se obrigados a vir porque depois não sabem a imagem que cria e não sabem bem as implicações e portanto geralmente vêm bons alunos e as pessoas geralmente gostam desses voluntários. Promove-se uma coisa que nós no início, >tivemos muita preocupação mas depois tivemos que desistir<, que os professores serem jovens para haver uma interação entre as gerações e de certa forma está-se a conseguir e procurou-se contratar professores que tenham entre os 30 e os 50. Não muito mais, os contratados. Não é por discriminação, mas é mesmo pelo objetivo da intergeracionalidade. São pessoas que já têm uma certa maturidade, que têm uma obrigação que é vir dar a aula, porque vêm receber e é o seu modo de subsistência, mas por outro lado transmitem valores novos e há um respeito mútuo e é muito bom.

E: E a nível das atividades?

TAS: Ao nível das atividades, nós temos atividades a vários níveis do saber. Temos o Taichi, o Yoga, vamos ter dança, temos informática, temos o Descobrir Lisboa, temos inglês, francês, espanhol, literatura portuguesa, psicologia, sociologia, artes decorativas e pintura de tecido. São as atividades que nós chamamos mais letivas, com carácter mais académico. Depois temos o ateliê da Arte de Bem Dizer, que tem por finalidade colocar as pessoas à vontade, para falar, mostrar que elas têm valor, e muito positivo, em que são responsáveis por sessões de poesia, de prosa, e gostam. Vê-se mesmo que as pessoas gostam de lá andar. Depois temos as atividades culturais, que vão desde a ida ao teatro, ao cinema, fazer um passeio cultural que nós chamamos os Sábados Fora. Temos momentos culturais, sessões dedicadas a determinados autores e andamos muito por aí. Para além disso, através do pelouro da ação social também vão assistir a programas de televisão, sessões de música, depende um bocadinho da oferta que nos vão fazendo. E temos as nossas sessões de esclarecimento.

E: Acerca do bem-estar dos idosos aqui da freguesia, o que me podes dizer relativamente a isso?

TAS: É assim, falar do bem-estar dos idosos, há que por um lado, separar águas. Porquê? Porque temos muitos idosos isolados, mas também temos muitos idosos que estão enquadrados numa terceira idade. E também por outro lado, quanto maior é o poder económico, maior é o bem-estar. Nós aqui temos de tudo. Pessoas que vivem numa pobreza quase extrema, a idosos que vivem (.) com uns bens consideráveis e não são preocupações. Mas por outro lado até temos pessoas que têm uma pensão boa mas depois tem problemas familiares e não têm um bem-estar como à partida esperávamos. É sempre um bocado ambíguo falar do bem-estar desses idosos porque também não temos um levantamento propriamente exaustivo sobre essa matéria. Há muito isolamento, há pessoas que não têm o conforto do lar mas depois há um número significativo que tem. Eu acho que depende muito daquilo que as pessoas foram ao longo da vida.

E: Há vários grupos então?

TAS: Sim, sim.

E: Então, o bem-estar das pessoas idosas é difícil, porque são vários grupos, mas não sei de tens alguma perceção acerca dos jovens, das crianças e dos jovens?

TAS: Não, isso não tenho. Nunca trabalhei muito perto com as crianças. Quando vim para cá, já era um setor da população que já tinha pessoas responsáveis.

E: Mas relativamente às famílias, se calhar também podemos falar em grupos?

TAS: Sim, sim.

E: Difere muito...

TAS: Sim, sim.

E: Não sei se a Academia, ou a junta, acho que já falámos sobre isto, se alguma vez pensou nalguma atividade que englobasse as crianças ou os jovens e os idosos? Portanto, atividades para essas duas gerações.

TAS: Sim, lembro-me. Já tivemos algumas atividades com crianças, nomeadamente fizemos, pelo S. Martinho, temos o hábito de ir fazer o Magusto com as crianças da escola 72, em que os idosos levam poemas ou contavam uma história relacionada com o dia de S. Martinho quando crianças e depois lanchavam com elas. Foi engraçado, deu frutos. Há crianças que ainda se lembram desses idosos, e esses idosos que ainda se lembram das crianças. Por outro lado, também organizámos aqui há uns anos uma sardinhada, contava com cento e tal pessoas, vários jovens, famílias, e correu bem, no fundo. Correu bem, só que são coisas que, são atividades que levavam alguma logística e o tempo foi escasseando e as verbas também. São atividades extremamente caras. Principalmente a sardinhada. Ultimamente pensámos em levar as crianças ao jardim zoológico com os idosos, mas devido ao clima, entretanto foi adiado para o próximo verão, por causa da chuva. Mas nós tentamos, e é uma coisa que temos em vista é a intergeracionalidade. Tentar que haja um maior contacto.

E: Sim, mas para além de logística e de verbas, existe alguma outra dificuldade que tu aches existir no contacto entre as gerações?

TAS: Eu acho que a única dificuldade que pode haver é o primeiro impacto. E os horários. Porque de resto acho que não]

[E: Como é que seria o primeiro impacto?

TAS: Acho que é necessário, sobretudo os jovens, não falo das crianças, mas estes jovens perceberem que o idoso, não olharem o idoso com estigma. Porque os idosos, de um modo geral, pelo menos aqueles com que nós trabalhamos mais diretamente, aceitam bem os jovens, até as atitudes de rebel:dia que eles têm. Mas quando <se trata de alguns jovens> eu terei tenho certa dúvida se o primeiro impacto será aquele que se es:pera. Estou convencida que com a continuação que dará bons frutos.

E: Será que podemos falar aqui em preconceito? Achas que existe algum preconceito entre as gerações?

TAS: Eu acho que não é bem preconceito mas sim a ideia do idoso, alguns jovens têm ideia que o i:dososo, aquela ideia negativa do idoso, que é o “chato”, ou que não serve para nada. Outros por outro lado, a sensação que me dá é que aceitam bem.

E: Achas que os idosos aceitam bem os jovens?

TAS: Acho que sim e acho que se tem vindo a notar, mesmo aqui ao nível do espaço, uma maior interação entre os i:dosos. Os jovens, por um lado, o facto da outra ala do edifício ter uma escola sénior e cruzarem com eles já não é novidade. Já dizem “bom dia”, às vezes na correria mas dizem. E os idosos também já estão habituados que as crianças e os jovens estão cá e gostam também de os ver. Hoje, por exemplo, acharam imensa graça um dos jovens pedir-nos chá, porque estávamos a servir chá. O que eu acho que estamos a ir num bom caminho.

E: Ou seja, o facto de eles estarem nas mesmas instalações]

[TAS: Acho que tem ajudado muito.

Acho que evoluiu muito. Até ao nível de comportamento dos próprios jovens porque já sabem que se forem a partir de um determinado espaço, o espaço já não é deles. Já é comum. Acho que isso é muito bom.

E: Terem alguma coisa em comum?

TAS: Terem alguma coisa em comum, sim.

E: No entanto, apesar de isto poder ser um bom caminho para termos umas relações intergeracionais saudáveis, mas temos alguns problemas, não é? Portanto, principalmente nos jovens, que pode ver o idoso de uma forma mais negativa e às vezes ser um bocadinho difícil no primeiro impacto, não é? Mas achas que fazer atividades, programas intergeracionais traria vantagens para freguesia?

TAS: Eu acho que sim.

E: Em que sentido?

TAS: Por um lado, transmitir-se-iam os saberes, por outro lado, o facto de eles terem atividades com os idosos, vai permitir quando passarem à idade adulta estarem sensibilizados para ajudar esse idoso. E esse trabalho, quer a nível do voluntariado, quer a nível da própria sociedade de providência, é muito bom para a freguesia. Porque, por um lado, cai o estigma, o medo, e por outro lado, pode-se poupar imenso dinheiro, criar projetos muito bons e o idoso deixa de estar excluído e isolado, e tem um apoio. Sobretudo para os que têm carência económica, esse apoio emocional é muito importante. Ele não deixa de ter carência económica, mas como sabe que aquela pessoa está lá naquele dia e pode ler, ou falar ou seja aquilo que for, vai permitir que se sinta importante para ele próprio. E já não dá tanta importância à carência económica, como deveria dar. Para além de que, se essa pessoa se voluntaria para apoio ao nível, como por exemplo, ir às compras, já se poupa por exemplo 5€ do Pingo Doce por ir entregar. E esses 5€ para o idoso fazem muita diferença. Portanto eu acho que é uma boa maneira de responder aos desafios da organização mundial de saúde. Assim como o contrário. O idoso que é sensibilizado para contacto com o jovem, de apoiar esse jovem, como por exemplo, ser voluntário numa escola, dar apoio ao estudo como já temos aqui algumas pessoas, ser guia, ou até apoiar outro idoso. Eu acho que esta intergeracionalidade vai permitir o incentivo ao voluntariado e a entre ajuda e o retonar os laços de vizinhança que são típicos aqui do bairro da Lapa.

E: Já me falaste de algumas atividades, além das vantagens, algumas atividades, que essa do voluntariado, não é? Dos jovens irem a casa dos idosos prestarem-lhes auxílio, alguns favores, ensinarem-lhes alguma coisa e vice-versa, não é? Isto podia ser uma boa atividade?

TAS: Sim, acho que sim.

E: Mais alguma atividade que tu te lembres?

TAS: Acho que seria extremamente importante colocar os idosos e as crianças a sensibilizar a população para os problemas ao nível da higiene urbana. Porque eu acho que o idoso aprende algumas das normas, das regras que não estava habituado. No tempo dele não existiam esses problemas, não poderiam pensar neles. E sensibilizava-os. Depois teriam o prazer de estar com uma criança. Para eles, na minha opinião, é extremamente importante. E por outro lado, eu acho que as crianças ao estarem sensibilizadas vão receber aqueles valores, essa necessidade, e por outro lado penso que vão sensibilizar os pais e o público-alvo acaba por não ser as crianças nem os idosos mas sim as gerações dos vinte, trinta, quarenta, cinquenta, e por aí fora. Porque começam a ver as crianças a andar na rua, por exemplo, e chama a atenção aquelas crianças que depois vão levar

aquela ideia para casa e vão dizer aos pais e os pais transmitem aos avós e acho que é a melhor maneira de levar.

E: E qual é que seria a melhor maneira de realizar?

TAS: Criar, por exemplo, equipas, criar concursos intergeracionais. Quem tivesse a ideia mais original, tinha que ser composta por exemplo por um idoso, familiar ou não. No fundo tornava-se indiferente, o que se queria era transmitir a ideia. Eu acho que, depende também muito da disponibilidade das pessoas. Por exemplo, o idoso escrever artigos sobre, o idoso com o jovem escrever um artigo sobre o problema da higiene urbana. Por exemplo, os pombos. Divulgar essa atividade como sendo dele. As pessoas ficam curiosas. Seria uma via, agora assim de repente.

E: Ok, são só ideias. Então, se por acaso se nós começássemos agora uma atividade intergeracional, incluindo jovens e idosos, quais é que achas que seriam os fatores essenciais para que a atividade tivesse sucesso, independentemente daquela que fosse, tivesse sucesso antes, portanto quando as pessoas ainda estão a aderir, e no decorrer?

TAS: Para já, um bom esclarecimento. O que é que se pretende, porquê. E depois acho que um bom acompanhamento, sentir que as pessoas são motivadas, motivando-as, dizendo que são importantes, acho que seriam duas coisas fundamentais.

E: Portanto, antes uma boa explicação daquilo que vai acontecer, e durante uma boa motivação.

TAS: Sim, que é para eles não desistirem e não faltarem.

E: Falando da tua experiência com os idosos?

TAS: Sim, sim.

E: Esses são os fatores importantes?

TAS: Para mim acho que sim.

E: Nós já temos falado daquela atividade que é uma atividade com fotografias. Com o objetivo de fazer uma exposição, tendo em conta que as fotografias têm que falar acerca das suas vidas privadas, de algum acontecimento importante, e trocarem ideias sobre isso. O que achas concretamente sobre esta atividade e o que poderias sugerir de importante?

TAS: Acho que esta atividade é interessante, é extremamente (.) vai fazê-los pensar um boca:dinho daquilo que foi determinada etapa da vida deles. E acho que seria muito bom que no fim esse produto fosse divulgado ao público, como uma história de vida, no fundo.

E: Achas que haveria adesão à atividade? Achas que as pessoas se entusiasмам por fotografias ou não?

TAS: <Eu penso que talvez sim>. Têm é que ser sensibilizadas. Elas também já estão a ficar com o tempo muito ocupado porque têm aulas disto, têm aulas daquilo. Têm visitas, mas acho que sim.

E: Então se calhar qual é que era o melhor dia?

TAS: À sexta-feira é o dia que elas têm mais livre, sem dúvida.

E: E com uma boa propaganda?

TAS: Sim, direta.

E: Muito bem. É só. Obrigada!

## Anexo 4. Codificação das transcrições das entrevistas (baseado em Jefferson, 1984)

[       ]	Início e fim de conversa sobreposta
(.)	Pausa indeterminada
-	Corte acentuado no diálogo
<u>Sublinhado</u>	Ênfase vocal
MAIÚSCULA	Tom de voz superior
°suave°	Tom de voz mais baixo
>rápido<	Rapidez na fala
<lento>	Lentidão na fala
Ca:sa	Extensão do som na sílaba seguinte
↑palavra/ ↓palavra	Marcada mudança de entoação (para cima ou para baixo) na palavra seguinte
.	Paragem no diálogo
,	Entonação contínua
?	Inflexão crescente
!	Expressão empática ou animada
Heh hah hoh	Riso
((       ))	Sons ou outros acontecimentos durante a conversa ((sussurrar)) ou ((toque de telefone))

Anexo 5. Inquéritos aos seniores e aos jovens



## INQUÉRITO

### *Opinião sobre a geração das pessoas idosas e a geração das pessoas jovens*

**Estamos interessados em saber a tua opinião acerca de pessoas com diferentes idades: a geração das pessoas idosas que têm 60 anos de idade ou mais e a geração das pessoas jovens que têm entre 12 e 15 anos de idade.**

Interessam-nos as tuas opiniões, espontâneas e sinceras, isto quer dizer que não existem respostas certas ou erradas.

As opiniões que expressares no questionário são confidenciais e anónimas e dessa forma nenhuma da informação recolhida poderá ser atribuída a ti.

Obrigada pela tua participação!

**Responde às seguintes questões numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Discordo totalmente” e 7 significa “Concordo totalmente”.**

**1. Pensa nas pessoas idosas com 60 anos ou mais. Assinala com uma cruz em que grau concordas/discordas que os idosos são:**

**1.1. SÁBIOS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.2. DEPENDENTES**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.3. DOENTES**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.4. PRECIPITADOS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.5. MADUROS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.6. CRIATIVOS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.7. SAUDÁVEIS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.8. IRRESPONSÁVEIS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2. Pensa agora nos jovens dos 12 aos 15 anos. Assinala com uma cruz em que grau concordas/discordas que os jovens são:**

**2.1. SÁBIOS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.2. DEPENDENTES**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.3. DOENTES**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.4. PRECIPITADOS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.5. MADUROS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.6. CRIATIVOS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.7. SAUDÁVEIS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.8. IRRESPONSÁVEIS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

Responde às seguintes questões numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Não são nada assim” e 7 “São muito assim”.

3. Pensando de novo nas peças idosas com 60 anos ou mais, em que medida achas que os idosos são:

3.1. COMPETENTES

Não são nada assim	1	2	3	4	5	6	7	São muito assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

3.2. AFETUOSOS

Não são nada assim	1	2	3	4	5	6	7	São muito assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

Responde às questões seguintes utilizando uma escala diferente, que varia entre “Nenhum” e “Todos”.

4. Continuando a pensar nas peças idosas com 60 anos ou mais, quantos idosos achas que são:

4.1. COMPETENTES

X

				
Nenhum	Quase nenhum	Poucos	Muitos	Todos
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.2. AFETUOSOS

X

				
Nenhum	Quase nenhum	Poucos	Muitos	Todos
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**5. Pensa outra vez nos jovens dos 12 aos 15 anos. Em que medida achas que os jovens são:**

**5.1. COMPETENTES**

Não são nada assim	1	2	3	4	5	6	7	São muito assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

**5.2. AFETUOSOS**

Não são nada assim	1	2	3	4	5	6	7	São muito assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

**6. Continuando a pensar nos jovens dos 12 aos 15 anos, quantos jovens achas que são:**

**6.1. COMPETENTES**

X

			
Nenhum	Quase nenhum	Poucos	Muitos
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6.2. AFETUOSOS**

X

			
Nenhum	Quase nenhum	Poucos	Muitos
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Responde às seguintes questões numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Nada” e 7 significa “Muito”.

**7. Pensando de novo nas pessoas idosas com 60 anos ou mais, diz o que sentes acerca delas?**

7.1. INVEJA

Nada	1	2	3	4	5	6	7	Muito
------	---	---	---	---	---	---	---	-------

7.2. ADMIRAÇÃO

Nada	1	2	3	4	5	6	7	Muito
------	---	---	---	---	---	---	---	-------

7.3. PENA

Nada	1	2	3	4	5	6	7	Muito
------	---	---	---	---	---	---	---	-------

7.4. DESPREZO

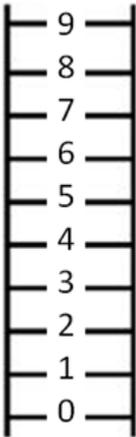
Nada	1	2	3	4	5	6	7	Muito
------	---	---	---	---	---	---	---	-------

**8. Pensando nas pessoas idosas com 60 anos ou mais, no geral, o que sentes acerca delas?**

Não gosto nada	1	2	3	4	5	6	7	Gosto muito
----------------	---	---	---	---	---	---	---	-------------

9. Agora, pensando no grupo das peessoas idosas com 60 anos ou mais e no grupo dos jovens entre 12 e 15 anos, qual a importância que achas que cada um dos grupos tem na sociedade portuguesa? Faz um círculo à volta do número na “Escada da Importância” que achas que corresponde à importância que cada um dos grupos tem para a sociedade em geral.

Muito importante



Nada importante

Grupo das pessoas idosas

Muito importante



Nada importante

Grupo das pessoas jovens

Responde à seguinte questão numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Nenhuma vontade” e 7 significa “Muita vontade”.

10. Indica a tua vontade de vir a participar em atividades que juntem peessoas idosas com 60 anos ou mais e jovens dos 12 aos 15 anos.

Nenhuma vontade	1	2	3	4	5	6	7	Muita vontade
-----------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------

Responde às seguintes questões numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Acho muito mal” e 7 significa “Acho muito bem”.

**11. Pensando de novo nas peessoas idosas com 60 anos ou mais e nos jovens dos 12 aos 15 anos, diz em que medida achas que as pessoas idosas e os jovens deviam:**

11.1. DIVERTIREM-SE JUNTOS

Acho muito mal	1	2	3	4	5	6	7	Acho muito bem
----------------	---	---	---	---	---	---	---	----------------

11.2. SEREM BONS COMPANHEIROS

Acho muito mal	1	2	3	4	5	6	7	Acho muito bem
----------------	---	---	---	---	---	---	---	----------------

11.3. TEREM ATIVIDADES SEPARADAS

Acho muito mal	1	2	3	4	5	6	7	Acho muito bem
----------------	---	---	---	---	---	---	---	----------------



*Se a resposta foi “Nunca”, responde à pergunta seguinte. Se a resposta foi qualquer outra, passa à pergunta 13.3.*

13.2. Se respondeste “Nunca” na pergunta anterior, indica qual a razão por que nunca estiveste com os teus avós no último mês?

- Vivem longe
- Nunca me dei com eles
- Nunca os conheci
- Já faleceram
- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**Se estiveste com os teus avós, nesta questão responde numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Foi muito mau” e 7 “Foi muito bom”.**

13.3. O que achaste de estares com os teus avós?

Foi muito mau	1	2	3	4	5	6	7	Foi muito bom
---------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------

**Responde a esta questão que varia entre “Nunca”, “1 Vez por mês”, “2 Vezes por mês”, “3 Vezes por mês”, “1 Vez por semana”, “Mais do que 1 vez por semana” e “Todos os dias”.**

**14. Agora, tendo em conta as pessoas idosas com 60 anos ou mais (excluindo os teus familiares), responde:**

14.1. No último mês, com que frequência estiveste com pessoas idosas com 60 anos ou mais?

Nunca	1 Vez por mês	2 Vezes por mês	3 Vezes por mês	1 Vez por semana	Mais do que 1 vez por semana	Todos os dias
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					

*Se a resposta foi “Nunca”, passa para a pergunta 15. Se a resposta foi qualquer outra, responde à pergunta seguinte.*

**Nesta questão, responde numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Foi muito mau” e 7 “Foi muito bom”.**

14.2. O que achaste de estares com estas pessoas idosas?

Foi muito mau	1	2	3	4	5	6	7	Foi muito bom
---------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------

**Responde às seguintes questões numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Discordo totalmente” e 7 significa “Concordo totalmente”.**

**15. Neste momento, pedimos que penses como te vês a ti próprio. Quando pensas em ti achas que és:**

15.1. SÁBIO(A)

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

15.2. DEPENDENTE

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

15.3. DOENTE

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

15.4. PRECIPITADO(A)

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

15.5. MADURO(A)

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

15.6. CRIATIVO(A)

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

## 15.7. SAUDÁVEL

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

## 15.8. IRRESPONSÁVEL

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**Responda às questões seguintes numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Não sou nada assim” e 7 significa “Sou mesmo assim”.**

## 16. Lê as seguintes afirmações e diz em que medida achas que elas dizem como tu és:

16.1. Tento passar os meus conhecimentos a outras pessoas.

Não sou nada assim	1	2	3	4	5	6	7	Sou mesmo assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

16.2. Acho que não sei coisas importantes e não tento ensiná-las aos outros.

Não sou nada assim	1	2	3	4	5	6	7	Sou mesmo assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

16.3. Tento aprender através do que os outros sabem e das suas experiências.

Não sou nada assim	1	2	3	4	5	6	7	Sou mesmo assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

16.4. Acho que os outros não têm coisas importantes para me ensinar.

Não sou nada assim	1	2	3	4	5	6	7	Sou mesmo assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

**Responde, por último, às seguintes questões:**

**Sexo**

Feminino

Masculino

**Idade**

**Data de nascimento**

 /  / 

**Escolaridade**

6º ano

7º ano

8º ano

9º ano

**Nacionalidade**

Portuguesa

Outra

Qual?

**Em que país nasceste?**

Portugal

Outro

**Se respondeste “outro” anteriormente, há quanto tempo estás em Portugal?**

Menos de 6 meses

Entre 6 meses e 1 ano

Mais de 1 ano

**Com quem vives?**

Com pai e mãe

Só com a mãe ou só com o pai

Outro

**Vives com os teus avós?**

Sim

Não

**Tempo que demorei a responder ao questionário:** \_\_\_\_\_ minutos.

**Respondi ao questionário:** Sozinho  Em entrevista  Acompanhado

**Responder a este questionário foi:**

Foi muito difícil    1    2    3    4    5    6    7    Foi muito fácil

**Obrigada pela tua participação!**

## INQUÉRITO

### *Opinião sobre a geração das pessoas idosas e a geração das pessoas jovens*

**Estamos interessados em saber a sua opinião acerca de pessoas com diferentes idades: a geração das pessoas idosas que têm 60 anos de idade ou mais e a geração das pessoas jovens que têm entre 12 e 15 anos de idade.**

Interessam-nos as suas opiniões, espontâneas e sinceras, isto quer dizer que não existem respostas certas ou erradas.

As opiniões que expressar no questionário são confidenciais e anónimas e dessa forma nenhuma da informação recolhida poderá ser atribuída a si.

Obrigada pela sua participação!

**Responda às seguintes questões numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Discordo totalmente” e 7 significa “Concordo totalmente”.**

**1. Pense nos jovens dos 12 aos 15 anos. Assinale com uma cruz em que grau concorda/discorda que os jovens são:**

**1.1. SÁBIOS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.2. DEPENDENTES**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.3. DOENTES**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.4. PRECIPITADOS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.5. MADUROS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.6. CRIATIVOS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.7. SAUDÁVEIS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**1.8. IRRESPONSÁVEIS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2. Pense agora nas pessoas idosas com 60 anos ou mais. Assinale com uma cruz em que grau concorda/discorda que os idosos são:**

**2.1. SÁBIOS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.2. DEPENDENTES**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.3. DOENTES**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.4. PRECIPITADOS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.5. MADUROS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.6. CRIATIVOS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.7. SAUDÁVEIS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**2.8. IRRESPONSÁVEIS**

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

Responda às seguintes questões numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Não são nada assim” e 7 “São muito assim”.

3. Pensando de novo nos jovens dos 12 aos 15 anos, em que medida acha que os jovens são:

3.1. COMPETENTES

Não são nada assim	1	2	3	4	5	6	7	São muito assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

3.2. AFETUOSOS

Não são nada assim	1	2	3	4	5	6	7	São muito assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

Responda às questões seguintes utilizando uma escala diferente, que varia entre “Nenhum” e “Todos”.

4. Continuando a pensar nos jovens dos 12 aos 15 anos, quantos jovens acha que são:

4.1. COMPETENTES

X				
Nenhum	Quase nenhum	Poucos	Muitos	Todos
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.2. AFETUOSOS

X				
Nenhum	Quase nenhum	Poucos	Muitos	Todos
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**5. Pense novamente nas peças idosas com 60 anos ou mais. Em que medida acha que os idosos são:**

**5.1. COMPETENTES**

Não são nada assim	1	2	3	4	5	6	7	São muito assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

**5.2. AFETUOSOS**

Não são nada assim	1	2	3	4	5	6	7	São muito assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

**6. Continuando a pensar nas peças idosas com 60 anos ou mais, quantos idosos acha que são:**

**6.1. COMPETENTES**

X

				
Nenhum	Quase nenhum	Poucos	Muitos	Todos
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6.2. AFETUOSOS**

X

				
Nenhum	Quase nenhum	Poucos	Muitos	Todos
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Responda às seguintes questões numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Nada” e 7 significa “Muito”.**

**7. Pensando de novo nos jovens dos 12 aos 15 anos, diga o que sente acerca deles?**

7.1. INVEJA

Nada	1	2	3	4	5	6	7	Muito
------	---	---	---	---	---	---	---	-------

7.2. ADMIRAÇÃO

Nada	1	2	3	4	5	6	7	Muito
------	---	---	---	---	---	---	---	-------

7.3. PENA

Nada	1	2	3	4	5	6	7	Muito
------	---	---	---	---	---	---	---	-------

7.4. DESPREZO

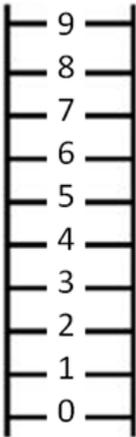
Nada	1	2	3	4	5	6	7	Muito
------	---	---	---	---	---	---	---	-------

**8. Pensando nos jovens dos 12 aos 15 anos, no geral, o que sente acerca deles?**

Não gosto nada	1	2	3	4	5	6	7	Gosto muito
----------------	---	---	---	---	---	---	---	-------------

9. Agora, pensando no grupo dos jovens dos 12 aos 15 anos e no grupo das peessoas idosas com 60 anos ou mais, qual a importância que acha que cada um dos grupos tem na sociedade portuguesa? Faça um círculo à volta do número na “Escada da Importância” que acha que corresponde à importância que cada um dos grupos tem para a sociedade em geral.

Muito importante



Nada importante

**Grupo das pessoas jovens**

Muito importante



Nada importante

**Grupo das pessoas idosas**

Responda à seguinte questão numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Nenhuma vontade” e 7 significa “Muita vontade”.

10. Indique a sua vontade de vir a participar em atividades que juntem jovens dos 12 aos 15 anos e peessoas idosas com 60 anos ou mais.

Nenhuma vontade	1	2	3	4	5	6	7	Muita vontade
-----------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------

Responda às seguintes questões numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Acho muito mal” e 7 significa “Acho muito bem”.

**11. Pensando de novo nos jovens dos 12 aos 15 anos e nas peessoas idosas com 60 anos ou mais, diga em que medida acha que os jovens e as pessoas idosas deviam:**

11.1. DIVERTIREM-SE JUNTOS

Acho muito mal	1	2	3	4	5	6	7	Acho muito bem
----------------	---	---	---	---	---	---	---	----------------

11.2. SEREM BONS COMPANHEIROS

Acho muito mal	1	2	3	4	5	6	7	Acho muito bem
----------------	---	---	---	---	---	---	---	----------------

11.3. TEREM ATIVIDADES SEPARADAS

Acho muito mal	1	2	3	4	5	6	7	Acho muito bem
----------------	---	---	---	---	---	---	---	----------------



*Se a resposta foi “Nunca”, responda à pergunta seguinte. Se a resposta foi qualquer outra, passe à pergunta 13.3.*

13.2. Se respondeu “Nunca” na pergunta anterior, indique qual a razão por que nunca esteve com os seus netos no último mês?

- Vivem longe
- Nunca me dei com eles
- Nunca os conheci
- Não tenho netos
- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**Se esteve com os seus netos, nesta questão responda numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Foi muito mau” e 7 “Foi muito bom”.**

13.3. O que achou de ter estado com os seus netos?

Foi muito mau	1	2	3	4	5	6	7	Foi muito bom
---------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------

**Responda a esta questão que varia entre “Nunca”, “1 Vez por mês”, “2 Vezes por mês”, “3 Vezes por mês”, “1 Vez por semana”, “Mais do que 1 vez por semana” e “Todos os dias”.**

**14. Agora, tendo em conta os jovens dos 12 aos 15 anos (excluindo os seus familiares), responda:**

14.1. No último mês, com que frequência esteve com jovens dos 12 aos 15 anos?

Nunca	1 Vez por mês	2 Vezes por mês	3 Vezes por mês	1 Vez por semana	Mais do que 1 vez por semana	Todos os dias
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					

*Se a resposta foi “Nunca”, passa para a pergunta 15. Se a resposta foi qualquer outra, responde à pergunta seguinte.*

**Nesta questão, responda numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Foi muito mau” e 7 “Foi muito bom”.**

14.2. O que achou de te estado com estes jovens?

Foi muito mau	1	2	3	4	5	6	7	Foi muito bom
---------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------

**Responda às seguintes questões numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Discordo totalmente” e 7 significa “Concordo totalmente”.**

**15. Neste momento, pedimos que pense como se vê a si próprio. Quando pensa em si acha que é:**

15.1. SÁBIO(A)

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

15.2. DEPENDENTE

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

15.3. DOENTE

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

15.4. PRECIPITADO(A)

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

15.5. MADURO(A)

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

15.6. CRIATIVO(A)

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

## 15.7. SAUDÁVEL

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

## 15.8. IRRESPONSÁVEL

Discordo totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

**Responda às questões seguintes numa escala de 1 a 7, em que 1 significa “Não sou nada assim” e 7 significa “Sou mesmo assim”.**

**16. Leia as seguintes afirmações e diga em que medida acha que elas dizem como você é:**

16.1. Tento passar os meus conhecimentos a outras pessoas.

Não sou nada assim	1	2	3	4	5	6	7	Sou mesmo assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

16.2. Acho que não sei coisas importantes e não tento ensiná-las aos outros.

Não sou nada assim	1	2	3	4	5	6	7	Sou mesmo assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

16.3. Tento aprender através do que os outros sabem e das suas experiências.

Não sou nada assim	1	2	3	4	5	6	7	Sou mesmo assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

16.4. Acho que os outros não têm coisas importantes para me ensinar.

Não sou nada assim	1	2	3	4	5	6	7	Sou mesmo assim
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	-----------------

**Responda, por último, às seguintes questões:**

**Sexo**

Feminino

Masculino

**Idade**

**Data de nascimento**

 /  / 

**Nível máximo de escolaridade atingido**

Não frequentou a escola

Primária incompleta

Primária completa (antiga 4ª classe)

6º ano (2º ano antigo)

9º ano (5º ano antigo)

12º ano (7º ano antigo)

Universitária/Politécnica

**Nacionalidade**

Portuguesa

Outra

**Qual o seu país de origem?**

Portugal

Outro

**Se respondeu “outro” anteriormente, há quanto tempo vive em Portugal?**

Menos de 6 meses

Entre 6 meses e 1 ano

Mais que 1 ano

**Com quem vive?**

Sozinho

Conjuge ou companheiro(a)

Familiares ou amigos

Outra opção

**Vive com os seus netos?**

Sim

Não

**Tempo que demorei a responder ao questionário:** \_\_\_\_\_ minutos.

**Respondi ao questionário:** Sozinho  Em entrevista  Acompanhado

**Responder a este questionário foi:**

Foi muito difícil    1    2    3    4    5    6    7    Foi muito fácil

**Obrigada pela sua participação!**

## Anexo 6. Descrição das medidas utilizadas nos inquéritos

<b>1. Estereótipos de seniores positivos e negativos</b>	
<b>Nome da variável</b>	Estereótipos de seniores positivos e negativos
<b>Definição adotada</b>	Esta variável diz respeito à associação de atributos estereotípicos referentes ao grupo de seniores e ao grupo de jovens (Marques, Lima e Novo, 2006).
<b>Dimensão de análise</b>	Idadismo
<b>Tipo de medida</b>	Cognitiva
<b>Itens</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Pense nas pessoas idosas com 60 anos ou mais. Assinale com uma cruz em que grau concorda/discorda que os idosos são:</li> <li>○ Pense nos jovens dos 12 aos 15 anos. Assinale com uma cruz em que grau concorda/discorda que os jovens são... <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Sábios</li> <li>○ Dependentes</li> <li>○ Doentes</li> <li>○ Precipitados</li> <li>○ Maduros</li> <li>○ Criativos</li> <li>○ Saudáveis</li> <li>○ Irresponsáveis</li> </ul> </li> </ul>
<b>Escala de resposta</b>	Escala de Likert de sete pontos (1- discordo totalmente e 7 – concordo totalmente)
<b>Alvo de resposta</b>	Exogrupo e endogrupo
<b>Origem</b>	Adaptado de Marques, S., Lima, M. L. & Novo, R. (2006). Traços estereotípicos associados às pessoas jovens e idosas na cultura portuguesa. <i>Laboratório de Psicologia</i> , 4, 91-108.

<b>2. Perceção de competência e afetuosidade dos seniores e dos jovens</b>	
<b>Nome da variável</b>	Perceção de competência e afetuosidade dos seniores e dos jovens
<b>Definição adotada</b>	<p>A competência refere-se à perceção de capacidade para atingir um dado objetivo e inclui traços como eficácia, competência, criatividade, inteligência</p> <p>A afetuosidade reporta-se à perceção de capacidade para perceber e lidar com terceiros em contexto social e inclui traços como sinceridade, confiabilidade, amabilidade.</p>
<b>Dimensão de análise</b>	Idadismo
<b>Tipo de medida</b>	Cognitiva
<b>Itens</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Pense novamente nas pessoas idosas com 60 anos ou mais. Em que medida acha que os idosos são...</li> <li>○ Pensando de novo nos jovens dos 12 aos 15 anos, em que medida acha que os jovens são... <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Competentes</li> <li>○ Afetuosos</li> </ul> </li> </ul>
<b>Escala de resposta</b>	Escala de Likert de sete pontos (1- discordo totalmente e 7 – concordo totalmente)
<b>Alvo de resposta</b>	Exogrupo e endogrupo
<b>Origem</b>	Fiske, S., Cuddy, C., Glick, P. & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. <i>Journal of Personality and Social Psychology</i> , 82(6), 878-902.

<b>3. Percepção de variabilidade percebida de competência e afetuosidade dos seniores e jovens</b>	
<b>Nome da variável</b>	Percepção de variabilidade percebida de competência e afetuosidade dos seniores e jovens
<b>Definição adotada</b>	A variabilidade entende-se como a percepção de homogeneidade de um grupo (Guinote, Mouro, Pereira, & Monteiro, 2007).
<b>Dimensão de análise</b>	Idadismo
<b>Tipo de medida</b>	Cognitiva
<b>Itens</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Continuando a pensar nas pessoas idosas com 60 anos ou mais, quantos idosos acha que são...</li> <li>○ Continuando a pensar nos jovens dos 12 aos 15 anos, quantos jovens acha que são... <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Competentes</li> <li>○ Afetuosos</li> </ul> </li> </ul>
<b>Escala de resposta</b>	Nenhum, quase nenhum, poucos, muitos e todos
<b>Alvo de resposta</b>	Exogrupo e endogrupo
<b>Origem</b>	Guinote, A., Mouro, C., Pereira, M., & Monteiro, M. (2007). Children's perceptions of group variability as a function of status. <i>International Journal of Behavioral Development</i> , 31 (2), 97–104.

<b>4. Estatuto social percebido dos seniores e dos jovens</b>	
<b>Nome da variável</b>	Estatuto social percebido dos seniores e dos jovens
<b>Definição adotada</b>	O estatuto social percebido entende-se como a percepção dos participantes relativamente à posição, neste caso, do endogrupo e do exogrupo na sociedade.
<b>Dimensão de análise</b>	Idadismo
<b>Tipo de medida</b>	Cognitiva
<b>Itens</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Pensando no grupo dos jovens dos 12 aos 15 anos e no grupo das pessoas idosas com 60 anos ou mais, qual a importância que acha que cada um dos grupos tem na sociedade portuguesa? Faça um círculo à volta do número na "Escada da Importância" que acha que corresponde à importância que cada um dos grupos tem para a sociedade em geral.</li> </ul>
<b>Escala de resposta</b>	Escala de Likert de dez pontos (0 – nada importante e 9 – muito importante)
<b>Alvo de resposta</b>	Exogrupo e endogrupo
<b>Origem</b>	Feddes, A. R., Monteiro, M. B., & Justo, M. (2011). Climbing up the social ladder: Development of hierarchy perceptions among ethnic minority and majority children. Manuscript submitted for publication.

<b>5. Percepção de identidade comum entre seniores e jovens</b>	
<b>Nome da variável</b>	Percepção de identidade comum entre seniores e jovens
<b>Definição adotada</b>	A percepção de identidade comum diz respeito à posição ou à relação que os indivíduos percebem sobre a relação existente entre o endogrupo e do exogrupo (Gaertner & Dovidio, 2000).
<b>Dimensão de análise</b>	Idadismo
<b>Tipo de medida</b>	Cognitiva
<b>Itens</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Diria que vê os jovens (dos 12 aos 15 anos) e as pessoas idosas (com 60 ou mais anos) como...</li> </ul>
<b>Escala de resposta</b>	Opção por uma das seguintes opções: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Um só grupo</li> <li>2. Dois grupos separados que fazem parte da mesma comunidade</li> <li>3. Dois grupos que não fazem parte da mesma comunidade</li> <li>4. Apenas como pessoas e não como grupos</li> </ol>
<b>Alvo de resposta</b>	Exogrupo e endogrupo
<b>Origem</b>	Gaertner, S. L., & Dovidio, J. F. (2000). <i>Reducing intergroup bias: The Common Ingroup Identity Model</i> . Philadelphia, PA: The Psychology Press.

<b>6. Emoções em relação aos seniores e jovens</b>	
<b>Nome da variável</b>	Emoções em relação aos seniores e jovens
<b>Definição adotada</b>	Emoções diz respeito à avaliação por parte dos participantes de emoções específicas identificadas, visto que inveja e pena são emoções a priori associadas à avaliação dos seniores, enquanto que pena e desprezo são emoções que à partida os seniores sentem pelos jovens (Fiske, et al, 2002).
<b>Dimensão de análise</b>	Idadismo
<b>Tipo de medida</b>	Afetiva
<b>Itens</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Pensando de novo nos jovens dos 12 aos 15 anos, diga o que sente acerca deles. Ou</li> <li>○ Pensando de novo nas pessoas idosas com 60 anos ou mais, diga o que sente acerca delas. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Inveja</li> <li>○ Admiração</li> <li>○ Pena</li> <li>○ Desprezo</li> </ul> </li> </ul>
<b>Escala de resposta</b>	Escala de Likert de sete pontos (1- nada e 7 – muito)
<b>Alvo de resposta</b>	Exogrupo
<b>Origem</b>	Fiske, S., Cuddy, C., Glick, P. & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. <i>Journal of Personality and Social Psychology</i> , 82(6), 878-902.

<b>7. Preconceito direto</b>	
<b>Nome da variável</b>	Preconceito direto
<b>Definição adotada</b>	O preconceito direto compreende a emoção geral que os indivíduos possuem em relação ao exogrupo (Fiske et al, 2002).
<b>Dimensão de análise</b>	Idadismo
<b>Tipo de medida</b>	Afetiva
<b>Itens</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Pensando nos jovens dos 12 aos 15 anos, no geral, o que sente acerca deles Ou</li> <li>○ Pensando nas pessoas idosas com 60 anos ou mais, no geral, o que sente acerca deles</li> </ul>
<b>Escala de resposta</b>	Escala de Likert de sete pontos (1 – não gosto nada e 7 – gosto muito)
<b>Alvo de resposta</b>	Exogrupo
<b>Origem</b>	Fiske, S., Cuddy, C., Glick, P. & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. <i>Journal of Personality and Social Psychology</i> , 82(6), 878-902.

<b>8. Intenção de participação em atividades intergeracionais</b>	
<b>Nome da variável</b>	Intenção de participação em atividades intergeracionais
<b>Definição adotada</b>	Pretende-se que o participante afirme a sua pré disposição em participar em atividades intergeracionais no futuro (Stremmel, Travis, & Kelly-Harrison, 1996)
<b>Dimensão de análise</b>	Idadismo
<b>Tipo de medida</b>	Comportamental
<b>Itens</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Indique a sua vontade de vir a participar em atividades que juntem jovens dos 12 aos 15 anos e pessoas idosas com 60 anos ou mais.</li> </ul>
<b>Escala de resposta</b>	Escala de Likert de sete pontos (1 – nenhuma vontade e 7 – muita vontade)
<b>Alvo de resposta</b>	Exogrupo e endogrupo
<b>Origem</b>	Stremmel, A., Travis, S., & Kelly-Harrison, P. (1996). Development of the intergenerational exchanges attitude scale. <i>Educational Gerontology</i> , 22(4), 317-328.

<b>9. Frequência e qualidade do contacto com o exogrupo</b>		
<b>Nome da variável</b>	Frequência e qualidade do contacto com o exogrupo	
<b>Definição adotada</b>	O contacto foi avaliado ao exogrupo dentro da família (netos e avó) e fora da família (jovens e seniores).	
<b>Dimensão de análise</b>	Contacto	
<b>Tipo de medida</b>	-----	
<b>Dimensões/fatores</b>	Frequência de contacto	
<b>Itens</b>	Na família	Fora da família
	No último mês, com que frequência esteve com os seus netos/avós?	No último mês, com que frequência esteve com jovens dos 12 aos 15 anos?
<b>Escala de resposta</b>	Nunca, 1 vez por mês, 2 vezes por mês, 3 vezes por mês, 1 vez por semana, Mais do que 1 vez por semana, e Todos os dias	
<b>Itens</b>	Na família	
	Se respondeu “Nunca” na pergunta anterior, indique qual a razão por que nunca esteve com os seus netos no último mês	Se respondeste “Nunca” na pergunta anterior, indica qual a razão por que nunca estiveste com os teus avós no último mês
<b>Escala de resposta</b>	Vivem longe, Nunca me dei com eles, Nunca os conheci, Não tenho netos, Outra. Qual?	Vivem longe, Nunca me dei com eles, Nunca os conheci, Já faleceram, Outra. Qual?
<b>Dimensões/fatores</b>	Qualidade do contacto	
<b>Itens</b>	Na família	Fora da família
	O que achou de ter estado com os seus netos/avós?	O que achou de te estado com estes jovens/idosos?
<b>Escala de resposta</b>	Escala de Likert de sete pontos (1 – foi muito mau e 7 – foi muito bom)	
<b>Alvo de resposta</b>	Exogrupo	
<b>Origem</b>	Abrams, D., Crisp, R., Marques, S., Fagg, E., Bedford, L. & Provias, D. (2008). Threat inoculation: experienced and imagined intergenerational contact prevents stereotype threat effects on older people’s math performance. <i>Psychology and aging</i> , 23 (4), 934-939. Stremmel, A., Travis, S., & Kelly-Harrison, P. (1996). Development of the intergenerational exchanges attitude scale. <i>Educational Gerontology</i> , 22(4), 317-328.	

<b>10. Atitudes face às relações e atividades intergeracionais</b>		
<b>Nome da variável</b>	Atitudes face às relações e atividades intergeracionais	
<b>Definição adotada</b>	Esta variável tem como intuito o participante avaliar situações possíveis de intergeracionalidade, seja focando aspetos relacionais ou aspetos práticos, como atividades intergeracionais (Stremmel, Travis, & Kelly-Harrison, 1996)	
<b>Dimensão de análise</b>	Atitudes face às relações e atividades intergeracionais	
<b>Tipo de medida</b>	-----	
<b>Itens</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Pensando de novo nos jovens dos 12 aos 15 anos e nas pessoas idosas com 60 anos ou mais, diga em que medida acha que os jovens e as pessoas idosas deviam... <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Divertirem-se juntos</li> <li>○ Serem bons companheiros</li> <li>○ Terem atividades separadas</li> </ul> </li> </ul>	
<b>Escala de resposta</b>	Escala de Likert de sete pontos (1- acho muito mal e 7 – acho muito bem)	
<b>Alvo de resposta</b>	Exogrupo e endogrupo	
<b>Origem</b>	Adaptada de Stremmel, A., Travis, S., & Kelly-Harrison, P. (1996). Development of the intergenerational exchanges attitude scale. <i>Educational Gerontology</i> , 22(4), 317-328.	

<b>11. Auto estereotipização dos seniores e jovens</b>	
<b>Nome da variável</b>	Auto estereotipização dos seniores e jovens
<b>Definição adotada</b>	Esta variável diz respeito à associação de atributos estereotípicos anteriores ao próprio indivíduo.
<b>Dimensão de análise</b>	Auto conceito
<b>Tipo de medida</b>	-----
<b>Itens</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Neste momento, pedimos que pense como se vê a si próprio. Quando pensa em si acha que é...</li> <li>○ Sábio</li> <li>○ Dependente</li> <li>○ Doente</li> <li>○ Precipitado</li> <li>○ Maduro</li> <li>○ Criativo</li> <li>○ Saudável</li> <li>○ Irresponsável</li> </ul>
<b>Escala de resposta</b>	Escala de Likert de sete pontos (1- discordo totalmente e 7 – concordo totalmente)
<b>Alvo de resposta</b>	-----
<b>Origem</b>	Marques, S., Lima, M. L. & Novo, R. (2006). Traços estereotípicos associados às pessoas jovens e idosas na cultura portuguesa. <i>Laboratório de Psicologia</i> , 4, 91-108.

<b>12. Perceção de disponibilidade para aprender e para ensinar</b>	
<b>Nome da variável</b>	Perceção de disponibilidade para aprender e para ensinar
<b>Definição adotada</b>	Esta variável diz respeito à perceção da generatividade que é relacionada aos seniores, como predisposição para as relações intergeracionais (McAdams & Aubin, 1992)
<b>Dimensão de análise</b>	Auto conceito
<b>Tipo de medida</b>	-----
<b>Dimensões/fatores</b>	-----
<b>Itens</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Leia as seguintes afirmações e diga em que medida acha que elas dizem como você é:</li> <li>○ Tento passar os meus conhecimentos a outras pessoas.</li> <li>○ Acho que não sei coisas importantes e não tento ensiná-las aos outros.</li> <li>○ Tento aprender através do que os outros sabem e das suas experiências.</li> <li>○ Acho que os outros não têm coisas importantes para me ensinar.</li> </ul>
<b>Escala de resposta</b>	Escala de Likert de sete pontos (1- não sou nada assim e 7 – sou mesmo assim)
<b>Alvo de resposta</b>	Exogrupo e endogrupo
<b>Origem</b>	McAdams, D. & Aubin, E. (1992). A Theory of Generativity and Its Assessment Through Self-Report, Behavioral Acts, and Narrative Themes in Autobiography. <i>Journal of Personality and Social Psychology</i> , 62 (6), 1003-1015.

<b>13. Medidas demográficas</b>		
<b>Sexo</b>	Feminino ou masculino	
<b>Idade</b>	-----	
<b>Data de nascimento</b>	dd/mm/aaaa	
<b>Nível de escolaridade</b>	No inquérito dos seniores	No inquérito dos jovens
	<ul style="list-style-type: none"> <li><input type="radio"/> Não frequentou a escola</li> <li><input type="radio"/> Primária incompleta</li> <li><input type="radio"/> Primária completa (antiga 4ª classe)</li> <li><input type="radio"/> 6º ano (2º ano antigo)</li> <li><input type="radio"/> 9º ano (5º ano antigo)</li> <li><input type="radio"/> 12º ano (7º ano antigo)</li> <li><input type="radio"/> Universitária/politécnica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><input type="radio"/> 6º ano</li> <li><input type="radio"/> 7º ano</li> <li><input type="radio"/> 8º ano</li> <li><input type="radio"/> 9º ano</li> </ul>
<b>Nacionalidade</b>	Portuguesa Outra	
<b>País de origem</b>	Portugal Outro	
<b>Se respondeu “outro” anteriormente, há quanto tempo vive em Portugal?</b>	Menos de 6 meses Entre 6 meses e 1 ano Mais que 1 ano	
<b>Com quem vive</b>	No inquérito dos seniores	No inquérito dos jovens
	<ul style="list-style-type: none"> <li><input type="radio"/> Sozinho</li> <li><input type="radio"/> Conjugue ou companheiro(a)</li> <li><input type="radio"/> Familiares ou amigos</li> <li><input type="radio"/> Outra opção</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><input type="radio"/> Com a mãe e pai</li> <li><input type="radio"/> Só com a mãe ou só com o pai</li> <li><input type="radio"/> Outro</li> </ul>
<b>Vive com os seus netos/avós?</b>	Sim/ Não	

## Anexo 7. Estrutura do ST-IAT por dimensão de análise

Dimensão de análise	Blocos	Nº de ensaios	Estímulo (no centro do ecrã)	Categorias (nos cantos superiores esquerdo e direito do ecrã)	Cálculos
<b>Idadismo entre seniores e jovens</b>	Bloco 1 – Treino	20 ensaios	Palavras positivas e negativas	BOM e MAU	-----
	Bloco 2 – Treino compatível: emparelha o exogrupo com a categoria BOM	20 ensaios	Palavras positivas e negativas e fotografias de seniores (para os participantes jovens) e de jovens (para os participantes seniores)	Participantes seniores: BOM/JOVEM Participantes jovens: BOM/IDOSO	-----
	Bloco 3 – Teste compatível: emparelha o exogrupo com a categoria BOM	40 ensaios		Participantes seniores: BOM/JOVEM Participantes jovens: BOM/IDOSO	<i>M</i> da latência Nº de respostas corretas
	Bloco 4 – Treino incompatível: associa o exogrupo à categoria MAU	20 ensaios		Participantes seniores: MAU/JOVEM Participantes jovens: MAU/IDOSO	-----
	Bloco 5 – Teste incompatível: associa o exogrupo à categoria MAU	40 ensaios		Participantes seniores: MAU/JOVEM Participantes jovens: MAU/IDOSO	<i>M</i> da latência Nº de respostas corretas

Anexo 8. Tradução do manual da Escala de Observação Intergeracional

**PROTOCOLO  
ESCALA DE OBSERVAÇÃO INTERGERACIONAL**

AUTORES:  
Shannon Jarrott, Ph.D.

TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS  
Filipa Cunha  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

## INTRODUÇÃO

A Escala de Observação Intergeracional (IOS) tem como objetivo identificar comportamentos sociais e exibir o efeito associado a seniores e crianças/jovens enquanto participantes de programas intergeracionais ou programas que incluem apenas uma geração. As pessoas que utilizam a escala e facilitam a programação da intergeracionalidade usam os dados fornecidos pela escala para considerarem como a atividade suportou a interação social e os efeitos positivos entre gerações ou dentro de um grupo geracional. A escala deve ser usada durante as atividades em vez de ser nos períodos de transição e nos restantes momentos. Os observadores usam a escala focando os comportamentos dos participantes, os efeitos e o nível de envolvimento, enquanto codificam. As pistas adicionais surgem do contexto, de outros participantes e do staff. Os observadores fazem a identificação de cinco participantes para observar, vendo cada um deles de cada vez, de forma a representar a experiência dos participantes durante toda a atividade. Um observador observa o primeiro participante por 15 segundos e depois tem 15 segundos para registar os códigos que indicam o comportamento (predominância e ocorrência) e o efeito na pessoa. Se o participante interage com um participante intergeracional, o efeito predominante na outra pessoa também deve ser registado. Este ciclo repete-se para os restantes participantes antes de começar uma segunda ronda de observações. Por 20 a 30 minutos de atividade intergeracional, os observadores registam 8 a 12 conjuntos de observações por pessoa.

O manual de protocolo da IOS descreve os constructos que são codificados com a escala, as orientações sobre como preparar a observação, os passos para a elaboração e cálculo de concordância entre avaliadores, ou a confiança, e recomendações para a codificação ao vivo. Os apêndices fornecem exemplos extensos de códigos de comportamento, cópias em branco dos formulários utilizados para observar e calcular a concordância entre avaliadores e amostras dos formulários preenchidos. Vídeos práticos complementares e formulários são fornecidos para os observadores estabelecerem a concordância entre avaliadores antes de usar a IOS para recolher dados. Os observadores devem enviar o Acordo de Utilização e a documentação de acordo entre observadores à Dra. Shannon Jarrot, a fim de tornar-se autorizada a utilização da IOS.

O treino para se tornar um observador confiável usando a IOS envolve quatro etapas. Três destas envolvem utilizar os vídeos práticos, que são incluídos com os materiais de treino. O passo final envolve a codificação ao vivo e estabelecer inter-acordo com um parceiro de codificação. Enquanto a codificação de atividades dos vídeos gravados tem as suas vantagens, defendemos firmemente que os observadores reúnem os seus dados ao vivo (backup, idealmente, com sessões de vídeo gravados). As desvantagens da codificação ao vivo incluem desafios de programação, a potencial distração do staff e dos participantes, e a incapacidade de voltar a assistir a uma atividade após o seu término (a menos que a sessão seja gravada). A codificação ao vivo também tem uma vantagem importante: a capacidade dos observadores para se moverem na sala e ver de perto os participantes. Observadores ao vivo também podem entrar em sintonia com as características ambientais que podem afetar os participantes. A codificação ao vivo utiliza pouca tecnologia e por isso é menos propensa a causar dificuldades técnicas, do que a gravação em vídeo. Um grande

acontecimento pode afetar o resultado de uma atividade intergeracional que não é visível em vídeo, e os indicadores de respostas dos participantes na atividade nem sempre são visíveis se a camera está focada em alguns rostos dos participantes, e por isso, defende-se que a codificação ao vivo é melhor.

## ÍNDICE

I: A Escala de Observação Intergeracional (Parte 1)

II: A Escala de Observação Intergeracional (Parte 2)

III: Instruções para usar a Escala de Observação Intergeracional

IV: Tornar-se um observador de confiança

V: Apêndices (os apêndices deste manual estão incluídos nos anexos do presente relatório e por essa razão não se inserem nesta versão traduzida do manual)

## **I: A ESCALA DE OBSERVAÇÃO INTERGERACIONAL (PARTE 1)**

### *Recolha de informação sobre o ambiente físico e social*

A parte 1 da escala recolhe informação sobre o ambiente físico e social do contacto intergeracional (ver anexo A). Os observadores completam alguns itens antes da atividade começar, mas outros itens podem ser completados até a atividade terminar. A seguir descrevem-se os itens individuais na parte 1.

Os observadores devem chegar 15 a 20 minutos antes da atividade começar para reunir e registar informação acerca dos facilitadores, da preparação e logística da atividade na parte 1 do formulário da IOS. Durante este tempo, os observadores devem tirar um tempo para aprender o nome dos facilitadores, para registar as características e número dos participantes esperados e os objetivos da atividade. Eles devem registar a relação existente entre os facilitadores e a organização do espaço físico

#### ***Planeamento do início e do final da atividade***

Devem ser anotados o tempo planeado de início e fim da atividade, como também o início e final real da mesma. Anotar ambos os tempos oferece informação sobre a pontualidade e eficácia entre grupos, como também se existe alguma razão para alterar o planeamento dos horários, para melhor corresponder às necessidades dos grupos.

#### ***Tempo real de início e fim***

O tempo real de início e fim do programa pode ser marcado por momentos específicos que se observam e se repetem nas atividades. Por exemplo, a IOS pode ser testada num programa que começa e termina as atividades com uma canção pelas gerações. Este registo do tempo é diferente pelo tempo que cada grupo chega ao local, embora estes tempos sejam registados. A anotação das chegadas como sinal de prontidão será explicado mais à frente.

#### ***Atividade intergeracional***

Registar resumidamente o nome da atividade intergeracional e a descrição da mesma, que vai ser feita durante a sessão.

#### ***Facilitadores***

Registar os nomes do primeiro e do segundo facilitador (quando aplicável) para cada um dos grupos.

#### ***Comportamento primário desejado***

A informação reunida deve indicar o primeiro comportamento desejado dos participantes na atividade específica. Por exemplo, indicar se o objetivo da atividade é apoiar o comportamento de interação, a passagem de palavra, a observação ativa, ou o envolvimento solitário. É muito útil indicar um comportamento primário, no entanto, se a natureza da atividade resulta igualmente em mais do que um comportamento, é necessário fornecer uma breve explicação para acompanhar as sessões.

### **Grupos de crianças e adultos**

O tipo de crianças/jovens e pessoas idosas que participam nos grupos deve ser indicado. Por exemplo, indicar se as crianças ou os jovens são da pré-escola, da primária ou se pertencem a um programa pós-escolar (e.g. A.T.L.). Um detalhe que pode ser registado acerca das pessoas idosas é se pertencem a centros de dia, a centros para séniores ou a lares. Os grupos podem também incluir subgrupos (e.g. limitações físicas, problemas de demência, etc.).<sup>7</sup>

### **Descrição do ambiente e desenho**

Os observadores devem tomar notas acerca do ambiente que será útil para compreender os comportamentos observados durante a atividade. A cooperação intergeracional pode ser encorajada ou não pela disposição dos materiais e das cadeiras. Os observadores devem anotar a localização dos participantes, dos facilitadores, da mobília, e do material. Veja a figura 1 como um desenho que pode ser registado sobre a organização do espaço. Neste desenho, os círculos representam os pares intergeracionais sentados à volta da mesa, e os materiais dispostos que estão dispostos na mesa por cada par.

A disposição dos materiais pode ser classificada como central, em pares ou paralela. Na disposição central os materiais a serem partilhados são colocados no centro da mesa; na disposição por pares, os materiais são distribuídos para promover a partilha entre os pares intergeracionais; e a disposição em paralelo, cada participante recebe o seu material. Use um esboço simples e códigos para registar a disposição (por exemplo, C=criança, A = adulto). Por fim, toma nota de distrações incomuns que possam afetar a atividade, como outra turma que possam chegar ao espaço.

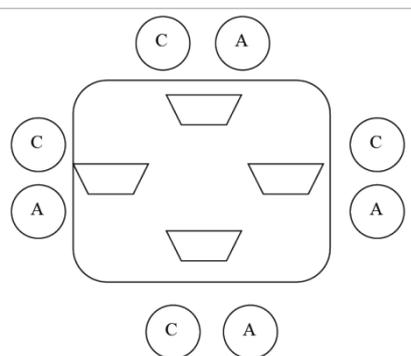


Figura 1 – Desenho de uma atividade intergeracional

### **Adequação à idade e às capacidades**

As atividades devem ser planeadas e facilitadas com apropriação da idade e das capacidades dos participantes jovens e dos seniores.

### **Preparação de materiais e facilitadores**

Registar se os jovens e os seniores chegam a tempo da atividade começar. Indicar se os facilitadores e os materiais da atividade estão prontos para o começo da atividade. É importante anotar que os materiais estão preparados para a atividade distinguindo entre o facilitador dos

seniores e facilitador dos jovens. Estes itens estão distinguidos um do outro porque geralmente os facilitadores dos dois grupos têm turnos para fazer a preparação da atividade.

### **Facilitadores da relação**

O registo dos indicadores sobre os facilitadores da relação serão feitos usando a escala de Likert fornecida (0 = não é de todo verdade; 1 = às vezes é verdade; 2 = é verdade na generalidade; 3 = não é aplicável). Os registos devem ser baseados nos comportamentos observados imediatamente antes e durante a atividade intergeracional. \*Se um dos membros do staff facilita a atividade, codificar como 3 = não aplicável.

- **Comunicação efetiva com o parceiro\***: a comunicação contribui para um levantamento e implementação eficaz. Os facilitadores precisam comunicar extensivamente para serem eficazes.
- **Encorajar a interação intergeracional**: use direções, encorajamento, e ações para promover a interação em aposto da interação exclusiva com apenas um dos participantes ou com o seu grupo de participantes.
- **Os pares partilhados na facilitação**: ambos os facilitadores demonstram responsabilidade pela atividade e interação com os participantes. É de notar que, é aceitável que o planeamento/facilitação seja a responsabilidade principal de um membro do staff, mas todo o staff deve estar presente na atividade e partilhar a facilitação.
- **Responsabilidade pelas necessidades dos participantes, independentemente da idade**: interagir com participantes de ambos os grupos, não coíbe do outro grupo ou de membros específicos de outro grupo. Isto pode envolver ficar outro facilitador do programa para cuidar (e.g. se um participante tem uma doença crítica).
- **Demonstrar comunicação e comportamento adequado à idade e à capacidade**: isto envolve não tratar os adultos como se fossem crianças, e ter respeito por todos os participantes. Veja as notas em baixo sobre a maturidade e capacidade apropriadas.
- **Trazer atitude e energia positiva para a sessão**: ao aposto de ser negativo, desencorajador e expressar dúvida.

## **II: A ESCALA DE OBSERVAÇÃO INTERGERACIONAL: PARTE 2**

*Registar informação sobre o comportamento e o afeto*

### CATEGORIAS SOCIAIS E COMPORTAMENTAIS

Aquando da codificação dos comportamentos dos participantes alvo, os observadores anotam o comportamento, o afeto, e o nível de relacionamento do indivíduo (ver anexo B). Os detalhes seguintes são acerca das categorias básicas social-comportamental associadas com a intergeracionalidade ou pares de participantes ou dos membros do staff. Quando se implementar a seguinte observação e as práticas de codificação, é importante lembrar que o único código de

comportamento e afeto é visível e descritível de acordo com o comportamento e afeto do participante. Veja o anexo D para mais detalhes e exemplos para cada código de comportamento IOS.

- **Interação:** o participante trabalha/brinca/comunica com ou reconhece um ou mais indivíduos na sala. O comportamento interativo não depende das respostas dos outros. Assim, um participante que inicia o comportamento com intenção de relacionar-se com outra pessoa, deve ser codificado como interação mesmo que o esforço não provoque uma resposta. A comunicação interativa pode ser verbal ou não verbal (e.g. escuta ativa, contacto de olhar, um abraço, um aperto de mão ou uma palmadinha nas costas, deve ser codificado como interação). O reconhecimento é interação quando o comportamento induz ou tem o objetivo de induzir uma resposta noutra pessoa. Para esta escala, distinguimos entre comportamentos de interação com os participantes intergeracionais, com os pares da mesma geração, e com o staff.
  - **Interação intergeracional** envolve interação com ou reconhecimento de um membro da outra geração de participantes;
  - **Interação com pares** envolve interação ou reconhecimento de um participante do programa mas não interação com nenhum parceiro intergeracional.
  - O **Staff** envolve interação ou reconhecimento do staff mas não interação com nenhum participante intergeracional nem da mesma geração.
- **Observação:** o comportamento do participante é caracterizado pela observação das atividades dos outros mas não participa. Alguém que observa demonstra uma resposta efetiva para com a atividade que está a observar (e.g. rir da atividade dos outros na sala). O participante está ciente do ambiente à sua volta.
- **Solidão:** o participante está envolvido na atividade sem o reconhecimento dos outros.
- **Desocupação:** o participante é caracterizado pela marcada abstenção do alvo. Existe quatro tipos gerais de comportamento desocupado: 1)

### CATEGORIAS AFETIVAS

Outro componente da parte 2 da IOS foca-se em determinar se os participantes exibem Afeto Positivo ou Negativo (uma resposta emocional expressada ou observada) durante o tempo de observação. O afeto neutro não é codificado na escala porque nas versões anteriores da escala demonstrou que o afeto neutro consiste num estado emocional predominante dos indivíduos.

Os observadores devem ter alguns minutos em cada local onde vão observar os participantes antes de começar a codificar. Durante esse tempo, os observadores devem tomar notas dos sinais afetivos dos participantes (expressões faciais e tom da voz), sinais comportamentais (linguagem corporal e ações ou reações), e comportamentos sociais, como pistas sobre como os indivíduos se envolvem no comportamento (e.g. um participante ter desafios físicos relacionados com o envolvimento em certos comportamentos) e expressão do afeto (e.g. o afeto neutro de uma pessoa parecer um pouco com uma careta/franzir de testa). Este guia de observação, usado em conjunto com o manual deve ser a base para as decisões de codificação, em aposto ao adicional, informação não diagnosticada que um observador pode possuir sobre um cliente (e.g. se tu sabes que uma

ligeira careta/cara carrancuda de um participante significa realmente que ele está feliz, porque tu trabalhaste com ele no centro durante um período de tempo).

- **Afeto negativo**

**Sinais afetivos:** gritar, franzir a testa, mexer as sobrancelhas juntas, cerrar os dentes, apertar os lábios, encolher/pestanejar, fazer caretas, olhos arregalados (não acompanhado por sorriso ou interesse positivo), apertar os músculos faciais, aversão ao olhar, gemer, suspirar, chorar, demonstrações de tristeza e ansiedade / medo / tom de raiva na voz.

**Sinais comportamentais associados a afeto negativo:** inquietação, lamentar-se, torcer as mãos, respiração rápida, membros rígidos (braços para os lados, pernas/pés tensos), mão na cabeça.

**Comportamento antagónico frequentemente associado com afeto negativo:**

incumprimento evidente, desaprovar, rejeitar, culpar, insultar, discutir, ignorar, birra de uma criança que é calma, explosão emocional, e confrontação física.

- **Afeto positivo**

**Sinais afetivos:** sorrir, rir (nota: nem sempre positivo), olhos a piscar como se sorrissem, tom de voz positivo e suave, estados de prazer, e olhos semicerrados (nota: nem sempre positivo).

**Sinais comportamentais associados a afeto positivo:** cantar, beijar, acariciar ou tocar em alguém gentilmente, estender a mão calorosamente a alguém, e responder à música (e.g. bater os pés ou palmas).

**Comportamentos pro-sociais associados a afeto positivo:** ajudar/dar, orientar, elogiar, reafirmar, proteger, dar presentes, dar permissão, convidar para integrar, contar piadas.

## **CAPTAR COMPORTAMENTO E AFETO USANDO A IOS**

### ***O ciclo de codificação***

Durante cada período de observação o participante é observado durante um intervalo de 15 segundos, e os restantes 15 segundos são despendidos registando a atividade predominante, a ocorrência das categorias comportamentais (exceto Desocupado, Solitário, e Observar), e a ocorrência de Afeto Positivo ou Negativo, usando as colunas designadas.

### ***Predominância e ocorrência de comportamentos***

Mesmo dentro de um breve intervalo de observação, o observador pode testemunhar diferentes comportamentos e afetos, e todos eles podem ajudar a compreender o desenrolar da intergeracionalidade. Os comportamentos predominantes são importantes porque indicam que comportamentos são mais comuns num comportamento intergeracional; no entanto, a ocorrência de comportamentos e afetos é também importante para captar como estes indicam o potencial de uma determinada atividade para apoiar as interações intergeracionais. Por exemplo, um novo programa intergeracional pode não produzir muitas observações, onde predominam as interações

intergeracionais, mas a ocorrência de comportamentos de interação intergeracional nestas primeiras sessões indicam o potencial da atividade e o processo de contacto para alcançar o comportamento social desejado. A fim de captar a experiência do participante, o comportamento predominante é codificado. O comportamento predominante é o comportamento que ocorre num maior período de tempo durante o intervalo de observação. Quando comportamentos interação predominam, também é necessário a verificação da ocorrência. A verificação da ocorrência indica que comportamentos ocorrem durante pelo menos dois segundos durante o intervalo de observação.

Para a IOS, qualquer comportamento pode vir a ser predominante, mas a verificação da ocorrência é apenas anotada pelo seguinte: Interação intergeracional, Interação dos pares, e com o Staff. Se os comportamentos de interação são de curta duração e consistem em dois ou mais breves interações com alguém, então deve ser codificado como uma ocorrência. As verificações de ocorrência não são registadas para Observação, Solidão, e Desocupação porque não possuem o mesmo potencial para promover as interações intergeracionais.

### **Codificação hierárquica de comportamentos**

Durante o intervalo de 15 segundos, apenas um comportamento é codificado como predominante. Se mais do que um comportamento ocorrer durante o intervalo de 15 segundos, o comportamento que durar mais tempo é codificado como predominante. Se os comportamentos tiverem a mesma duração, o observador “codes up”. Assim, se dois ou mais comportamentos ocorrem com igual duração durante o período de tempo de observação (e tão longo como outro comportamentos observados), então o comportamento que mais suportar a interação social entre os parceiros intergeracionais, será codificado como comportamento predominante. Por exemplo, se ambos os comportamentos Interação IG e Staff são observados em igual quantidade de tempo, o observador codificará Interação IG como comportamento predominante. O que está apresentado em baixo é a hierarquia para os comportamentos sociais, com a Interação IG sendo a mais desejável, e a Desocupação como menos.

Tabela 1 - *Codificação hierárquica de comportamentos*

<b>Categorias</b>	<b>Descrição</b>
Interação intergeracional	Interação com um membro de outra geração de participantes
Interação entre pares	Interação com um colega da mesma idade sem interação com um parceiro intergeracional
Interação com o staff	Interação com ou reconhecimento de um membro do staff de ambos os programas, sem relacionamento social com um par ou um parceiro intergeracional
Observação	Observar (ou ouvir) as atividades dos outros sem participar nelas
Solidão	Envolver-se numa atividade sozinho sem reconhecimento ou interação com outros
Desocupação	Completa falta de objetivo ou meta, incluindo repetição e

	comportamento de autoestimulação.
--	-----------------------------------

### ***Ocorrência de afeto***

Codificar o afeto também fornece uma visão da experiência dos participantes na atividade. Nós codificamos a ocorrência de afeto positivo ou negativo dos participantes e dos parceiros intergeracionais.

Se o comportamento de interação IG é codificado como predominante ou que ocorreu durante o intervalo de 15 segundos, o parceiro intergeracional do participante-alvo é também codificado pela sua resposta afetiva durante o período de observação. O observador deve notar as pistas faciais e vocais, os sinais comportamentais, e comportamentos sociais, que indicam o estado afetivo geral do participante.

Indica-se com uma cruz na coluna apropriada se o afeto negativo ou positivo ocorreu durante o intervalo de tempo. Se foram observados tanto afetos positivos como negativos, registrar ambos nas colunas respectivas.

### ***Não Codificável (NC)***

Os participantes-alvo só podem ter o registro de predominância se forem observados por metade ou mais do que um intervalo. Existem variadas razões porque um participante-alvo pode não ser observado durante o seu intervalo de tempo determinado:

1. O participante-alvo interage com um observador durante o intervalo de tempo (a interação pode mudar o comportamento e/ou o afeto do participante-alvo que deveria ser codificado)
2. O observador fica distraído ou ausenta-se temporariamente da sessão durante o intervalo de tempo.
3. O participante-alvo ausenta-se da atividade (ou não está visível) durante o intervalo de tempo em que está a ser observado.
4. O parceiro IG não está visível durante o intervalo de tempo em que está a ser observado.

Nota: isto aplica-se apenas quando o afeto do parceiro IG deve ser codificado).

Nestes casos, o observador deve indicar o “Não codificável”, escrevendo “NC” na célula do comportamento predominante ( ou na coluna do afeto de parceiro quando aplicável). A verificação de ocorrência deve ser anotada por cada intervalo de tempo que o participante está a ser observado. Se o participante-alvo deixou o espaço da atividade, o observador não deve saltar para o próximo participante enquanto dura o intervalo de tempo, mas ante deve continuar as observações como programadas.

## **III: DIREÇÕES PARA O USO DA IOS**

### ***1. Preparar os materiais da observação***

Fale com os facilitadores para saber quem está a monitorizar, que tipo de atividade é, quais são os objetivos da atividade, quais são os grupos de adultos e jovens que vão participar, e quantos participantes são esperados (ver página 7 sobre os detalhes de chegar cedo). Deve determinar por

quanto tempo a atividade é esperada durar, para poder planejar com os seus colegas quantos intervalos de tempo devem observar. Os observadores devem estar preparados para 30 minutos de observação. Devem continuar durante os próximos 30 minutos dependendo das suas questões de investigação.

Preencher os tempos de intervalo nos formulários da parte 2 da IOS. Recomendamos começar no 1:00 para se poder situar e observar o primeiro participante de 1:00-1:15 e mudar para o segundo participante ao 1:30, etc. Tenha a certeza se os seus intervalos de tempo são os mesmos que os seus colegas. Defina o tempo num relógio digital ou num cronometro e veja se resulta (um relógio preso a uma prancha funciona bem). Veja o anexo E para uma amostra completa do formulário de observação.

## **2. Observar o staff, os materiais e a organização do espaço da atividade**

Recorde a informação na Parte 1 sobre o staff, o tempo planeado de começar e terminar, a atividade, grupos de participantes jovens e adultos, materiais, e logística do espaço da atividade.

## **3. Selecionar os participantes-alvo**

Identifique 4 a 5 participantes para observar, a ordem que vai observá-los, e os intervalos de tempo. Embora as questões de investigação possam levar os observadores a registar apenas os jovens ou os adultos, nós recomendamos observar ambas as gerações desde que as atividades intergeracionais tragam benefícios mútuos.

## **4. Apresentar-se ao grupo e observar os participantes-alvo antes da atividade**

Os observadores devem observar os participantes-alvo durante 1-2 minutos antes de recolher os dados, a fim de se familiarizar com as pistas contextuais em relação aos comportamentos dos participantes.

Se os observadores são novos devem apresentar-se ao grupo e deixar que o staff e os participantes saibam que estão lá para ver como as atividades vão correr. Os observadores devem avisar os participantes que não podem juntar-se às atividades porque estão a trabalhar. Um boa maneira de responder às solicitações pode ser, “nós estamos interessados em ver como as coisas correm quando os jovens e os adultos estão juntos, e estamos a tirar umas notas sobre o que vemos”. Informar o staff e os participantes sobre o propósito das observações pode aliviar a preocupação de alguém poder fazer alguma coisa de errado durante a atividade.

Depois das apresentações, os observadores devem tentar integrar-se em segundo plano. O observador precisa de estar apto a mover-se à volta da sala com o intuito de ver as expressões faciais dos participantes e a sua linguagem corporal (estar perto o suficiente para ouvir as trocas de conversa é muito útil). Os bons observadores evitam o contacto visual com o staff e com os participantes. O staff e os participantes pode habituar-se rapidamente à presença dos observadores, não deixando que os observadores se concentrem no seu trabalho.

### **5. Começar o registo ao vivo**

Todos os observadores na sessão devem começar a codificação quando os facilitadores começam a atividade. Anote o começo real da atividade, se os jovens e os adultos chegaram a tempo, e se os facilitadores e o material estavam prontos quando a atividade começou. Se a atividade começar tarde, os observadores devem começar quando a atividade começar. Recomendamos nomear um observador responsável por sinalizar o início do tempo de observação com um aceno, ou com um gesto de cabeça aos outros observadores.

Como os participantes são observados à vez, o observador deve observar o primeiro participante por um ciclo e regista os códigos, depois observa o segundo participante por um ciclo e regista, etc., até todos os participantes estarem a observar. O observador deve começar outra vez com o primeiro participante para uma segunda volta de observações, continuando até a atividade acabar ou até os 30 minutos de observação estarem completos.

### **6. Terminar a observação**

Se a atividade não durar 30 minutos, pare a observação quando a atividade terminar. Se a atividade prolongar-se meia hora do programado, pare a observação nos 30 minutos.

Registe informação da parte 1 da IOS sobre o fim da atividade, o comportamento desejável evidenciado na atividade, quantas crianças e adultos estiveram na atividade, notas sobre o ambiente, a adequação da idade e da capacidade da atividade que foi apresentada, e indicadores sobre a comunicação do facilitador. (Nota: As respostas à comunicação do facilitador devem ser registadas independentemente, por isso não serão necessariamente iguais às do seu parceiro de observação.)

### **7. Discutir preocupações ou questões com o seu parceiro de observação**

Discuta as preocupações ou as questões sobre a codificação com o seu parceiro de observação no final da observação e em reuniões de equipa. Remeta para o manual para esclarecer. Proteja a confidencialidade do seu cliente e mantenha boas relações; tenha cuidado em ter conversas sobre as crianças ou os idosos na entrada ou nas áreas comuns onde familiares, cuidadores, e staff possam ouvir as conversas.

## **IV: TORNAR-SE UM OBSERVADOR DE CONFIANÇA**

Depois de estudar a IOS, os observadores precisam determinar o acordo inter-juízes (e o indicador da escala de confiança), antes de começar a recolha de dados. Descrevemos quatro passos para determinar o acordo inter-juízes antes da recolha de dados. O primeiro passo requer praticar com os vídeos, que vêm com os materiais de treino. Os observadores devem usar os formulários da parte 2 da IOS para codificar os vídeos e comparar os códigos na “resposta correta” e na tabela de cálculo do acordo inter-juízes (ver anexo F). Depois de completar com sucesso estes três passos com os vídeos, o quarto passo envolve estabelecer o acordo inter-juízes durante a observação ao vivo.

Os observadores devem alcançar um acordo inter-juízes de 80% ou mais para o comportamento predominante em casa passo antes de passar para o próximo passo. Os observadores podem ver

para o acordo inter-juízes a verificação de ocorrência de comportamento e afeto. Nos achamos que o acordo no comportamento predominante é o passo mais importante para uma recolha confiável dos dados da IOS. Nós não temos verificado o acordo inter-juízes para os itens da parte 1 da IOS pois são bastante simples, mas poderá fazê-lo com um parceiro de observação.

Normalmente usamos o Excel para calcular o acordo inter-juízes com o coeficiente kappa, e o material de treino inclui um ficheiro de Excel e uma amostra completa. Os valores do coeficiente kappa têm uma vantagem sobre os índices de concordância simples porque levam em conta a quantidade de acordo sobre as alterações que um observador pode esperar. As direções para usar este método estão no final desta secção. Nem toda a gente tem Excel, e como os valores de kappa podem ser calculados à mão, nós disponibilizamos um processo simples (e um modelo) para calcular o acordo inter-juízes como um indicador da confiança inter-juízes. O cálculo pode ser terminado sem o computador num local de observação, para determinar o acordo inter-juízes antes de proceder à recolha de dados.

### **PASSOS 1-3: PRATICAR COM OS VÍDEOS**

#### ***Preparar os formulários de observação para o registo do vídeo***

Para os passos 1-3, identifica o vídeo que vai ser codificado e imprime o formulário que acompanha. O formulário descreve os participantes-alvo que vão ser codificados e tem determinado os intervalos de tempo a codificar por participante. Preencha a sua informação (nome, data, e se está a codificar o vídeo com paragens e “re-observação”, com paragens sem “re-observação”, ou sem paragens), e codifique o vídeo.

Pratique a codificação dos vídeos por ordem; use vídeos diferentes para cada tempo e para cada passo.

#### **1. Parar e “re-observar”**

Prepare o seu formulário da parte 2 da IOS, marcando “Video: Re-observação” no topo da página. Neste passo, pode parar e repetir um dado intervalo de tempo quantas vezes precisar com o intuito de determinar os códigos. Mantenha o manual por perto e consulte quando fizer as suas decisões.

Calcule o seu acordo inter-juízes com os códigos do observador na resposta certa (veja embaixo). Uma vez que consegue 80% ou mais de acordo codificando dois ou mais vídeos, passe para o passo 2.

#### **2. Parar sem re-observar**

Prepare o formulário de observação da parte 2 da IOS, marcando “Video: Sem Re-observação” no topo da página. Neste passo, pode parar o vídeo para verificar no manual e fazer as suas decisões, mas não deve retroceder nem voltar a ver nenhum dos intervalos de tempo. Mantenha o manual por perto e consulte quando fizer as suas decisões.

Calcule o seu acordo inter-juízes com os códigos do observador na resposta certa (veja em baixo). Uma vez que consegue 80% ou mais de acordo codificando dois ou mais vídeos, passe para o passo 3.

### **3. Sem parar**

Prepare o formulário de observação da parte 2 da IOS, marcando “Vídeo: Sem Parar” no topo da página. Não pare nem volte a ver nenhum intervalo de tempo. Como sempre, mantenha o manual por perto; provavelmente não vai ter tempo para consultar o manual durante o vídeo, mas pode fazê-lo depois de rever os seus registos.

Calcule o seu acordo inter-juízes com os códigos do observador na resposta certa (veja em baixo). Uma vez que consegue 80% ou mais de acordo codificando dois ou mais vídeos, passe para o passo 4.

#### ***Calcular o acordo inter-juízes com os vídeos***

Depois de codificar os vídeos, imprima as respostas certas e o acordo inter-juízes.

Não altere nenhum dos seus códigos de observação. Registe o código do comportamento predominante (1-6) para cada intervalo de tempo na tabela de cálculo do acordo inter-juízes. Note que coloca os códigos de todos os intervalos de tempo para o participante 1, depois regista todos os intervalos de tempo para o participante 2, etc. Em cada coluna, compare o seu código com a resposta abaixo; registe “1” na célula inferior da coluna quando os códigos combinam, e um “0” quando não combinam. Se tem ou a resposta certa tem um “Não Codificável” num intervalo de tempo, exclua esse intervalo de tempo quando calcular o acordo inter-juízes. Adicione os “0” e os “1” na linha inferior, registando a soma na última célula da linha. Divida o total pelo número em baixo (este é o número das combinações possíveis que poderia alcançar) e multiplique por 100. Deve ter alcançado 80% ou mais antes de ir para o próximo passo do processo. Veja o anexo G para uma amostra completa da tabela de acordo inter-juízes.

Se não atingiu um acordo inter-juízes de 80% à primeira, não fique preocupado! Deve praticar alguns vídeos para conseguir um acordo aceitável. Repita o processo com o próximo vídeo. Calcule o seu acordo inter-juízes para o próximo vídeo, mas também calcule o acordo inter-juízes total adicionando os dados dos acordos dos vídeos anteriores à etapa que está a trabalhar agora nos dados do vídeo que acabou de codificar.

Se alcançar 80% ou mais de acordo, parabéns. Recomendamos que pratique pelo menos mais dois vídeos neste passo antes de passar para o próximo.

#### **PASSO 4: PRATICAR AO VIVO**

Depois de alcançar o acordo inter-juízes para os vídeos dos passos 1-3, os observadores precisam estabelecer um acordo inter-juízes codificando atividades intergeracionais ao vivo com um parceiro que também já passou pelos passos anteriores.

#### ***Preparar os formulários da prática de observação para o registo ao vivo***

Siga os procedimentos do manual para chegar ao local, para se familiarizar com o ambiente, com o staff, e os participantes, e apresente-se ao grupo (veja página 15). Prepare os formulários da parte 2 da IOS, marcando “Registo ao vivo: confiabilidade” no topo do formulário.

#### **4. Registo ao vivo**

Cada observador deve ter um relógio digital ou um cronómetro que conte segundos, para que cada observador possa começar ao mesmo tempo. Recomendamos que um dos observadores seja responsável por assinalar o começo do tempo com um aceno ou abanando a cabeça. Enquanto observa, tire notas sobre questões que podem ser respondidas com um manual.

##### ***Calcular o acordo inter-juízes da observação ao vivo***

Imediatamente a seguir à observação, e sem discussão da atividade que foi codificada, preencha o acordo inter-juízes com o seu colega. Se o seu colega tem um “Não Codificável” num intervalo de tempo, exclua esse intervalo de tempo quando calcular o acordo.

Se está a trabalhar com mais do que um parceiro de observação, deve usar um acordo inter-juízes múltiplo. Com um mesmo número de observadores, uma das pessoas compara o seus códigos ou da outra pessoa com um dos pares. Com um número superior de observadores, uma das pessoas será o termo de comparação dos restantes observadores.

Depois de calcular o acordo inter juízes, discuta com os seus colegas quando houve desacordo, mas não se deve alterar os códigos. Tente achar a consenso quando o comportamento predominante está correto para um certo período de tempo – use o manual! Se tem acesso a uma gravação com marcação de tempo e com permissão, pode ser útil para rever quando verificar as discrepâncias entre participantes.

Quando o acordo inter juízes for calculado com 80% ou mais depois da observação nas últimas duas sessões, está apto para observar de forma independente. As observações que foram realizadas no passo quatro não devem ser usadas para análise.

#### **OUTRAS NOTAS PARA A FIABILIDADE**

##### ***Verificar e rever a fiabilidade:***

Recomenda-se que os observadores revejam o acordo inter juízes quando se movam para outro local em cada quatro a seis semanas de observação para assegurar a consistência das observações com o manual. “Observador à deriva” pode ocorrer quando um observador menospreza as direções do manual e quando comete os mesmos erros de observação para observação.

##### ***Enviar a documentação do acordo inter juízes:***

Coloque o acordo inter juízes com o nome, o passo do processo de observação, e a data. Iremos usar a data para encontrar as propriedades psicométricas da escala e determinar as modificações necessárias à escala. Envie cópias para a Dra. Jarrott como parte do seu acordo.

Dra. Shannon Jarrott  
Department of Human Development (0416)  
Virginia Tech  
Blacksburg, VA 24061

*Calcular o kappa de Cohen para o comportamento predominante usando o Excel:*

Iremos usar o Excel para calcular a fiabilidade com o valor de kappa. O kappa deve ser .6 ou superior para indicar um acordo inter juízes aceitável.

A tabela Excel é uma simples ferramenta que indica quantas vezes foram codificados cada comportamento como predominante comparando com as respostas do vídeo prático ou da observação real. Os dados na diagonal indicam os acordos. Os dados inseridos nas células fora da diagonal, indicam as discrepâncias. Esta ferramenta é útil para perceber o padrão de discrepâncias entre os vídeos ou entre outros codificadores.

Direções para introduzir os dados na ferramenta:

1. Coloque o número de observações de cada intervalo de tempo que você e o seu colega colocaram 1 (Interação intergeracional) na célula (C,6). Se tiver códigos de 1 diferentes dos códigos do outro observador, siga a tabela respetivamente. Por exemplo, se tiver um código em 1, quando o seu parceiro tem um código de 3, deve coloca 1 na terceira linha da primeira coluna (C,8).
2. Repita o processo para cada comportamento das colunas designadas.
3. Se algum dos observadores tem NC (sem código) num intervalo de tempo, os observadores devem excluir essa informação quando calcular o acordo inter juízes, e o intervalo de NC é excluído do número total e observações.
4. O número na célula (I,12) é o número de tempos em que você e o seu colega tiveram acordo.
5. O número na célula (I,17) é o número total de intervalos de tempo codificados na base de dados.
6. Recomendamos que comece uma nova folha de Excel para cada da de observações para determinar o kappa para cada dia.

## Anexo 9. Componentes identificados na EOI por dimensão de análise

Dimensão de análise	Comportamento	Descrição do comportamento	Ocorrência de afeto positivo ou negativo
<b>Contacto intergeracional</b>	Interação intergeracional	Reconhecimento e relação com um membro de uma geração diferente.	Do participante observado para com o seu parceiro IG Resposta do parceiro IG para com o participante observado
	Interação entre pares	Interação é focada para um membro da mesma geração.	-----
	Interação com o staff	Procura de atenção ou auxílio do staff, sem interagir com os colegas.	-----
	Observação	Observação das atividades dos colegas sem participação, no entanto existe demonstração de interesse e consciência do ambiente ao redor.	-----
	Solidão	Envolvimento na atividade mas sem reconhecimento nem interação com nenhum colega.	-----
	Desocupação	Alheamento do ambiente à sua volta, sem interação com os colegas nem participação na atividade.	-----

Anexo 10. Tabela de registo das observações

<b>Nome:</b>	<b>Atividade:</b>	<b>Data:</b> ___ / ___ / _____
Estas observações representam (marque uma): Registo ao vivo: Confiabilidade      Registo ao vivo: Recolha		

Registe o # do comportamento predominante na coluna “predominante”. Use um certo na coluna correspondente para indicar se a categoria comportamental ou o afeto positivo/negativo foi observada. Cada linha representa um intervalo de 15 segundos (15 segundos a observar e 15 segundos a registar antes de começar o próximo intervalo) para cada seis tempos de observação por pessoa.

PARTICIPANTE ALVO	INTERVALO TEMPO	Comportamento predominante	Interação: IG ✓	Interação: Par ✓	Staff ✓	Observação	Solidão	Desocupação	Ocorrência de afeto positivo	Ocorrência de afeto negativo	Parceiro IG	Parceiro IG: oco. af. positivo	Parceiro IG: oco. af. negativo
		#	1	2	3	4	5	6	1	2		1	2
NOMES	Comportamento (indicar predominante & ✓ ocorrência)								✓	✓		✓	✓
1º Participante Nome:													
Descrição:													
2º Participante Nome:													
Descrição:													
3º Participante Nome:													
Descrição:													
4º Participante Nome:													
Descrição:													

Anexo 11. Tabela de cálculo do acordo inter juízes

<b>TABELA DE CÁLCULO DO ACORDO INTER-JUÍZES DA IOS</b>		
<b>Observador:</b>	<b>Atividade:</b>	<b>Data:</b>

	P1-1	P1-2	P1-3	P1-4	P1-5	P1-6	P2-1	P2-2	P2-3	P2-4	P2-5	P2-6	P3-1	P3-2	P3-3	P3-4	P3-5	P3-6	P4-1	P4-2	P4-3	P4-4	P4-5	P4-6	P5-1	P5-2	P5-3	P5-4	P5-5	P5-6	TOTAL ACORDOS	
OBS																																
OB C1																																
OB C2																																
AC C1																																
AC C2																																
Introduza na última cela desta linha o número das vezes em que você e o seu parceiro registou um comportamento predominante. Depois divida o valor total do acordo por este número e multiplique por 100 para achar o acordo inter-juízes. Se observou mais do que 15 minutos, precisa combinar a informação de ambas as tabelas. Acordo de 80% ou mais é necessário para estabelecer a confiança.																																
P(participante #) – (intervalo de tempo)    OBS = Código do observador    OB C1/ C2 = Código dos colegas    AC C1/C2 = acordo (0=não; 1=sim)																								Valores dos acordos inter-juízes =								

Anexo 12. Ordem decrescente dos traços estereotípicos dos participantes seniores e dos participantes jovens relativa aos endogrupo e ao exogrupo

<b>Traços estereotípicos associados aos jovens do ponto de vista dos seniores</b>						
Participantes	Alvo	Traço	M	DP	Intervalo de confiança de 95%	
					Mínimo	Máximo
<b>Seniores</b>	<b>Jovens</b>	Saudáveis	5,29	1,26	4,79	5,65
		Criativos	5,09	1,29	4,68	5,50
		Dependentes	4,91	1,50	4,41	5,41
		Precipitados	4,79	1,59	4,26	5,29
		Irresponsáveis	4,09	1,46	3,59	4,59
		Sábios	3,79	1,52	3,26	4,26
		Maduros	3,21	1,43	2,74	3,71
		Doentes	2,26	1,54	1,77	2,82

Estereótipo positivo (saudáveis e criativos):  $M= 5,19$  Estereótipo negativo (precipitados e irresponsáveis):  $M=4,44$

<b>Traços estereotípicos associados aos seniores do ponto de vista dos seniores</b>						
Participantes	Alvo	Traço	M	DP	Intervalo de confiança de 95%	
					Mínimo	Máximo
<b>Seniores</b>	<b>Seniores</b>	<b>Maduros</b>	<b>5,49</b>	<b>1,38</b>	<b>5,03</b>	<b>5,91</b>
		Sábios	5,23	1,03	4,89	5,57
		Criativos	4,66	1,21	4,31	5,06
		Doentes	4,29	1,43	3,80	4,80
		Saudáveis	4,29	1,20	3,91	4,69
		Dependentes	4,23	1,33	3,80	4,69
		Precipitados	3,43	1,69	2,86	3,97
		Irresponsáveis	3,29	1,82	2,71	3,86

Estereótipo positivo (sábios e maduros):  $M= 5,36$  Estereótipo negativo (doentes e dependentes):  $M=4,26$

**Traços estereotípicos associados aos seniores do ponto de vista dos jovens**

Participantes	Alvo	Traço	M	DP	Intervalo de confiança de 95%	
					Mínimo	Máximo
Jovens	Seniores	Sábios	5,35	1,35	4,21	5,79
		Maduros	5,26	1,75	4,65	5,82
		Saudáveis	4,29	1,55	3,76	4,79
		Dependentes	4,24	1,70	3,65	4,76
		Criativos	4,18	1,42	3,68	4,71
		Doentes	4,12	1,94	3,47	4,76
		Precipitados	3,41	1,37	2,97	3,88
		Irresponsáveis	2,32	1,55	1,85	2,85

Estereótipo positivo (sábios e maduros):  $M= 5,31$  Estereotipo negativo (doentes e dependentes):  $M=4,18$

**Traços estereotípicos associados aos jovens do ponto de vista dos jovens**

Participantes	Alvo	Traço	M	DP	Intervalo de confiança de 95%	
					Mínimo	Máximo
Jovens	Jovens	Criativos	5,62	1,23	5,15	6,00
		Saudáveis	5,56	1,44	5,12	6,00
		Precipitados	5,24	1,67	4,74	5,76
		Irresponsáveis	5,06	1,43	4,59	5,56
		Dependentes	4,06	1,87	3,47	4,68
		Maduros	3,44	1,19	3,06	3,82
		Sábios	3,35	1,30	2,91	3,82
		Doentes	2,47	1,62	1,94	3,00

Estereótipo positivo (saudáveis e criativos):  $M= 5,59$  Estereotipo negativo (precipitados e irresponsáveis):  $M=5,15$

Anexo 13. Formulário da observação intergeracional da primeira sessão

PARTE 1: FORMULÁRIO DA OBSERVAÇÃO INTERGERACIONAL

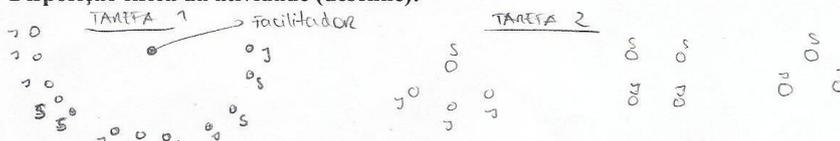
Observador: PATRÍCIA SILVA	Data: 11/05/2012	Início planeado: 16H	Fim planeado: 17:30
Atividade IG: SESSÃO 1 - LAPA PARA TODAS AS GERAÇÕES		Início planeado: 16:15H REAL	Fim planeado: 17:15 REAL
Facilitadores:	Dos adultos: FUPA UNHA	Das crianças: FUPA UNHA	
	Primário:	Primário:	
	Secundário:	Secundário:	
Comportamento primário desejado: (marque um)			
<input checked="" type="checkbox"/> Interação <input type="checkbox"/> Passar a palavra <input type="checkbox"/> Observação ativa <input type="checkbox"/> Envolvimento solitário			
Grupo das crianças/jovens: NÓS DA JUVENTUDE - PROGRAMA UNICÓ-PEDAGÓGICO			
Grupo dos adultos: ACADEMIA SÊNIOR DA LAPA			
Nº participantes adultos: 4      Nº de crianças/jovens: 7      Nº Staff: 1 + 3 OBS.			

Notas de observação:

Descrição do ambiente: local, materiais, colocação dos materiais (central, por pares, ou paralelo). Se a atividade for dinâmica (por exemplo, se a atividade envolve um grupo a visitar outro local), por favor, descreva em texto e numa figura o quanto possível.

Sala ampla, espaço comum aos dois projetos. Os materiais foram dados individualmente (paralelo).  
Atividade de partilha de informação com dinâmicas de grupo.

Disposição física da atividade (desenhe):



Comentários sobre se as atividades e os materiais eram apropriados para idade e capacidades das crianças/jovens e dos adultos.

Sim enam. As pessoas nos questionaram muito o staff relativamente à utilização do papel, questionaram como se fazia a actividade.

Outras notas:

O staff nos incitou a relações intergeracionais, ela mostrou-se naturalmente.

Por favor responda:

	Avaliações	
	Sim	Não
Crianças a tempo	X	
Adultos a tempo		X
Facilitador das crianças pronto	X	
Facilitador dos adultos pronto	X	
Materiais prontos para a atividade	X	

Avaliação dos facilitadores:

	Avaliações	
	Fac. A.	Fac. J.
Comunica eficazmente com o parceiro*	3	
Encoraja a interação IG entre participantes	0	
Os parceiros compartilharam na facilitação*	3	
Sensível aos participantes, independentemente da idade	2	
Demonstra comunicação e comportamento apropriado segundo a idade	2	
Intrusivo ou excesso de envolvimento com os participantes	0	0
Trouxe energia e atitude positiva para a sessão	2	
Move-se em volta do espaço da atividade	2	

0 = NEM SEMPRE VERDADE

1 = ÀS VEZES VERDADE

2 = A MAIORIA DAS VEZES VERDADE

3 = NAO APLICÁVEL

Anexo 14. Ordem decrescente dos traços estereotípicos dos participantes seniores e dos participantes jovens relativa a si próprios

<b>Auto estereotipização dos participantes seniores</b>						
Participantes	Alvo	Traço	M	DP	Intervalo de confiança de 95%	
					Mínimo	Máximo
<b>Seniores</b>	<b>O próprio</b>	Saudável	5,12	1,53	4,55	5,64
		Maduro	5,12	1,55	4,49	5,61
		Criativo	4,79	1,67	4,21	5,30
		Sábio	4,32	1,63	3,79	4,91
		Precipitado	3,36	1,48	2,85	3,88
		Dependente	2,71	1,84	2,15	3,42
		Doente	2,59	1,78	2,03	3,27
		Irresponsável	2,47	2,09	1,73	3,12

Estereótipo positivo (sábios e maduros): M=4,72      Estereótipo negativo (doentes e dependentes): M=2,65

<b>Auto estereotipização dos participantes jovens</b>						
Participantes	Alvo	Traço	M	DP	Intervalo de confiança de 95%	
					Mínimo	Máximo
<b>Jovens</b>	<b>O próprio</b>	Saudável	5,94	1,19	5,53	6,31
		Criativo	5,52	1,28	5,03	5,88
		Maduro	4,45	1,28	4,06	4,94
		Sábio	4,12	1,47	3,75	4,69
		Dependente	4,00	1,50	3,47	4,53
		Precipitado	3,70	1,82	3,16	4,38
		Irresponsável	3,13	1,54	2,59	3,63
		Doente	1,52	1,03	1,22	1,91

Estereótipo positivo (saudável e criativo): M=5,73      Estereótipo negativo (precipitado e irresponsável): M=3,42

**Manual da atividade**  
**“Lapa para todas as gerações”**

do projeto



## **Introdução**

Este manual tem como intuito apresentar a atividade que foi realizada no âmbito do projeto GerAções Lx na junta de freguesia da Lapa. Esta atividade apesar de ser descrita com base no projeto em questão, é passível de ser adaptada por qualquer profissional que tenha como objetivo criar laços intergeracionais entre jovens e séniores.

Desta forma, descrevemos sistematicamente cada tarefa executada, os materiais que foram utilizados e o tempo que demorou. O tema da atividade e algumas tarefas são baseados na realidade da comunidade onde foi aplicado o projeto, e por esta razão reforçamos que os métodos aplicados numa intervenção social devem ajustar-se aos intervenientes.

## **Atividade “Lapa para todas as gerações”**

**Duração:** 4 sessões entre 60 a 90 minutos

**Responsável:** alguém que esteja envolvido no projeto e que tenha conhecimento sobre os participantes de modo a servir de facilitador das tarefas e das relações.

**Objetivos:**

- Diminuir a prevalência de idadismo entre dois grupos geracionais;
- Inculcar um autoconceito mais positivo.

**Justificação:** Esta atividade para além de possibilitar o contacto positivo entre gerações, proporciona um ponto de partida de igualdade de estatuto entre os grupos, que irão cooperar juntos para atingirem o objetivo de expor os seus trabalhos em equipa. O facto de esta atividade ser apoiada por uma instituição que credibiliza o trabalho, facilita a participação das pessoas. A atividade permitirá ainda que os grupos troquem informação sobre as suas vidas, tomando a perspectiva do outro e criando laços afetivos.

**Descrição geral:** Criação de uma exposição fotográfica através de equipas intergeracionais. As fotografias têm que ser especiais e retratar momentos vividos no passado e no presente na freguesia/bairro, de forma a poderem criar um trabalho que incida sobre um tema comum (dado pela organização, neste caso, “Lapa para todas as gerações”) e se sintam parte integrante da mesma comunidade. Os *posters* podem ser elaborados com material reciclado e ao gosto de cada equipa. Os trabalhos servirão para exposição num espaço acessível a todos, ou com o objetivo de expor numa festa. O decorrer das sessões e os trabalhos finais poderão também ser expostos na página do *facebook* do projeto, criando um espaço de interação intergeracional *online*.

**Participantes:** jovens do 8º e 9º ano; adultos séniores com 60 anos ou mais. Preferencialmente, os grupos deverão ter no máximo quatro participantes, com número igual de participantes por geração.

## Organização das sessões

### Sessão 1: Apresentação e lanche

#### Objetivos:

- Apresentar os objetivos da atividade;
- Realizar uma tarefa quebra-gelo com o grupo geral para formar equipas;
- Realizar uma tarefa para as equipas se conhecerem;
- Conviver através de um lanche.

Disposição da sala: cadeiras dispostas em meia-lua. O facilitador fica no centro para que todos o possam ver.

#### Descrição:

**Nota 1:** Caso o estudo inclua o *design* de pré e pós teste, o facilitador poderá realizar aqui o pré-teste, antes de iniciar a sessão.

#### **10 minutos: Boas-vindas e apresentação**

Depois dos participantes entrarem na sala e se sentarem aleatoriamente, o facilitador dá as boas-vindas a todos, *“Bem-vindos ao projeto ‘GerAções Lx’. Este ano o Nós da Juventude e a Academia Sénior da Lapa decidiu realizar uma atividade diferente. Tal como já vos tenho falado, o objetivo desta atividade é criar uma exposição de fotografias para preenchermos as paredes desta sala para a festa final de ano. O que acham?”* Depois de esperar pelas reações dos participantes, começa a detalhar as condições em que se vai trabalhar, *“apesar de ser uma exposição de fotografias, não vamos expor umas fotografias quaisquer. As fotografias têm que ser vossas e retratar um momento ou um local muito especial para vocês aqui na freguesia. Vão ter que trazer duas fotografias, uma antiga, por exemplo, de quando eram crianças (representativa do passado) e outra mais recente, do último ano (representativa do presente). Se não tiverem a fotografia recente podem tirá-la propositadamente para este trabalho. Portanto já sabem, não podem ser meras fotografias, têm que ser fotografias que tenham uma história para contar nestes dois momentos da história e preferencialmente aqui na freguesia!”*. O facilitador dá o exemplo mostrando exemplos de fotografias especiais, recentes e do passado. E continua, *“As vossas fotografias servirão de base para criarem uns posters em equipa, onde as fotografias de todos vocês se interliguem e formem uma história através do tema que eu vou dar na semana que vem”*, revelando no final o material que é necessário trazer para a próxima sessão, *“Para a semana, precisam trazer duas fotografias especiais: uma recente e outra do passado, tiradas na freguesia. Podem ainda trazer material reciclado que possam ter para criarem posters didáticos e originais”*. Para além da exposição física, o desenvolvimento das

sessões e os trabalhos finais podem também ser divulgados no *facebook*, caso os participantes concordem, onde esta página servirá também como espaço de interação entre as gerações.

**Nota 2:** Caso os participantes não vivam naquela freguesia ou bairro, o facilitador deve guiar este trabalho como um encontro de pessoas que, apesar de viverem fora desta comunidade, juntam-se no mesmo espaço por diversos motivos e também devido a este projeto.

### **25 minutos: Tarefa 1 - Quebra-gelo de grupo**

Esta tarefa terá dois objetivos principais: o de criar um ambiente descontraído entre os participantes, como também de formar as equipas intergeracionais. Para tal o jogo terá como intuito completar frases de provérbios populares. No entanto, a cada participante será dado apenas uma parte do provérbio, colada nas costas. Desta forma, cada participante terá que descobrir os colegas que possuem as restantes partes do seu provérbio. Como a parte do provérbio está colada nas costas, terão que necessariamente interagir com os colegas para descobrir qual a parte do provérbio que lhe foi designada. Para que se possa formar equipas intergeracionais, o facilitador terá que saber, à partida, quantos participantes e de cada geração irá ter por equipa. Se forem quatro equipas de quatro participantes, o facilitador terá que ter quatro provérbios diferentes, divididos em quatro (nota: ter em conta o tamanho da frase do provérbio consoante o número de participantes por equipa). As equipas formar-se-ão através do encontro dos participantes que conseguirem completar um provérbio.

Exemplos de provérbios:

- Para bom entendedor meia palavra basta;
- Água mole em pedra dura tanto bate até que fura;
- Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar;
- Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és.

### **40 minutos: Tarefa 2 - Quebra-gelo de equipa**

Depois das equipas formadas, o facilitador explica, "*Agora que já sabem com quem vão trabalhar na realização do poster, vamos reorganizar a sala. Peço então aos membros de cada equipa que se juntem, fazendo um círculo sobre vocês com as cadeiras*". Depois das equipas separadas, o facilitador introduz a tarefa de equipa para se conhecerem melhor, "*Para que as equipas se possam conhecer um pouco melhor, vamos realizar um jogo. Mas em vez de ser a própria pessoa a apresentar-se, vai ter que ser o colega da outra geração a fazê-lo. Para tal vou dar-vos umas perguntas para colocarem ao vosso colega. Depois disto, cada participante apresentará o colega ao grupo todo, sem dizer o nome, para que possamos adivinhar quem é*". Depois disto o facilitador distribui o guião das perguntas (Apêndice 1), e material para escrever. As equipas terão 10 minutos

para realizar o conhecimento sobre o colega intergeracional, e o restante tempo será para apresentar o colega ao grupo geral.

### **20 minutos: Lanche**

Depois de terminada a tarefa, o facilitador agradece a todos por terem vindo, lembrando o material que têm que trazer na semana seguinte, e convida todos para o lanche.

#### Materiais:

- Local;
- Cadeiras;
- Máquina fotográfica;
- Fotografias exemplo do facilitador;
- Frases de provérbios cortadas (consoante o número de participantes);
- Fita-cola;
- Guião de perguntas para a tarefa 2 (Apêndice 1);
- Canetas;
- Bolos, chá e sumos;
- Guardanapos, copos e talheres de plástico;
- Mesa para colocar o lanche.

## **Sessão 2: Início do trabalho em equipa**

#### Objetivos:

- Trocar informação sobre as fotografias que trouxeram;
- Planear o *poster* consoante o tema da exposição.

Disposição da sala: mesas redondas, com cadeiras em volta. Os participantes devem estar sentados por equipas, alternadamente: jovem, sénior, jovem, sénior, etc.

#### Descrição:

### **5 minutos: Boas-vindas**

O monitor dá as boas vindas aos participantes, “Boa tarde a todos. Obrigada por terem vindo e espero que estejam prontos para começar a trabalhar. Podem sentar-se por equipas nas mesas, no local que tem o vosso nome”. Depois dos participantes sentados, o facilitador introduz a primeira tarefa.

**Nota 3:** O facilitador pode optar por colocar os nomes dos participantes nas mesas de forma a sentarem-se alternadamente para não dar a entender diretamente que o seu objetivo é facilitar a interação intergeracional.

### **30 minutos: Tarefa 4 - Partilha de informação sobre as fotografias**

O facilitador pergunta aos participantes se trouxeram as duas fotografias especiais, uma do presente e outra do passado. A tarefa seguinte vai permitir à equipa recolher informação pessoal sobre os colegas para que possam construir o poster, *“Agora, vamos começar a trabalhar nos posters, mas antes disso precisam de conhecer as histórias que estão por trás de cada fotografia dos vossos colegas de equipa de forma a poderem construir o poster. Assim, cada um vai poder conhecer um momento do passado e do presente dos seus colegas e construir um poster em que todas essas histórias estejam presentes. A ideia é colocarem-se na pele do outro e imaginar onde o colega estava, o que estava a fazer, de onde vinha, para onde ia, o que estava a sentir, etc.”*. O facilitador dá a cada um o guião de perguntas para esta tarefa (Apêndice 2). *“No final de todos tentarem descobrir, irão ser desvendadas as histórias reais das fotografias e vão ver o quanto inventaram sobre as histórias do colega e se o vosso colega descobriu os detalhes das vossas histórias”*. Este trabalho será executado em equipas intergeracionais para que a informação seja partilhada apenas por equipa. O facilitador dá a indicação aos participantes que podem imaginar as histórias do colega que foi par consigo no jogo da última semana. Se forem equipas com número de participantes ímpar, cada participante deve realizar a tarefa com o colega do lado de forma a poder participar nos dois momentos da tarefa.

### **10 minutos: Tarefa 5 – Reflexão em grupo**

Depois dos dois momentos da tarefa anterior estarem cumpridos, ou seja, depois de todos terem tentado descobrir a história do colega e seguidamente todos desvendarem as verdadeiras histórias, o facilitador aproveita este momento para refletir sobre a atividade. Desta forma, o facilitador deve chamar a atenção das equipas para si por forma a iniciar a reflexão. Para começar, o facilitador deve enfatizar a existência de duas gerações naquele espaço, *“Como já devem ter reparado, estão aqui duas gerações diferentes, os séniores e os jovens”*. Seguidamente, a reflexão deve incidir em três pontos: em primeiro lugar, o facilitador deve perguntar *“Aquilo que vocês imaginaram sobre as fotografias do vosso colega é muito diferente da história real? Jovens, o que acham? Séniores, o que acham?”*. Deve necessariamente enfatizar a opinião dos dois grupos especificamente. No segundo ponto, o facilitador pergunta sobre o que ajudou cada um a aproximar-se mais da realidade das histórias dos colegas, *“O que vos ajudou a aproximar ou a descobrir melhor as histórias do vosso colega? Qual foi a vossa estratégia? Recorreram a quê?”*. Depois de cada um dar a sua opinião, o facilitador pergunta se todas as estratégias e pistas que utilizaram para descobrir as histórias dos colegas, foi muito diferente entre as duas gerações, *“Acham que as vossas estratégias ou métodos para adivinhar as histórias do colega foi muito diferente entre vocês? E foi diferente entre as duas gerações, ou as duas utilizaram basicamente as mesmas pistas?”*. Seguidamente às respostas dos participantes, o facilitador responde aos três pontos supracitados. Por princípio, as histórias imaginadas e as reais terão pontos diferentes e o facilitador enfatiza que é normal isso acontecer porque não estávamos com o colega quando a foto foi tirada. No entanto, e para responder ao ponto 2, praticamente todos os participantes, para além de recorrerem ao guião das perguntas, tentaram focar-se o mais possível nos detalhes, colocando-se até no lugar do outro para tentarem

compreender a situação retratada na fotografia. Por isso mesmo, quantos mais detalhes nós tentamos saber acerca do outro e da situação, mais próximos estamos da realidade. O que se poderá constatar é que a utilização destas pistas ou deste recorrer a detalhes não foi muito diferente para ambas as gerações. Naturalmente, quando somos levados a conhecer algo, procuramos detalhes, os mais possíveis. Desta forma, o facilitador pode concluir que entre gerações, mesmo que tenham momentos diferentes na história, existem situações que podem ser semelhantes, como também usam as mesmas estratégias para tentar descobrir mais informação. Não é portanto uma questão de geração. Todas as pessoas têm o mesmo modo de funcionar e usam estratégias semelhantes. Para além disso, podem existir momentos semelhantes ou emoções parecidas, que nos caracteriza como seres humanos, independentemente da idade que tenhamos.

### **30 minutos: Tarefa 6 – Preparação da conceção do poster**

No restante tempo, o facilitador dará indicações às equipas para que estas possam pensar como introduzirão as histórias da equipa dentro do tema, *“Agora que já conhecem um pouco das histórias por detrás das fotografias, a ideia é conseguir enquadrá-las a todas num poster feito por vocês e que tenha a ver com o tema ‘Lapa para todas as gerações’. Para construir o poster vão ter que o planejar nestas folhas (dar a folha de planeamento do Apêndice 3), ou seja, como vão enquadrar todas as fotografias, como vão contar as histórias, etc. Escrevam os vossos nomes em cima e também todo material que necessitam e que temos que trazer na próxima semana”*.

O facilitador deve deixar as equipas trabalharem livremente e pode aproveitar para tirar fotografias para realizar o seu próprio poster. Este tem como objetivo retratar as sessões de trabalho e esclarecer sobre o intuito desta atividade, utilizando as fotos tiradas nas sessões.

#### Materiais:

- Local;
- Cadeiras e mesas;
- Nomes dos participantes (para colocar nas mesas);
- Máquina fotográfica;
- Fotografias dos participantes;
- Guião de perguntas sobre as fotografias (um por participante);
- Folha de planeamento do poster;
- Material reciclado (facultativo);
- Material variado: cartolinas, papel de cenário, marcadores, lápis de cor, guachos, tesouras, cola, etc.

### **Sessão 3: Continuação do trabalho em equipa**

#### Objetivos:

- Realizar os posters.

Disposição da sala: mesas redondas, com cadeiras em volta. Os participantes devem estar sentados alternadamente: jovem, sénior, jovem, sénior, etc.

Descrição:

### **5 minutos: Boas-vindas**

O facilitador dá as boas vindas aos participantes, *“Boa tarde a todos. Obrigada por terem vindo e espero que estejam cheios de ideias para criarmos os posters. Podem sentar-se por equipas nas mesas”*. Depois dos participantes sentados, o facilitador lembra, *“Hoje vamos começar a construir os posters de fotografias, segundo o tema ‘Lapa para todas as gerações’ e com a informação que recolheram sobre as fotografias que têm. Coloquem o material que trouxeram em cima da mesa e bom trabalho!”*.

### **60 minutos: Tarefa 7 - Conceção dos posters**

O restante tempo é preenchido pelo trabalho com os *posters*. O facilitador dá apoio quando necessário e constrói o seu *poster*.

### **5 minutos: Informações finais**

No final da atividade, o monitor lembra que vão ter apenas mais uma sessão para terminar os *posters* e para expor os trabalhos, *“como sabem, para a semana será a última sessão de trabalho. No próximo dia vamos expor os trabalhos na sala e tirar fotografias. Como é o último dia, gostava que cada um trouxesse um bolo ou um doce que seja o vosso preferido, e se possível, que sejam vocês a fazê-lo. É uma boa forma de testarmos o talento para a cozinha e de provarmos o que cada um gosta mais. Também vou trazer o meu!”* De forma a incentivar a visita à exposição, o facilitador avisa os participantes que podem convidar familiares ou amigos para visitarem o espaço no último dia de realização da atividade.

Materiais:

- Local;
- Cadeiras e mesas;
- Nomes dos participantes (para colocar nas mesas);
- Máquina fotográfica;
- Fotografias dos participantes;
- Folha de planeamento do *poster* de cada equipa;
- Material reciclado (facultativo);
- Material variado: cartolinas, papel de cenário, marcadores, lápis de cor, guachos, tesouras, cola, etc.

#### **Sessão 4: Finalização dos posters e exposição**

##### Objetivos:

- Terminar a execução dos *posters*;
- Expor os *posters* e tirar fotografias.

Disposição da sala: mesas redondas, com cadeiras em volta. Os participantes devem estar sentados alternadamente: jovem, sénior, jovem, sénior, etc.

##### Descrição:

##### **5 minutos: Boas-vindas**

O facilitador dá as boas vindas aos participantes, “*Obrigada a todos por terem vindo à última sessão de trabalho. Podem sentar-se por equipas nas mesas*”. Depois dos participantes sentados, o facilitador lembra, “*Hoje vamos terminar a construção dos posters e no final vamos expor nas paredes. Bom trabalho a todos!*”.

##### **30 minutos: Tarefa 8 - Conceção dos posters**

Durante este tempo os trabalhos serão terminados pelas equipas.

### **30 minutos: Tarefa 9 – Exposição dos posters**

Depois de terminados os *posters*, o facilitador ajuda as equipas a expor os seus trabalhos nas paredes da sala. As equipas e o facilitador tiram fotografias aos trabalhos e, com autorização dos participantes, as fotografias poderão ser colocadas na página do projeto no *facebook*.

**Nota 4:** Caso o estudo inclua o *design* de pré e pós teste, o facilitador poderá realizar aqui o pós-teste, antes do lanche.

### **20 minutos: Tarefa 10 – Lanche preferido**

Depois disto, todos os grupos vão lanchar com os bolos trazidos pelos participantes. O facilitador reúne os participantes em torno da mesa do lanche, “*Obrigada a todos por estes trabalhos fantásticos. Tenho a certeza que a festa final de ano vai estar muito mais bonita decorada com os vossos trabalhos. Agora, vamos festejar com as vossas receitas!*”. Junto aos bolos/doces, o facilitador pode colocar o nome do participante que o trouxe para criar identificação entre os elementos.

#### Materiais:

- Local;
- Cadeiras e mesas;
- Nomes dos participantes (para colocar nas mesas);
- Máquina fotográfica;
- Material dos participantes;
- Material variado: cartolinas, papel de cenário, marcadores, lápis de cor, guachos, tesouras, cola, etc.;
- Bolos/doces dos participantes;
- Mesa para o lanche;
- Guardanapos, copos e talheres de plástico.

**Perguntas para colocar ao meu colega:**

Pergunta	Resposta
O filme favorito do(a) meu(minha) colega é:	
Se hoje fosse de férias o(a) meu(minha) colega iria para:	
O prato que o(a) meu(minha) colega mais gosta é:	
<b>Nos tempo livres o(a) meu(minha) colega gosta de:</b>	
A característica que o(a) meu(minha) colega mais gosta nele(a) é:	



**Tarefa: Qual é a tua história?**

Tenta descobrir a história por detrás das fotografias do teu colega, oralmente, partilhando com a tua equipa.

**A) Para poder descobrir as histórias, posso tentar responder às seguintes perguntas:**

1. **[ONDE?]** “O local desta fotografia é...”  
Foto 1 \_\_\_\_\_ Foto 2 \_\_\_\_\_
2. **[QUEM?]** “Nesta foto, o meu colega estava com...” ou “Nesta foto, aparece o...”  
Foto 1 \_\_\_\_\_ Foto 2 \_\_\_\_\_
3. **[QUANDO?]** “Esta situação aconteceu...”  
Foto 1 \_\_\_\_\_ Foto 2 \_\_\_\_\_
4. **[O QUÊ?]** “Nesta foto, o meu colega estava a realizar...”  
Foto 1 \_\_\_\_\_ Foto 2 \_\_\_\_\_
5. **[COMO?]** “Nesta foto, o meu colega estava a sentir-se...”  
Foto 1 \_\_\_\_\_ Foto 2 \_\_\_\_\_

**B) As histórias que tentei adivinhar sobre as fotografias do meu colega, estão corretas?  
Vou descobrir, perguntando no final ao meu colega.**

1. **[ONDE?]** “O local desta fotografia é...”  
Foto 1 \_\_\_\_\_ Foto 2 \_\_\_\_\_
2. **[QUEM?]** “Nesta foto, o meu colega estava com...” ou “Nesta foto, aparece o...”  
Foto 1 \_\_\_\_\_ Foto 2 \_\_\_\_\_
3. **[QUANDO?]** “Esta situação aconteceu...”  
Foto 1 \_\_\_\_\_ Foto 2 \_\_\_\_\_
4. **[O QUÊ?]** “Nesta foto, o meu colega estava a realizar...”  
Foto 1 \_\_\_\_\_ Foto 2 \_\_\_\_\_
5. **[COMO?]** “Nesta foto, o meu colega estava a sentir-se...”  
Foto 1 \_\_\_\_\_ Foto 2 \_\_\_\_\_

Apêndice 3. Folha de planeamento do poster da tarefa 6

A nossa equipa			
Nomes:			

**O nosso *poster* vai ser assim:**

Através das histórias de cada fotografia, planeiem como vai ser o vosso *poster* e que materiais vão utilizar

--

Anexo 16. Exemplo de ficha preenchida sobre a tarefa de partilha de histórias sobre as fotografias

O meu nome: Jessica

**Tarefa: Qual é a tua história?**

Tenta descobrir a história por detrás das fotografias do teu colega, oralmente, partilhando com a tua equipa.

**A) Para poder descobrir as histórias, posso tentar responder às seguintes perguntas:**

1. [ONDE?] “O local desta fotografia é...”
Foto 1 <u>jardim</u> Foto 2 <u>Infantil</u>
2. [QUEM?] “Nesta foto, o meu colega estava com...” ou “Nesta foto, aparece o...”
Foto 1 <u>sozinha</u> Foto 2 <u>irmão</u>
3. [QUANDO?] “Esta situação aconteceu...”
Foto 1 <del>11/12 anos</del> <u>11/12 anos</u> Foto 2 <del>11/12 anos</del> <u>10 anos</u>
4. [O QUÊ?] “Nesta foto, o meu colega estava a realizar...”
Foto 1 <u>passar</u> Foto 2 <del>brincar</del> <u>brincar</u>
5. [COMO?] “Nesta foto, o meu colega estava a sentir-se...”
Foto 1 <u>feliz</u> Foto 2 <u>feliz</u>

↑  
foto da escola q

**B) As histórias que tentei adivinhar sobre as fotografias do meu colega, estão corretas? Vou descobrir, perguntando no final ao meu colega.**

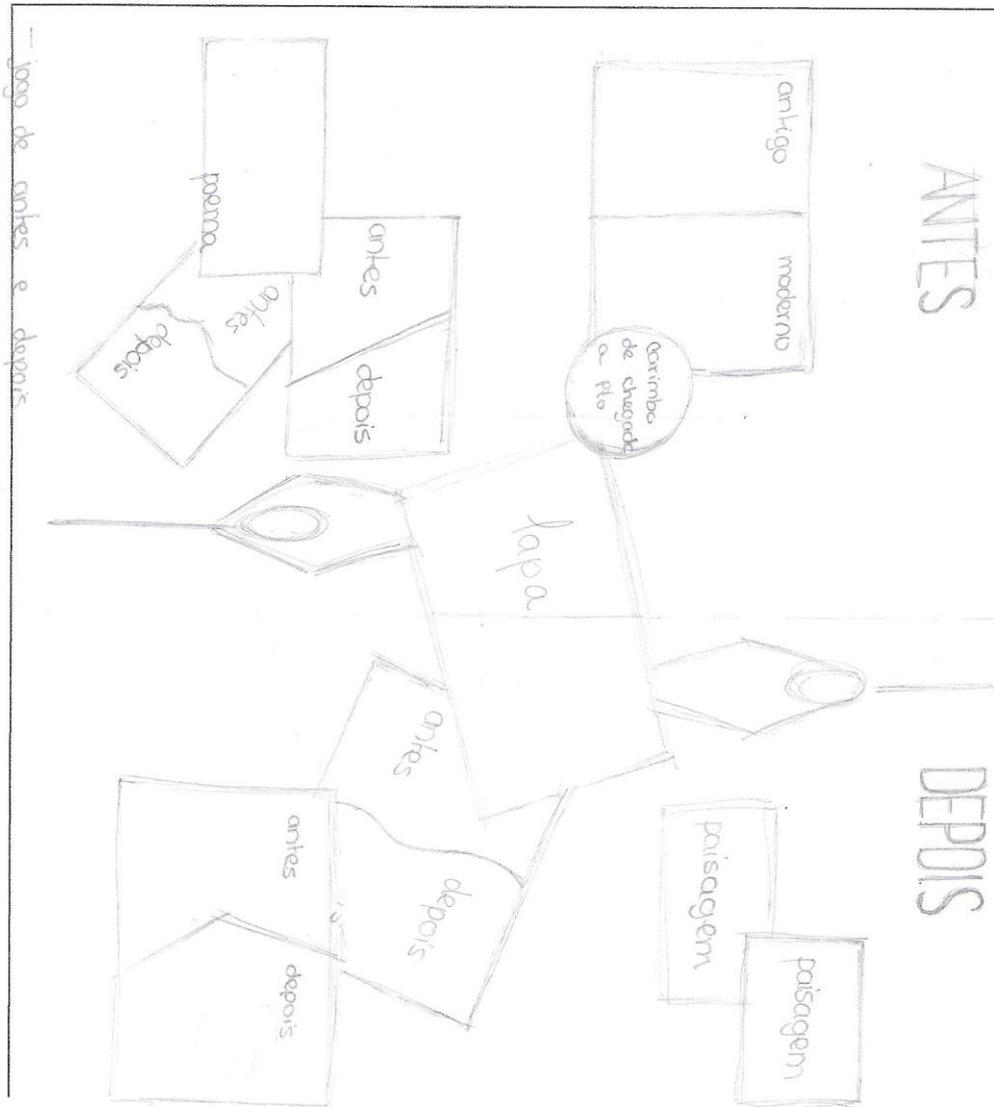
1. [ONDE?] “O local desta fotografia é...”
Foto 1 <u>jardim</u> Foto 2 <u>infantil</u>
2. [QUEM?] “Nesta foto, o meu colega estava com...” ou “Nesta foto, aparece o...”
Foto 1 <u>sozinha</u> Foto 2 <u>irmão</u>
3. [QUANDO?] “Esta situação aconteceu...”
Foto 1 <u>11/12 anos</u> Foto 2 <u>10 anos</u>
4. [O QUÊ?] “Nesta foto, o meu colega estava a realizar...”
Foto 1 <u>passar</u> Foto 2 <u>foto da escola</u>
5. [COMO?] “Nesta foto, o meu colega estava a sentir-se...”
Foto 1 <u>feliz</u> Foto 2 <u>feliz / gloriificada</u>

Anexo 17. Exemplo de ficha preenchida sobre a atividade de preparação de concepção dos posters

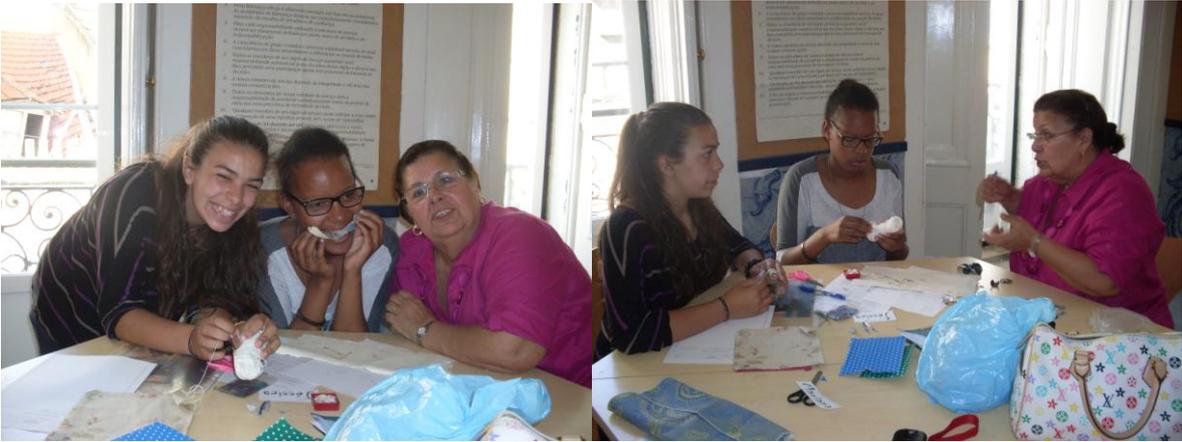
A nossa equipa			
Nomes:			
Natalia	Pedro	Henrique	Carolina

**O nosso poster vai ser assim:**

Através das histórias de cada fotografia, planeiem como vai ser o vosso poster e que materiais vão utilizar



Anexo 18. Fotografias dos grupos intergeracionais que participaram na atividade



Anexo 19. Fotografias dos trabalhos finais dos grupos intergeracionais



Anexo 20. Orçamento do projeto piloto

<b>Recursos</b>	<b>Preço</b>
Facilitadora	0€
Observadoras	0€
Espaço	0€
Cartolinas	4€
Papel de cenário	5€
Colas	4€
Marcadores	3€
Fotocópias e impressões	0€
Bolos e sumos	11,55€
Pratos, comes, talheres, guardanapos	0€
TOTAL	27,55€

Anexo 21. Qualificação dos riscos identificados

Score de risco		Impacto no programa		
		Baixo 0.0 – 0.29	Médio 0.3 – 0.64	Alto 0.65 – 1.0
Probabilidade de ocorrência	0.65-1.0	(Médio)	(Alto) Falta de motivação e identificação com a atividade	(Inaceitável)
	0.3-0.64	(Médio)	(Alto) Falta de horário para realizar a atividade	(Inaceitável)
	0.0-0.29	(Baixo)	(Médio) Falta de espaço físico para a realização da atividade	(Alto)

Anexo 22. Inquérito qualitativo

Responde às seguintes questões de forma mais **completa possível**. Interessam-nos as tuas opiniões, espontâneas e sinceras, isto quer dizer que **não existem respostas certas ou erradas**.

As opiniões que expressares são confidenciais e anónimas e dessa forma nenhuma informação recolhida será atribuída a ti.

**1. Entre que idades podemos chamar a uma pessoa de jovem?**

---

---

**2. Quando é que se começa a ser idoso?**

---

---

**3. Como é que são as peçoas jovens?**

---

---

---

---

**4. Como é que são as peçoas idosas?**

---

---

---

---

Data de nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Obrigada pela tua participação!

## INQUÉRITO

### *Opinião sobre a atividade “Lapa para todas as gerações”*

**Tendo em conta a sua participação nesta atividade intergeracional, “Lapa para todas as gerações”, interessa-nos saber a sua opinião sobre vários aspetos da mesma.**

Responda de forma espontânea e sincera, tendo em conta que não existem respostas certas ou erradas.

As opiniões que expressar no questionário são confidenciais e anónimas e dessa forma nenhuma da informação recolhida poderá ser atribuída a si.

Obrigada pela sua participação!

**Tendo apenas em conta a atividade desenvolvida, “Lapa para todas as gerações”, responda às seguintes questões, colocando uma cruz no número que mais corresponder à sua opinião.**

1. Como se **sentiu durante o contacto** com a outra geração?

Muito mal	1	2	3	4	5	6	7	Muito bem
-----------	---	---	---	---	---	---	---	-----------

2. Na sua opinião, a interação entre as duas gerações foi **cooperativa**?

Discordo completamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo completamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

3. As duas gerações **partilharam objetivos** durante o decorrer da atividade?

Discordo completamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo completamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

4. Alguma geração foi **mais importante que outra** nesta atividade?

Discordo completamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo completamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

5. Foi importante para si esta atividade ser uma **iniciativa da junta de freguesia da Lapa**?

Discordo completamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo completamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

6. Sentiu que **aprendeu sobre a outra geração** nesta atividade?

Discordo completamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo completamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

7. Nesta atividade, sentiu que foram **criadas ligações afetivas** entre as gerações?

Discordo completamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo completamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

8. Relativamente aos **membros da sua geração**, acha que foram de grande importância nesta atividade?

Discordo completamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo completamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

9. Relativamente aos **membros da outra geração**, acha que foram de grande importância nesta atividade?

Discordo completamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo completamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

10. Sentiu, em algum momento da atividade, que **alguém da outra geração** compreendeu a sua posição e **viu as coisas na sua perspectiva**?

Discordo completamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo completamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

11. **Gostou** desta atividade?

Discordo completamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo completamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

12. Na sua opinião, esta atividade foi **útil**?

Discordo completamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo completamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

13. Acha que a **formadora** foi adequada para dirigir esta atividade?

Discordo completamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo completamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

14. Gostaria de vir a **participar em atividades semelhantes** no futuro?

Discordo completamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo completamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

Sugestões:

--

Data de nascimento: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

Anexo 24. Estrutura do inquérito de verificação da manipulação

Variável/dimensão		Itens	Escala de resposta	Origem
Modelo teórico de processo	<b>Contacto intergrupalo positivo</b>	Como se sentiu durante o contacto com a outra geração?	1 – Muito mal 7 – Muito bem	-----
	<b>Tomada de perspectiva</b>	Sentiu, em algum momento da atividade, que alguém da outra geração compreendeu a sua posição e viu as coisas na sua perspectiva?	1 – Discordo totalmente 7 – Concordo totalmente	-----
	<b>Aprendizagem sobre o exogrupo</b>	Sentiu que aprendeu sobre a outra geração nesta atividade?		-----
	<b>Criação de laços afetivos</b>	Nesta atividade, sentiu que foram criadas ligações afetivas entre as gerações?		-----
	<b>Estatuto igualitário</b>	Alguma geração foi mais importante que outra nesta atividade?		-----
	<b>Suporte de autoridade</b>	Foi importante para si esta atividade ser uma iniciativa da junta de freguesia da Lapa		-----
	<b>Partilha de objetivos comuns</b>	As duas gerações partilharam objetivos durante o decorrer da atividade?		-----
	<b>Cooperação intergrupalo</b>	Na sua opinião, a interação entre as duas gerações foi cooperativa?		-----
<b>Perceção da importância do papel do grupo geracional para a atividade</b>		Relativamente aos membros da sua geração, acha que foram de grande importância nesta atividade?		1 – Discordo totalmente 7 – Concordo totalmente
		Relativamente aos membros da outra geração, acha que foram de grande importância nesta atividade?		
<b>Avaliação da formação</b>		Gostou desta atividade?	1 – Discordo totalmente 7 – Concordo totalmente	-----
		Na sua opinião, esta atividade foi útil?		
		Acha que a formadora foi adequada para dirigir esta atividade?		
		Gostaria de vir a participar em atividades semelhantes no futuro?		

Anexo 25. Ficha de avaliação de processo da atividade

GRELHA DE ASSIDUIDADE, PLANEAMENTO E OBSERVAÇÃO					
NOME DA ATIVIDADE _____					
Data:			Sessão nº		
1. Análise da assiduidade			Nº de presenças		Nº de faltas
2. Grau de cumprimento dos objetivos/execução das atividades planeadas			1	2	3
3. Reação dos jovens e dos seniores às atividades propostas (motivação, empenho, participação, etc.)			1	2	3
4. Dificuldades encontradas e sugestões de alteração					
5. Observações					

*Escala de avaliação do ponto 2 e 3: 1 – Muito Insuficiente; 2 – Insuficiente; 3 – Suficiente; 4 – Bom; 5 – Muito Bom*